



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
(PPGEDUC)

UJAMAA: educação afrocentrada de economia coletiva no Cabula.

JULIANA MONIQUE DE SOUZA DE ARAÚJO

Salvador - BA
2021

JULIANA MONIQUE DE SOUZA DE ARAÚJO

UJAMAA: educação afrocentrada de economia coletiva no Cabula.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação e Contemporaneidade no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, do Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francisca de Paula Santos da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Salvador - BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB: 5/918

Araújo, Juliana Monique de Souza de
UJAMAA: educação afrocentrada de economia coletiva no Cabula / Juliana
Monique de Souza de Araújo. – Salvador, 2021.
226 f. : il.

Orientadora: Francisca de Paula Santos Silva.
Coorientador: Alfredo Eurico Rodrigues Matta.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em
Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, 2021.

Contém referências e apêndices.

1. Negros – Educação – Salvador (BA). 2. Negros – Educação – Aspectos
econômicos. 3. Quilombos – Salvador (BA). 4. Economia social – Salvador
(BA). I. Silva, Francisca de Paula Santos. II. Matta, Alfredo Eurico Rodrigues.
III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I.
IV. Título.

CDD: 371

Autorizo a reprodução parcial ou total dessa Tese para fins acadêmicos, desde que seja citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

UJAMAA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA DE ECONOMIA COLETIVA NO CABULA

JULIANA MONIQUE DE SOUZA DE ARAUJO

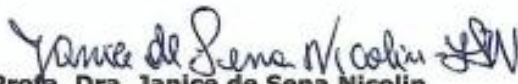
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, em 29 de outubro de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Profa. Dra. Janice de Sena Nicolin
Associação Artístico Cultural - ODEART
Doutorado em Educação E Contemporaneidade
Universidade Estado da Bahia, UNEB, Brasil



Prof. Dr. Gabriel Swahili Sales de Almeida
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

As minhas e meus ancestrais, por me concederem a essência africana.
A minha mãe e ao meu pai, por conduzir meu sentido de *sankofa*.
A todo povo preto do mundo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho surge num momento de aprofundamento de consciência da luta negra em minha existência, no qual decido que todo e qualquer esforço que fizer daquele momento em diante seria com o propósito de nos fortalecer enquanto povo. Muitos questionamentos me tomam como pessoa negra, por isso, nada mais propício que reativar aquilo que, porventura tenha ficado esquecido. Num movimento de *sankofa* contínuo meu ser é reativado. É deste processo que emergem meus sentimentos mais profundos:

As minhas e meus ancestrais por me inspirarem através do legado de resistência e continuidade.

A Afrocentricidade, organização que me anima para a construção no coletivo, inspira-me à vida comunitária e faz perceber, que na história e cultura africana que brota o sentido de existir.

Ao Quilombo Cabula, meu território simbólico de resistência, as cabuleiras e cabuleiros que me convocaram a reterritorializar e enraizar nestas terras.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Francisca de Paula Santos da Silva, por acompanhar essa caminhada com disposição e confiança.

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues da Matta, por me apresentar a pesquisa de desenvolvimento como vetor da atuação científica.

A Prof.^a Dr.^a Janice Sena Nicolin, que através da sua belíssima experiência com a memória social do Cabula e sua generosa disposição para o coletivo me estimulou a integrar-me ao território, ao olhar sensível quanto as narrativas de resistência, sem perder o objetivo, a generosidade e a doçura.

Ao Prof. Dr. Gabriel Swahili Sales de Almeida, que me apresentou a perspectiva afrocêntrica e suas estratégias práticas através do trabalho organizado e coletivo, sua atuação é farol.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, na pessoa da Profa. Dra. Mary Valda Sales, pela escuta e compreensão. Aos colaboradores do programa, pela presteza, cuidado e atenção, em especial seu Fernando e seu sorriso iluminado.

Ao meu companheiro Cláudio Nyack, que esteve ao meu lado em todo momento, sempre me motivando, colaborando diretamente e assumindo demandas para que eu pudesse me dedicar, com você ando melhor.

A minha família, que apesar das ausências vibram a cada vitória, a minha mãe Silvane por me inspirar na docência e na luta pela educação, ao meu pai Gilberto, por apoiar nossas escolhas, as minhas irmãs Ane, Nay e Mille pela torcida de sempre, a minha sobrinha Laurinha por representar a continuidade e aos demais familiares por acreditar em mim.

As minhas companheiras e companheiros da turma de mestrado 2019.1 – PPGEduc., que tornaram esse processo mais leve e humanizado, em especial a Marcela, Sandro, Delyana, Jeane e Everton.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB pela concessão da bolsa de mestrado, um apoio fundamental para realização e continuidade da pesquisa brasileira.

E todos aqueles e aquelas que colaboraram explicitamente ou no silêncio, para que este trabalho ganhasse forma até aqui.

"Um povo sem o conhecimento do seu
passado histórico, da sua origem e
tradições, é como uma árvore sem
raízes."

De pé! Raça Poderosa!
Marcus M. Garvey

RESUMO

Esta pesquisa buscou refletir sobre a economia coletiva através de uma proposta educacional afrocentrada, partindo da análise da experiência do povo negro, antes da maafa, para reavivar as heranças ancestrais que sobreviveram ao longo do tempo e estão presentes nos saberes e fazeres contemporâneos. O Quilombo Cabula é a referência territorial que nos apresenta os elementos para a uma educação centrada em África e acolhe nosso objetivo. Ao adotarmos Ujamaa como conceito que caracteriza a proposta educacional, expressa o posicionamento de reconhecer e desenvolver conhecimentos a partir do nosso berço cultural, assim reafirmamos a Afrocentricidade como teoria e metodologia de pesquisas sobre as experiências africanas. Assim, a pesquisa se constitui um mergulho nas práticas ancestrais, criadas e recriadas para estabelecer conexões instituídas pelas comunalidades tradicionais e suas dinâmicas de sociabilidade do Cabula no seu histórico processo de resistência, tendo o trabalho como vetor. Na abordagem teórico-metodológica buscamos dialogar com autoras e autores cujas produções acadêmico-científicas revelam a experiência africana positivamente, e que permitiu acumular elementos que contribuem diretamente na autodeterminação, contudo, escolhemos a pesquisa de desenvolvimento e seus procedimentos metodológicos para construção da aplicação/solução permeado pelos conceitos basilares da pesquisa: educação afrocentrada e economia coletiva. É através da construção e compreensão do contexto, a elaboração do conceito de economia coletiva e a implementação da metodologia interventiva, por meio dos ciclos iterativos, promovemos a análise e avaliação do processo. Os resultados alcançados se apresentam pela ampliação do repertório civilizatório africano na diáspora, a experimentação de recursos e ferramentas para a práxis pedagógica, do reconhecimento do Cabula e suas práticas econômicas quanto seus aspectos ancestrais, a capacidade colaborativa e o potencial de continuidade, como pressupõem todo processo educacional de ser consciente e contínuo.

Palavras-chaves: Quilombo Cabula, Educação Afrocentrada, Economia Coletiva.

MUHTASARI

Utafiti huu ulitaka kutafakari juu ya uchumi wa pamoja kupitia pendekezo la elimu la Afrocentered, kulingana na uchambuzi wa uzoefu wa watu weusi, kabla ya maafa, kufufua turathi za mababu ambazo zilidumu kwa muda na ziko katika maarifa na mazoea ya kisasa. QuilomboCabula ni marejeleo ya eneo ambayo yanatuletea vipengele vya elimu inayozingatia Afrika na kukaribisha lengo letu. Kwa kupitisha Ujamaa kama dhana inayobainisha pendekezo la elimu, inaeleza msimamo wa kutambua na kuendeleza ujuzi kutoka kwa utoto wetu wa kitamaduni, kwa hivyo tunathibitisha tena Afrocentricity kama nadharia na mbinu ya utafiti juu ya uzoefu wa Kiafrika. Kwa hivyo, utafiti unajumuisha kuzamishwa katika mazoea ya mababu, iliyoungwa na kuundwa upya ili kuanzisha miunganisho iliyoanzishwa na jumuiya za kitamaduni na mienendo yao ya ujamaa wa Cabula katika mchakato wake wa kihistoria wa upinzani, kuwa na kazi kama vekta. Katika mbinu ya kinadharia-methodological, tunatafuta mazungumzo na waandishi ambao uzalishaji wao wa kielimu na kisayansi unafichua uzoefu wa Kiafrika vyema, na ambao uliruhusu mkusanyiko wa vipengele vinavyochangia moja kwa moja kujitolea, hata hivyo, tulichagua utafiti wa maendeleo na taratibu zake za mbinu ujenzi wa matumizi/suluhisho lililopenyezwa na dhana za msingi za utafiti: Elimu ya Afrocentric na uchumi wa pamoja. Ni kupitia ujenzi na uelewa wa muktadha, ufafanuzi wa dhana ya uchumi wa pamoja na utekelezaji wa mbinu ya kuingilia kati, kupitia mizunguko ya kurudia, tunakuza uchambuzi na tathmini ya mchakato. Matokeo yaliyopatikana yanawasilishwa na upanuzi wa safu ya ustaarabu wa Kiafrika katika diaspora, majaribio ya rasilimali na zana za praksia ya ufundishaji, utambuzi wa Cabula na mazoea yake ya kiuchumi kama nyanja za mababu zake, uwezo wa kushirikiana na uwezekano wa mwendelezo. wote presupposes mchakato wa elimu ya kuwa na ufahamu na kuendelea.

Manenomuhimu: Quilombo Cabula, Elimuinayolenga Afro, UchumiwaPamoja

AKOPo

Iwadi yii wa lati se afihan lori oro-aje apapo nipase imoran eto-eko Afrocentered, ti o da lori itupale iriri ti awon eniyan dudu, saajumaafa, lati soji awon ohun-ini baba ti o wa laaye ni akoko pupo ati pe o wa ninu imo ati awon ise ti ode oni. QuilomboCabula je itokasi agbegbe ti o safihan wa pelu awon eroja fun eto-eko ti o dojuko ni Afirika ati pe o gba ibi-afede wa. Nipa gbigba Ujamaagegebi imoran ti o se afihan imoran eto-eko, o se afihan ipo ti idanimo ati idagbasoke imo lati inu ijoko asa wa, nitorinaa a tun jerisi Afrocentricitygegebi ilana ati ilana ti iwadii lori awon iriri Afirika. Nitorinaa, iwadii naa je immersion ni awon ise baba-nla, ti a seda ati tun se lati fi idi awon asopo mule nipase awon agbegbe ti asa ati awon agbara won ti sociability ti Cabula ninu ilana itan-itan ti resistance, nini ise bi fekito. Ni ona ti o je ilolu-ona, a wa lati sowe pelu awon onkowe ti awon eko-eko-eko ti eko naa ni taara, ati eyiti a yan iwadi ti awon eroja-eko awon ikole ti ohun elo / ojutu permeated nipase awon ipilegbekale ti awon iwadi: Afrocentric eko ati collective aje. O je nipase ikole ati oye ti oro-oro, asoye ti imoran ti eto-aje apapo ati imuse ti ilana imuse, nipase awon iyipoasetunse, a se agbegaitupale ati igbelewon ilana naa. Awon abajade ti o saseyori ni a gbekale nipase imugboroja ti igbasile ti olaju ile Afirika ni ilu okeere, idanwo awon orisun ati awon irinse fun praxispedagogical, idanimo ti Cabula ati awon ise eto-oro regegebi awon eya baba re, agbara ifowosowopo ati agbara fun ilosiwaju, bi gbogbo awon presupposes ilana eko ti mimo ati lilosiwaju.

Awonoro -oro: Quilombo Cabula, EkoAfrocentric, AjeAjopo.

ABSTRACT

This research sought to reflect on the collective economy through an Afrocentered educational proposal, based on the analysis of the experience of the black people, before the maafa, to revive the ancestral inheritances that have survived over time and are present in contemporary knowledge and practices. Quilombo Cabula is the territorial reference that presents us with the elements for an education centered in Africa and welcomes our objective. By adopting Ujamaa as a concept that characterizes the educational proposal, it expresses the position of recognizing and developing knowledge from our cultural cradle, thus we reaffirm Afrocentricity as a theory and methodology of research on African experiences. Thus, the research constitutes an immersion in ancestral practices, created and recreated to establish connections established by traditional communalities and their dynamics of sociability of Cabula in its historical process of resistance, having work as a vector. In the theoretical-methodological approach, we seek to dialogue with authors whose academic-scientific productions reveal the African experience positively, and which allowed the accumulation of elements that directly contribute to self-determination, however, we chose development research and its methodological procedures for the construction of the application/solution permeated by the basic concepts of the research: Afrocentric education and collective economy. It is through the construction and understanding of the context, the elaboration of the concept of collective economy and the implementation of the interventional methodology, through iterative cycles, we promote the analysis and evaluation of the process. The results achieved are presented by the expansion of the African civilizational repertoire in the diaspora, the experimentation of resources and tools for pedagogical praxis, the recognition of Cabula and its economic practices in terms of its ancestral aspects, the collaborative capacity and the potential for continuity, as all educational process of being conscious and continuous.

Keywords: Quilombo Cabula, Afrocentric Education, Collective Economy.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Distribuição Linguística Dos Povos Africanos No Território

Mapa 2: Regiões De Origem Dos Africanos Escravizados

Mapa 3: Poligonal do projeto TBC. Fonte: PENA. 2016. Mapa Área do Quilombo Cabula.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cosmograma Bakongo

Figura 2: Quilombos da cidade do Salvador nos séculos XVIII e XIX

Figura 3: Escravizada de Ganho Vendedora

Figura 4: Greve Negra na Bahia.

Figura 5: Representação Gráfica das Diretrizes do Canal no Youtube

Figura 6: Ciclos de aplicação, análise, avaliação e validação da DBR.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1: Heranças – práticas bantu vivas no Cabula
- Quadro 2: Heranças – práticas iorubás vivas no Cabula
- Quadro 3: Terreiros localizados na região do Quilombo Cabula
- Quadro 4: Terreiros por bairro e nação existentes no Cabula
- Quadro 5: Perfil Cabuleiro
- Quadro 6: Ocupações de libertas na freguesia de Santana – 1849
- Quadro 7: Total de Ganhadores por profissão
- Quadro 8: Princípios nº 1: Economia Coletiva
- Quadro 9: Organização Social
- Quadro 10 - Grupos de Capoeira localizados na região do Quilombo Cabula
- Quadro 11 - Grupos de Artísticos localizados na região do Quilombo Cabula
- Quadro 12: Princípios nº 2: Educação Afrocentrada
- Quadro 13: Características da Educação Afrocentrada Aplicada
- Quadro 14: Recursos do Youtube
- Quadro 15: Reflexões sobre a aplicação
- Quadro 16: Modelagem do Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada
- Quadro 17: Conteúdo de Aprendizagem – Vídeo 1
- Quadro 18: Conteúdo de Aprendizagem – Makamba 1
- Quadro 19: Conteúdo de Aprendizagem – Makamba2
- Quadro 20: Conteúdo de Aprendizagem – Makamba 3
- Quadro 21: Conteúdo de Aprendizagem – Makamba 4
- Quadro 22: Categorias de Análise
- Quadro 23: Categoria de Acompanhamento – Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada
- Quadro 24: Categoria de Referência
- Quadro 25: Campo de Aplicação/Instrumento de Pesquisa
- Quadro 26: Implementação e Acompanhamento
- Quadro 27: Critérios de Análises de Cada Instrumento
- Quadro 28: Análise do Instrumento “Gostei e Não Gostei” - 1º Ciclo
- Quadro 29: Identificação das subcategorias no ciclo
- Quadro 30: Análise do Instrumento “Comentários” - 1º Ciclo
- Quadro 31: Ocorrência da Análise – 1º Ciclo
- Quadro 32: Análise do Instrumento “Gostei e Não Gostei” - 2º Ciclo
- Quadro 33: Identificação das subcategorias no ciclo
- Quadro 34: Análise do Instrumento Comentários – 2º Ciclo
- Quadro 35: Ocorrência da Análise – 2º Ciclo
- Quadro 36: Análise do Instrumento “Gostei e Não Gostei” - 3º Ciclo
- Quadro 37: Identificação das subcategorias no ciclo
- Quadro 38: Análise do Instrumento Comentários – 3º Ciclo
- Quadro 39: Ocorrência da Análise – 3º Ciclo
- Quadro 40: Análise do Instrumento “Gostei e Não Gostei” - 4º Ciclo
- Quadro 41: Identificação das subcategorias no ciclo
- Quadro 42: Análise do Instrumento Comentários – 4º Ciclo
- Quadro 43: Ocorrência da Análise – 4º Ciclo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	18
2. ENTENDENDO O QUILOMBO CABULA	27
2.1 ÁFRICA ANCESTRAL	29
2.2. DIÁSPORA FORÇADA NEGRA E AS INFLUÊNCIAS ANCESTRAIS	40
2.3. QUILOMBO CABULA	46
3. ECONOMIA COLETIVA.....	71
3.1. TRABALHO: SENTIDO E SIGNIFICADO	72
3.2. O COLETIVO QUE DESENVOLVE.....	84
3.3. INICIATIVAS NO CABULA	94
3.3.1. Iniciativas De Trabalho E Renda.....	99
3.3.2. Iniciativas Educacionais E Sociais	102
3.3.3. Iniciativas Artístico-Culturais.....	106
4. EDUCAÇÃO AFROCENTRADA	110
4.1. UJAMAA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA	122
4.2. FERRAMENTA TECNOLÓGICA MEDIADORA	124
5. MODELAGEM	128
6. ABORDAGEM METODOLÓGICA	140
6.1. DESENHO GERAL DA PESQUISA.....	143
6.2. CATEGORIAS DA PESQUISA	144
6.3. CAMPO DA PESQUISA E SUJEITO DA PESQUISA	146
6.4. CRITÉRIOS DE ANÁLISE	151
7. AVALIAÇÃO DOS CICLOS	152
7.1. ANÁLISE DO 1º CICLO	152
7.1.1. Descrição do 1º Ciclo	153
7.1.2. Acompanhamento do 1º Ciclo.....	155
7.1.3. Avaliação do 1º Ciclo.....	161
7.2. ANÁLISE DO 2º CICLO	163
7.2.1. Descrição do 2º Ciclo	164
7.2.2. Acompanhamento do 2º Ciclo.....	166
7.2.3. Avaliação do 2º Ciclo	172
7.3. ANÁLISE DO 3º CICLO	174
7.3.1. Descrição do 3º Ciclo	174
7.3.2. Acompanhamento do 3º Ciclo.....	175

7.3.3. Avaliação do 3º Ciclo	182
7.4. ANÁLISE DO 4º CICLO	183
7.4.1. Descrição do 4º Ciclo	183
7.4.2. Acompanhamento do 4º Ciclo	184
7.4.3. Avaliação do 4º Ciclo	191
7.5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	192
8. CONCLUSÃO.....	193
REFERÊNCIAS.....	198
APÊNDICES.....	205
Apêndice 1 - QUESTIONÁRIO: Iniciativas Econômicas Afrocentradas do Quilombo Cabula.....	205
Apêndice 2: Roteiro de Elaboração do Vídeo 1	222
Apêndice 3: Roteiro de Comentários na Makamba 1	222
Apêndice 4: Roteiro de Comentários na Makamba 2.....	223
Apêndice 5: Roteiro de Comentários na Makamba 3.....	224
Apêndice 6: Roteiro de Comentários na Makamba 4.....	224
Apêndice 7: Cards de Divulgação das Makambas	225

1. INTRODUÇÃO

Sempre me senti instigada a pensar em redes de apoio mútuo e afeto entre pessoas negras, iniciando pela família e se estendendo entre amigos, comunidades, territórios, cidades, países. Minha caminhada sempre foi mobilizada por sentimentos de reconstrução ancestral, de coletividade e de busca por compreensão dos elementos práticos dessas relações.

Valores que se contrapõem ao olhar social, histórico, espacial e cultural nas quais as estruturas hegemônicas buscam ao realizar direcionamentos e narrativas focadas em países, sistemas e histórias consideradas universais. Estes conceitos se entrecruzam aodirecionar meu olhar para o meu território e suas produções intelectuais, culturais e históricas com centralidade no povo negro.

Relembrar as irmandades que organizavam recursos para alforriar seus pares, o ensinamento de um ofício, amparo nas capitais das pessoas recém-chegadas, busca por emprego e estudo, instrução, orientações e proteção coletiva, são fenômenos que demonstram como a função social das redes de acolhimentos eram tecidas, para que houvesse uma mobilidade social e continuidade a nossa história iniciada em África.

Chamava-me atenção o fato de pessoas negras criarem e reativarem formas coletivas de auxílio econômico, seja através de “caixas” - sistema de poupança coletiva - onde se contribui com um valor mensal por um período correspondente ao número de pessoas do grupo, uma pessoa é beneficiada por ciclo, no geral é de um mês, entretanto, mesmo beneficiada a pessoa deve manter o compromisso de contribuição até que todos sejam beneficiados com o valor total do que foi colaborado mensalmente, algo muito praticado por minha avó e mãe.

Outra prática vívida na minha memória advém por meio do meu pai, primos e amigos da família, são os “digitórios” (espécie de mutirões), uma ajuda recebida para execução de serviços que demandam muitas pessoas, no geral, construção de casas, colheitas, limpeza de terrenos, debulha ou bata do feijão, sendo o último reconhecido como uma manifestação cultural: reúnem-se os familiares, amigos e vizinhos para execução do serviço, com comida e bebida farta. e que ainda é encontrada no território que do Quilombo Cabula,

Lembro-me ainda, de minha mãe ensinando-nos, mas também aos filhos dos vizinhos, ajudando nas pesquisas, emprestando seus livros, compartilhando seus equipamentos, orientando. Por ser professora, tornou-se uma referência pedagógica sempre consultada. Do meu pai, a

referência era o ensino de ofícios, tanto aos primos como aos outros meninos, eram atividades de estofaria, construção civil, costura, condução de motos e carros, semelhante ao que foi feito consigo quando mais novo. Ao que tenho notícias, alguns de seus aprendizes abriram seus próprios negócios, outros foram para o mercado de trabalho com as habilidades adquiridas através da experiência e convivência com ele.

Alguns outros fenômenos se revelam, como: uma determinada pessoa de uma família que seja mais abastada sempre é acionada para colaborar numa situação de dificuldade; aquele que tem um carro, sendo convocadas para dar um suporte diante de uma doença de um ente familiar ou da rua, ou ainda, quem possui um pouco mais conhecimento sobre dinheiro, leis, direitos é consultado para dar opinião e orientação sobre a situação, a compra ou investimento.

No contexto contemporaneidade, falar sobre economia, assim como de educação, é sempre muito caro para o povo negro não pelo seu processo civilizatório, mas pela desumanização construída na escravização e pelo imaginário de escassez que se apresenta através das mazelas acometidas. Basta perceber a fragilidade dos capitais e patrimônios do povo negro, a falta de condições para reservas emergenciais, tudo isso agravado pelo desemprego, informalidade.

A pandemia do Coronavírus trouxe à tona, a instabilidade das nossas iniciativas, da falta de seguridade das famílias, o desemprego em massa, apontando as desigualdades e a ampliação do capital dos mais ricos, enquanto os mais pobres são subjugados perante um apoio financeiro emergencial disponibilizado pelo governo.

O povo negro, ao longo da sua diáspora forçada, buscou resistir na construção de poder econômico para assim se inserir de forma mais autônomas ao sistema produtivo, com isso, o surgimento de iniciativas econômicas tem se intensificado e, é justamente com essas iniciativas, a autoestima vai estabelecendo sua importância na construção de uma sociedade mais igualitária, seja pelas práticas comunitárias e/ou coletivas que permitem um agrupamento dessas iniciativas, seja pelos valores que reverberam nesse modo de se relacionar.

Pessoalmente, motivada em construir com o meu povo uma proposta educacional capaz de nos fortalecer como grupo racial, colaborar na construção de organizações que compreendam seu papel no fortalecimento da comunidade negra, se desdobrando na mobilização de recursos para ascensão social dos cidadãos negroafricanos e a retomada dos valores sociais, políticos e

econômicos de autofinanciamento das nossas necessidades para ampliação da nossa independência e autonomia.

Debruço-me nessa pesquisa, muito estimulada em reativar valores ancestrais que foram trazidos de África para Brasil, valores estes, que se apresentam nas histórias, culturas, memórias e diversas formas de resistência. Esses elementos marcam a existência do ser, e forma aquilo que chamamos de identidade, entretanto, uma vez desterritorializado em solo brasileiro, o povo negro foi obrigado a ressignificar suas experiências civilizatórias, reexistir e restaurar nossa humanidade e resistir até a contemporaneidade.

Todo o continuum epistemícida e genocida promovido pela escravização, perpetuado nas existências de cada sujeito negro e nas nossas comunidades chamaremos de “*maafa*”, no qual buscamos entender a partir da intersecção da compreensão de Marimba Ani (1994), que “o define como grande desastre e infortúnio de morte e destruição além das convenções e compreensão humanas” e a compreensão de Wade Nobles (2009), que a caracteriza a “como a negação da humanidade dos africanos acompanhada do desprezo e do desrespeito coletivos e contínuos, ao seu direito de existir.”.

A *maafa* se institui toda forma de violência secular sofrida pelos povos africanos, seja do continente e/ou da diáspora, um de seus sustentáculos mais evidentes se materializa na falta de acesso a uma Educação, reforça a nossa autodeterminação por direito de existir, portanto, a Educação que temos acesso neste país, e em tantos outros que sofreram o espólio da colonização, funciona como um eficiente instrumento de dominação ideológica e política de morte.

Sua consciente estruturação para atender aos interesses violentos dos detentores do poder, nos apresenta como perspectiva de subsistência, a continuidade da escravidão, renomeada como força de trabalho assalariado, e com isso, alimenta a roda da injustiça, do espólio e do aprofundamento da desigualdade.

A Educação, mais especificamente oficial e pública, nega o direito de compreender a relação com o trabalho como espectro civilizatório, seja através da sua dualidade (educação para pobres e para ricos) que atinge de forma cruel o povo negro que ocupa também o lugar do pobre, seja pela fragmentação do sujeito.

Ainda sendo ínfima, é o caminho que tem possibilitado a mínima inserção e ascensão social do negro, entretanto, se faz necessário retomar o processo histórico, relembando o papel

da escola de atuar como um aparelho ideológico para homogeneizar, civilizar, unificar e adaptar aos padrões definidos pela elite para negar a pessoa negroafricana.

Assim, propomos uma linha do tempo constituída de fenômenos que vão garantir nosso posicionamento sobre a Educação, partindo da publicação da primeira Lei nacional sobre instrução pública, em 15 de outubro de 1827, que ficou em vigor até 1946; não faz qualquer menção à educação escolar de negros (SAVIANI, 1999), em agosto de 1834, por meio de um Ato Adicional que alterava a Carta Constitucional, designou-se a competência das Assembleias Provinciais em legislar a instrução elementar (CURY, 2002; SAVIANI, 1999).

Essa educação visava atender negros libertos, mas que também tinha por interesse moldar o comportamento da pessoa que fora escravizada e implementar o controle estatal sobre seus corpos, no intento de construir o ideal de cidadania nacional e progresso, enquanto nação.

Entretanto, assim como na contemporaneidade, muitas crianças e adolescentes negros foram/são afastados da escola, por ela ainda ocupar um espaço de reafirmação do racismo, sendo este estrutural e estruturante da sociedade brasileira, impondo a comunidade negra a níveis preocupantes de pobreza.

A Constituição Imperial de 1824 previu a educação primária gratuita a todos os cidadãos. Essa determinação excluía os escravizados, já de partida, do acesso aos estabelecimentos oficiais de ensino, mas possibilitava que a população negra liberta frequentasse essas instituições (GARCIA, 2007; SILVA; ARAÚJO, 2005).

A Lei nº 1, de 1837, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro, delimita aqueles que não poderiam ter acesso à escola, conforme o Art. 3º, inciso II: os escravos, e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos.

Apenas em 17 de fevereiro de 1854, o Decreto nº 1.331 aprovou as medidas de regulamentação do ensino primário e secundário, conhecidas, em referência ao então Ministro do Império, como Reforma Couto Ferraz. O Decreto tornou gratuitas, na Corte, as escolas primária e secundária, e a primeira delas obrigatória aos maiores de sete anos, mas estabeleceu que as pessoas escravizadas não fossem admitidas nas escolas públicas do país, em nenhum dos níveis de ensino.

Em 1878, um decreto permitiu a matrícula de negros libertos maiores de quatorze anos nos cursos noturnos. Em 1879, através do Decreto nº 7.247 ocorre à reforma do Ensino Primário e Secundário de Leôncio Carvalho, defendia a adoção da educação de adultos, dos cursos

noturnos, e da autorização de frequência à escola para que pessoas escravizadas – instituindo a obrigatoriedade de ensino dos sete aos quatorze anos e caiu o veto que proibia a frequência dos escravizados às escolas públicas.

Alguns escravizados passaram a frequentar escolas profissionais e, a partir daí, tornaram-se aptos para promover o letramento de outros negros em espaços informais, o que se configurou, segundo Gonçalves e Silva (2000), em mais uma das formas de acesso do negro ao conhecimento escolar primário antes que a escravidão fosse legalmente extinta.

A reforma Rivadavia Correia de 1911 implantou a realização de exames admissionais e a cobrança de taxas nas escolas, excluindo socialmente a parte destituída de recursos, que “coincidia” com o povo negro.

Essa rápida cronologia, vai apontando os mecanismos que impediam o povo negro em solo brasileiro a acessarem a educação oficial, o novo contexto de debate sobre a Educação fundamentada no tecnicismo, essa mesma que é direcionada aos corpos negros, bem como a recente discussão sobre a reforma do Ensino Médio instituída pela Medida Provisória 748/2016 que se torna lei em 2017 e anunciada sua implementação em 2022, sem preocupação com a formação crítica, esconde sua real contribuição para o aumento da lacuna da desigualdade social, portanto, nos inquieta, essa sofisticação dos aparelhos de dominação.

Bruno (2011) nos apresenta uma reflexão primordial para se entender a lógica de dominação na Educação,

[...] quando se diz que a escola não ensina, ou ensina muito pouco para essas populações (filhos da classe trabalhadora), talvez tenhamos de reconhecer que nem toda escola no capitalismo contemporâneo existe primordialmente para ensinar, existe antes para disciplinar e controlar comportamentos. (BRUNO, 2011, p. 558).

Esse “adestramento” constituído por meio da Educação reduz as perspectivas de uma visão crítica perante a vida, trabalho e as relações econômicas, incluindo os sujeitos num ciclo frenético para manter-se empregados, ou melhor, subempregados. Nessa estrutura, o capitalismo rege os padrões das relações sociais, minimiza o pensamento coletivo e o individualismo se incorpora na forma de perceber e compreender o outro.

Pensar coletivamente um modelo de Educação Afrocentrada, para além do paradigma dominante é antes de tudo uma forma de superação da desigualdade, na estrutura vigente o

sujeito é passivo, e comporta-se como uma “massa” a ser formatada. Sendo assim, a perspectiva desse modelo afrocentrado é dialogar com o sujeito, não reduzindo sua formação à instrumentalização do “ser” para o emprego, mas aguçar seus sentidos para si, para sua comunidade e na autodeterminação do povo negro na sociedade como um todo.

A Educação de uma pessoa precisa ser capaz de promover uma nova consciência individual e coletiva, e que essa experiência ontológica e genealógica possa fortalecer o futuro de seu povo. Com isso, buscamos uma Educação que gere sentido e significado para si, para o outro e para o povo negro. Propomos uma ruptura prática, com o modelo vigente, apresentando caminhos assentados no nosso próprio berço civilizatório, para o renascimento de sociedade igualitária, solidária, cooperativa e afrocentrada.

Partimos da compreensão coletiva de povo para realização dessa pesquisa. Quando adotamos o pronome “nosso” não é uma mera formalidade de escrita acadêmica, mas uma demarcação de pertencimento a uma comunidade que ecoa por meio da unidade de vozes coletivas e vitoriosas.

Compreendendo que esta pesquisa, se apresenta como uma possibilidade prática, e que reconhece outras formas de rompimento com a lógica colonizadora que ainda está vigente nas nossas experiências sociais, educacionais e políticas. Alguns desafios se apresentam neste caminho, como engajar as pessoas negras para pensarmos sobre esse processo de emancipação? Como criar soluções em meio à maafa? Como manter-se firmes aos nossos princípios? Como fortalecer as experiências econômicas em territórios negros como o Quilombo Cabula?

O povo negro continua sem acesso aos bens econômicos, políticos e sociais, a falta de programas de ações afirmativas, principalmente no período pós-escravocrata, onde a falta de planejamento para que nosso povo pudesse reconstruir sua dignidade, o direito de participar com igualdade de oportunidades sociais e econômicas, e as garantias básicas de existência reverberam até hoje.

Portanto, faz-se importante refletir como o racismo direcionou negros e negras a ressignificarem as maneiras tradicionais e a construírem maneiras próprias de solucionar os problemas que afligem suas comunidades, reflete a busca de oportunidades para nos tornarmos autossuficiente, protagonistas e transformadores de nossas realidades e atuarmos conscientemente na abertura de caminhos para os que vierem depois.

Contanto, nosso compromisso é oferecer um modelo de educação afrocentrada, pautada nas premissas da ancestralidade, cultura e história africana, para iniciativas econômicas, que ative a compreensão ancestral, histórica, social, econômica e política da mesma, pessoalizada através do sujeito que a conduz.

Que favoreça a emancipação, e reverbere através de atitudes e mentalidades libertadoras o sentido de nos engajar em soluções coletivas para os diversos problemas coletivos da comunidade, além de promover o pensamento crítico-reflexivo e o senso comunitário dos sujeitos.

A questão da pesquisa é: Qual a educação afrocentrada favorece as iniciativas econômicas e o povo negro do Quilombo Cabula?

Compreendendo que a Educação oficial não prepara para a vida comunitária e coletiva, buscamos construir uma metodologia de Educação com/para o povo negro, inspirada na Filosofia Africana Ubuntu, que é o conceito antropológico dessa pesquisa, “Eu só sou, por que nós somos”, para que possamos caminhar para a libertação e autoafirmação coletiva.

Para atender este propósito, a associação com o conceito de Afrocentricidade se constituiu um caminho para uma educação que emancipa os sujeitos, valoriza sua existência e sua história.

Sabendo que o fator econômico é um dos elementos estruturantes do processo de subalternização do povo negro, convém repensar as relações econômicas, a partir do conceito de UJAMAA no qual, nós, povo negro, podemos apresentar um marco afrocentrado dessas relações, mobilização de projetos, construção de alternativas, valorização de nossa identidade, que não convém chamá-lo de empreendedorismo, sua nuance se ergue através da intensificação da maafa, precarização do trabalho e na gestão da sub-existência. Buscamos sair da esfera de atendimento das necessidades do capital, para mobilizar forças econômicas para o combate ao racismo e as desigualdades, propondo formas de se fazer economia coletiva e cooperativa sem subjugar ou explorar o outro nas relações de poder.

Com isso, o objetivo geral é elaborar uma proposta educacional afrocentrada com o povo negro do Quilombo Cabula que favoreça as iniciativas econômicas, os objetivos específicos são: entender o contexto do povo negro do Quilombo Cabula; mapear e caracterizar as iniciativas econômicas do Quilombo Cabula; identificar elementos de educação afrocentrada e sistematizá-los através da metodologia de pesquisa de desenvolvimento.

Para compreendermos sistemas, iniciativas e arranjos socioeducacionais, econômico desenhamos uma educação emancipatória, entendemos que se faziam necessárias, abordagens colaborativas, neste sentido a Pesquisa de Desenvolvimento é a metodologia que adotamos para fins de construção nesta pesquisa.

Tendo em vista que o lócus da pesquisa tem uma tradição de militância e resistência capaz de ativar os ideais quilombolas, lembrar e/ou propor estratégias de resistências, promover a reativação e internalização de princípios africanos e o autorreconhecimento dentre nós traçam um caminho para a autodeterminação de um povo.

Essa pesquisa foi motivada pelo aprofundamento nos estudos sobre a Afrocentricidade (MolefiKeteAsante - Afrocentricidade: teoria da mudança social (2014), Maria Beatriz do Nascimento - O conceito de quilombo e a resistência cultural negra (2016) e o Quilombismo (2019) de Abdias do Nascimento que se apresentam como processos teóricos e metodológicos para autodeterminação e reposicionamento do povo negro, é preciso e urgente uma educação pensada a partir da nossa própria existência e experiência.

Podemos perceber um elemento que impede nosso povo de caminhar, ou se envolver outras pautas, é justamente o econômico. A economia é um fenômeno coletivo, para tanto, uma comunidade forte é aquela que consegue suprir as necessidades básicas e garantir o bem viver e participação.

A comunidade negra só se reafirmará quando seus filhos conquistarem a dignidade de existir, trabalho e respeito quanto grupo racial supranacional (uma unidade dentro da diversidade), por isso compreendemos, sem estimular as iniciativas econômicas, que podem sim constituir nesse espaço ou de nada valerá discutir um constructo educacional.

Por isso, a escolha do tema faz parte de um projeto de emancipação coletiva, que atua de modo multilateral, entendendo que a nós negros cabe direcionar cada uma de nossas ações para atender a necessidade de nossa reconstrução histórica e ancestral.

Assim, esta pesquisa vai se direcionar para garantir força econômica capaz de gerar dignidade coletiva, com isso não queremos uma proposta capitalista de mercado, mas despertar o senso de ser e fazer história a partir do que temos em mãos, que aqui são forças econômicas.

As pesquisas anteriores se referem o território da nossa pesquisa, como Antigo Quilombo do Cabula que atribuo ao fato de não ser juridicamente identificada, reconhecida, delimitada,

demarcada e titulada como território quilombola, e apesar da história pública e essas mesmas pesquisas o reconhecerem, portanto, nós o reconheceremos como tal, Quilombo Cabula.

Optamos por não utilizar o termo “antigo”, por acreditar que a essência quilombola ainda resiste em seus habitantes e as heranças antropológicas e socioculturais do povo mais velho e seus descendentes, para nós, não faz sentido negar aquilo que se é, somos um quilombo, modificado pela urbanidade, bem verdade, mas ainda um quilombo, onde o povo negro está aglutinado no território, demarcando a experiência negroafricana de existir, resistindo às violências do estado brasileiro e ressignificando a comunalidade simbólica e prática de um quilombo.

Esta pesquisa está organizada em capítulos conforme a estrutura a seguir: no primeiro capítulo buscaremos construir um contexto que seja capaz de identificar ao longo da história as tessituras que atravessaram o tempo, e se revelam nas iniciativas econômicas do povo negro, contudo sem esgotá-lo em sua compreensão.

No segundo capítulo, nossa discussão será direcionada em compreender o trabalho e as iniciativas econômicas no Cabula, correlacionando com a contemporaneidade, e os fenômenos que lhe cercam.

No terceiro capítulo, buscamos construir as bases que permitem conceituar a economia coletiva, passando pelas perspectivas do sentido e significado do trabalho, desenvolvimento e a compreensão de iniciativas econômicas negras, além de apresentar algumas iniciativas do Quilombo Cabula.

No quarto capítulo, nos debruçamos num diálogo sobre o nosso conceito de Educação, perpassando na Educação Afrocentrada que construímos através das referências afirmativas pautadas nos valores, saberes e fazeres africanos.

No quinto capítulo, construímos a modelagem da nossa aplicação e no sexto capítulo apresentaremos a abordagem metodológica que subsidiaram os resultados deste trabalho, partindo da pesquisa de desenvolvimento, a construção da solução e a tecnologia como mediadora da experiência de educação afrocentrada que construímos nesta trajetória.

Por fim, no sétimo capítulo, avaliamos os quatro ciclos de aplicação para compreender se nos aproximamos do planejado, o que se faz necessário corrigir para os futuros ciclos, finalizando com os resultados alcançados nesta investigação.

2. ENTENDENDO O QUILOMBO CABULA

Fomos educados no Brasil a pensar o povo negro e associá-lo imediatamente à escravidão. Entretanto, é preciso estudos aprofundados, compreensão, honestidade e caráter para valorizar a história das pessoas africanas, que foram forçadas a deixar seu território, sua cultura, identidade por meio de uma diáspora perversa, cruel e que, de algum modo, nega e desqualifica a riqueza social, cultural e econômica trazidas na travessia do Atlântico.

Esse povo negro, que outrora resistiu à escravidão, mesmo com seus princípios e tempo civilizatório, foi estrategicamente escolhido para ser explorado, tendo sua história humana interrompida e, a partir daí, sua existência tem sido carregada de violências, desigualdades, miséria e dores. Ainda na contemporaneidade, mesmo sendo livre, o negro tem seu sangue derramado por meio do Racismo: exploração da força de trabalho, discriminação cultural, genocídio e outros tipos de violência.

Um ciclo sem fim, de um continuum epistêmico e genocida promovido pela colonização, que denominamos aqui como *maafa*, Ani (1994) e Nobles (2004). Orquestrado pelo cerne racista que estrutura este país antinegro, onde a presença negroafricana é preponderante.

O racismo é estrutural, “uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (ALMEIDA, 2019), portanto, intrínseco à própria sociedade.

Tornando-se intencional e cuidadosamente pensado para que negros da diáspora forçada afro-brasileira sejam excluídos de todo e qualquer espaço que lhe restitua a dignidade, que não se reconheça no processo histórico da humanidade, não se perceba como fazedor de grandes invenções da história, que esteja aquém do progresso civilizacional e assim, colabore, mesmo que inconscientemente, para o extermínio de seu semelhante através do culto ao auto-ódio.

O processo de colonização representa um esfacelamento das subjetividades negras, o que resulta no auto-ódio. Ao defrontar com o racismo, a pessoa negra vai odiar e querer apagar seus signos corporais (afilar o nariz e boca, alisar ou raspar os cabelos e etc.), e, numa busca contínua, aproximar-se do branco, institui uma perseguição ao corpo-próprio, “aí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar” (SOUZA, 1983, p. 6).

O embranquecimento - busca pela branquitude, é o que alimenta o auto-ódio, que VEIGA (2019) compreende como “um ataque que não se restringe à autoimagem e à autoestima negra e que deturpa o próprio sentido do que significa ser humano”. Nessa destituição de subjetividades, acaba por colaborar inconscientemente para sua própria extinção através da mobilização de esforços para integra-se a esse sistema antinegro.

Esse auto-ódio pode ser superado se reativarmos a história, para Bá:

[...] na África, tudo é “História”. A grande História da vida compreende a História das Terras e Águas (geografia), a História dos vegetais (botânica e farmacopeia), a História dos “Filhos do seio da Terra” (mineralogia, metais), a História dos astros (astronomia, astrologia), a História das águas. Evocar a história é construir conhecimento sobre o mundo, o autor ainda complementa que a história do homem é a maior e mais significativa. (2010, p. 184)

Portanto, é na história que encontramos as bases para mudanças de perspectiva, que hegemonicamente detém a face do berço civilizatório ocidental, nesta pesquisa assumimos o berço civilizatório africano, defendido por Cheikh Anta Diop em seu livro a **Unidade Cultural da África Negra** (2014). Tal perspectiva nos ajuda a compreender os processos que culminaram na nossa forma de existir na contemporaneidade e as ressignificações negroafricanas.

Nesse intento, ao construirmos o contexto, optamos como referência a essência da palavra Sankofa, que significa “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás”, de acordo com a simbologia Adinkra - “conjunto de ideogramas que compõem a escrita dos povos Akan da África Ocidental” (NASCIMENTO, 1989, p. 21). Ou seja, aprender com o passado e (re) construir as bases para nosso futuro, enquanto povo, “significa voltar às suas raízes e construir sobre ela o desenvolvimento, o progresso e prosperidade de sua comunidade, em todos os aspectos da realização humana” (GLOVER, 1969, apud. NASCIMENTO, 2008, p.31).

Assim, buscamos realizar uma análise sobre as características, tessituras, fragmentos e elementos ancestrais, numa perspectiva da organização social e econômica, oriundos de África e/ou ressignificados no Brasil, tendo o Cabula, esse quilombo urbano delineado pelas heranças antropológicas e socioculturais, como referência territorial, considerando, tudo aquilo que permanecem vivos até a contemporaneidade e que permitam a aproximação identitária entre os povos africanos originários e os da diáspora forçada afro-brasileira, sem nenhuma pretensão de esgotar esses elementos.

2.1 ÁFRICA ANCESTRAL

Quando dizemos povos africanos, referimo-nos aos filhos de África, sendo esta mãe do povo negro pertencente a um território continental com diferentes matizes culturais. A partir deste entendimento, afastamos o sectarismo utilizado para fragmentar o povo negro e impedir que a sua autodeterminação como comunidade africana se estabeleça.

O elemento comum que rege a identificação de africanos como único povo, é que estamos sob a mesma égide, a negritude dos filhos de África. Aspecto fundante para reconhecimento desta marca ancestral, tão violentada no processo de escravidão e asfixiada pelo racismo, atravessa a história negra mundial. Com isto, não incorreremos no erro de negar a presença de brancos no território africano, mas ressaltarmos veementemente que o berço civilizatório deles é outro.

A África é negra, e nunca esteve aquém de qualquer outra civilização, a exemplo do Kemet, atual Egito, e Núbia, que caminhavam no tempo civilizatório respeitando seus laços ancestrais, construíram bases para a denominada civilização ocidental. No caso do Kemet, a prática da agricultura no vale do rio Nilo data de 17.500 ou 18.000 anos e no vale do rio Níger, há mais de vinte espécies de plantas (VAN SERTIMA, 1983). Segundo Nascimento:

[...] as tecnologias de mineração e metalurgia, a agricultura e a criação de gado, as ciências, a medicina, a matemática, a engenharia, a astronomia, enfim, todo cabedal de conhecimento tecnológico e reflexão filosófica caracterizavam tanto os estados africanos, como outras coletividades menores. (2008, p.40).

Para a mesma autora, a África produziu conhecimentos em vários âmbitos, como na área de saúde:

O saber médico do Egito tem como referência o cientista egípcio Imhotep, que desenvolvia importantes trabalhos em cerca de 2800 a.C. e dominava muitas técnicas básicas da medicina. Conhecia vacinação e farmacologia, além de assepsia, anestesia, hemóstase e cauterização (2008, p.41).

As pirâmides egípcias, que datam em torno de 2700 a.C, registram que somente um conhecimento avançado e sofisticado em matemática e o domínio da engenharia seriam capazes de erguer tais monumentos e mantê-los quase intactos em suas estruturas até a contemporaneidade (NASCIMENTO, 2008, p.44).

Em relação à filosofia grega, George James (1954, p. 38) apresenta evidências que seja do Kemet. Ele aponta que “a teoria de salvação egípcia se tornou o propósito da Filosofia Grega”, ou

seja, a filosofia grega surge das escolas de mistério que eram uma espécie de centros de construção de conhecimento kemético.

No campo econômico e tecnológico, igualmente as civilizações africanas são usurpadas no uso inaugural do uso de ferro e fundição, sistema de escrita, centro de altos estudos e universidades, o dispositivo de Nabta Playa – um calendário pré-histórico que marca com precisão o solstício de verão, o osso de Ishango, o qual suas possíveis funções se alocam como ferramenta para multiplicação, divisão e cálculo matemático simples, ou calendário lunar de seis meses, ou ainda, instrumento de controle do ciclo menstrual, conforme Machado e Loras (2017).

Num levantamento histórico mais atento, percebe-se que o discurso de que o desenvolvimento humano não parte do homem branco e do exercício pleno de sua humanidade, ou de um “milagre” – mesmo com a Europa alimentando o imaginário que magicamente desenvolveu as ciências, seus pensadores ignoram o fato das experiências com as civilizações africanas, a usurpação histórica e material do conhecimento, bem como a destruição daquilo que não podiam negar que tinha autoria de outros povos.

E mesmo diante da pilhagem epistêmica, as sociedades africanas foram dando continuidade e desenvolvendo modos de organizar-se como uma sociedade a partir das suas próprias experiências civilizatórias. Entretanto, não se pode perder um fator decisivo para sua compreensão, é que “o tempo africano é um tempo realmente histórico”, SILVÉRIO (2013, p.30), por isso, não referendar no presente as experiências do passado é incutir numa metodologia que não contempla os povos de África:

A consciência do tempo passado era muito viva entre os africanos. No entanto, esse tempo, que tem um grande peso sobre o presente, não anula o seu dinamismo. A concepção do tempo tal como a detectamos nas sociedades africanas é a marca de um estágio no desenvolvimento econômico e social. O essencial é que a ideia de desenvolvimento a partir das origens esteja presente (SILVÉRIO, 2013, p.30).

Destacamos este fator, para explicar que os povos africanos não estavam estagnados e involutivos como o racismo científico postulou, mas que seu desenvolvimento seguia os passos de sua própria história e que por ora se apresentava muito mais avançado do que o dito ocidental, considerava um berço próprio, rumo ao que se reafirma como capaz de produzir conhecimentos basilares para as sociedades modernas de todo o mundo. Num sentido mais amplo da relação passado-presente, essa conexão garante a perpetuação e o reavivamento de valores:

O que caracteriza o processo histórico negro-africano é o fato de notarmos uma linha de continuidade ininterrupta de determinados princípios e valores que são capazes de engendrar e estruturar identidades e relações sociais. São eles que caracterizam a afirmação existencial do homem negro [mulher negra] e constituem sua própria identidade. (LUZ, 2013, p.29).

Os processos de resistências do passado e do presente que foram construídos ao longo do tempo e, que permitiram a re-existência, mesmo diante de toda violência perpetrada ao continente e aos seus filhos territorializados ou dispersos forçadamente, possibilitam compreender que os sistemas de valores e exigências éticas fazem parte da organização do mundo e dos comportamentos humanos, não há nada de mítico, como se insiste em afirmar, quando se fala de África, a história e a ciência nos apresentam elementos que conseguem referendar esse processo civilizatório próprio no qual nos referimos.

Esse mergulho no conhecimento e as práxis da África Ancestral, permite-nos entender um território que deu origem aos filhos e filhas que nos influenciam até a atualidade. Portanto, não tratamos aqui de uma África mítica, adotamos um movimento de *Sankofa* para construir o contexto, sem nenhuma pretensão de esgotar todo conhecimento, mas buscar uma compreensão significativa que possibilite traçar um paralelo com a história de seus descendentes na diáspora forçada afro-brasileira, especificamente territorializada no Quilombo Cabula, em Salvador, Bahia, Brasil, apontando caminhos para a construção da nossa existência nos contextos em que estivermos.

Quais foram os povos que se territorializaram no Cabula? Nesta seção identificamos e apresentamos aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos que contribuíram para a construção socioexistencial do Quilombo Cabula, dando maior direcionamento às questões econômicas e suas perspectivas civilizatórias.

Tendo em vista a dimensão cultural e territorial da África não serão detalhados todos os povos, apenas destacaremos, aqueles que foram obrigados sair das suas terras, deixar suas famílias e enfrentar o infortúnio da travessia do Atlântico, para tanto citaremos as experiências de alguns povos da África Central, os bantos, e da África Ocidental, os yorubás.

Os bantos foram os povos que mais se expandiram no território africano, o mundo natural era compreendido como um “todo”, o que Fu-Kiau (1998) define como “a totalidade de totalidades”, assim a terra é um sistema complexo, que detém tudo que é necessário para garantir o equilíbrio da vida, entretanto, não descolado do invisível. O entendimento de existência é um composto físico e metafísico, que não é compreendido em seu todo, Fu-Kiau continua:

O mundo natural é o que nós vemos, tocamos, sentimos, saboreamos e ouvimos e ainda assim nós não podemos alcançar o significado em uma totalidade. É o mistério de todos os mistérios. É o cerne do que é espiritual e sagrado. É ligar e desligar (Kala ye Zima) de todas as coisas, é Nkingu Kibeni Wangudi Wa Kinenga mu biobio (a chave princípio de equilíbrio em tudo). (FU-KIAU, 1998, p.1).

Os bantos estabelecem uma relação contínua de ligação entre as comunidades vivas, esse elo é fundamental para definir os princípios éticos e morais que devem reger tudo aquilo constituído de essência, a exemplo das comunidades Bantu-Kongo, o cosmograma *Dikenga*, nos explica que:

Da conformação complexa do cosmograma (*dikenga*) podem-se extrair vários princípios e leis que são de grande relevância para vida cotidiana *kongo*, haja vista o que nos lembra Fu-Kiau (2001a): “Nada na vida diária da sociedade Kongo está fora das práticas cosmológicas” (p38-39). (SANTOS, 2019, p. 128)

Objetivando ilustrar essas práticas, a imagem abaixo nos ajuda a compreender não somente a cosmognose, mas a criação do mundo, a vida humana e os grandes processos sociais dos *Bakongo*:



Figura 1: Cosmograma Bakongo

Musoni, o primeiro estágio do ser, o que ainda não é físico, que está na memória e que não é perceptível ao *Nu-Nseke* (mundo físico), *Kala* vem corporificar o ser, torná-lo visível. No estágio seguinte, encontra-se *Tukula*, concedido como o desenvolvimento das coisas, em ação, proeminente amadurecimento, e ao fim, *Luvemba*, vem a ser o estágio de desintegração física, o

morrer, desintegra-se na dimensão tangível e segue para um plano insondável, conforme Santos (2019).

Se fazendo representar pela movimentação solar, figura-se como duas linhas que se cruzam e dividem este espaço-tempo nos quatro estágios supracitados, sendo assim é um mapa interpretativo do mundo, seus acontecimentos e a realidade de todas as coisas que são duas dimensões observáveis, a dimensão física e a dimensão espiritual que se complementam e interconectam, tendo como a linha horizontal que as separam, o oceano ou o grande rio, *Kalunga*.

O *dikenga* apresenta quatro “Vs”, que representa a disposição à expansão e retração, como base de todas as realidades inspiradas e o processo de todas as mudanças: sociais e institucionais; naturais e não naturais; vistas e não vistas (FU-KIAU, 2001, apud SANTOS, 2019, p. 129).

Essa leitura nos permite dialogar com o tempo e espaço, quanto sua natureza ontológica, poética, ancestral, epistemológica, o tempo anti-horário e espiralado, o espaço perfazendo as duas dimensões, é fundamento primordial da cosmovisão dos povos bantos.

Assim, ao pensar nesta experiência do cosmograma bakongo, percebemos uma profunda relação com os candomblés, por sustentar uma cosmologia integrada da realidade, holística, na medida em que se interconecta radicalmente entre todos os elementos da natureza humana e não humana (todo vivo – cabaça).

Nos candomblés, no plural para demarcar a diversidades, o culto à natureza e aos ancestrais compõe a comunidade de “divindades”, Orixás, nos candomblés de origem iorubá, Inquices nos candomblés de origem bantu e voduns, nos candomblés de origem ewé-fon (daomeana).

Essas divindades representam – e são responsáveis – ora por uma força da natureza, ora por um fenômeno da experiência humana. Percebam que o mundo físico e espiritual é o todo. As divindades se corporificam nas forças da natureza, permitindo assim o trânsito delas entre Duílo para os povos bantos, e Orun para os povos iorubas, que quer dizer mundo sobrenatural, mundo dos mortos e o Mungongo para os povos bantos e Aiyê para os povos iorubas, que quer dizer mundo dos vivos. Dimensões estas que estabelecem uma das formas de contato que orixás, inquices e voduns têm com o restante das comunidades, conforme Nascimento (2016, p. 160).

Por isso, sem binarismo constituem uma relação contínua, viva e comunal, nessa comunidade interconectada, tudo participa dos inquices, orixás e voduns e estes estão presentes em tudo o que existe no mundo, o cosmograma Bakongo é a exemplificação de como a vida

perpassa como uma totalidade e o candomblé propicia o reavivamento das relações por conservar e repassar a experiência comunitária.

O caráter comunal dos povos bantu é altamente expressivo, à medida que, quanto mais aprofundamos em sua cosmovisão, compreendemos que o elemento “força vital” corresponde a uma força individual e coletiva, a se perceber quando a morte do corpo físico, que significa a diminuição dessa força, é mobilizada pelos sacerdotes no sentido de retornar para a comunidade, assim quando há o nascimento. A força vital é restituída, num movimento cíclico e contínuo, e integrada.

A sacralidade, que rege o agir banto, é permeada pela busca do equilíbrio, através da relação com o mundo natural, e, é na Natureza que encontramos o conhecimento que garante a existência biológica, é também o elemento mobilizador das comunidades por onde ancestralidade se comunica com o muntu (pessoa).

É o conhecimento do mundo natural que vai construindo os processos biológicos, intelectuais e espirituais bantu, e constituindo seu fazer histórico ao interferir inclusive na organização social coletiva destes povos, “ninguém pode criar uma família a menos que conheça o caminho que conduz ao trabalho da terra, especialmente na floresta, porque a maior parte dos alimentos é encontrados na floresta” (FU-KIAU, 1998, p.).

Incorporar-se à sociedade, é registrar impressões na alma através da vivência comunal e da vividade dos deuses, enquanto natureza. Contudo, o conhecimento deixado pelos ancestrais e/ou seu reconhecimento, torna-se a abertura para novas possibilidades (fluxo contínuo de reconhecer o conhecimento das gerações anteriores e descobrir novos conhecimentos para atender a nossa geração).

A partir daqui, as experiências econômicas e sociais dos povos bantos se somam a fim de identificarem sua organização ao longo do tempo, obviamente sem querer ser a última possibilidade destas experiências, Silva nos apresenta um possível panorama de organização dos bantu:

Estáramos diante de pescadores, que praticariam a agricultura nas bordas da mata, cozeriam a cerâmica, tecerem panos de ráfia e de outras fibras vegetais, fariam cestos, estariam organizados em famílias extensas e conheceriam certas formas de controle social difuso, baseadas no prestígio dos mais velhos. Suas crenças religiosas não deveriam apresentar grande distância das que ainda hoje professam muitos de seus descendentes: acreditariam talvez que tudo participa da harmonia cósmica, que cada

coisa possui uma força espiritual, que há permanente troca de poder e apoio entre os vivos e os mortos da mesma linha de sangue. (2011a. p. 212 e 213).

Além da agricultura, cerâmica, tecelagem, a economia diversificou-se através da pecuária, e complementa: “Há notícias de alguns agrupamentos em que a mineração e a metalurgia parecem ter sido o fulcro da vida econômica” (SILVA, 2011a). Entendemos assim que dominavam uma série de fazeres econômicos: mineração, agricultura, cerâmica, tecelagem, cestaria, metalurgia que garantiam a sobrevivência daquelas comunidades, dentro de sua própria característica se expandiram no território em 10 quilômetros ao ano, iam construindo casas de sopé, demonstrando conhecimento na arquitetura.

Sua expansão não se dava por poderes militares, embora não se negue o uso da força, mas os bantu ocupavam territórios que lhes pareciam vazios, construía relações com os seus vizinhos embora mantivessem suas características, estabeleciam aldeias e, apesar de se impor em áreas compartilhadas com outros povos, acabavam por se influenciar pelas técnicas, costumes e palavras (SILVA, 2011a), tudo isso vai conotar certa capacidade de interagir com o diferente.

Entretanto, quando os recursos naturais se tornavam escassos, o aldeamento se ampliava vertiginosamente, e/ou os laços harmônicos se fragmentavam, os bantu se dividiam e seguiam adiante no território africano.

Steve Biko (1990, p. 59) nos apresenta uma reflexão sobre essa característica bantu “Os africanos sempre acreditaram que era melhor ter muitas aldeias com um número controlável de pessoas em cada uma delas do que o contrário”, portanto sua organização social se tornava mais eficiente a partir de grupos pequenos, mas sustentáveis.

As comunidades bantu, acumulavam o conhecimento sobre o holismo para tratar da saúde e bem-estar, com isso, a compreensão que esses povos possuem sobre a saúde do muntu, superaram o plano material e que por meio do tratamento integrado (corpo, mente e espírito) poderiam alcançar a manutenção da força vital.

Ki-Zerbo (2006) nos informa que, o que caracteriza essa construção de ciências para a saúde é a abordagem psicossociosomática das terapias africanas, e como estas mobilizam o espírito do doente e o acompanhamento social no processo de cura, revela que:

A ciência não é feita apenas de achados mecânicos, químicos e bioquímicos. É também a mobilização dos recursos e das energias que estão latentes no homem e que, na maior parte dos casos, ainda estão por explorar e por conhecer. (KI-Zerbo, 2006, p.).

Essa percepção de mobilização de forças no processo de manutenção da potência de vida vai delinear o papel das lideranças espirituais e os terreiros/espços assumiram no processo de resistência que mais tarde teriam que enfrentar no contexto diaspórico, no Brasil. A partir deste diálogo histórico-filosófico com o contexto atual, é possível identificar heranças mais latentes desses povos na nossa referência territorial, práticas vivas.

Quadro 1: Heranças – Práticas Bantu Vivas No Cabula	
PRÁTICAS	COMPREENSÃO
CERIMONIAL	A roda como espaço organizativo, encontrada em terreiros, rodas de samba, conversas, na capoeira, brincadeira de roda, ousamos a dizer que até o formato circular que adentra as salas de aula, visando uma horizontalidade nas relações e essa visão do todo é uma herança destes povos etc.
OCUPAÇÃO TERRITORIAL	A capacidade de expandir-se pelo território, seja como reconhecimento, quanto organização dos recursos, essa ramificação pode ter contribuído nas formações dos quilombos e de terreiros.
ADAPTABILIDADE	Diante da experiência de lidar com os diferentes que se apresenta desde a sua história remota, pode ter colaborado com as relações com os povos originais das Américas.
ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL	Percebe-se nas ruas do Cabula, uma centralidade comercial e social nas ruas diretas e o residencial organiza-se mais no interior dos bairros, fazendo lembrar a disposição encontrada nos quilombos, onde os centros de vida coletiva ficavam distanciados das moradias. Uma forma de manter a proteção.
TERAPIAS PSICOSSOCIOSOMÁTICAS	Mobilização de forças do mundo físico e não físico para o processo curativo, assim trabalhos de benzedeadas, infusões com folhas.
NEGOCIAÇÃO	Capacidade de estabelecer relações negociais é bastante presente, nas zonas de grande circulação de pessoas, barracas que mais lembram as feiras angolanas.
DOMÍNIO DOS METAIS	O uso do ferro em fundição e forjaria para ferramentas surgiu na África ocidental por volta de 1200 a.E. C, uma busca rápida é possível identificar diversas oficinas de metalurgia, que dentre os serviços oferecidos possuem os portões com símbolos adinkra, espalhados pelas comunidades cabuleiras.
CULINÁRIA AFROBRASILEIRA	No rol da culinária, a preservação da “comida baiana”, encontrada em bares e restaurantes do Quilombo, mas também nas vendedoras de quentinhas. O uso do milho nos entrelaces com a cultura indígena faz

	com que essa região possa ofertar uma variedade de quitutes.
ARTESANATOS	Manutenção da tecelagem e bordados, além das costuras. Artesanato com metais, feitura de adereços, enfeites.
EXPRESSÕES CULTURAIS	Diante da representação cultural da circularidade, podemos supor que a capoeira, os xirês dos cultos, as conversas de populares.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Silva (2011), Ki-Zerbo (2006), Machado e Loras (2017). Novembro de 2020

Prosseguido, no entendimento dos povos que aportam no Cabula, outro povo que permeia nossa pesquisa são os Iorubás. Com isso, para garantir uma compreensão social e econômica, se faz necessário destacar que estes povos se organizavam em cidades-estados, configuram pequenos reinos independentes que mantinham trocas mercantis e legitimidade política:

A cosmologia iorubana é constituída através da mitologia, que a criação de propiciar a explicação da história e a compreensão da realidade, a oralidade se encarrega de registrar na memória de seu povo, sua experiência de desenvolvimento, por isso, “a oralidade e a mitologia – acabaram por permear a construção das relações no âmbito da sociedade e dos contatos com o sagrado, além de conduzir a interpretação do mundo e as formas de viver de suas gentes” (OLIVA, 2005).

O mito fundador que se dá a partir de Odudua, criador da terra, reverbera nas relações entre as cidades-estados, “o que vinculava os diversos povoados numa unidade que se reconhecia como tal era, em muitos casos, a crença num antepassado comum.” (SILVA 2011a), garantindo uma única linhagem o que pode ter permitido a ampliação da autonomia dos mesmos.

Os Iorubás eram agricultores, complementava sua subsistência com a caça, quando a agricultura se mostrava complexa, e se organizavam politicamente a partir da lógica familiar, essa relação vão definir as formas de produção e a dinâmica econômica:

No primeiro milênio de nossa era, esses povos, que cultivavam o sorgo e o milhete, nas savanas do norte, e os inhames, o dendê, os feijões, o quiabo e o akee, nas florestas do sul, devem ter desenvolvido instituições políticas baseadas nos laços de família. Cada vilarejo dividia-se possivelmente em várias linhagens, cujos chefes eram escolhidos pela idade ou pela proximidade genealógica com o grande ancestral. (SILVA, 2011a. p. 475).

A urbanidade dos iorubás se apresenta através da sua capacidade de se organizar em importantes cidades-estados. Ifé tornou-se o centro espiritual destes povos, cogita-se que seu crescimento se deu devido à sacralidade - surgimento mitológico do universo e de onde os

homens começaram a se espalhar pelo mundo - atribuído à região. A reverência a Odudua pode ter gerado uma relação de subserviência das outras cidades-estados, e tributos podem ter sido pagos na forma de vassalagem.

Além do caráter religioso, os iorubás possuíam forte atividade mercantil de produtos locais, mas também de outras regiões, esse fluxo mercadológico marcava organização urbanística da cidade, possibilitaram ainda surgimento de escolas de artífices e escultores. Os iorubás se apresentam como exímios negociantes, capazes de gerar prosperidade através do intenso fluxo mercantil (SILVA, 2011a, p.40).

Já entre o século XVII e XVIII, a cidade-estado de Oyo, ganha protagonismo devido ao seu desempenho econômico, a partir do século XV, a manutenção autossuficiente da agricultura conseguiu desenvolver excelentes artífices nas áreas de tecelagem e metalurgia. Articulou-se militarmente com a formação de uma cavalaria e conectou a região através do seu desempenho mercantil.

Oliva (2005) destaca que a expansão inicialmente tinha caráter militarista, mas que se tornou posteriormente um elo entre política e economia. Uma vez que Oyo, capital política do reino Iorubá passa a influenciar diversas cidades iorubanas, interferindo no modelo de escolha dos soberanos, à filiação original de suas dinastias e às formas de poder.

Em Oyó, o Alafin (rei) ficava no poder por, no máximo, 14 anos e era assessorado por um conselho de anciãos composto por sete membros, que assume a escolha direta dos líderes após problemas com sucessão, a senhoria se revela na condução da cidade-estado e, diante dos desacertos da gestão, a decisão cabia às lideranças dos bairros e das famílias.

Apesar da existência de outras cidades-estados organizadas pelo povo iorubá, os aspectos de Ifé e Oyo, permitem conhecer características importantes da sua constituição religiosa, política, social e econômica, garantindo uma compreensão do contexto estabelecido ao longo da história.

Mattoso (2003) aponta que estes povos, no qual ela refere-se a sudaneses, conheciam a agricultura de enxada, extensiva, ou mesmo a intensiva ao redor das choças, o que demonstra habilidade nas questões de produção de alimentos, mas também certo conhecimento de solo e irrigação. Os artesanatos com ferro, ouro, bronze e cobre, sendo o domínio das habilidades com os metais mesclavam-se com os saberes médicos e também de mobilização de forças sobrenaturais.

Para o consumo local e os mercados mais distantes, ainda podia observar, os poteiros ou ceramistas – em maior frequência mulheres, tecelões e lenhadores, que utilizavam o canuri (molusco do Oceano Índico) como moeda, entretanto, era o escambo a prática predominante.

Na estrutura organizacional do Estado, apesar da existência simbólica do rei, a administração era formada por uma quantidade considerável de ministros, dignitários, funcionários e militares profissionais.

Com isso, pensar em práxis africanas é levantar um processo civilizatório, muito pertinente e comprovado, inclusive para resistir ao epistemicídio que foi impetrado aos seus filhos nas Américas, sobre isso Mattoso (2003, p.) elenca de forma objetiva, alguns elementos interessantes:

[...] o cativo africano, destinado a servir ao desenvolvimento das Américas remotas, tem personalidade e história. Animistas, muçumanos, cristãos do continente negro, bateram-se com frequência por sua fé e as conversões representaram seu papel no todo de uma estratégia política complicada. Viram-se na África verdadeiros impérios centralizados, com brilho e autoridade incontestáveis, confederações tribais, reinos mais ou menos reconhecidos por seus vizinhos, cidades-pousadas com seus ricos mercados nos caminhos do ouro, das especiarias, do marfim, do sal, dos escravos e, por toda parte, um povo de guerreiros, pescadores, pastores, comerciantes e agricultores.

Os povos vindos da África detinham conhecimentos e habilidades, que foram capazes de erguer o desenvolvimento das Américas, inclusive pelo domínio de técnicas, conforme aponta a autora supracitada.

Quadro 2: Heranças– Práticas Yorubás Vivas No Cabula	
PRÁTICAS	COMPREENSÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL	Hierarquia através da distribuição de cargos e funções.
MERCÂNCIA	Habilidades com vendas e negociação.
DINHEIRO (POTÊNCIA E BEM-ESTAR)	Percebe-se o trabalho como vetor, e a busca contínua de recursos financeiros para financiar o mínimo de qualidade de vida, percebe-se que mesmo os mais humildes ainda reservam algum dinheiro para seu lazer de final de semana.
AGLUTINAÇÃO POR INTERESSES	As experiências com os liceus e irmandades podem ser um elemento simbólico ancestral para a busca de melhorias coletivas, nos diversos âmbitos, percebe-se no Cabula a existência de associações, cooperativas e grupos sociais.
SIGILO	Resguardar os mistérios, as relações de cuidado com os

	segredos, a privacidade.
TERAPIAS PSICOSSOCIOSOMÁTICAS	Mobilização de forças do mundo físico e não físico para o processo curativo, assim trabalhos de benzedeiras, infusões com folhas.
LIDERANÇA	Organização social com a presença de líderes
CULINÁRIA AFROBRASILEIRA	A preservação da “comida baiana”, encontrada em bares e restaurantes do Quilombo, mas também nas vendedoras de quentinhas, e nos serviços de entregas.
URBANIDADE	Construções e serviços que caracterizam a presença de uma área urbana, comércio como vetor.
ARTESANATOS	Artesanato com metais, feitura de adereços, enfeites.
EXPRESSÕES CULTURAIS	Intercruzam a circularidade e as linhas, comum em representações culturais, como o makulelê, muito interessante perceber o compartilhamento nos grupos de capoeira que aglutinam ainda o samba de roda e o makulelê em suas apresentações.

Elaborado pela autora a partir de SODRÉ (2002), MATOSSO (2003), OLIVA (2005), SILVA (2011), FLOR DO NASCIMENTO (2016). Novembro de 2020

Pelos processos civilizatórios dos povos bantu e iorubás, conseguimos revelar uma série de aspectos e habilidades que atravessaram a maafa secular, receberam contornos diaspóricos, conforme já supracitado, não pretendemos resumir a África a experiência destes povos, que serão a referência do nosso estudo, uma vez que são eles fundadores do Quilombo Cabula, por isso, cabe a nós, identificar diante da sua diversidade elementos ancestrais que são reativados na nossa experiência brasileira de ser negroafricano.

Mas antes de pensar o território do Quilombo Cabula, faremos uma breve explanação sobre a diáspora forçada para compreender percursos, rotas e escravidão quanto mecanismo de epistemicídio.

2.2. DIÁSPORA FORÇADA NEGRA E AS INFLUÊNCIAS ANCESTRAIS

Antes de refletir sobre escravidão, cabe compreender previamente o epistemicídio, uma vez que o processo civilizador hegemônico é estabelecido pelo tanto de racionalidade encontrada num povo, com isso temos o que Sueli Carneiro vai chamar de “ser” – aquele que é e define o

“não ser” – o outro, construído por meio de uma estratégia de negação do saber e/ou a apropriação, como ocorre na experiência africana.

O epistemicídio se constitui um poderoso e eficaz dispositivo de maafa, conforme nos apresenta Sueli Carneiro:

O epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento. (CARNEIRO, 2005, p. 96).

O epistemicídio é dispositivo de manutenção do *status quo* do racismo e sua práxis, assim não apontar este princípio é manter a lógica racista na construção do saber, uma vez que o racismo tem o poder de regular vida e morte e que é o pilar das existências do sujeito negro, concordamos com a Sueli Carneiro (2005), “colonialismo/racismo se constituíram num aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos”.

Ao pensar na diáspora africana, um marcador racial surge para se perceber que a construção social do negro é fundamentada na ideia do não ser. Silva (2011) explicita como o negro virou sinônimo de escravo, por conseguinte:

Só se escraviza o outro, o estranho que está fora de nossa sociedade, e esse outro, com a expansão oceânica dos portugueses e espanhóis, tornou-se o não europeu, de cor, feições e cabelos diferentes, que se multiplicara nas populações das Ásias, das Américas e das Áfricas. E de todos esses outros — acrescento eu —, aquele que se mostrou fisicamente mais dessemelhante aos europeus foi, aos olhos destes, o negro africano. (SILVA, 2011b, p. 399)

A destituição da humanidade do sujeito negro é uma mola que vai estruturar os 400 anos de escravidão e o racismo estrutural da contemporaneidade. Essa lógica é perfeita para garantir o desenvolvimento econômico da Europa, que se ergueu sobre a maafa negroafricana, e, para perpetuar seu *modus operandi*, mesmo com a mudança do sistema senhorial, manteve-se capitalista e colonialista.

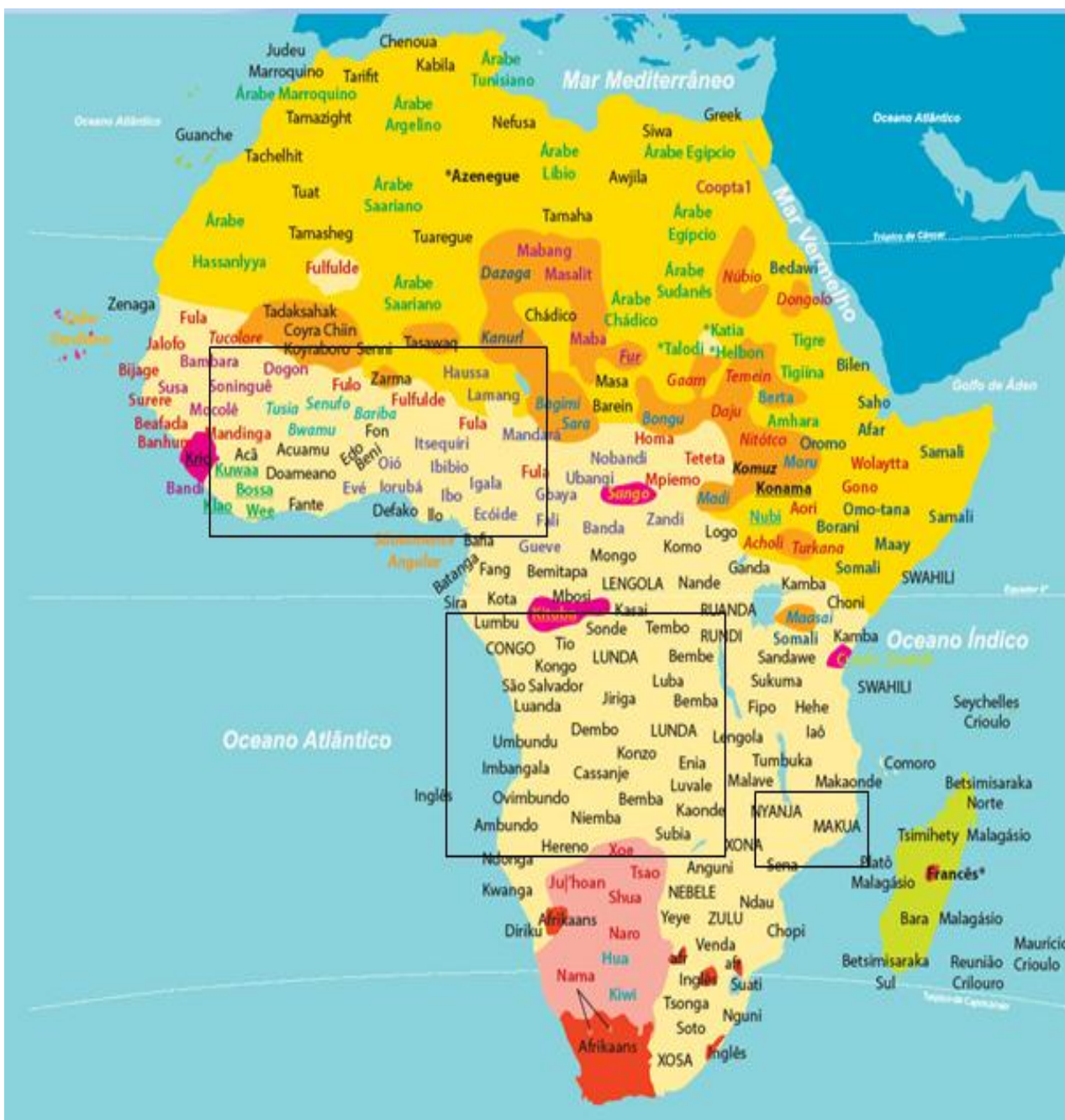
Desde a Antiguidade até o presente século percebe-se os efeitos da pilhagem epistêmica sofrida pela África Colonial, que a partir do século XVI vai sustentar, por meio do tráfico transatlântico, o trabalho escravo que permitiu que as riquezas produzidas nas colônias (africanas e americanas) construtoras do progresso europeu, e do não desenvolvimento da África Contemporânea, através da maafa que interrompeu as potencialidades do povo negro.

Dito isso, na discussão do tráfico transatlântico, estima-se que cerca 12,5 milhões de pessoas foram raptadas da África, números que se referem apenas os que sobreviveram à violenta travessia transatlântica, deste contingente o Brasil, recebeu 4,9 milhões de cativos, o equivalente a 47% do total desembarcado em todo o continente americano entre 1500 e 1850. (GOMES, 2019, p. 184).

Os africanos que aportaram no Brasil eram originários das seguintes regiões: a) África Ocidental: povos sudaneses e/ou iorubás (nagôs, ketus, egbás); gegês (ewês, fons); fanti-ashanti (genericamente conhecidos como mina); povos islamizados (mandingas, haussás, peuls); b) África Central: povos bantos: bakongos, bundo, ovimbundos, bawoyo, wili (isto é, congos, angolas, benguelas, cabindas e loangos; e c) África Oriental: os conhecidos como moçambiques. (SILVÉRIO, 2013, p. 13)

Os povos que estavam espalhados na costa do território africano fazem-se necessário salientar que se originaram de várias etnias, e as classificações bantu e iorubá vão ser demarcada, devido compartilhamento do mesmo tronco linguístico, o Mapa 1, nos permite a identificação da proximidade geográfica dos grupos autóctones”

MAPA 1: DISTRIBUIÇÃO LINGÜÍSTICA DOS POVOS AFRICANOS NO TERRITÓRIO



Fonte: Adaptado pela autora, a partir de <https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/modulo3/index.html>. Acesso em: 02/09/2020. 01:33h.

Nos finais do século XVI, na violenta travessia transatlântica, que Vianna (1946) vai definir como o Ciclo da Guiné, os primeiros ancestrais bantu chegaram à Bahia, tratados como preguiçosos e desobedientes, foram os preferidos até o século XVII.

No século XVII, definido como o Ciclo de Angola, trazem negroafricano oriundos de Angola, estes eram definidos como trabalhadores, dóceis e amáveis, eram destinados aos trabalhos domésticos, mas também na agricultura, onde eram excelentes.

No século XVIII, os Iorubás ganham novamente a preferência do tráfico negroiro brasileiro, intitulados como traidores e rebeldes, no chamado, Ciclo da Costa da Mina, o Brasil vive o *boom* da mineração, fascinação por essa atividade econômica, acaba por atrelá-la como elemento motivador da história nacional do período, Vianna (1946), e os iorubás detinha maior habilidade para essa atividade.

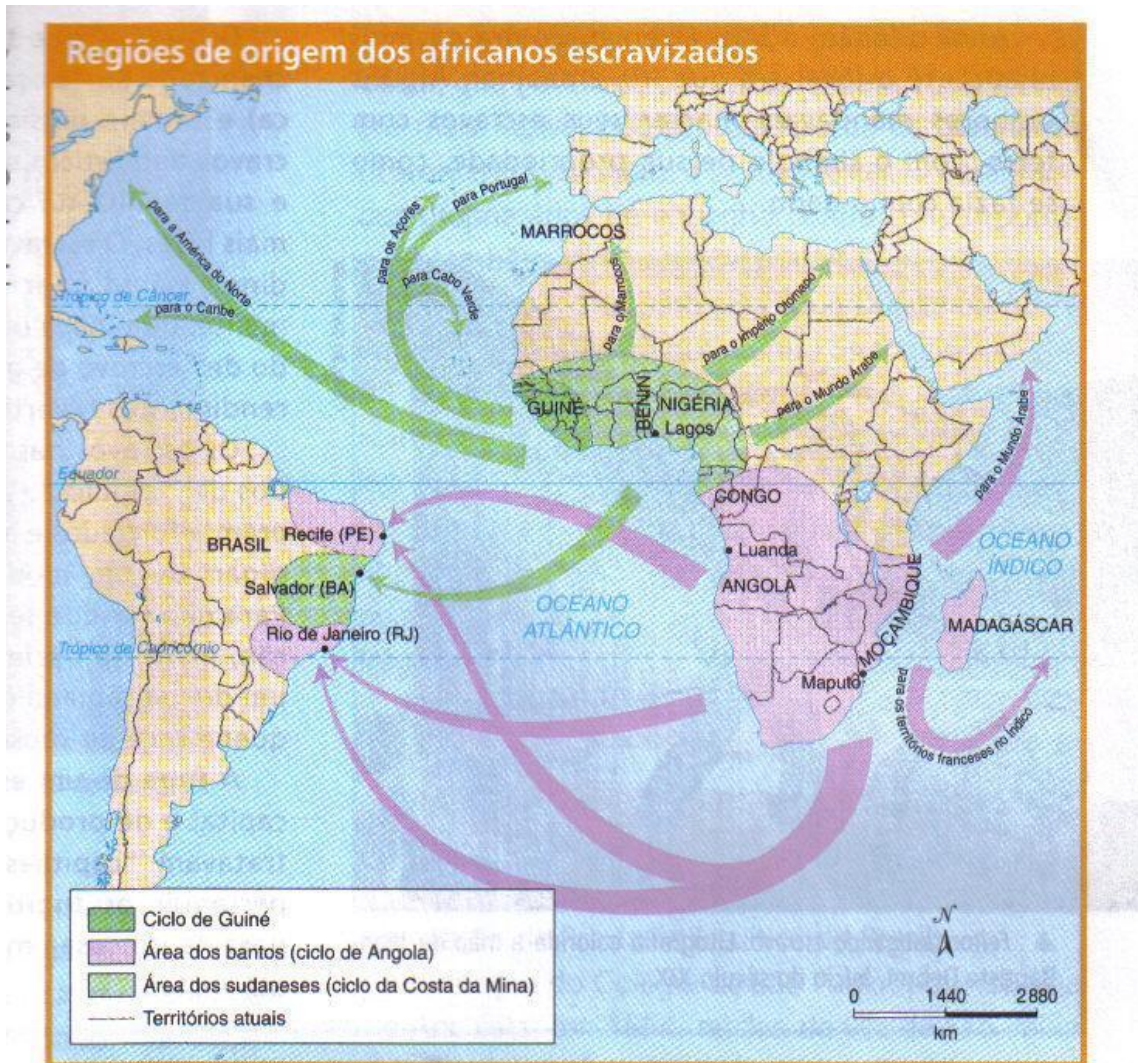
Ainda no Ciclo da Costa de Mina, que chegam os negros de Moçambique, Angola estava sobre ocupação portuguesa e esse fenômeno pode ter impulsionado a vinda desse povo.

Na metade do século de XVIII, o ciclo da Costa de Mina se desdobra para dá início a um ciclo propriamente baiano, o que ocorre na Baía do Benin, entrelaça com o tráfico ilegal instituído através da proibição imposta pela Inglaterra após 1830, conforme nos orienta Mattoso (2003).

É no século XIX, que há uma multiplicidade de povos negroafricano chegando ao Brasil, entretanto, nota-se que os oriundos das colônias portuguesas com mais nitidez, sobretudo de Angola e Moçambique. Por isso, Mattoso (2003) nos alerta: apesar da definição dos ciclos, não existia uma linearidade entre início e fim, muito embora o ciclo esteja datado e territorializado, não raro a chegada de negros procedentes de uma região do ciclo anterior, isso vai justificar a chegada de negroafricano de diferentes grupos africanos no Brasil.

O Mapa 2 apresenta o Fluxo do tráfico de africanos para o Brasil compreendendo os ciclos que se estabeleceram, apesar de não demonstrar a chegada dos bantu no território de Salvador, como supracitado por Vianna (1946, p. 116) estes foram os primeiros a chegar à Bahia, isto vai ratificar que “Bantus e sudaneses, em épocas diversas, foram trazidos para o mercado baiano de escravos com igual intensidade”. Constatamos ainda, que pela quantidade de quilombos hoje identificados no território, é possível inferir a forte presença na construção da identidade baiana, já que os quilombos vão representar uma das mais estruturadas formas de insubmissão ao sistema colonial.

MAPA 2: REGIÕES DE ORIGEM DOS AFRICANOS ESCRAVIZADOS



Os negros africanos, aqui escravizados, desterritorializados, destituídos de humanidade, foram corresponsáveis pela construção da nacionalidade brasileira, de modo inestimável seja na cultura, na língua, no sentido do trabalho, foi através do trabalho negroafricano que o Brasil pode alcançar níveis de desenvolvimento econômico e tecnológico.

Além da negritude, os povos do outro lado do Atlântico, trazem consigo, histórias, culturas, tecnologias, memórias, força de trabalho e outros processos civilizatórios já apresentados. A escravidão não foi aceita pacificamente por estes povos, ações individuais e coletivas de maior ou menor intensidade, demarcam esse processo.

Aqui valorizamos todos os caminhos possíveis adotados para que chegássemos até aqui, sem julgamento de valor ou anacronismos, compreendemos que o conceito de resistência é um marco do povo negroafricano, com isso incorrem fenômenos que perpassam os séculos e permanecem vivos na memória de seus descendentes.

Joel Rufino dos SANTOS (1999, p. 125), nos apresenta modos de resistências que nos permite aproximar-se do caráter das lutas individuais e coletivas do povo negro, e que atuava na desestabilização do sistema vigente, além de reforçar uma inconformidade com a escravidão.

As resistências tinham caráter individual, como o assassinio dos senhores, dos feitores, dos capitães do mato, fugas individuais, boicotes os instrumentos de trabalho, abortos, envenenamentos e o suicídio, tendo como formas o enforcamento ou envenenamento.

E as resistências coletivas, assumiram ações na quebra das ferramentas de trabalho, levantes e revoltas, fugas coletivas e a formação de territórios de quilombos, este último a ser discutido na próxima sessão onde nos debruçamos sobre o Quilombo Cabula.

2.3. QUILOMBO CABULA

A construção dos quilombos remonta a África Central, onde hoje se situa a República Democrática do Congo (Zaire) e Angola, o termo é originário da língua bantu *umbundu*, quando territorializada na África referia-se a uma instituição sociopolítica militar vinda dos povos *jaga* ou *imbangala* (de Angola) e os *lunda* (Zaire).

Beatriz do Nascimento (1985) vai nos dizer que a formação de Angola-Janga, que chamamos de Quilombo dos Palmares, no Brasil é um fenômeno paralelo com o *Kilombo* angolano entre o final do século XVI e início do século XVII, diante da justaposição de datas, que na nossa compreensão transcende a coincidência e se realinha na unidade ancestral que agrupam os descendentes das linhagens que foram raptadas da África, Luz historiciza:

No século XVII, Ndongo tinha como governante a rainha NzingaKiluanji, que criou uma estratégia diplomática com outros reinos e a coroa portuguesa. Mas Portugal, de 1580 a 1640, estava sob o domínio espanhol que desconsiderou os acordos militares realizados em pacto com a rainha Nzinga, e, por isso a rainha viu-se obrigada a criar novas estratégias de libertação, entre elas os quilombos. Nzinga, através dessas táticas, teve de abandonar a capital Mbaka e o reino se caracteriza pela constante movimentação de tropas e mudança de acampamentos, conhecidos pelo nome de Kilombo. (1995, p. 373).

Portanto, o contexto de lutas contra a colonização faz com que processos de resistência fossem estruturados, salientamos que esse processo é orquestrado pelos povos bantu, que por ora caracterizado como passivo a violência da escravidão, mas que diante dessa grande referência percebemos que os bantu construíram seus movimentos genuínos e que conformavam o posicionamento estratégico e ativo, quanto à dominação, seja pela rainha Nzinga em Angola, ou por Ganga Zumba no Brasil.

Através da análise dos quilombos, como reino negroafricano, vamos perceber que aqueles por ora escravizados, buscaram formas de se organizar enquanto nação, empregando seus saberes ancestrais e civilizatórios experienciados antes da maafa, é preciso entender que a África vinha construindo seus próprios conceitos de desenvolvimento marcado pelo seu berço, e por isso, Palmares vai ser a exemplificação mais conhecida que temos a mão para explicar essa lógica.

Em Palmares, viveu-se um exemplo único de organização político-social de quilombo nas Américas, ali havendo roças coletivas para abastecer a comuna, roças individuais dos lotes distribuídos para cada família, organização social ético-estética liderada pelo chefe do conselho de comunidades, ressaltando que a produção econômica era comunal e garantia da socioexistência. (NICOLIN, 2007, p.61)

A doutora Janice Nicolin nos afresca que a organização de Palmares se dava em suas relações políticas, sociais e econômicas, onde se tem uma relação entre o individual e coletivo, a distribuição da terra entre as famílias e o fortalecimento do comunitário sendo representado pela associação instituída no assentamento.

Quanto à distribuição socioespacial, Janice Nicolin, aponta que:

A topografia do espaço palmarino é algo a se apreciar: as casas ficavam juntas, formando um contínuo, com uma praça central e um pátio onde se realizavam os cultos aos deuses africanos; um mercado, a cisterna, oficina, com a forja onde os ferreiros fabricavam armas e outros utensílios, além da residência do líder com sua família. Em Palmares, havia uma cidade específica para treinamento militar, as armas eram feitas em madeira e pedra, e sua localização era afastada do centro comunal, pois sua função era guardar o quilombo. (2007, p. 63)

A estratégia de organização quilombola, muito dialogava com os antigos impérios, entendia-se que a iminência de um ataque poderia fragilizar o território e por isso, a estrutura militar era fortemente planejada, distante do centro onde a vida social, política, econômica e espiritual se mobilizam, e assim garantia força vital proeminente a cosmovisão bantu.

Professor Kabengele Munanga (1996), vai nos dizer que:

Nessa visão de mundo, as noções de “Ser” e de “Força” são inseparáveis e interligadas. Um ser é por definição uma força, daí o caráter dinâmico do ser e da pessoa humana. Toda força pode crescer ou decrescer, tornar-se mais forte ou mais fraca. O crescimento e a diminuição da força vital explicam-se pela lei da interação das forças. Um ser influencia o outro, ou seja, uma força reforça ou enfraquece outra força. (MUNANGA, 1996, p. 62)

Não há uma separação entre a essência do sujeito e a força dinamizada por ele, contudo, o professor vai dizer o que se espera a partir desse culto aos ancestrais, que é capaz de fortalecer o sujeito na busca da conservação e do crescimento constantes da força vital, é a fonte inesgotável da vida e de todas as felicidades.

A espiritualidade coexiste na experiência física do povo escravizado no Brasil, algo inseparável, e por isso ao longo desta escrita, resgataremos o caráter espiritual. Uma vez que os processos de colonização tentaram enfraquecer o sujeito africano destruindo sua conexão espiritual, e lhes oferecendo uma crença nos valores simbólico-culturais que não lhes pertencem. Como pode um deus que não fala a língua do seu povo se conectar verdadeiramente com a totalidade socioexistencial do sujeito.

Continuando, ao levantar os aspectos de formação sócio-organizacional do Quilombo dos Palmares para poder compreender a estrutura do Quilombo Cabula, Dirceu Lindoso (2011), nos permite compreender que a cultura da libertação cria seu suporte econômico - as comunidades mocambeiras e os quilombos baseados no trabalho livre, na poliandria matrimonial e na comunidade de terras agrícolas e agriculturáveis.

A mulher quilombola recebe a função de gerenciar o trabalho livre obrigatório de seus maridos, que por sua vez constrói a subsistência do quilombo, no trabalho com a terra. Diante desse formato de casamento, é possível destacar que as forças patriarcais, que resultam na opressão e dominação feminina se diluem em Palmares, outro ponto é a concepção de família que se contrapõe a família cristã mononuclear do sistema colonial.

O Professor Pedreira (1943) chama nossa atenção para luta de classes brasileira, e numa análise mais contemporânea ainda está pungente nas experiências de vida e morte do povo negro, com isso, não queremos dizer que não havia classes em África, mas destacar o quanto isso vai estruturar o Racismo neste país, e como o povo escravizado vislumbrou uma sociedade possível igualdade racial nos quilombos.

Sociologicamente, a existência dos “quilombos” e “mocambo” é uma prova da luta de classes existente na época do Brasil-Colônia, tratando-se de uma verdadeira luta de oprimidos contra seus opressores (os senhores de engenho), de homens vilmente explorados contra os seus exploradores. (PEDREIRA, 1943, p. 588)

A lógica em torno dos quilombos versa um movimento cultural, mas revela a oposição dos povos negroafricano aos povos de berço nórdico, demonstrando ainda que os mesmos, desde seus primórdios civilizacionais já carregavam as perspectivas inclusivas capaz de aglutinar todos os oprimidos, KabengeleMunanga constata que:

[...] eles [escravizados] transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar. (MUNANGA, 1996, p. 63)

Esse modelo de democracia plurirracial vai demonstrar que os quilombos, não buscavam se isolar dos outros povos, mas manter diálogo e estratégias capazes de resistir às investidas do poder colonial, que se fazem vivas nas estratégias dos movimentos negros. Adotamos o uso do plural como perspectiva para demarcar que são diversos movimentos negros, com ideologias, estratégias e táticas diversas, que de alguma forma lutam por igualdade racial.

Professor Munanga prossegue:

[...] os escravizados africanos e seus descendentes nunca ficaram presos aos modelos ideológicos excludentes. Suas práticas e estratégias desenvolveram-se dentro do modelo transcultural, com o objetivo de formar identidades pessoais ricas e estáveis que não podiam estruturar-se unicamente dentro dos limites de sua cultura. MUNANGA (1996, p. 63).

Percebam que não faz parte do processo evolutivo negroafricano, negar a existência e humanidade do outro, mas sim, ampliar suas conexões com outras culturas com finalidades estratégicas e de aprendizagem, entretanto, política e historicamente, se faz necessário, que, a comunidade negra reforce e reivindique espaços essencialmente negros para tratar sobre suas demandas mais latentes, sem nenhum receio.

Sobretudo os reinos negroafricanoterritorializados no Brasil, ou ainda os quilombos, puderam demonstrar a sociedade brasileira a experiência negroafricana e a potência no combate das desigualdades, onde a opressão e atuação perversa do colonialismo não apagaram os traços ancestrais dos povos raptados da África, muito menos o reduziu ao escravo.

Compreendendo a escravidão como elemento da colonização, que transforma sujeitos em não ser, Frantz Fanon, em seu livro *Condenados da Terra*, nos apresenta um pensamento que expõe como esse sistema de opressão age sobre a personalidade do sujeito submetido a tal violência. E ratifica: “[...] como é uma negação sistemática do outro, uma decisão furiosa de privar o outro de qualquer atributo de humanidade, o colonialismo leva o povo dominado a perguntar-se constantemente: Quem sou eu na realidade?”(FANON, 1961, p.263).

É justamente nessa confusão que o colonialismo entranha suas garras profundamente na psique do escravizado e vai colaborar na justificação de atos que são cometidos por negros contra negros, essa negação de humanidade vai se reverberar no policial negro que aniquila um jovem negro.

Esse desconhecimento de pessoas negras de sua identidade, é um fenômeno crucial para manutenção da opressão de negros e negras, por não se reconhecer no cotidiano o pensamento colonizador que vai definindo e manipulando a existência do povo negro, inferindo nele que tudo o que vivência faz parte daquilo que foi designado para ele, num efeito de controle social, silenciando através da violência.

Somos incisivos ao afirmar que são os efeitos da violência da colonização nas psiques das pessoas negras e em seus descendentes que vão promover a autodestruição, conforme corrobora Ki-Zerbo quando vai falar da maafa, “ele [o escravizado] guardava num canto qualquer de sua alma a marca aniquiladora da escravidão” (KI- ZERBO, 2010, p. 28).

Por isso, reativar a memória ancestral é reconstruir uma psique que foi esfrangalhada ao longo da maafa, nos orienta quando constata que “a escravidão, por mais cruel ou rigorosa rebaixa o papel de humanização do homem, mas não o priva das virtudes da consciência que ele adquiriu em sua longa evolução.” (LINDOSO, 2011, p.98).

Nestas entrelace de contextos, chegamos à conclusão que a memória ancestral resiste em cada negro diaspórico, e que o combate dessas formas de opressão, é possível quando a capacidade de se indignar e lutar não foram adormecidas pelo processo, a escravidão é um passado-presente para o povo negro.

Os quilombos e revoltas negras foram as estruturas que os povos escravizados tinham a mãos para se defender e reexistir na escravidão,

[...] luta pela liberdade dos quilombos era fortalecida pelo poder místico simbólico do muntu, uma vez que, até o final do século XVIII, a territorialidade africana era constituída por povos Bantos, e só depois chegaram outros povos dos contínuos Nagô e Jeje. (NICOLIN, 2007, p.62).

Mais tarde, nas primeiras décadas do século XIX, outras estruturas de revoltas e insurgências negras ganham força com os nagôs, em ambos os casos, os negros africanos de várias origens reagiram com a elaboração de um projeto étnico-racial africano de nação e mecanismos de insubordinação a violência que lhe fora imposta, sendo o aquilombamento um caminho exposto para um resgate ancestral.

Schwartz (1987, apud Gomes, 1995, p.27) afirma que havia mocambos [quilombos] em todas as áreas da Capitania baiana. As regiões de Camarogipe, Cachoeira, Iguape, Maragogipe, Jaguaripe, Porto Seguro, Cairú, Jacuípe, Camamu, Jacoruna, Rio das Contas, Jacobina, Geremoabo, Rio Vermelho, Itapicurú, Rio Real, Sergipe do Conde, Vila de São Francisco e Ilhéus, tanto no Recôncavo, próximo de Salvador, quanto em regiões mais interioranas, eram áreas com reconhecida tradição de constituição de comunidades quilombolas.

Os quilombos como um projeto étnico-racial africano de nação vão se fazer presentes em todos os territórios da Bahia, onde ainda hoje é possível identificar diversas comunidades rurais e algumas urbanas que ainda propiciam manter vivas as experiências de quilombo.

Um levantamento de 2017 que identifica comunidades a partir da Fundação Palmares, apenas naquele ano 736 comunidades foram reconhecidas como remanescentes de quilombos, entretanto, este número pode ser bem maior, uma vez que faltam estudos, interesse político para identificação e reconhecimento destes territórios, além do enfrentamento da especulação e pilhagem de terras.

Em Salvador, no século XVIII e XIX, os quilombos notabilizam-se pela sua organização e capacidade de resistência, gerando grande preocupação ao poder vigente. Estes quilombos distribuídos no território demonstram certa proximidade aos centros urbanos conforme a figura abaixo:

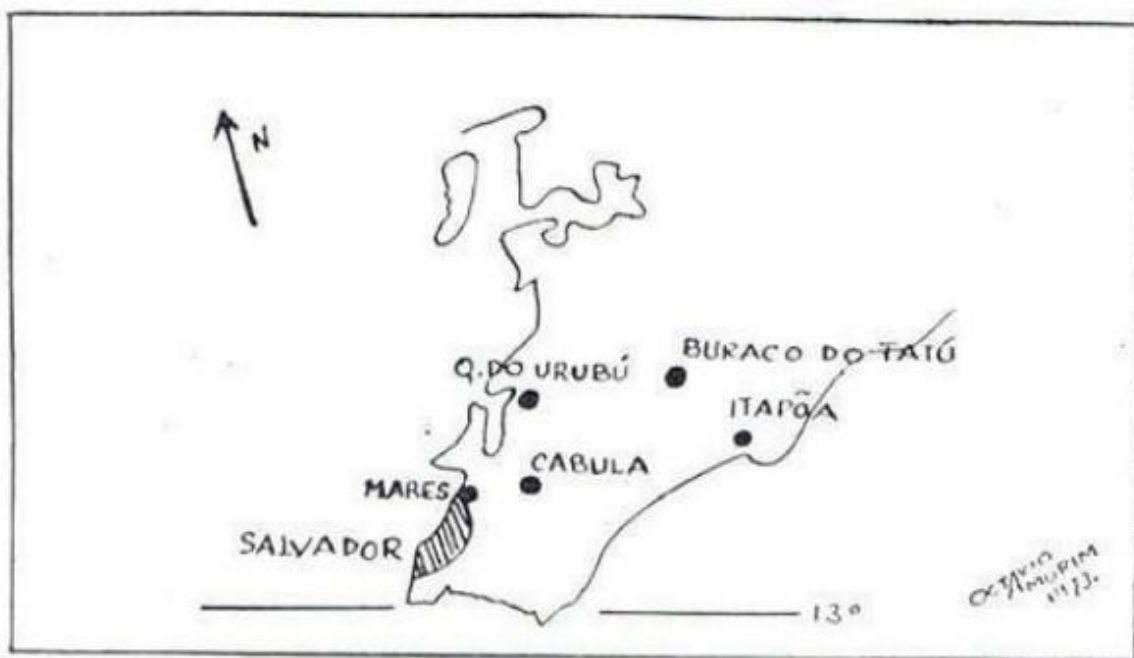


Figura 2 - Quilombos da cidade do Salvador nos séculos XVIII e XIX Fonte: PEDREIRA (1973, p. 581)

Segundo, Costa:

Os jornais noticiavam os muitos quilombos que se formavam longe e nos arredores da cidade, assim como a preocupação, não só dos poderes públicos, como de toda a sociedade, com relação à ameaça que estes “ajuntamentos de negros fugidos” representavam a ordem vigente. (2018, p. 36-37).

O poder da época tentou resumir a semântica de quilombo, em apenas “reduto de escravos”, entretanto, essa disputa de conceito permite entender que poderiam se caracterizar como comunidades rurais, que construíam e mantinham organização social, cultural e espiritual, a entender o que se tem sobre Angola Janga e características encontradas nas mais recentes

pesquisas sobre os territórios quilombolas, aqui buscaremos um entendimento, a partir do Quilombo Cabula, sem nenhuma tentativa de ser última.

Os negroafricano que formaram o Quilombo Cabula eram dos povos bacongo e ambundo, originários do Império do Congo e do reino do Ndongo. Segundo a professora e pesquisadora etnolinguística Dra. Yeda Castro (2001), o termo cabula / kimbula é uma palavra de tronco linguístico bantu das línguas kikongo.

Janice Nicolin ao historicizar sobre o Quilombo Cabula, vai nos dizer que:

[...] o Cabula, até o século XIX, abrigava em suas matas vários pousos e roças constituintes de uma comunalidade plantada por africanos rebelados contra a escravização e o colonialismo, embora este dado fosse ocultado pela Razão de Estado colonial e imperial da época. Nas matas do Cabula, estavam os mais valentes e fortes guerreiros que batalharam arduamente, derramaram sangue e plantaram o sentido de luta contra a servidão voluntária, contra a aceitação passiva de escravizados. (2007, p.56)

O Quilombo Cabula foi no passado a representação territorial do reino negroafricano, e hoje ocupa o lugar simbólico do território de resistência, uma vez que se opôs frontalmente ao colonialismo e estabeleceu a comunalidade negroafricana com participação dos povos originários Tupinambás que habitavam nessas terras antes da invasão portuguesa.

Salientamos que a experiência pluricultural entre povos originários e os negroafricano foi possível, porque os valores étnico-culturais permitiam um diálogo entre si com respeito, e do reconhecimento que enfrentavam um inimigo comum, o que hoje também compreendemos que continua com este status quando falamos da minoria em direitos.

O Cabula foi palco de intensas batalhas orquestradas por africanos e, “[...] considerado o mais temido pela polícia provinciana” (NICOLIN, 2007, p. 59). Contudo, é na força espiritual, que o Cabula amplifica sua ancestralidade, para os povos Bantu, a mata é este lugar de entendimento e reconexão, a região era reconhecida por densas matas que hoje vem se reduzindo aos efeitos da especulação imobiliária e da ocupação desordenada.

A visão dos Bantu nos leva a compreender que adentrar as matas é um ritual sagrado, é andar sobre os passos dos ancestrais e ouvir as forças míticas dessa ancestralidade, é tirar o sopro de vida, é visitar o “*makulu*”- biblioteca, onde tudo é possível encontrar.

Através dessa memória com as matas, e a possibilidade de se reencontrar, enquanto humano, é reconstruir sua dignidade enquanto sujeito, duas vertentes se ascendem para simbolizar esse reino negroafricano,

[...] o sentido de poder mítico-simbólico de lutar – a realeza e a religiosidade; a realeza refere-se ao homem ancestral, o rei da nação, o fundador do império, já a religiosidade refere-se à entidade cultuada por este homem, o orixá para os Nagôs, inqice para os Bantos e o vodum para os Jejes. (NICOLIN, 2007, p.60).

Quando negros evocam sua realeza, revela que sentir-se rei, é sentir-se sujeito de dignidade, de humanidade, e por isso, jamais a passividade foi característica do povo africano e afrodiaspórico, a religiosidade é o alimento da existência, o homem branco se utilizou a proibição desta e atualmente persegue as iniciativas e organizações de religiosidade de matriz africana, por compreender que esse é um movimento ontológico e genealógico do negroafricano.

Estando mais distante do núcleo urbano, pode se organizar e construir a comunalidade “cabuleira”, ou seja, “a manifestação da arkhé ancestral coletiva plantada no lugar reatualizando os valores que fortalecem a coexistência”. (NICOLIN, 2007, p. 69).

Assim, negroafricano constroem suas habitações, fazendo a ocupação das terras do Cabula e manifestando sua religiosidade, através dos cultos aos ancestrais: batuques, danças, aos objetos sagrados e alimentos, principalmente favorecendo o fortalecimento dos vínculos sociais comunitários africanos.

A resistência quilombola do Cabula como um constructo ancestral bantu permeada pela presença indígena tupinambá, se amplia com a chegada dos iorubás, o que vai definir a organização político-social desse território na contemporaneidade.

É prudente e respeitoso levantar a hipótese de que bem antes disso os quilombolas já nutriam sua força mítico-sagrada, e esses eram de natureza bantu, essa ressalva é estabelecida para diferenciar o pioneirismo da institucionalização, assim, não incorremos no erro de minimizar a contribuição ativa dos bantu na comunalidade cabuleira sob essa e outras perspectivas.

Antes de continuar essa trajetória histórica sobre o Quilombo Cabula, vamos construir uma reflexão sobre o que é o Cabula, e como ele coexiste com as novas delimitações da contemporaneidade, sobretudo, vamos elaborar o Cabula como uma região que ocupam aquilo que Fernandes (2000) nomeia como o miolo de Salvador, devido sua posição diante do mapa da cidade.

As características atuais do território cabuleiro, vão tomando a forma atual a partir de 1940, até então, era chamado genericamente de Cabula, embora outros lugares específicos já

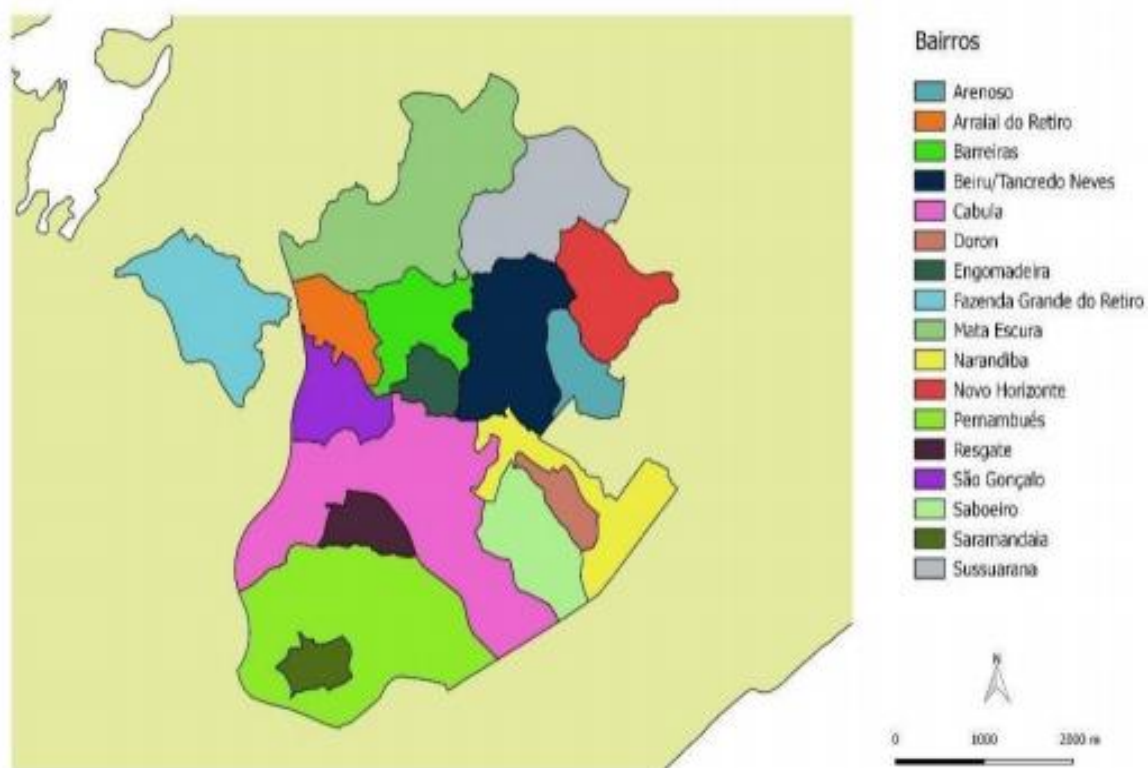
pudessem ser identificados como tal, sendo que a ampliação da população e a expansão da ocupação vão se definindo através de áreas particulares e seus respectivos nomes.

Concordamos com ALMEIDA (2007), quando este reflete sobre o processo de ocupação do Cabula, ordenada pelas forças do estado:

A dinâmica de ocupação do Cabula foi baseada numa razão instrumental, vinculada às necessidades cegas das forças econômicas em marcha, que desprezaram as dimensões pessoais da população que vivia na região e da que viria a morar, bem como seu meio ambiente. Podemos contrapor assim uma territorialidade ancestral do Cabula, fincada em raízes quilombolas, a uma nova dinâmica de territorialidade - ou deveríamos falar em dinâmica de desterritorialização? – cuja expressão máxima é a transformação do espaço em grandes conjuntos habitacionais. (ALMEIDA, 2007, p. 127).

De acordo com a compreensão construída pelo projeto Turismo de Base Comunitária-TBC que vai indicá-lo como a reunião de 17 bairros, sendo um deles chamado Cabula também. Os bairros de: Arenoso, Arraial do Retiro, Beiru, Cabula, Doron, Engomadeira, Estrada das Barreiras, Fazenda Grande do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambués, Resgate, Saboeiro, Saramandaia, São Gonçalo do Retiro e Sussuarana que configuram a área de atuação do projeto TBC, o desenho deste território foi construído pela história oral e que ilustramos no mapa abaixo:

Turismo de Base Comunitária no Cabula e Entorno



MAPA 3 - Poligonal do projeto TBC. Fonte: PENA. 2016. Mapa Área do Quilombo Cabula.

Essa definição nos orienta a observar que, embora os imperativos do estado, a urbanização e a especulação imobiliária, tenham redesenhado o território do Quilombo Cabula, esse conjunto de bairros formam um conglomerado negro, que mantém de forma mais ou menos intensa, sua relação com a cultura negroafricana e sua comunidade.

O Cabula emerge como uma narrativa, a partir do elemento fundador “quilombo”, ao que se sabe as terras do Cabula estavam no eixo rural da cidade, que era pouco habitada devido a extensão de matas fechadas, tabuleiros e vales, o que propiciou a formação do quilombo.

De acordo com Reis (2008), vale destacar que no Quilombo Cabula existia a grande liderança e sacerdotisa Nicácia da França, condenada como feiticeira quando as forças coloniais investiram na destruição do quilombo, por isso inferimos que os povos que antecederam no território mantinham suas tradições sagradas vivas e, isso foi percebido e identificado pelo poder colonial, a ponto de gerar uma condenação específica para a líder religiosa.

Os terreiros, como uma construção africana, de aspecto político-religioso, foi outra estrutura definidora da experiência comunitária do Cabula, conforme já apontamos a religiosidade, o culto aos ancestrais inquices e voduns garante o elo ontológico de vida do sujeito. Esses elementos reverberam até hoje ao apontarmos o número de centros religiosos espalhados por todo território, o que corroboram com a tese que essa vivência espiritual não se desassocia do negroafricano.

As comunidades religiosas, ou comunidades-terreiros, se estabelecem no pós-abolição, tendo os nagôs instaurado o axé, inicialmente e após os bantu fincarem a força vital, este dado, ligado a fundação das mais antigas casas existentes no território, o Ilê Axé Opô Afonjá, casa de tradição Ketu construído por Mãe Aninha que data 1910, e o Terreiro Bate-Folha de nação Congo-Angola, fundado por Tata Manoel Bernardino da Paixão, em 1916.

A dispersão de terreiros no território do Cabula demarca ainda, o papel de construção social, histórica, econômica e de bem viver, o Ilê Axé Opô Afonjá e o Terreiro Bate-Folha são emblemáticos espaços de reafirmação de valores afrocêntricos.

Pensando no âmbito social e na luta por direitos, o Terreiro Bate-Folha abrigou dentro de suas terras a Escola São Lázaro, que foi a primeira do bairro da Mata Escura, o terreiro além de fomentar a urbanização, uma vez que a comunidade construiu casas em seu entorno formando a estética hoje encontrada, a própria comunidade relata ainda, que bem antes da formalização já era terreiro e por isso, resguardava toda a força dos ancestrais, segundo relato dos moradores, presente no documentário 100 anos de Bate Folha (2020).

Preocupados com a construção de identidade da juventude negra do bairro, o Terreiro Bate-Folha realiza diversas ações de mobilização social, a exemplo, dos Agentes de Negritude, um projeto de formação e (re) criação de laços históricos e pertencimento na Mata Escura, que busca o fortalecimento étnico e valorização da negritude como forma de manter vivo não somente a tradição, mas colaborar na politização e formação dos jovens.

Nesse âmbito é possível encontrar alguns outros no território que atuam nesta perspectiva, como o Cajado de Prata no Beiru que oferece aulas de artes, esportes e alfabetização voltadas para crianças.

No Bate Folha, ainda se destaca sua extensão, sendo considerado um dos maiores do Brasil, possui 15 hectares de Mata Atlântica no perímetro urbano, sendo responsável pela

preservação do bioma na cidade. Tarefa árdua devido às invasões e esgotos jogados nas bacias que cortam seu território.

O Ilê Axé Opô Afonjá, desde sua existência é marcada pelo pioneirismo e pela visão de futuro, “da porteira pra dentro, da porteira pra fora”, expressões de territorialidade da tradição nagô usada por Mãe Senhora, Osun Miuwá, IyalorisánilêAséOpó Afonjá, que se referia ao que Narcimária Luz define a porteira para dentro como a:

[...] continuidade dinâmica e ininterrupta da prática litúrgica e ritual, seus valores, linguagem, hierarquias. É o espaço e o tempo onde se dá a mobilização do axé, que garante a perenidade do mundo, da existência. (...) Da porteira pra fora se refere aos contatos com o mundo exterior à comunidade, para onde se irradia suas diversas dimensões culturais, e que estabelecem uma relação dinâmica e dialética que promove mudanças históricas excepcionais. (2000, p. 70)

Essa consciência de territorialidade intrínseca permite perceber o Ilê Axé Opô Afonjá como um espaço de reafirmação da humanidade africana, seja pela função religiosa em si, mas também pelos outros espaços de formação, preservação e difusão da memória daquela comunidade e da história dos africanos no Brasil.

Quanto a experiência educacional, destacamos a Mini Comunidade Oba Biyi criada em 1976 por Mestre Didi Axipá, filho de Mãe Senhora, Iyalorixá da comunidade-terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, segundo Nicolin (2014), a experiência:

[...]desdobrou-se por dinâmicas pedagógicas contextualizadas por contos da tradição nagô, valorizou a cultura ancestral africana e ergueu na Bahia, no Cabula, a primeira experiência de educação pluricultural das Américas. (NICOLIN, 2014, p 190)

A Mini Comunidade Oba Biyi manteve suas atividades até 1986, quando passa a administração para a Prefeitura de Salvador, tornando-se Escola Eugênia Anna dos Santos, municipalizada em 1998 onde é ensinado o Iorubá e História da África - bem antes da implementação da Lei 10.639/2003.

A Mini Comunidade Oba Biyi, é uma experiência exitosa de educação com valores da tradição africana e uma pedagogia afrocêntrica, portanto, uma educação pluricultural capaz de expandir uma nova linguagem pedagógica, e ainda possui a Biblioteca Ikojppo Ilê Iwe Axé Opô Afonjá, fundada em 1996.

O Museu Ilê Ohum Ilailai, fundado em 1981 que mantém a memória viva da nossa história, e a Casa de Alaká pensada por Mãe Stella de Oxóssi para que pudesse preservar essa prática ancestral de feitura manual do pano da costa, sendo um dos três terreiros da Bahia que ainda possuem o tear voltado a essa confecção, constituindo o caráter de continuidade, mas também fomenta a sustentabilidade econômica do Ilê, através dessa atividade, produz, gera trabalho e renda aos trabalhadores envolvidos na atividade.

Nessa iniciativa de tecelagem, destaca-se também o Ilê Axé Iboro Odé, sob a coordenação do líder religioso Dimas Santos, que colabora na manutenção da técnica milenar, objetivando desenvolver o potencial artístico e resgatar um artesanato ancestral da cultura afro-brasileira, com um investimento ainda na formação de tecelões e geração de trabalho e renda.

Ainda nesta linha de promoção de atividades econômicas alinhadas a preservação da cultura negra, o trabalho de pesquisa desenvolvido pela Mestra Makota Damuraxó Itana Neves do Terreiro Viva Deus na Estrada das Barreiras com o bordado “barafunda”, onde resgatou 40 tipos de pontos tradicionais da cultura Bantu e repassou essa técnica às artesãs e artesãos, iniciando com roupas de candomblé para os terreiros da Bahia, mas também jogos de mesa, capa para almofadas, guardanapos e outros itens utilitários.

Percebe-se uma articulação com os órgãos públicos, editais e financiamento privado para manutenção das atividades, apesar desse papel e esforço para atendimento da comunidade e fortalecimento das ações sociais, obviamente esses espaços comunais, sofrem com a intolerância religiosa. Entretanto, se reafirmam através do serviço histórico que vem oferecendo às comunidades.

Para endossar, nos referenciamos a pesquisa de Santos (2008) e Reis (2016), onde há um mapeamento detalhado de espaços religiosos localizados no Quilombo Cabula, dados que permitem de realizar inferências sobre a presença negra no território e ainda formular sobre a importância das Comunidades - terreiros, casas, roças na organização socioespacial, pensando muito de como esses espaços também expandiram suas ações para além do âmbito religioso, mas como espaço de fortalecimento da humanidade e dignidade.

Nesta pesquisa não foi possível destacar os múltiplos projetos desenvolvidos em cada terreiro, mas a expressiva quantidade aponta para a construção comunal e sua contribuição.

Quadro 3 - Terreiros localizados na região do Quilombo Cabula

Nº	NOME	RELIGIÃO	NAÇÃO	FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
1	Terreiro Tologi	Candomblé	Alaketo	1973	CABULA
2	Ilê Axé Obá Xietã	Candomblé	Alaketo	1934	MATA ESCURA
3	Ilê Relíquia de Ogum OjunOrum	Candomblé	Alaketo	1989	PERNAMBUEÍS
4	NsumbuTambulaDicolia Meia Dandalunda (Terreiro São Roque)	Candomblé	Amburaxó Angola	1943	BEIRU
5	Gonxiá de ObaluaêMuncombo	Candomblé	Angola	1987	A. DO RETIRO
6	AzilôKasangi Raiz de Omim Silê	Candomblé	Angola	1977	BEIRU
7	Centro de Boiadeiro	Candomblé	Angola	1989	BEIRU
8	Funanji Filho	Candomblé	Angola	2002	BEIRU
9	Terreiro Tumbeci	Candomblé	Angola	N. informado	BEIRU
10	Centro de Giro Jubiabá	Candomblé	Angola	1977	CABULA
11	Terreiro AdêIzô	Candomblé	Angola	1990	CABULA
12	Terreiro Yndequenã	Candomblé	Angola	1994	CABULA
13	UnzoBakiséSasaGanzuaGongaráKaiango	Candomblé	Angola	1995	CABULA
14	Centro Sultão das Matas	Candomblé	Angola	1988	ENGOMADEIRA
15	Terreiro Viva Deus	Candomblé	Angola	1946	E. BARREIRAS
16	Terreiro ile axeAlaketu Ogum Jaremim	Candomblé	Angola	2008	E. BARREIRAS
17	Terreiro Yemanjá Ogum Té	Candomblé	Angola	1936	F. G. DO RETIRO
18	Terreiro de Oxósi	Candomblé	Angola	1954	F. G. DO RETIRO
19	Terreiro MocôImbira	Candomblé	Angola	1964	F. G. DO RETIRO
20	MametoKecimbi Folha de Amací	Candomblé	Angola	1979	F. G. DO RETIRO
21	Onzo Congo Mutalombó de Unzambe	Candomblé	Angola	1980	F. G. DO RETIRO
22	Terreiro Kaiango Filha de Atombenci	Candomblé	Angola	1992	F. G. DO RETIRO
23	Terreiro Kaiala Bisneta Dagoméia	Candomblé	Angola	1998	F. G. DO RETIRO
24	Terreiro Bate-Folha	Candomblé	Angola	1916	MATA ESCURA
25	Auxiliar Sultão das Matas Virgens	Candomblé	Angola	1962	PERNAMBUEÍS
26	Orobê	Candomblé	Angola	1974	PERNAMBUEÍS
27	Terreiro de Oxum	Candomblé	Angola	2002	PERNAMBUEÍS

28	Kakurakaia	Candomblé	Angola	2003	PERNAMBUEÉS
29	UnzóOyáSidã	Candomblé	Angola	2004	PERNAMBUEÉS
30	Sessão de Giro	Candomblé	Angola	1976	SÃO GONÇALO
31	Seman de Ungambi	Candomblé	Angola	1974	SUSSUARANA
32	Ilê Axé LodominAjô	Candomblé	Angola	1979	SUSSUARANA
33	Terreiro Ogum Oýa	Candomblé	Angola	1981	SUSSUARANA
34	Tumba Jussara	Candomblé	Angola	1983	SUSSUARANA
35	Kafungê	Candomblé	Angola	1985	SUSSUARANA
36	Terreiro KaiayaKesicongo	Candomblé	Angola	1991	SUSSUARANA
37	Terreiro Viva Deus Filho	Candomblé	Angola	1951	ENGOMADEIRA
38	Terreiro Zazi Congo Angola	Candomblé	Angola	1993	SABOEIRO
39	Terreiro Santa Barbara	Candomblé	Caboclo	-	E. BARREIRAS
40	Centro de Caboclo Sultão das Matas	Candomblé	Caboclo Jêje	1989	SÃO GONÇALO
41	Terreiro de Ijeajé De Oiá	Candomblé	Jêje	1989	PERNAMBUEÉS
42	Centro do Caboclo Tupiniquim	Candomblé	Jêje	2001	SUSSUARANA
43	Centro Senhor Sultão das Matas	Candomblé	Jêje	2002	SUSSUARANA
44	Caboclo Zumbi	Candomblé	Jêje Angola	2001	SUSSUARANA
45	Ilê Axé Deleomim	Candomblé	Ketu	1965	ARENOSO
46	Ilê Axé Omim Togum	Candomblé	Ketu	1977	ARENOSO
47	Ilê AxêEugi Loia Omim	Candomblé	Ketu	1979	ARENOSO
48	Ilê AxêOrumilar	Candomblé	Ketu	1986	ARENOSO
49	Terreiro Luandéí	Candomblé	Ketu	1989	ARENOSO
50	Oya Filha de Roxinorê Filha do Terreiro Santa Cruz	Candomblé	Ketu	1997	ARENOSO
51	Ilê Axé LofanDemin	Candomblé	Ketu	2002	ARENOSO
52	Terreiro Olufanjá	Candomblé	Ketu	1969	BEIRU
53	Ilê Axé PandamimBomifá	Candomblé	Ketu	1978	BEIRU
54	Ilê Axé OfanOnisidé Omim	Candomblé	Ketu	1981	BEIRU
55	Ilê Axé FiliBomim	Candomblé	Ketu	1992	BEIRU
56	Ilê Axé Mojarê	Candomblé	Ketu	1998	BEIRU
57	Sessão de Giro	Candomblé	Ketu	2000	BEIRU
58	Terreiro Oya Omim Olorum	Candomblé	Ketu	2001	BEIRU
59	Ilê Axé Anjualé	Candomblé	Ketu	2005	BEIRU

60	Ilê Axé YáGemiodé	Candomblé	Ketu	1981	CABULA
61	Odé OminIfan	Candomblé	Ketu	1995	CABULA
62	Ilê Axé Tunadení	Candomblé	Ketu	1996	CABULA
63	Ilê YáYalodeidé	Candomblé	Ketu	1996	CABULA
64	Sessão de Giro	Candomblé	Ketu	2000	CABULA
65	Ilê Axé Yepomin	Candomblé	Ketu	1953	ENGOMADEIRA
66	Ilê Ogum Omim Ayê	Candomblé	Ketu	1983	ENGOMADEIRA
67	IbáOjiTundê	Candomblé	Ketu	1982	E. BARREIRAS
68	Terreiro de Ajaguna	Candomblé	Ketu	1956	F. G. DO RETIRO
69	Ilê Axé OminOkê	Candomblé	Ketu	1960	F. G. DO RETIRO
70	Ilê Axé Locir	Candomblé	Ketu	1961	F. G. DO RETIRO
71	Ilê Axé Undé Omim Nadiré	Candomblé	Ketu	1966	F. G. DO RETIRO
72	Ilê Axé Ominidê	Candomblé	Ketu	1974	F. G. DO RETIRO
73	Terreiro de Ogum Rei de Catimborê	Candomblé	Ketu	1974	F. G. DO RETIRO
74	Ilê Axé Oiá Larê	Candomblé	Ketu	1979	F. G. DO RETIRO
75	Centro do Caboclo Araribóia	Candomblé	Ketu	1989	F. G. DO RETIRO
76	OrissumNanJkwê	Candomblé	ketu	1989	F. G. DO RETIRO
77	Terreiro Dandalunda	Candomblé	Ketu	1992	F. G. DO RETIRO
78	Ilê Axé Oni Obá	Candomblé	Ketu	1995	F. G. DO RETIRO
79	Ilê Axé MocirBoiá Raiz de Monajá	Candomblé	Ketu	1996	F. G. DO RETIRO
80	Não Informado	Candomblé	Ketu	1996	F. G. DO RETIRO
81	Ilê Axé OminLará Odé	Candomblé	Ketu	1947	MATA ESCURA
82	Terreiro das Águas Claras	Candomblé	Ketu	1961	MATA ESCURA
83	Ilê AxéEpóAgodó	Candomblé	Ketu	1966	MATA ESCURA
84	Terreiro de Tupinambá	Candomblé	Ketu	1986	MATA ESCURA
85	Ilê Axé Airá Dagomim	Candomblé	Ketu	1990	MATA ESCURA
86	Ilê Axé Oya Dé	Candomblé	Ketu	1992	MATA ESCURA
87	Ile Axé Mawud	Candomblé	Ketu	1999	MATA ESCURA
88	Ilê Axé Oyakayodê	Candomblé	Ketu	1991	NARANDIBA
89	Ilê Axé OyáOmi Fará	Candomblé	Ketu	1999	NOVO HORIZONTE
90	Ilê Aláakorê Ase Omi	Candomblé	Ketu	1956	PERNAMBUEÍS

91	Terreiro de Obirijenan	Candomblé	Ketu	1960	PERNAMBUEÍS
92	Ilê Axé Ninfá	Candomblé	Ketu	1966	PERNAMBUEÍS
93	Ilê Axé Opô Jimum	Candomblé	Ketu	1966	PERNAMBUEÍS
94	Com Deus e as Águas	Candomblé	Ketu	1968	PERNAMBUEÍS
95	Não Informado	Candomblé	Ketu	1969	PERNAMBUEÍS
96	Terriro Omoloyá	Candomblé	Ketu	1986	PERNAMBUEÍS
97	Ilê Axé Kawrí N'lá	Candomblé	Ketu	1993	PERNAMBUEÍS
98	Ilê Axé Jaomim Omo Danida	Candomblé	Ketu	2004	SABOEIRO
99	Ilê Axé Opô Afunjá	Candomblé	Ketu	1910	SÃO GONÇALO
100	Ilê Axé Odê Bomim	Candomblé	Ketu	1975	SÃO GONÇALO
101	Terreiro Iganlemin	Candomblé	Ketu	1976	SÃO GONÇALO
102	Ilê Axé Ogum Odé	Candomblé	Ketu	1987	SÃO GONÇALO
103	Ilê Jobe Omim	Candomblé	Ketu	1993	SÃO GONÇALO
104	Ilê Axé Odê Omim Losi	Candomblé	Ketu	1999	SÃO GONÇALO
105	Ilê Babá Odé	Candomblé	Ketu	1947	SUSSUARANA
106	Ilê Axé Odor Bogy	Candomblé	Ketu	1967	SUSSUARANA
107	Casa Lassum Amazi	Candomblé	Ketu	1972	SUSSUARANA
108	Ylê Axé Babá Malembá	Candomblé	Ketu	1972	SUSSUARANA
109	Ilê Axé Ominijá	Candomblé	Ketu	1974	SUSSUARANA
110	Ilê Axé Ninfa Omi	Candomblé	Ketu	1976	SUSSUARANA
111	Terreiro de Jibomi	Candomblé	Ketu	1982	SUSSUARANA
112	Ilê Axé Olakeji	Candomblé	Ketu	1985	SUSSUARANA
113	Ilê Axé Talakenã	Candomblé	Ketu	1992	SUSSUARANA
114	Ilê Axé Jezubum Santa Cruz	Candomblé	Ketu Angola	1940	ARENOSO
115	Ilê Axê Jezebum Santa Cruz	Candomblé	Ketu Angola	1940	ARENOSO
116	Ilê Axé Iyaomiré	Candomblé	Ketu Angola	1987	BEIRU
117	Ilê Axé Kafunji Odé Lefunji	Candomblé	Ketu Angola	1971	ENGOMADEIRA
118	Não Informado	Candomblé	Ketu Angola	1986	SUSSUARANA
119	Centro Caboclo Eru	Candomblé	Ketu Angola	1988	SUSSUARANA
120	Centro de Obaluaê	Candomblé	Ketu Angola	1995	SUSSUARANA
121	Não Informado	Candomblé	Ketu Jêje	2002	SUSSUARANA
122	Ilê Axé Ebí Oka Okiká	Candomblé	Nagô Vodum	1963	CABULA

123	Casa de Tiratema	Candomblé	Nagô Vodum	1944	PERNAMBUEÍS
124	Centro Mensageiro da Paz	Umbanda	Umbanda	1986	CABULA
125	Casa de Lua Cheia	Umbanda	Umbanda	1977	CABULA
126	Centro de Umbanda Juriti	Umbanda	Umbanda	1980	CABULA
127	Centro Casa de Mesa Branca Raio de Sol	Umbanda	Umbanda	1997	CABULA
TOTAL:	Centro de Umbanda	Umbanda	Umbanda	1956	PERNAMBUEÍS

CANDOMBLÉ: 122 UMBANDA: 05

NAÇÕES DO QUILOMBO CABULA			
NAÇÃO	QTE	NAÇÃO	QTE
KETU	68	ALAKETO	3
ANGOLA	33	AMBURAXÓ ANGOLA	1
KETU ANGOLA	7	CABOCLO JÊJE	1
UMBANDA	5	JÊJÊ ANGOLA	1
JÊJE	3	KETU JÊJE	1
NAGÔ VODUM	3	CABOCLO	1

Fonte: A autora a partir dos dados: SANTOS, Jocélio Teles dos. **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/>> e REIS, Larissa de Souza. 2016. Novembro de 2020.

O quadro acima, permite identificar as nações existentes no território e, com isso, encontrar as práticas existenciais relacionadas aos povos que ali esteve. Ainda foi possível um desdobramento no Quadro 4 que vai aglutinar os bairros.

Quadro 4: Terreiros por bairro e nação existentes no Cabula			
BAIRRO	QTE POR BAIRRO	QTE POR NAÇÃO	NAÇÕES
ARRAIAL. DO RETIRO	1	1	ANGOLA
ARENOSO	9	7	KETU
		2	KETU ANGOLA
E. BARREIRAS	4	2	ANGOLA
		1	KETU
		1	CABOCLO
BEIRU	14	1	AMBURAXÔ ANGOLA
		4	ANGOLA
		8	KETU
		1	KETU ANGOLA
CABULA	15	1	ALAKETO
		5	ANGOLA
		5	KETU
		1	NAGÔ VODUM
		4	UMBANDA
ENGOMADEIRA	5	2	ANGOLA
		2	KETU
		1	KETU ANGOLA
F. G. DO RETIRO	20	7	ANGOLA
		13	KETU
MATA ESCURA	8	1	ALAKETO
		1	ANGOLA
		6	KETU
NARANDIBA	1	1	KETU
NOVO HORIZONTE	1	1	KETU
PERNAMBUEÍS	17	1	ALAKETO
		5	ANGOLA
		1	JEJÊ
		8	KETU
		1	NAGÔ VODUM
SABOEIRO	2	1	UMBANDA
		1	ANGOLA
SÃO GONÇALO	8	1	ANGOLA
		1	CABOCLO JEJE
		6	KETU
SUSSUARANA	22	6	ANGOLA
		2	JEJÊ
		1	JEJÊ ANGOLA
		9	KETU

		3	KETU ANGOLA
		1	KETU JEJÊ

Fonte: A autora a partir dos dados: SANTOS, Jocélio Teles dos. Mapeamento dos terreiros de Salvador. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/>> e REIS, Larissa de Souza. 2016. Novembro de 2020.

O quadro evidencia a concentração das referências religiosas por bairros que demarcam o desenvolvimento das comunidades cabuleiras. Os bairros:Beiru, Cabula, Pernambués e Sussuarana representam o início das comunidades do Cabula, sendo constituídos com diversidade de nações, mas sempre com a predominância das nações Angola e Ketu.

É importante sinalizar que nos bairros de Saramandaia, Doron e Resgate não possuem identificação de espaços religiosos que representam a salvaguarda de costumes e comunalidades. Em Saramandaia, havia um terreiro criado em 2005, chamado Templo Afro Religioso Ilê Axé Temin Gemin Olorum, que ocupava o local até 2013, quando liberou a área de 245 m², para Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), e num acordo inédito o terreiro é transferido¹ de local, para que pudessem ser instaladas torres de transmissão.

Esse fato, nos chama atenção, porque a ideia de desenvolvimento alimentada pela sociedade capitalista acaba significando a destruição de espaços religiosos e culturais, desocupam famílias, especulam e gentrificam os territórios e fomentam a desigualdade social. Essas desocupações quase nunca permitem um recomeço justo e em condições dignas.

Retomando a análise desse panorama, possibilitar inferir que realmente se trata de um povo altamente religioso, mais uma vez corroborando essa conexão ancestral e que o fator religioso caminha na comunalidade africana cabuleira, que já foi amplamente explanado com dados do presente e passado.

A própria palavra “Cabula” vai se referir a um antigo culto africano-brasileiro, mas que tem sua origem etimológica bantu, tudo isso para inferir, que seja bantu ou iorubá, não se separa a vida, a religiosidade e a ancestralidade como uma caminhada integrada e contínua entre o Duílo (Orun) e o Mungongo (Aiyê).

Muitos historiadores apontam que a economia dos quilombos era parasitária, ou seja, baseada em furtos e roubos, entretanto, essas comunidades estavam numa “guerra não declarada” contra o sistema colonial e escravagista. Outro ponto que não se pode deixar de inferir é que, muitos desses escravizados eram explorados em lavouras, dominavam conhecimentos de tratar a

¹<https://www.mpba.mp.br/noticia/27805>. Acesso em 22/09/2020.

terra, alguns se integravam como se fossem homens livres. Deduzir que não se produzia nada nestes locais quando estabeleciam um pouso fixo e menos ataques das forças pra coloniais, serve apenas para alimentar a construção social racista do “negro preguiçoso” que perdura e influencia as relações até o dia de hoje.

Demarcamos que o objetivo de construção de comunidades autossustentáveis permeou os esforços dos escravizados e escravizadas, quando em sua resistência se estabeleciam em quilombos, concordamos com Gomes (1995), quando este se contrapõe a Schwartz (1987), ele prossegue:

As características da economia quilombola eram complexas e variadas. Os quilombolas procuravam manter uma extensa rede de solidariedades com taberneiros, escravos e pequenos lavradores próximos na tentativa de se integrar à economia local, através de trocas e comércio dos excedentes produzidos nos seus mocambos. (GOMES; 1995)

Com isso, ao pensarmos que no Cabula, além das terras férteis que permite supor que era possível o cultivo de pequenas roças, a coleta nas árvores frutíferas, a prática da caça e também da atividade pesqueira, havia também muitos rios e lagoas na localidade. Somando-se ao fato que entre o século o meado de XIX e XX, o lugar vai abrigar sítios e roças de laranja de umbigo e, por fim, o conhecimento acumulado pelos povos africanos que vão se resguardar nesse território, o contexto de vivência que permitia o cultivo, ao menos de subsistência, poderia garantir a sustentabilidade do quilombo.

A comunidade do Cabula vai se configurando por meio de suas áreas ocupadas, que sutilmente se incorporava ao contexto urbano, essa integração se constituía através das relações comerciais e de abastecimento do centro urbano de Salvador.

Ainda sobre os registros realizados sobre o Cabula pelas autoridades da época, apontam para um escravizado de nome Zacarias:

Esse negro também figurou como importante integrante do arraial do Cabula, exercendo o cargo de escrivão e secretário. Escrevendo os possíveis planos de futuras ações da comunidade, em escrita, cujos caracteres foram próprios da sua nação de origem, dificultando assim a decifração pelas autoridades (APEB. Cartas às autoridades, n. 163, ano 1803-1808, fl. 123).

Zacarias é uma personagem cabuleira bem interessante por denotar que alguns escravizados tinham letramento em idioma próprio, e detinham competência

autogestionária capazes de vislumbrar um futuro, além de registrar as organizações para a sustentabilidade do quilombo.

O Quilombo Cabula sofre com incursão das forças coloniais, orquestrada no século XIX, quando em missão secreta com anuência da coroa portuguesa, objetiva a destruição do território quilombola, e dentre os presos está a célebre Nicácia da França, a sacerdotisa que compreendemos como grande conhecedora dos saberes da mata que existia no Cabula, bem como uma guardiã da espiritualidade ancestral.

Apesar da devassa contra o Cabula, a incursão não foi o suficiente para destituir o caráter ancestral desse território, muito menos desmobilizar as forças e comunalidade construída até a violência colonialista, portanto, ousamos pensar que, os que se sacrificaram para que o território resistisse: Nicácia, Simão, Zacarias e outros, foram responsáveis pela continuidade da sacralização do Cabula como território de quilombo, realeza e luta.

Alguns elementos podem ser apresentados para registrar o histórico de resistência e luta na defesa do território da Bahia, “atuação de negros do Cabula associados a índios tupinambás, que atacaram tropas de brasileiros nos sítios do Saboeiro e Mata Escura durante o processo de guerra pela independência da Bahia, em dezenove de dezembro de 1822” (REIS, 2003).

Apesar do levante do Cabula ser creditado, a influência e presença portuguesa, soa-nos muito mais como o preconceito racista que impede de reconhecer a autodeterminação dos povos escravizados. Uma vez, que o sistema colonial se estabelecia a escravização de negros e escravização e servidão de indígena, o processo de autodeterminação e resistência em combate à violência colonial realizada por estes povos, poderiam ocupar-se dos seus próprios interesses, tais como a “humanização” por meio da liberdade, e não da construção do projeto de nação brasileira.

Diante do levante de escravizados, o reverenciado general Pedro Labatut vai ordenar que os participantes fossem brutalmente reprimidos e a condenação culminou no “[...] maior ato de açoitamento e execução aos negros do Cabula”. (Reis, 2003, p.), este autor reafirma que as forças coloniais estariam para sufocar todo e qualquer levante oriundo da negritude, como aconteceu aos nossos heróis da Revolta de Búzios (1798) e Revolta dos Malês (1835).

Nada tão distante das relações que o Estado construiu com o Cabula através das forças militares, seja pela abertura das estradas que colaboraram com a destruição do quilombo, em 1815 - Séc. XIX, seja com a implantação do 19º Batalhão de Caçadores do Exército, em 1943, e a construção do Presídio Lemos de Brito, em 1951 - Séc. XX. O fato é que atualmente nos

confrontamos com as violentas ações de extermínio da juventude negra da comunidade, a lembrar dos 12 jovens negros brutalmente assassinados pela Polícia Militar da Bahia, em 2015 - Séc. XXI, mortes essas comemoradas como “gol” pelo então governador da época, Rui Costa.

Por isso figura no rosto dos seus atuais moradores, forças ancestrais de luta e resistência, para manter suas existências diante da violência histórica com o território, e que na contemporaneidade assume outras características, sem perder a raiz fundante que é o racismo.

Assim resistem à especulação imobiliária que assola e empurra o povo negro do território para um processo de gentrificação, o Cabula vive e resiste, a pesquisadora Ivana Carolina Alves da Silva Souza (2018) vai nos apresentar uma análise muito interessante dessa resistência na contemporaneidade que ganha contorno de comunidade, fortalecendo as comunalidades cabuleiras construídas através da convivência, que nos permitiram:

[...] constatar que a luta por melhores condições de vida, nessas comunidades, não se restringe ao período dos arraiais quilombolas, pelo contrário, o quilombo resistiu e ainda resiste. As práticas de solidariedade entre os moradores, a exemplo dos mutirões para a construção das casas de taipa, as reivindicações por asfalto, energia elétrica e outros serviços, prática comum nesses bairros até a década de 1990, ainda hoje são realizadas e tomam perspectivas mais ampliadas. (SOUZA, 2018, p.71)

Endossamos que a resistência cabuleira é perceptível, mesmo diante das ações urbanísticas impetradas pelo Estado, mas também pelo crescimento espontâneo oriundo do povo que escolheu essa região para viver e construir suas experiências em Salvador.

Assim construímos o perfil cabuleiro,

Quadro 5: Perfil Cabuleiro	
ELEMENTO	COMPREENSÃO
Quilombo Cabula	Território histórico- simbólico que concentram o valor ancestral e nutrem a energia vital de continuidade e resistência de um povo.
Cabuleiros	Pessoas que moram na região do Cabula, que refletem as referências ancestrais em suas práticas cotidianas.
Comunalidade	A manifestação da arkhé ancestral coletiva plantada no lugar reatualizando os valores que fortalecem a coexistência
Comunidade	As diversas comunidades-terreiro implantaram a comunalidade

	sociocultural do Cabula, o construíram a experiência comunal.
Corpo-Resistência	Pessoas que criam e recriam as lutas pelo território, seja os escravizados dos séculos anteriores, seja os descendentes.
Trabalhadores	Aqueles que mobilizam a economia coletiva cabuleira, através do trabalho e suas iniciativas.

Elaborado pela autora. 2021

Findamos esse capítulo refletindo o que aponta a pesquisadora Janice Nicolin, que vai dando o tônus dessa compreensão sobre o Cabula e que melhor atende os nossos anseios quanto resultados dessa pesquisa, a autora nos brinda:

O Cabula de que estamos falando sobre socioexistência atravessou o curso da história erguida com as experiências vividas pelos ancestrais quilombolas, pelos ancestrais das comunalidades tradicionais que formaram a rede de alianças e implantaram o território político-social africano-brasileiro (NICOLIN, 2007, p. 119).

O quilombo negroafricano Cabula vai resistir na memória, nas formas e modos de se entender o povo negro, ressignifica seus processos civilizatórios diante da maafa, dando impulso para o desenvolvimento do povo negro e ao futuro africano, por isso, andar nos passos dos nossos ancestrais, é reativar a memória africana de existir e conhecer cada detalhe da história e legado roubado, parafraseado José Carlos Limeira, através do poema “*Quilombos*” presente no livro *Atabaques*, 1979, publicado em parceria com o poeta carioca ÉleSemog.:

[...] Por menos que conte a história
 Não te esqueço meu povo
 Se **Cabula** não vive mais
 Faremos Cabula de novo.

...

Já estamos fazendo, porque o Cabula Vive!

3. ECONOMIA COLETIVA

A Professora Janice Nicolin nos apresenta o termo “economia coletiva” despertando muito nosso interesse, realizamos uma busca para verificar como estava sendo tratada essa concepção, como não foi encontrado decidimos construir um conceito que atenda aquilo que ela expressa tão bem em sua atuação.

A economia é tradicionalmente compreendida como um conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas, visando a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços necessários à sobrevivência e à qualidade de vida.

A economia coletiva se apresenta como um novo arranjo dos fazeres econômicos, é transpassada por outros valores, que expressam não somente aquilo que se produziu, distribuiu e consumiu, mas que se afirma como uma prática existencial que vai valorizar os interesses coletivos, sem perder o foco de prosperidade, desenvolvimento e abundância coletiva.

A mobilização de forças para as construções sociais e comunais se configuram como um marcador social para a experiência do povo negro, seja em África, seja nas Américas.

O conceito de Ujamaa – família estendida e/ou economia colaborativa, constitui a forma filosófica e ideológica de fazer economia evocando a perspectiva negra nesse desenvolvimento, entendendo-se quanto à família, a responsabilidade e o fazer econômico é compartilhado.

Produzir para gerar bem-estar social coletivo e desenvolvimento, elaborar técnicas, empregar da força intelectual e física com este intento, é um passo relevante na economia afrocêntrica, por ser negra e coletiva.

Negra, por ser uma das heranças dos povos africanos trazidos para América, que carrega a força do trabalho, por sinal, força utilizada pela colonização com métodos de tortura e desumanização. No entender do colonizador era preciso gerar riquezas e a escravização, o mecanismo que trouxe forçosamente homens e mulheres para gerá-las em terras brasileiras, permitiu inferir qual era a cor do trabalho.

Coletiva, por compreender que as benesses e possibilidades se dão no entrelace com o outro, seja pelo produzir, seja para se fortalecer. Acrescentarmos a perspectiva dita popular às funções de trabalho desempenhadas contemporaneamente, tem sido “ligada” ao povo, uma característica bem interessante nessa categorização, é o fato de trabalhos manuais, ou menos valorizados,

estigmatizados, caracterizados informais serem classificados como populares, conforme os dados do PNAD's (2009) e Cacciamali e Hirata (2005).

Mesmo com toda experiência histórica de violência relacionada ao trabalho escravo, para o povo negro, o trabalho é uma busca do bem-estar e caminhos para a dignidade. Perceba que os discursos mais recorrentes é “possuir um emprego”, não raro nos ônibus, trabalhadores ambulantes recorrem à narrativa de que “não tem emprego, mas trabalho sim”, para demonstrar que aquela é uma forma de garantir a subsistência.

Cabuleiras e Cabuleiros adotam o trabalho como perspectiva de vida, o comércio principal distribuído pelas ruas diretas, as quitandas, vendas, mercearias e casas que produzem bens e serviços, os trabalhadores que circulam a cidade para atuar nas mais diversas funções. Caracterizam um povo, que tem resistido e se reinventa nos fazeres.

Assim, não há um receio ou péssima relação com o trabalho em si, mas as ressignificações do trabalho permitem perceber que o pós-abolição instigou a resistir e reexistir ainda mais tendo o trabalho como força motriz de continuidade, até porque dali para frente, a agenda antinegro orquestrada pelo estado brasileiro se intensifica.

3.1. TRABALHO: SENTIDO E SIGNIFICADO

O trabalho é uma expressão humana capaz de gerar sentido e significado, Arendt (2007) conceitua que:

[...] o trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimentos espontâneos, metabolismo e resultante declínio estão ligadas às necessidades vitais produzidas e fornecidas ao processo vital pelo trabalho. A condição humana do trabalho é a própria vida. ARENDT (2007, p.8).

Sendo assim, a vida humana se institui através do trabalho, o que permite à pessoa construir seu mundo objetivo e a si mesmo enquanto sujeito. O homem possui a força de trabalho por natureza, que só finda com sua morte. Diferente do produto, a força de trabalho não acaba quando o produto termina de ser produzido. Portanto, a força de trabalho é aquilo que Hannah Arendt entende por “labor”. “O labor não deixa atrás de si vestígio permanente”. (Arendt, 2007 p.101)

Na sociedade tradicional africana, todos eram trabalhadores. Não havia outra maneira de ganhar a vida para a comunidade (NYERERE, 1962, p.16). O trabalho sempre foi um elemento

de orgulho para o povo negro, todos os membros sabiam que era seu dever colaborar a partir do seu trabalho na construção do bem-estar coletivo, por isso a participação colaborativa e a distribuição das riquezas produzidas faziam parte da essência africana de comunidade.

É preciso salientar todo o desprezo à vadiagem, segundo Nyerere (1962, p.4) a ideia da ociosidade é motivo de vergonha, tal comportamento é fortemente repudiado por não colaborar dignamente para o crescimento da comunidade e todos deveriam contribuir com suas habilidades, no sentido de ampliar as riquezas e que elas pudessem representar melhorias para os membros da comunidade, ou seja, para o coletivo.

O trabalho imposto aos africanos e seus descendentes nas Américas possui um sentido perverso, pois o trabalho escravo significa a destituição da dignidade do ser humano escravizado que o executa, dentre os imperativos desse sistema violento, está o roubo da riqueza de quem produz e a transferência para os “senhores ociosos”, essa transferência garante a sustentação do *status quo* senhorial, se adequando ao modelo vigente na manutenção da desigualdade.

O caráter de exploração do trabalho forçado violenta e desumaniza quem está por trás das feitura, coopta a liberdade pela apropriação das riquezas produzidas por outrem, se convertendo num método de tortura cruel, no qual todo ancestral negro deste território vivenciou, e, por conseguinte, seus descendentes vivenciam seus resquícios.

Os processos de alforrias e o pós-abolição significaram uma mudança na concepção do trabalho, pela transformação do trabalho escravo em trabalho “livre”, com toda controvérsia que esse trabalho possa apresentar. Os negros não receberam nenhuma reparação, diante dos anos da desumanização impetrada e precisou em meio à maafa secular encontrar formas de sobreviver.

Sucumbidos pela experiência anterior, como escravos de ganho ou ganhadores libertos junto às incertezas da nova realidade do pós-abolição e o aparelhamento da justiça para criminalizar essa “liberdade”, mobilizar seu intelecto e habilidades para garantir a sobrevivência independente do mando do escravocrata e sem nenhuma reparação.

Construir iniciativas, tais como quilombos, irmandades, comunidades e tantas outras formas de organização significaram um movimento muito forte capaz de gerar perspectivas para além da escravidão, por isso, o trabalho negroafricano ocupou toda a estrutura do país que se ergueu sobre o suor negro, sangue africano e indígena, mas que ainda não consegue reconhecer e criar condições dignas de existência desse povo, mesmo no século corrente, o sangue ainda continua a escorrer pelas ações antinegros perpetrada pelo estado.

Ao adentrar nas formas de trabalho negroafricano para entender essa composição e formas de resistência, a primeira situação que destacamos é a ocupação quanto ganhadores, perpassando por suas características e, por conseguinte as irmandades.

Na ocupação de ganhadores se tinha homens e mulheres escravizados, livres ou libertos, que comercializavam e/ou prestavam serviços de caráter manual, mas que exigiam uma habilidade, os escravizados deveriam pagar uma quantia aos senhores, em data e valor pré-fixados.

Desse acordo, os escravizados conseguiam algum acúmulo, quando suas vendas ultrapassavam o valor imposto pelos senhores, esse excedente era destinado a compra da liberdade ou outra necessidade de gasto, após a Lei do Ventre Livre (1871) foi possível que estes acumulassem algum pecúlio.

Essa relação não era fácil, garantir o pagamento da soma aos senhores e ainda acumular para alguma finalidade individual e coletiva, exigia dos escravizados, além do domínio técnico da atividade, habilidades de negociação e persuasão, também o controle psíquico para o manter resistente na conquista de sua alforria e a de seus pares.

Aos livres e libertos, coube enfrentar os desmandos das leis e da polícia, à medida que se estabeleciam pelas matrículas, taxas, apreensões de mercadorias e punições. Esse processo disciplinar imposto sobre a liberdade do negroafricano servia também para tornar ainda mais difícil a mobilidade social.

Entender esses trabalhadores é compreender a lógica das ocupações populares desempenhadas por negros e que ainda revelam uma sincronicidade com os dias atuais, Cecília Moreira Soares (1996), aponta que:

No ganho de rua, principalmente através do pequeno comércio, a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano. Encontramos tanto mulheres escravas colocadas no ganho por seus proprietários, como mulheres negras livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos. (SOARES, 1996, p 57)

Soares (1996), ainda nos informa uma composição de ocupações, desta vez do povo negro escravizado, a partir do livro “A Mão de Obra Escrava em Salvador, 1808 – 1888”, que visualizaremos no quadro 6.

Ocupações escravas: Salvador, 1811 - 1888

OCUPAÇÃO	NÚMERO	%
Doméstica	969	27,2
Costureira	376	10,6
Ganhadeira	367	10,3
Lavadeira	238	6,7
Cozinheira	150	4,2
Serviço de roça	113	3,2
Rendeira	61	1,7
Engomadeira	58	1,6
Vendedora	35	1,0
Bordadeira	20	0,6
Serviço de tirar pedra	15	0,4
Doceira	06	0,2
De fazer conta de ouro na prensa	04	0,1
Charuteira	02	0,5
Sem especificação	1146	32,6
TOTAL	3560	100%

Fonte: Andrade, A Mão de Obra Escrava em Salvador, 1808 - 1888.

Cabe destacar que o primeiro censo do Brasil ocorrido em 1872 revelou que Salvador tinha 108.138 habitantes, dos quais 12.501 eram escravizados, o censo demonstra ainda que as mulheres negras representavam 33,7% da população da cidade, e que muitas se dedicavam a comercializar nas ruas frutas, verduras, peixes e outros alimentos, alguns prontos para o consumo, conforme o núcleo virtual da Rede de Memória do IBGE, essas evidências nos permite entender quão importante é a atuação de mulheres negras nas ruas da capital, principalmente após o meado do século XIX.

Mulheres negras mantinham algumas formas de articulação capazes de construir redes de abastecimento, ao ponto de dominarem as vendas de produtos perecíveis, como carnes, peixes, verduras e frutas, além de controlarem a circulação de alimentos na cidade de Salvador, há registro de venda de tecidos, sapatos, lenços e outras miudezas.

Mantinham suas referências culturais na forma de se vestir, com tecidos coloridos e seu “pano da costa”, conforme a figura 3, com suas quitandas em pontos fixos ou tabuleiros e pontos

móveis, nos dois casos em locais estratégicos. Assim forma construindo o contexto urbano baiano e a cultura de rua, através da resistência às leis, regulamentos e taxações municipais, extorsões e confisco de mercadorias, além da rejeição e discriminação na sociedade.



Figura 3: **Escravizada de ganho vendedora - Christiano Júnior**

Fonte: Escravizada de ganho vendedora, [1864-1865]. Brasil, Rio de Janeiro / Museu Histórico Nacional. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6490>. Acesso em 09/12/2020.

É importante apontar o controle social sobre as atividades dessas mulheres negras, as autoridades municipais exigiam o cumprimento de posturas, uma série de medidas que regulavam suas ocupações, tais como a distribuição, preço e qualidade de determinados produtos, além de pesos e medidas, de acordo com Soares (1994), que reafirma o processo de resistência cotidiana diante da perseguição.

Em 1869, registra-se a reclamação de uma ganhadeira negra domiciliada no Cabula, que teve sua venda multada por vender aguardente. Sobre isso se faz entender que:

[...] a crioula Maria das Mercês, também pobre, moradora do Cabula, reclamava contra a Tesouraria de uma multa de 40 mil réis, quando a lei estabelecia um valor menor, de acordo com o local do negócio. Maria das Mercês havia instalado em sua própria residência, sem a devida licença. (SOARES, 1994, p. 65)

Experiências em diversas sociedades africanas permitem traçar um elo entre as atividades de economia das mulheres negras do Brasil deste período, por entender que ambas se ocupavam do comércio desempenhando com grande maestria, uma práxis essencialmente feminina reforça que as mulheres africanas possuíam papéis importantes para suas comunidades, e por que não dizer de prestígio e respeito pela sua participação ativa nestas atividades.

Ao pensar nessas trabalhadoras negras, continuamos nosso diálogo com Soares (1994) que apresenta um censo da Freguesia de Santana, lançamos mão desses dados por não encontrar algo próximo referente à Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, territorialmente se aproxima do Cabula, mas que atendem ao nosso objetivo de entender as especificidades de ocupações de africanas libertas, fazendo com que possamos inferir sobre as atividades populares desenvolvida na época, das quais 71% viviam das vendas de hortaliças, verduras, peixes, frutas, comida pronta, fazendas e louças.

Ocupações de libertas na freguesia de Santana - 1849

Ocupação	Origem							Total
	Africana	Nagô	Jeje	Tapa	Angola	Mina	Bornu	
Doméstica	2	-	-	-	-	-	-	2
Quitandeira	10	8	11	2	3	1	-	35
Mercandeja	34	45	14	-	1	2	1	97
Costureira	1	-	-	-	-	-	-	1
Lavadeira	3	2	3	-	-	-	-	8
Cozinheira	-	-	1	-	-	-	-	1
Alugada	1	-	2	-	-	-	-	3
Negócios	7	2	1	-	-	-	-	10
Mendiga	4	-	5	-	-	1	-	10
Proprietár.	-	-	1	-	-	-	-	1
"Ganho"	11	4	-	-	1	-	-	16
Pedreira	1	1	-	-	-	-	-	2
Vive de escr	-	1	-	-	-	-	-	1
Sust.filhos	1	-	1	-	-	-	-	2
Roceira	2	-	1	-	-	-	-	3
S/Específic.	4	2	-	-	-	-	-	7
Total	81	65	40	2	5	4	-	198

FONTE: Censo Freguesia de Santana - 1849, APEBA, *Série Escravos*, maço 2898

O quadro acima aponta uma predominância de atividades ligadas ao comércio, sendo principalmente as quitadeiras e mercadejas a ocuparem os maiores números absolutos na representação. Ainda é possível visualizar ocupações constituídas de valores culturais, históricos e sociais, estão nas nossas existências e nas vivências das nossas ancestrais, como das costureiras, lavadeiras e domésticas.

Os valores civilizatórios e a estrutura violenta impregnada no período da escravidão e no pós-abolição, acabam por propiciar a criação e fortalecimento de redes econômica, social e política, entre toda a cadeia: as ganhadeiras com as vendas de produtos, fornecedores e clientes africanos, formam uma rede de sobrevivência, resistência e fortalecimento às investidas antinegro no Brasil.

De fato, igualmente às mulheres negras os homens negros construíram a resistência por meio do trabalho, assim não podemos deixar de compreender a atuação masculina negra na prestação de serviços na capital. Mattos (2008), ao desenvolver uma pesquisa sobre os trabalhadores urbanos de Salvador, a partir dos meados do século XIX, identifica diversas ocupações que eram desenvolvidas pelos “ganhadores”.

Observa que Registro de Matrícula de 1887 continha um total 1764 homens, dentre eles 1761 eram homens negros, por isso, defende o autor, e nós aderimos a sua definição, de chamar estes trabalhadores de ganhadores negros, por ser mais representativos, uma vez que se somam como maioria.

No levantamento do Quadro 7, feito a partir dos dados do Registro de Matrícula de 1887 onde é possível identificar que no registro de 483 ganhadores constavam as profissões desenvolvidas por eles:

TOTAL DE GANHADORES POR PROFISSÃO

PROFISSÕES	Nº	%
Pedreiro	134	27,74
Carapina	72	14,91
Cozinheiro	47	9,73
Marceneiro	40	8,28
Ferreiro	36	7,45
Roceiro	28	5,79
Sapateiro	21	4,35
Alfaiate	16	3,31
Calafate	13	2,69
Carpinteiro	11	2,27
Padeiro	11	2,27
Copeiro	9	1,86
Funileiro	7	1,45
Tanoeiro	5	1,03
Vaqueiro	3	0,62
Barbeiro	2	0,42
Encanador	2	0,42
Jardineiro	2	0,42
Latoeiro	2	0,42
Maquinista	2	0,42
Marinheiro	2	0,42
Pescador	2	0,42
Seleiro	2	0,42
Outras*	14	2,89
TOTAL	483	100,00

Fonte: Registro de matrícula dos cantos de ganhadores livres
APEB - Colonial/Provincial.

* Incluem-se aí as seguintes profissões, cada uma com o registro de apenas um ganhador: arreceiro, cabeleireiro, carreiro, carroceiro, cessador, chapeleiro, cordoeiro, embarcadista, empalhador, fogueteiro, marítimo, oleiro, pintor e torneiro

Esse trabalho indica que os homens negros desempenhavam profissões que exigiam habilidades manuais apuradas, os negros iorubás já detinham ofícios de manipulação do ferro, Silva (2008) demonstra que na África Central os ferreiros possuíam grande poder, muitos eram reis-ferreiros e tinham diversos poderes para transformar a rocha de ferro em objetos úteis à fertilidade da terra e à vida da comunidade e, até mesmo, à fertilidade das mulheres, habilidades como a metalurgia podiam ser usufruídas como forma de ganho ou aluguel.

A maior parte das profissões estava ligada à construção civil, o que permite inferir que talvez fosse mais fácil conseguir trabalho, uma vez que a cidade passava pelo processo de modernização, o que propiciava uma ampliação nas obras públicas, conforme Mattos (2008).

Sobre os ganhadores, ainda é possível elencar a primeira mobilização histórica da classe trabalhadora no Brasil, os “nagôs baianos” eram maioria no serviço de ganho, sabemos que se tratavam de povos dos diversos reinos iorubás (Oyo, Egba, Ijebu, Ketu e outros) que tinham identidades e religiões próprias, mas as referências simbólicas culturais, a língua, filosofia de vida, artes, tradição urbana, uma vez na condição de escravidão permitiram formas de conexão e resistência coletiva.

Os ganhadores organizavam-se em cantos, simbolicamente encruzilhadas, espaços econômicos, culturais e sociais, propiciaram o encontro, a oferenda, o encanto, a música e oferta do trabalho. Nestes cantos, um capitão era escolhido por eles, que definia os trabalhos, distribuía as tarefas e ordenava os atendimentos aos fregueses.

Os cantos estabeleciam como a representação bem elaborada da solidariedade e do espírito comunitário do trabalhador negroafricano, bem como fortaleciam o sentimento de pertencimento e coletividade, assim faziam das ruas da cidade da Bahia seus espaços de reafirmar existências e resistir.

“Tudo que corre, grita, trabalha, tudo que transporta é negro”, observação do viajante Robert Avé-Lallemant, diz muito sobre quem movimentava a cidade no período oitocentista, mais ainda quem trabalhava, portanto, é oportuno, atribuir ao episódio histórico, apresentado por Reis (1993), ocorrido na segunda-feira, primeiro dia de junho de 1857, onde as ruas de Salvador são tomadas por um silêncio e segue assim por dez dias, na qual o historiador refere-se e registra-se como a Greve Negra:



Figura 4: Fonte: Greve Negra na Bahia. (Reis, 2019)

Esse fenômeno soma-se a tantas outras demonstrações de resistências para dialogar sobre a consciência do negro, sobre sua condição e o trabalho que realizava, os ganhadores eram trabalhadores que auto-organizam suas tarefas, mesmo que não se apropriasse de todo o lucro, compreendiam perfeitamente sua condição de explorado e escravizado. Reis (1993) apresenta um registro de Silva Campos, de um fragmento de música de trabalho cantada por ganhadores:

Ô, cuê...
Ganhadô
Ganha dinheiro
Pr'a seu Sinhô

A música expressava a exploração humana e denunciava sobre a condição de escravizado, mas ao ser executada de modo ritualístico, reforçava a integridade comunitária. Esses breves dados históricos, visa apresentar o papel dos ganhadores na construção do país por meio do trabalho, sendo assim, ganhadores eram trabalhadores urbanos que se ocupavam dos serviços e comércio essenciais para manutenção da vida na cidade, entretanto, sem nunca perder de vista que os resultados da produção são coletivos, mesmo que gerasse iniciativas individuais.

No intento de apontar elementos que essencialmente vão permitindo entender nosso conceito econômico, vamos fazer uma rápida referência a outros movimentos da negritude, mais especificamente as irmandades ou confrarias, corporações de ofício, adiantamo-nos em compreender as formações complexas dessas organizações, entretanto, interessa-nos os evidenciar os valores sociais, culturais e simbólicos que foram resguardados por estas:

A irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra, no qual seus membros __ em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua __ construíam identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e sempre incerto. A irmandade era uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras viviam e morriam solidariamente. (REIS,1996, p. 4).

Embora essas organizações apresentassem aspectos religiosos, foram criados pelos brancos para domesticar o espírito do negro, as irmandades revelavam a solidariedade e o apoio mútuo como uma forma de resistência, pois essas microestruturas de poder concebiam estratégias de alianças, regras de sociabilidade, meios de negociação, resgate de práticas culturais, a exemplo, o uso dos atabaques e máscaras, regulação do trabalho de artes e ofícios e até o caráter educativo.

Conforme aponta Luz (2013), a etnia era fator preponderante em sua constituição:

Formadas por indivíduos com elementos de identificação em comum, como a atividade profissional ou o credo religioso, seus princípios de participação e funcionamento dessas associações acabavam tendo no pertencimento étnico-racial seu grande fator de agregação, tendo em vista a necessidade de espaços de reconhecimento frente à permanente negação de si imposta pela sociedade de então. (LUZ, 2013)

Estes espaços de reconhecimento podiam se ocupar de diversas ações de apoio mútuo e celebrações culturais, a junta de alforria é algo que chama atenção, pois era uma instituição de crédito com objetivo de ajudar escravizados e suas famílias a adquirirem liberdade. Funcionando através de um sistema rotativo de crédito.

Também realizavam atividades lúdicas, que assim como os cantos e trabalhos permeados pela música, reafirmavam o pertencimento, a identidade, por consequência a humanidade, constituindo-se uma expressão da capacidade de organização e ação coletiva dos negros, mostrando-se também como espaços únicos na composição do próprio universo social.

As compreensões levantadas sobre as ganhadoras negras e os ganhadores negros e as iniciativas de apoio mútuo nos permite construir elementos do conceito epistemológico da economia coletiva, além de contemporaneizar com o passado, basta analisar os tabuleiros das baianas de acarajés, os canteiros da construção civil, as cozinhas, oficinas mecânicas, barbearias, ambulantes, nas atividades de babá e domésticas, as quitandas espalhadas pela cidade, que fica evidente, a cor destes trabalhadores.

Construir iniciativas de economia coletiva é uma característica bem viva na memória e trajetória do povo negroafricano, seja pela necessidade de garantir a subsistência, seja para construir sentidos próprios de progresso e mesmo diante da maafa foi possível acumular pequenos capitais, se agrupar para construir seu próprio caminho, uma vez que não se podia contar com este país que buscou e busca eliminar a existência negra e conter a rebeldia negra, desde o código penal do império como aponta Silva Jr (1999) e Nascimento (2016).

Os recursos econômicos do povo negro, adquiridos do trabalho exaustivo, geraram sentido e significado a relação social e econômica na luta racial Nyerere (1962) elenca que para construir riquezas é necessário Terra, Ferramentas e Trabalho. O que ainda restringe o povo negro é essa falta de acesso a terra e ferramentas, para isso, apenas a força do trabalho é absorvida e consegue gerar riquezas a terceiros.

O conceito de Ujamaa - família estendida e/ou economia colaborativa, é definição de que comunidade é a própria família e vice-versa, é no seu seio que se produz riquezas e vão alcançar indistintamente, portanto, todos produzem coletivamente mobilidade e bem-estar e acolhem seus membros com o único sentimento de irmandade, veremos a resignificação desse conceito nas experiências do passado e do presente.

Esse sentimento é fundamental para que reconheçamos a unidade, que foi necessária para erguer-se e resistir à violência, nenhum movimento que partiu da individualidade foi capaz de assegurar benesses para o povo negro, somente aquilo que foi construído e pleiteado coletivamente significou algum avanço mais profundo.

Destacamos estas reflexões teóricas, práticas e históricas para pensar as construções negras acima descritas, mas outras, como os quilombos e terreiros como espaços coletivos de existência e resistência, foram necessárias para garantir que se construíssem territórios livres e dignos, espaço de geração de trabalho livre, mas compromissado com o desenvolvimento da comunidade que nos aprofundaremos na próxima seção através dos terreiros.

Neste capítulo, iniciamos destacando o trabalho como fator principal de mobilidade social, para refletir sobre a mobilidade do negro e sua correlação com a construção de capital e iniciativas econômicas, destacaremos os terreiros como espaço singular de comunalidade e economia, e ainda buscaremos reconhecer as iniciativas econômicas da contemporaneidade existentes no Quilombo Cabula.

3.2.O COLETIVO QUE DESENVOLVE

O ser africano compreende e se interseccionaliza com a natureza, sem pretensão de dominá-la, pois são pertencentes a sua grande família, diferindo das hierarquias ocidentalmente instituídas para roubar, julgar e matar o “outro”, na experiência civilizatória negroafricana permeada pelos valores ancestrais, um dos caminhos construídos para o desenvolvimento, segue as perspectivas pluriversais, a xenofilia (princípio civilizatório que agrega o outro, que recepciona aquele que é diferente) e o respeito.

O desenvolvimento que evocamos inicia de uma compreensão diferente daquela que está relacionada a superação de condições míticas, da dominação e transformação do território, com isso, buscamos apresentar um diálogo com o movimento contínuo de experimentação do *aiyê/ ku-nseke* - plano visível, sem se desligar do *orum/ ku-mpemba* - plano invisível, a integralidade de forças feminina e masculina, nessa formação, interconectada entre todos os elementos do *orum-aiyê/ ku-mpemba/ku-nseke*, vai construir a base ontológica do conceito africano de existência, pautado na experimentação coletiva da cultura como dinâmica para o futuro.

“Exu matou um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje”, esse provérbio iorubá nos convoca a pensar o presente agindo no passado, há uma estruturação que vai possibilitar agir no presente para conformar o passado, é possível que para cunhar o desenvolvimento no presente e futuro seja preciso reconhecer o passado, interpretando-o conforme a narrativa que lhe damos, e que “uma leitura filosófico-especulativa é que os poderes exuísticos reinventam o passado a partir do presente”, conforme NOGUEIRA E ALVES continuam:

Nós só podemos falar da nossa experiência no tempo. Por essa razão, afroperspectivamente, um modo de enfrentar o enigma que torna possível uma pedra do presente voltar no tempo para atingir um pássaro pode ser lida como o poder da

narrativa. Não se trata exatamente de mudar o que aconteceu, mas, de intervir na nossa percepção, interpretar o que vivemos e a partir da intervenção e da interpretação surge uma maneira de narrarmos o acontecimento. O movimento de arremessar a pedra equivale a contar uma história sobre o “pássaro” – algo que aconteceu, o acontecimento. A relação com o tempo é simples: a experiência do tempo passa pela maneira que narramos os acontecimentos. Ou ainda, são as narrativas que estabelecem a nossa relação com o tempo, fazem com que o próprio tempo não deixe de ser uma narrativa. (NOGUEIRA e ALVES, 2020, p. 540)

O “progredir”, “ir além”, “avançar”, “caminhar”, na experiência negroafricana é facilmente ilustrada na dinâmica de “sankofar” - buscar o que ficou para trás, faz parte da construção da compreensão civilizatória que se aporta no passado, conforme ilustra Nascimento (2008).

O desenvolvimento negroafricano se deu a partir do conceito de território, a desterritorialização foi uma das perversas tentativas coloniais de destituir todo o legado, de frear o mergulho mítico-social e forjar-se para o amanhã, com isso cada espaço constituído, a partir da visão africana, seja na macroestrutura, quilombo, seja na microestrutura, “terreiro”, espaços estes que a violência da diáspora não foram suficientes para eliminar os processos civilizatórios deste povo que conseguiu em meio a *maafap* preservar e construir a continuidade de vida.

A capacidade de agir e cooperar sobre um território acabam por demonstrar as marcas culturais que o povo registra no solo, vai aprofundar sua territorialidade, essa concepção de profunda relação com a natureza é de fundamental importância para se entender o porquê, a posse do espaço determina a condição humanística, ancestral, ontológica, mítica, social e cultural do negroafricano.

A reterritorialização do povo africano é um fator político preponderante para a construção do amanhã para as próximas gerações, só é possível pensar numa construção de identidade em terras brasileiras, a partir da conquista de um território, não no sentido ocidental de dominação, força e violência, mas numa perspectiva de resistência, interconectada, homeostática e ecológica, que agrega a pluriversalidade como modo de existência coletiva, segundo nos permite inferir Sodré (2002).

Como espaço mítico-simbólico do africano em diáspora forçada emerge os terreiros, um movimento de resignificação do território perdido em África e construção das possibilidades *futuras de existência*, Muniz Sodré (2002) nos convoca a refletir sobre o terreiro como espaço

potente de reontologização do ser e constructo social, nesse contexto de desgraça coletiva perpetrada pela escravidão e consolidada no pós-abolição:

O *terreiro* (de candomblé) afigura-se como a forma social negro-brasileira por excelência, porque além da diversidade existencial e cultural que engendra, é um lugar originário de força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais. (SODRÉ, 2002, p.20).

Os terreiros podem ser entendidos como espaço de organização social, onde os negros puderam dar continuidade em solo brasileiro aos seus processos civilizatórios interrompidos em seu berço africano, contudo o que mais se revela nos primeiros registros como na atualidade é a forma como abarca a diversidade, onde se pode restituir tudo aquilo que lhe reafirma como africano.

Essa é uma das concepções do Ujamaa, ou família estendida determinada por relações políticas, biológicas e ideológicas, onde a unicidade da ancestralidade constitui o que se entende por linhagem, e a transmissão dos bens materiais e imateriais vão fundando a experiência comunitária e existencial. As culturas arquetípicas valorizam a natureza política-familiar, e esse engendramento de ascendência e descendência propiciam a organização daquele grupo.

As representações míticas e religiosas (orixás, inquices e voduns) emergem como suportes simbólicos, e são elas que dão o tônus das trocas sociais do grupo, ou seja, uma vez iniciado diante daquele sistema de pensamento e filosofia, a existência do grupo se delinea os elementos que dão sentido a conjunção daqueles sujeitos.

Salientamos que não há uma homogeneização entre os sujeitos pertencentes a um terreiro propiciados pelas diversidades étnicas nele encontrada, muito menos uma síntese histórica de dissolução das diferenças, mas a unicidade de origem possibilitou entrecruzamentos, aproximações e jogos contratuais tácitos capazes de conduzir a transmissão e preservação dos valores culturais do berço africano e que se consolidasse como território de todos os negros, independente das especificidades religiosas.

Diante do exposto por Sodré (2002) é possível concluir que os terreiros vão se configurar como estrutura social, política e religiosa, sendo a reconfiguração dos reinos africanos (cidades-estados) diante desse caráter polifocal dos terreiros, muitas correlações emergem para o entendimento de como esses espaços foram responsáveis pela organização das comunidades negras.

Pensando no Quilombo Cabula, espaço marcado pela presença de inúmeros e diversos terreiros, podemos inferir que os negros foram se incorporando e transformando esse território num espaço fortalecido religiosamente, uma vez que as matas cabuleiras são parte da família negroafricana no sentido mítico-simbólico e social, devido à comunalidades possíveis e políticas de articulação com os poderes externos.

Terreiros dispersos no território foram responsáveis pela nuclearidade das forças sociais e organizacionais do povo negroafricano, pois a partir do seu cerne vão se constituindo instituições altamente genuínas e representativas da cultura negra, sendo um processo patrimonialístico de repasse cultural.

O que define o espaço ideológico-político do terreiro é a evocação e manutenção da força vital, os bantu compreendem que o próprio ser é essa força capaz de suprir a perda de potência de vida, sabendo-se que é no suporte concreto-físico que essa força se manifesta, nos terreiros forças se ontologizam e as configuram como complexos sistemas coletivos e comunitários “As forças não existem, portanto, como unidades individualizadas, isoladas, mas sempre em conexão e em exercício da influência umas sobre as outras. (SODRÉ, 2002, p. 94)”.

Os iorubás apontam para o axé, como pulsão coletiva de vida, ou seja, a totalidade das forças existentes em cada elemento que se complementam para definir a existência dinâmica da vida, o acontecer e o devir. O axé se nutre da convivência e pertença daqueles e daquilo que ocupam o mesmo espaço, permitindo o impulsionamento de realizar e o engendrar, constitui núcleo de sabedoria e conhecimento e posiciona a relação integrada que todos devem cultivar em benefício do coletivo.

Sodré (2002), assinala certa unidade cultural dos povos africanos, os entrecruzamentos, as atitudes comuns que permitem elaborar um conceito de “homem africano”, sem abrir mão diversidade que se delineia no processo e permite correlacionarmos numa totalidade:

O homem de *axé*, o *muntu* e congêneres têm de se manter nos limites de seus direitos e deveres. O descumprimento das obrigações afeta, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo. Por mais que a força física garanta o exercício histórico do poder, este não pode prescindir de um contrapeso ético-espiritual legitimador. Nenhuma distinção interna da comunidade (casta, corporação) pode eximir o indivíduo-membro da observância da regra ética, geradora de "outra força", a força como princípio de interação. (SODRÉ, 2002, p.96)

Há uma relação de interdependência entre as forças individuais e coletivas que se assemelham para além das diferenças étnicas, uma série de valores que fortalece a compreensão do berço africano e definem a comunalidade, não se gera força sem interagir, colaborar é na interação, nessa experiência coletiva. “A existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva” (CUNHA JR., 2010, p. 81). Na perspectiva iorubá, se revela na mobilização do axé, na perspectiva bantu perpassa no reconhecimento do ubuntuísmo - relativo ao Ubuntu, como princípio filosófico, ético e moral,

Ao invocar o terreiro como espaço de desenvolvimento, entende-se que as forças potentes de vida se estendem na construção e desenvolvimento daquele espaço, onde funcionam como centro emanador de preservação do patrimônio, mas na constituição do desenvolvimento. Reparem que a própria organização urbanística do terreiro se configura como estrutura social semelhante a cidades-estados dos yorubás.

A partir desse núcleo, formam-se as grandes comunidades - conjunto de casas, com isso, perceber que o resguardo religioso foi um vetor de criação de outros elementos organizativos culturais, econômicos e sociais como irmandades, afoxés e outros. Se apercebe as necessidades, depois implementam-se melhorias, caracteriza e transforma a fim de construir a história do lugar.

“O homem africano, tão próximo de sua história que tinha a impressão de forjá-la ele próprio em suas microssociedades” (SILVÉRIO, 2013, p. 32), ao se territorializar sob a forma de terreiros, a configuração espacial, as relações constituídas nesses espaços dentro e fora deles, uma vez que não se fechava em si, souberam estabelecer conexões necessárias que garantiram seu posicionamento e reposicionamento na sociedade.

Não se pode deixar de referenciar os terreiros como espaços de trabalho coletivo e cooperativo, o que eleva esses territórios mítico, simbólico e político é como a interação entre as forças coletivas e individuais no fortalecimento da potência de vida e dignidade, por ser um espaço capaz de perceber e gerar o desenvolvimento que perpassa por iniciativas sociais e inclusive de emprego das forças para construção de riquezas coletivas

Ao destacar o trabalho nos terreiros, buscamos compreender que à medida que essas comunidades se apercebem como motrizes, a dinamização espiritual reforça os valores das sociedades tradicionais africanas e o associa ao trabalho como perspectiva, não raro, ainda hoje, se dizer que vai fazer um trabalho no terreiro, ou que se está em função.

Pensar desenvolvimento negro é identificar como as tradições propiciaram as mudanças transformadoras, que possibilitaram a continuidade de existir quanto grupo, sejam antigas comunidades do quilombo, ou, microterritorializado nos terreiros, é perpassar pelo tempo, sem abrir mão de sua essência, numa busca coletiva de bem viver que se apresenta como um paradigma na modernidade.

As culturas de Arkhé conhecem a passagem do tempo, têm memória do passado, vivenciam esperanças, mas não fazem da mudança acelerada de estados (concepção ocidental da história) o princípio dominante, porque admitem outras temporalidades. (SODRÉ, 2002, p. 173).

Constituir outras temporalidades é ver-se como parte de uma totalidade, que se corporifica nos em mais diversos elementos da natureza, que o tempo não precisa ser dominado, mas plenamente experienciado na coletividade, simbolizada genealogicamente pelas comunidades que se estabelecem quanto grandes famílias, que vão entranhado no reavivamento das tradições, não de modo nostálgico, mas complementar a experiência de ser e se constituir.

Os quinhentos anos de dominação europeia interromperam nossa marcha em direção ao progresso, mas não conseguiram apagar as contribuições dos milhares de anos de história anteriores à chegada dos europeus ao continente africano. (ASANTE, 2009, p. 103).

A continuidade do projeto civilizatório interrompido do negroafricano, reconfigura-se no solo brasileiro, apontando uma nova compreensão de tempo-espço, a existência coletiva social e ecológica sendo mobilizador de potência de vida e axé.

Mesmo com toda a violência do sistema escravista, o negroafricano atuou nas contradições e brechas desse sistema, e, por isso, antes de ser abolido legalmente, algumas pessoas negras puderam ascender economicamente, confrontando os elementos destruidores de humanidade e redutor de potência de vida, sabiam que eram os únicos responsáveis pela sua existência e manutenção de vida em comunidade e por isso, as brechas tornavam-se grandes oportunidades de mudança econômica.

No início da pós-escravidão é instaurado O Código Penal, convertido em lei em 11 de outubro de 1890, que vai instituir uma série de punições voltadas exclusivamente para os recém-libertos: vadiagem, mendicância, capoeiragem, curandeirismo, espiritismo e a responsabilidade penal em nove anos, ataca diretamente o sujeito negro, sua cultura e trânsito pela cidade lhe impõem barreiras de inserção cidadã e fortalece a naturalização de o “lugar do negro”. O

financiamento da imigração europeia por parte do governo brasileiro foi mais um golpe que propiciou a manutenção do negro como o símbolo ontológico de opressão racial e econômica.

Sodré (2002), nos alerta que a coexistência entre brancos e negros, ricos e pobres era possível desde que os oprimidos entendessem e aceitassem a opressão promovida pelo sistema socioeconômico-cultural, que vislumbrava a tranquilidade hierárquica e o consenso das diferenças, o negro era discriminado, inclusive pelas camadas mais pobres do proletariado.

O governo brasileiro, já havia explorado o povo negro a partir do tráfico humano e a imigração se torna mais um mecanismo para exclusão, obviamente enxertado pelo racismo científico, a eugenia e o empenho de seus entusiastas célebres como Nina Rodrigues, a imigração vai se acentuar como mais uma política de morte para o povo negro deixado a própria sorte. Portanto, o pós-abolição não se configurou grandes melhorias na vida do negro, porque se preocupou em criar condições para aprisionar os afrodescendentes num continuum de maafa secular.

A imigração foi um desses mecanismos do racismo, que vai impedir os afrodescendentes ocuparem espaços do trabalho livre, apesar das justificativas de que os imigrantes estariam mais bem capacitados para atender a industrialização, quando observamos as histórias destes imigrantes, percebemos que aqueles que chegaram ao Brasil eram os indesejados europeus, que aqui receberam todos os subsídios para se capitalizarem e construir sua dignidade.

Entretanto, para o povo negro que construiu a riqueza desse país a partir do esfacelamento de sua humanidade e a exploração da sua força produtiva, como é sabido, nada foi oferecido de modo a reparar a diáspora africana, com a chegada dos imigrantes ampliou-se a concorrência às vagas do comércio e da indústria. E, por isso, resistiram aos regimes produtivos dos portos - que não discriminavam essa mão de obra, porque conseguia melhor explorar aquelas pessoas- e ferrovias que continuavam a oprimir a partir do trabalho proletário.

Na Bahia, o sistema econômico se desenvolveu a partir de arranjos produtivos locais, uma vez que vivenciavam o isolamento comercial assim como outras regiões nordestinas daquele período. Nas cidades foi possível que o negro liberto pudesse ofertar sua mão de obra e seus pequenos capitais.

Vale ressaltar que os engenhos eram dependentes do dinheiro português e que empenharam suas produções em troca do capital de giro, e com o quadro de estagnação do setor açucareiro e a configuração urbanística das antigas cidades, foram condições que propiciaram “a expansão da

estrutura de serviços urbanos e pequenas manufaturas, de que se beneficiariam setores mais bem colocados da população negra.” (SODRÉ, 2002, p.76).

Esse processo de resistência e incorporação à dinâmica socioeconômica foram elementos que permitiram que alguns extratos do povo negro, pudessem acumular algum tipo de patrimônio e capital, sejam por propriedades imobiliárias, bens de produção ou ofícios.

Contudo, não há o que se falar em meritocracia desses sujeitos negros que ascenderam, mas que este puderam acessar oportunidades, adquirir patrimônio, mobilizar suas habilidades dentro do contexto em que a dinâmica econômica local era alimentada pela oferta de produtos e serviços.

Chamamos a atenção para este ponto, porque há um discurso insistente em assinalar os esforços individuais do sujeito negro como único responsável por sua ascensão social e econômica, quando a realidade nos confirma que há uma série de variáveis materiais e imateriais que fazem esse processo de translação entre um extrato e outro possível.

Sem dúvida os terreiros desempenharam importante papel, por construírem laços comunitários e solidários, espaços onde a transmissão de saberes se dava de forma constante, com isso, o ensino de ofícios como barbearia, marcenaria, alfaiataria, tecelagem, pintura de paredes, bordados, doceria etc. se instauraram como oportunidade de mobilidade social.

Da atuação do sagrado, a expertise de sobreviver e resistir do povo negro, foi possível o surgimento de ordens e iniciativas de capital, é sabido que os nagôs sempre foram experientes na formação de irmandades ou instituições associativas, as perspectivas de apoio mútuo e alinhamento religioso com o comunitário complementavam-se e fomentavam a continuidade desses grupos, por isso a importância dos terreiros no progresso comunitário e mobilidade negra.

Culturas arquetípicas, como a negroafricana, não apagam suas origens simbólicas e nem a transcendência do dinheiro, que além de representar as trocas econômicas, também simboliza potência e bem-estar. O dinheiro é um agente catalisador de dignidade e não pode/deve ser visto como algo que vai destituir a humanidade do sujeito negro. Alertamos para essa questão, pois, não podemos estar à mercê da falta de dignidade e no enaltecimento da privação e pobreza social e política como forma de humildade e superação.

Essa sacralização do dinheiro não deve ser interpretada a partir do fetichismo, mas pelo entendimento que os negroafricanos e diaspóricos se reterritorializaram e construíram seus

próprios mecanismos de sobrevivência e fonte de renda coletiva e própria, empregando habilidades ancestrais, principalmente àquelas que foram adquiridas no contexto de escravização.

Por isso, ao perceber os ex-escravizados que ascenderam economicamente, compreendemos que estes conseguiram manejar as contradições e brechas da estrutura, o que demonstra que o negroafricano nunca foi passivo a sua realidade, sua conexão mítica-política herdada foi o suporte para a organização das comunidades e o movimento de continuidade.

Não muito distante do que vivenciamos hoje, Steve Biko (1973) nos relembra que “estamos por nossa conta própria”, se correlacionarmos o contexto escravista e o contemporâneo, logo se revela que está por conta própria é uma dinâmica que estrutura profundamente a formação do capital, das iniciativas, do progresso, da existência negra.

Essa dinâmica, muito nos interessa nessa pesquisa, por entender que de alguma forma continuamos aprisionado a um sistema que não assume o racismo estrutural, que continua ferindo de morte psíquica, moral, social, econômica negros e negras brasileiros, e ainda sufoca suas iniciativas econômicas, constituindo o sistema complexo de elucidado por Carneiro (2005) e Almeida (2019).

Os nossos empreendimentos são racializados e o acesso a recursos que possam fomentar o desenvolvimento é sempre fragilizado, ou a serviço de interesses do capital, pois aqueles de grande potencial são sufocados ou absorvidos pelos grandes capitais, outro ponto é gestão da sobrevivência que tem se camuflado no contexto neoliberal, exaustivamente chamado de empreendedorismo, quando na verdade o que acompanha esse “empreendedorismo” é a precarização do trabalho, meritocracia, culpabilização do sujeito por seu fracasso socioeconômico e a falsa ilusão de ampliação de renda.

Um discurso bastante fragilizado é a associação dos trabalhos desempenhados no contexto de escravização como “empreendedorismo”, não se pode dizer que um escravo de ganho estava empreendendo ao vender seus quitutes ou prestar algum serviço, pois a execução dessas atividades se dava em condição de exploração e violência, se isso é empreendedorismo o próprio sistema assume seu caráter racista e exploratório.

Devemos distinguir dos conceitos neoliberais, para justamente não incorrer no equívoco de que o povo negro tem “empreendido”, uma vez que não dá conta de outros elementos que permeiam as nossas iniciativas econômicas populares, como a manutenção dos saberes ancestrais,

a continuidade de um ofício, construção de patrimônio e as estratégias de cooperação e solidariedade, revela também uma romantização do trabalho escravo com o trabalho autônomo.

Essa ideia de valorização e continuidade cultural não é estimulada pelo empreendedorismo, que por vezes fomenta a construção de redes de contatos para suprir a necessidade individual, e não do coletivo. É preciso sempre traçar um adendo, para que não venhamos confundir o que se propõe com a Economia Coletiva com o empreendedorismo, justamente por que nossas ações e práticas são observadas e apropriadas pelo sistema dominante que pretende manter-nos escravizados sob outras alcunhas.

Muitos grupos e movimentos têm utilizado esse termo, mas em contraponto, tem ressignificado essa experiência, com elementos genuínos da nossa ancestralidade, a exemplo das “feiras comunitárias” que visam reunir diversos negócios negros em ações que fomentem o fortalecimento econômico coletivo.

E apesar de todo o sistema continuar negligenciando o povo negro, mesmo este carregando o tão vislumbrado desenvolvimento e estarmos por conta própria, temos construído nossas formas de existir, a partir das forças ancestrais, da resistência e de ações coletivas, que estimulam a mudança de práticas que nos isolam e que não são capazes de mudar estruturalmente o sistema social brasileiro racista.

Com base na compreensão conceitual e da diferenciação, podemos refletir sobre a caracterização dessa Economia, na qual nos propomos a observar e revelar através das experiências negras viver e produzir pensando na consciência, compromisso e autonomia individual e coletiva, no qual evidenciamos no quadro abaixo.

Quadro 8: Economia Coletiva	
Elementos	Concepção
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividades que carregam uma referência ancestral ● Habilidades legadas (ganhadores) ● Compromisso com o fazer ● Herança
Liderança e Trabalho Coletivo	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividades em grupos ● Comunicação ● Liderança ● Distribuição de cargos e funções ● Divisão de Tarefas
Adaptabilidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Reinventar-se diante do contexto
Negociação	<ul style="list-style-type: none"> ● Habilidade de comunicação ● Comércio
Recursos Financeiros	<ul style="list-style-type: none"> ● Potência de bem-estar ● Dignidade

	<ul style="list-style-type: none"> ● Futuro
Parceria	<ul style="list-style-type: none"> ● Aglutinação por interesse ● Melhorias Coletivas ● Associação de produtos e serviços ● Espaços colaborativos e compartilhados
Ações Coletivas	<ul style="list-style-type: none"> ● Eventos ● Formação e orientação ● Redes
Compromisso comunitário	<ul style="list-style-type: none"> ● “aprender a ler para ensinar meus camaradas” ● Compartilhamento de saberes

Quadro elaborado pela autora, 2021, a partir dos dados indicados na referência e no mapeamento de iniciativas.

3.3.INICIATIVAS NO CABULA

O povo negro sabe que sua autodeterminação dialoga muito mais com seu processo de reconstrução ancestral, organização e fortalecimento econômico, do que o emprego de forças em sistemas que sufocam nossa existência. Devido a toda política de morte, a maafa secular que nos atravessa enquanto sujeitos, somos obrigados muitas vezes a nos inserir nesses sistemas para frear a velocidade com que a morte nos atinge.

Objetivando resistir e garantir a sobrevivência, quando tratamos em termos econômicos, as principais possibilidades são: inserção no mercado de trabalho, o trabalho informal e criação e manutenção de iniciativas econômicas, sociais, culturais das mais diversas características.

O mercado de trabalho formal, na maioria dos casos é marcado por salários que não permitem uma vida digna, sendo o trabalho informal uma saída para subsistência, que diante do contexto de crise econômica, pandemia, intensificação das políticas neoliberais e aumento do desemprego, fazem expandir empreendimentos multinacionais que precarizam ainda mais o trabalho, e quando personificamos esses trabalhadores a negrura se apresenta.

Na era dos aplicativos de entregas, momento em que a inexistência de vínculos empregatícios e consequentemente direitos trabalhistas, inclusive vem sendo desmontado pelo governo brasileiro de forma mais articulada nos últimos anos, o trabalhador se torna responsável pelo meio de produção e todos os seus custos, e mais, uma vez ao refletir sobre a cor desses trabalhadores, reforçamos a premissa de estar por conta própria.

Tem se ampliado a criação de pequenos negócios, ligados a cultura étnica ou não, mas que provocam e reposicionam negras e negros para construção de iniciativas mais autônomas e independentes, compreendendo que essa autonomia é fincada na dialogicidade e transgressão,

para conhecer e reconhecer seus desafios, e quais comportamentos aprendidos precisam ser expurgados para manutenção da ética.

Ainda há muito que superar para alcançar a autodeterminação e respeito, principalmente por que as iniciativas representam o legado para os que vierem depois, pois podem representar a única fonte de renda e garantem a subsistência de seus responsáveis, mas também um sonho coletivo de uma vida melhor.

Com a intensificação do conceito de Empreendedorismo, o estímulo ao Microempreendedor Individual – modalidade que gera personalidade jurídica e permite que o profissional autônomo tenha comportamento empresarial, gerando notas fiscais, participando de compras públicas e outras, é tributado pelo Simples Nacional e seu faturamento possui um teto que o caracteriza como tal - devido a identificação e expansão de alguns mercados, como economia criativa e tecnologia, um fenômeno extremamente importante que tem se revelado é o empoderamento, pessoas negras tem exigido representatividade e o atendimento de suas demandas, o que possibilitou o surgimento de muitos negócios com este mote.

Apesar de historicamente estarmos mobilizando forças em busca de autonomia (vide os escravos de ganho, as irmandades, terreiros, associações religiosas, escolas de ofício), agora o discurso e as práticas estão mais evidentes e levando em consideração o recorte étnico, percebemos que isso tem sido fator de grande reconhecimento.

Não raro um negócio de pessoas negras surgir como uma reação a uma situação racista, pelas violências simbólicas (ou nem tanto) propiciadas por um determinado produto/serviço; como continuidade de um legado ancestral e/ou como um espaço de representatividade, no qual é possível perceber o posicionamento como negócio de impacto social e militância, elementos fundantes quando se pensa em autonomia e mudança social.

Apesar desse contexto animador de ampliação de iniciativas econômicas de pessoas negras, o racismo impede que esses negócios cresçam, há uma grande lacuna entre abertura e continuidade desses negócios, ainda falta de acesso a uma educação que não apenas lhes ensine uma inserção mais digna, mas que aponte tecnologias sociais coletivas capazes de superar as barreiras impostas.

Algumas alternativas são visíveis, mas por não estarem associadas com uma Educação Afrocentrada, acabam por reafirmar um caminho individualizado e neoliberal, que no longo

prazo pode resultar no sufocamento dessas iniciativas, sempre que pensarmos no povo negro, pequenas vitórias individuais não darão conta das mudanças almejadas para o coletivo.

Tem sido importante ver pessoas negras engajadas em ocupar um espaço menos subalternizado dentro do setor econômico e as iniciativas coletivas têm se apresentado como o um caminho (sem volta), porque conduz o negócio a se entender partícipe de um ecossistema que precisa se modificar para que os fossos estruturais de desigualdades sejam minimizados.

Utilizamo-nos do conceito de ecossistema apresentado por (Odum,1985), buscando na Biologia a compreensão de que qualquer unidade que abranja todos os organismos que funcionam em conjunto numa dada área, interagindo com o ambiente físico. Se fizermos uma correlação entre as estruturas biológicas e a estrutura econômica, é possível verificar uma similaridade, onde as iniciativas econômicas e as demais instituições são organismos, que atuam num ambiente e interagem entre si.

O Quilombo Cabula possui diversas iniciativas sociais e econômicas que merecem um destaque, justamente por sua atuação na geração de dignidade aos moradores através do trabalho, estimulando para o desenvolvimento de ações de fortalecimento do território. Assim, apresentaremos instituições que formam para o trabalho, no sentido de identificar como sua atuação tem possibilitado a construção de cidadania.

Dentro do sistema capitalista alguns modelos alternativos emergem, no sentido de não permitir o esfacelamento das iniciativas econômicas negras, nos últimos anos as feiras e lojas colaborativas se tornaram um modelo de consumo que aproxima quem produz de quem consome, o “dinheiro preto” é um exemplo emblemático a nível nacional é a Feira Preta que acontece em São Paulo, uma grande iniciativa que se expande no coletivo e tem movimentado o ecossistema dos negócios negros, há 18 anos.

As feiras historicamente são espaços coletivos de forte comunalidade e identidade, onde pessoas do povo se reúnem para fazer a economia local, garantir o sustento e demarcar espaços. Assim, as feiras se ressignificaram, ganhando caráter conceitual de espaço alternativo de consumo, em contraponto ao sistema que oprime quem produz e vem se reafirmando como um modelo de consumo menos vertical.

Muitos negócios negros adotam esses espaços como possibilidade de se reunir com outros empreendimentos, dividem os custos de realização da feira, mas também os espaços de stands ou barracas, realizam trocas e vendas entre si, demonstrando uma rede de companheirismo, além de

atingir um público mais amplo e diversificado, pois muitos frequentadores vão as feiras por causa de um produto ou negócio e lá podem conhecer muitos outros.

Outro modelo coletivo são as lojas colaborativas são espaços coletivos com dinâmica própria, muito recorrente em instituições que tratam da economia solidária, a comunidade negra percebeu que este formato é bastante interessante, principalmente no que tange possuir um endereço fixo, assim muitas lojas reúnem uma diversidade de produtos e negócios com objetivo de redução de custos, mas também de trocas solidárias, marcado por princípios que englobam o compartilhamento, a responsabilidade de compromisso e empenho, além do respeito e coordenação, demonstram que a autogestão entra em cena para fortalecer o coletivo.

Nem toda loja colaborativa é autogerida, assim os espaços são vendidos e um percentual é sobre as vendas, o que pode ser muito interessante para alguns negócios, entretanto, os princípios solidários deixam de ser o direcionamento da relação e se apresentam apenas como mais um canal de distribuição.

Vale ressaltar que algumas lojas surgem de feiras se tornando uma extensão fixa do movimento, mas lembrando de que as relações são comerciais e não solidárias, contudo, podem ampliar o alcance e reconhecimento do negócio, principalmente, quando estão localizadas em endereços com alto custo.

Neste rol de resistências alguns modelos de organização classificadas como o terceiro setor se apresentam no Quilombo Cabula, e destacamos alguns conceitos presentes:

Quadro 9: Organização Social	
TIPO	CONCEITO
Redes	Um agrupamento voluntário de pessoas sem a constituição de uma figura jurídica. Normalmente, são constituídos quando um determinado número de pessoas ou organizações se reúnem, por objetivos comuns, para se ajudar e crescer mutuamente.
Cooperativas	São organizações, onde as pessoas reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivo de lucro.

Associações	<p>São organizações que tem por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classe, filantrópicas. Associação é a forma jurídica, e, portanto, podem assumir as seguintes denominações:</p> <p>OSC – Organização da Sociedade Civil é denominação, o MROSC amplia o conceito de OSC, para fins de celebração de parcerias com o poder público, incluindo neste grupo as organizações religiosas que realizam também atividades sociais, e alguns tipos de cooperativas, como as sociais previstas na Lei nº 9.867/99, e as que tenham cunho social.</p> <p>OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público diz respeito a uma qualificação outorgada pelo Ministério da Justiça – MJ às entidades que atendam aos requisitos previstos na Lei Federal nº 9.790/99, e no Decreto Federal nº 3.100/99. Desta forma, para obter o título, a entidade necessita primeiro ser constituída sob a forma de associação ou fundação, e realizar o requerimento a ser avaliado pelo MJ.</p> <p>OS – Organização Social – refere-se também a uma qualificação concedida a pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde, conforme previsto na Lei Federal nº 9.637/98.</p>
-------------	--

Elaborado pela autora a partir de BALEM (2016) e dados do https://www.escolaaberta3setor.org.br/post/abrir-uma-ong-oscip-ou-instituto?gclid=Cj0KCQiAqo3-BRDoARIsAE5vnaK6VdGCEej-Qc4cJn6fOEPL_ePJ7hcrxq1Cm6DkoL66bMS-AqJPwGlaAofvEALw_wcB.

3.3.1. Iniciativas De Trabalho E Renda

- **COFFEE - Cooperativa Múltipla Fontes de Engomadeira²**

A ideia começa a germinar no ano de 1999, a partir das articulações da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) ITCP/UNEB. Motivados pela participação no Curso de Cooperativismo, 62 pessoas foram certificadas e fundaram a cooperativa em assembleia, realizada em 5 de fevereiro de 2000.

Como o grupo não tinha uma atividade produtiva já consolidada e em comum, foram apontadas as opções de costura, serviço de limpeza e produção de alimentos. Após a realização de pesquisa de mercado e estudo de viabilidade dos três segmentos, foi definido que o grupo trabalharia com a produção de alimentos.

No ano de 2001, a cooperativa iniciou as atividades de produção e comercialização com inúmeras dificuldades, em espaço alugado, inadequado para a produção e comercialização de pães. Os equipamentos, básicos, foram cedidos por contrato de comodato ao grupo pela Uneb.

Como a localização da sede não colaborava na visibilidade do empreendimento para as vendas locais e a alternativa tornou-se venda em domicílio.

Depois da aprovação de um projeto através do Programa Petrobrás Fome Zero, em outubro de 2004, a sede da cooperativa passou a ocupar rua principal do bairro de Engomadeira e ampliou sua área de produção e venda, contudo os desafios ainda são grandes, principalmente no que tange a sustentabilidade do empreendimento.

- **COPERTANE - Cooperativa Múltipla União Popular dos Trabalhadores de Tancredo Neves³**

Localizada à Rua Cristiane, N° 176E, bairro Beirú, região do Cabula, Salvador – Bahia, fundada em 15 de abril de 2000, após um processo de mobilização realizado por duas moradoras do bairro e técnicos da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNEB), que

² Informações extraídas do site <https://cirandas.net/coofe.multipla>.

³ Informações extraídas do site <https://cirandas.net/copertane>.

incluiu cursos de formação em cooperativismo e construção do Estatuto Social e Regimento Interno.

A escola pública Zumbi dos Palmares de Tancredo Neves foi o lócus das primeiras reuniões, ainda em 1999, com o objetivo de buscar uma alternativa de ocupação e geração de renda de forma digna, autogestionária, solidária e com preservação da natureza. Tendo como foco das mobilizações pessoas que estavam fora do mercado de trabalho e em situação de risco. Conseguindo aderência de 36 pessoas, 32 mulheres, todas moradoras do mesmo bairro e com faixa etária entre 18 e 65 anos.

Buscaram se reunir semanalmente para fortalecer e praticar princípios do cooperativismo, resgatar os valores humanos, recuperar a autoestima dos membros, discutir a organização e planejar ações para captar recursos necessários à concretização da cooperativa.

Os cooperados iniciaram, levantando recursos na própria comunidade através de eventos como bazares e festivais de pipoca, salada de frutas e sorvete, que foram utilizadas para a legalização da cooperativa.

Buscaram se capacitar através de cursos de Comunicação, Gestão de Empreendimentos Solidários, Cooperativismo de Crédito, Informática Básica, Comercialização e Reciclagem de Papel e Confeção de Artefatos, em parceria com a Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS/CUT) e a ITCP/UNEB.

Em 2002, tem aprovado seu primeiro projeto pela Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), e através dele adquiriram alguns equipamentos e reformaram o espaço cedido, em regime de comodato, pelos pais de uma das cooperadas. A partir disso a cooperativa passou a se dedicar ao aperfeiçoamento da produção e a planejar a comercialização.

Desenvolve sua atividade produtiva a partir da reciclagem artesanal de papel e produção de artefatos, além da realização de oficinas no âmbito da educação ambiental, Economia Solidária, cooperativismo, entre outros.

- **CULTARTE – Coletivo de Arte e Cultura do Cabula**

É formado por artesãs e artesãos residentes nos bairros que compõem o Quilombo do Cabula, após diagnosticar demandas comuns no mercado produtivo resolveram se reunir e se organizar no sentido de se fortalecer enquanto comunidade e produtores de arte e cultura.

Formado em 2012, a partir da II Mostra de Cultura e Produção Associada ao Turismo e à Economia Solidária, que ocorreu concomitantemente ao II Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – II ETBCES, vinculado ao Projeto TBC Cabula, entre os dias 03 e 08 de julho de 2012, no Campus I - UNEB.

O CULTARTE está vinculado ao Projeto Turismo de Base Comunitário (TBC – Cabula), que dispõe de uma Loja Colaborativa no Campus I da Universidade do Estado da Bahia, espaço que é compartilhado com outras atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo um ponto de circulação de estudantes, professores, servidores e visitantes.

O Coletivo CULTARTE é autogestionário e acolhe os princípios da Economia Solidária e mantém a identidade de cada artesã e artesão que integra as suas ações, por isso, cabe destacar os princípios que caminham para as relações do coletivo: Respeito, Harmonia, Solidariedade, Parceria, Coletividade, Compromisso, Tolerância, Responsabilidade, Autogestão, Confiança e Cooperação.

Assim objetivam: buscar espaços de comercialização e exposição de produtos e serviços, com harmonia e solidariedade; oficinas e capacitações para os interesses do coletivo; fortalecer o trabalho artesanal e estabelecer a troca de experiências e saberes. Com isso, percebemos que o coletivo se torna um espaço de comunalidade, afetos, irmandade e sociabilidade, referendado pela energia ancestral do Quilombo Cabula.

- **OUROMIM ANCESTRALIDADE AFRO BRASILEIRA**

Uma iniciativa econômica de Fabiana Pontes, Ouro tem uma relação com a iyá Oxum que rege o seu ori e o “mim” faz referência ao nome ancestral africano, o negócio surgiu em 2016 a partir de uma inquietação por não encontrar colares, brincos, pulseiras e anéis que tivesse relação com a religiosidade de matriz africana, iniciou com as “impulsas” que são pulseiras de orixás. Junto com outros negócios negros, inicia a Loja ADEBUMI que aquilomba oito empreendimentos de diversos segmentos e possui um desejo coletivo de construir um legado de ressignificação da nossa história, contribuindo no processo educativo do povo negro.

3.3.2. Iniciativas Educacionais E Sociais

Nesta seção levantamos algumas iniciativas existentes no bairro que colaboram no desenvolvimento territorial, em projetos de educação e profissionalização do povo negro, com isso, são instituições que promovem a integração social, que ofertam cursos de formação para o trabalho e promovem cultura, destacamos por entender que são referências em seus territórios no atendimento do povo negro, que por negligência do poder público, organizações como estas ocupam o espaço de construção de cidadania.

- **REDE CABULA VIVE**

Reúne diversos entes que acreditam - e atuam - na perspectiva da gestão compartilhada do território. Uma vez que a sociedade civil e suas organizações buscam identificar, discutir, planejar e acionar os atores sociais (poder público, organizações privadas, comunidades, organizações sociais) para a resolução de problemáticas de interesse público, e ampliação das potencialidades já existentes.

Assim, a Rede tem como uma das diretrizes principais a mobilização das comunidades para a elaboração e atualização de um plano de ação coletiva que possa assegurar os direitos à saúde, acesso à educação, à cultura, à moradia e o fortalecimento local das redes comunitárias.

Entretanto, algumas redes, são formadas a partir do compartilhamento de experiências e informações e desenvolvimento de alternativas para manutenção de suas atividades, não possuem personalidade jurídica, mas suas ações reverberam a partir da afetividade, troca e na extensão da família, assim buscam se beneficiar mutuamente, seja como negócios negros, como também comunidade.

- **ODEART**

A Associação Artístico-Cultural Odeart é uma entidade civil sem fins lucrativos de valorização da arte e cultura negra e educação pluricultural. Nasce em 2007 da necessidade de institucionalizar as atividades artístico-culturais do Grupo Teatral Artebagaço, iniciativa fundada por três artistas educadores do Cabula em 1996 com atividades de teatro para crianças e

adolescentes moradores do Cabula. A partir da fundação da Odeart começam as atividades para juventude negra e mulher negra.

Seu programa de educação pluricultural, o Projeto Odeart, possui dois campos: pedagógico e artístico-cultural, se desdobra em três iniciativas de políticas de afirmação da identidade negra: Biuá, para crianças e adolescentes; Oba dê Adê, para mulher negra; Erí Okán Cabula, para juventude negra. Todas as iniciativas educacionais objetivam resguardar os direitos humanos, enfrentamento do racismo, reconhecimento e valorização da memória negra da Bahia.

Sua proposta artístico-pedagógica é constituída por diversas linguagens: rodas de diálogos, seminários temáticos, simpósios, festivais, saraus, cursos livres de artes com língua portuguesa e matemática, oficinas de criação: teatro, música, dança, literatura- poesia e prosa, artes plásticas e/ou cursos com oficinas de criação.

- **ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL**

A Escola de Educação Percussiva Integral está localizada no bairro do Cabula. O projeto foi idealizado pelo percussionista Wilson Café e instalado na região no ano de 2003.

A escola foi fundada com o objetivo de retirar jovens em estado de vulnerabilidade das ruas e colocá-las dentro da sala de aula, proporcionando-lhes acesso à cultura, arte, educação e especialização profissional. Para isso, sua sede foi instalada na Estrada das Barreiras, no Condomínio Maestro Wanderley – Cabula II. O espaço conta com 800 metros quadrados de área, que abrange duas salas para a ocorrência de oficinas, salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, estúdio de gravação, assistência social e setores administrativos.

O projeto proporciona acesso a atividades gratuitas de música, dança, esporte e artes. Para ter acesso às oficinas, é preciso passar por uma avaliação socioeconômica, estar matriculado em uma escola da rede municipal ou estadual de ensino (no ensino fundamental, do 6º ao 9º ano) e gostar de arte e educação.

Utilizando de uma proposta educacional voltada que une teoria e prática, bem como a confecção dos instrumentos. Assim, além de instrumentista os estudantes são levados a desenvolver conhecimentos técnicos, aprendem também a equalizar esse instrumento, tornando-o capacitado para se inserir no mercado de trabalho.

O projeto realiza atividades de educação para o trabalho com vivências e oficinas de música percussiva e outras ligadas à área, como técnicas de som, de iluminação e de produção musical, de forma a atender à demanda da indústria cultural local, tornando-se um centro de iniciação musical, formação técnica, estudo de instrumentos de percussão e de sua fabricação artesanal.

Na Escola de Educação Percussiva Integral são trabalhados ritmos percussivos que são pouco estudados na Bahia, como embolada, coco, xote, maracatu e o samba matriz. Isso porque o projeto reconhece a importância desses ritmos para a história da música baiana.

Tudo isso, propiciará a integração dos alunos, visando torná-los sujeitos aptos ao exercício de sua cidadania e elevação de sua autoestima étnico-cultural e socioambiental.

- **CLUBE DE MÃES DA ESTRADA DAS BARREIRAS E ADJACÊNCIAS⁴**

Uma associação sem fins lucrativos que vem desenvolvendo há vinte anos ações de caráter sociocultural, nas comunidades da Estrada das Barreiras, Tancredo Neves, Mata Escura, Sussuarana, Engomadeira e redondezas. O Clube foi criado pela professora pedagoga Hamilta Maria de Jesus Queiroz, com o intuito de dar continuidade a ações sociais que ela já desenvolvia há mais de 10 anos nessa mesma área. Atualmente sua principal atividade é a manutenção de sua CRECHE ESCOLA COMUNITÁRIA que atende 26 crianças, oferecendo conhecimento, alimentação, acolhimento e proteção.

- **ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES PAROQUIAIS DE MATA ESCURA E CALABETÃO - ACOPAMEC⁵**

A Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão - ACOPAMEC - é uma instituição com fins não econômicos, que investe na educação da criança, do adolescente e do jovem na prevenção ao risco social, na preservação do ambiente familiar, nos bairros de Mata Escura e Calabetão.

⁴ A partir dos dados encontrados em <http://cmeia-projetosocial.blogspot.com/>.

⁵ Informações retiradas do site <https://www.ceifar.org.br/> em agosto/2020.

Atende crianças, adolescentes e jovens através das diferentes ações desenvolvidas: dança, teatro, violão, esportes, capoeira, educação infantil, inserção no mercado de trabalho, além de cursos profissionalizantes - culinária, panificação, eletricidade predial, informática, cabeleireiro, estética, prótese dentária e auxiliar de serviço bucal.

- **CENTRO DE INTEGRAÇÃO FAMILIAR – CEIFAR⁶**

Atende crianças, adolescentes, jovens, adultos e famílias que apresentam necessidades básicas, fornecendo cuidados pessoais e formação escolar, promove ainda o atendimento de necessidades que abrangem saúde física e mental, nutricional e profissional.

O centro tem implementado ações que ajudam a reestruturar e reorganizar as possibilidades de participação de seus assistidos na sociedade, oferecendo oportunidade de desenvolvimento da autonomia e crescimento socioeconômico da comunidade. Atualmente, mais de 400 crianças e suas famílias são atendidas pela instituição.

A partir de uma reformulação na estrutura educacional, o Ceifar passou a contemplar um programa de educação infantil para crianças de 3 a 6 anos. Com essa mudança, houve uma subdivisão das atividades em Educação Infantil, Acompanhamento Pedagógico, Ações Multi-Educacionais (AME) e Atendimentos Médicos-odontológicos.

O CEIFAR promove cursos profissionalizantes a fim de ensinar aos alunos a ultrapassar o medo e a assumir riscos. Nossos cursos são: Recepcionista, Porteiro e vigia, Telemarketing, Corte e Costura, Customização, Tortas doces e salgadas, Pré-natal, Culinária, Marketing, Horta, gastronomia, Alfabetização, Empreendedorismo.

Ainda atua com projetos de educação, esporte, cultura e saúde.

- **CAPDEVER/MOTUMBAXÉ**

O CAPDEVER surgiu em 2000, inspirado na morte do Pe. Ezequiel Ramin, assassinado em 1985 em Rondônia. Atua na conscientização da população e na emancipação, sobretudo dos Afrodescendentes especialmente de: 40 mulheres que desenvolvem sua apropriação de gênero em um Grupo de autoestima e geração de renda, Cooperativa, Cursos Profissionalizantes.

⁶Informações retiradas do site em agosto/2020.

São atendidas 250 crianças, adolescentes e jovens nas escolas de educação infantil, escolas comunitárias e reforço escolar. Por meio de intervenções nos planos biológico, psicológico, cultural e espiritual, a partir das raízes afro e cristãs, com ações educacionais, artísticas e culturais para melhorar a autoestima e tornar plena a cidadania e a consciência étnica e assim preparar e segurar elas na escola pública, evitando a marginalização, prostituição e violência e drogas.

Com uma das sedes em Sussuarana e outra no Quilombo Quingoma.

3.3.3. Iniciativas Artístico-Culturais

O Cabula é um polo cultural marcado por diversas iniciativas que buscam através da arte ressignificar o cotidiano e atuar diretamente no enfrentamento da violência que atinge muitos bairros, vamos elencar algumas dessas iniciativas, a fim de apresentá-las e destacar sua atuação com a formação para o trabalho e/o potenciais econômicos.

- **BLOCOS DE CARNAVAL**

A Associação Cultural Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro⁷ objetiva resgatar a memória e autoestima da comunidade negra do bairro do Beiru. A instituição tem categoria: afro e está situada no bairro de grande concentração de pessoas negras, realizamos atividades culturais durante todo o ano, são eles: Macramê, Origami, Penteados afros, Biscuit, Bordados em Pedraria, Palestras comunitárias, Percussão, Dança afro entre outros, também atividades profissionalizantes como: Curso de Informática, espanhol, Manicure e Pedicure, Tempo de Aprender e Fotografia, possibilitando a requalificação das pessoas para buscar o mercado de trabalho.

Realiza eventos como lançamentos de livros, a marcha do Beiru realizada no mês da consciência negra, eventos esportivos com a LDQB- Liga Desportiva Quilombo do Beiru, que realiza campeonatos de futebol de veteranos e jovens, tendo como atletas os moradores do bairro que formam seus times, participam do carnaval de Salvador

⁷Descrição retirada do site: <https://prosas.com.br/empreendedores/5895-associacao-cultural-comunitaria-e-carnavalesca-mundo-negro>

Mantém o ponto de memória do Beiru, um ponto de visitação para a comunidade e bairros adjacentes, onde trazemos: A exposição dos orixás para mostrar a sociedade um lado que eles não enxergam, por não ter virtude ou conhecimento sobre o assunto; Confeção do busto do Negro Beiru, escravizado século de XIX; Cinemas para o público infantil, jovens e adultos; Exposição e resgate do bairro Beiru; Biblioteca; Exposição de Células e utensílios antigos; Exposição de fotos antigas e atuais do bairro.

No bairro de Engomadeira, outro bloco se destaca, mantido pela Escola Comunitária Engenho dos Negros, o Bloco Afro Arca do Axé⁸ desenvolve atividades de percussão, dança afro, artesanato, produção de adereços, fantasias, máscaras, estética afro, informática, teatro, alfabetização de jovens e adultos, biblioteca e banco de informações nagô.

- **SARAUS**

O Sarau da Onça é um coletivo que desenvolve ações culturais, educacionais e de formação para jovens soteropolitanos. O projeto surgiu em 2011, no bairro de Sussuarana, periferia de Salvador e tem objetivo de mudar a forma como o bairro é visto pelas mídias, pessoas e principalmente pelas autoridades.

Idealizado por Sandro Sussuarana, Evanilson Alves, Maiara Guedes e Omael Vieira, o grupo se reúne quinzenalmente propiciando a construção de espaço de educação e cultura para a comunidade periférica. O grupo também realiza oficinas de escrita, dança e teatro, além de debates com objetivo de falar de temas que tocam a juventude negra e periférica. Possuem 3 livros publicados e reconhecimento em toda cidade, sendo uma grande referência na mobilização literária.

O Sarau Crias da Mata, é outro sarau existente no Quilombo Cabula, se define como um coletivo político de manifestação cultural negra, surge em 2018 e os encontros são realizados no Colégio Estadual Prof.^a Marileine Silva, se propõe a ser um espaço educativo e cultural. Por isso, reúne palestras, rodas de conversas e apresentações culturais para a juventude de Mata Escura.

⁸De acordo com o site: <http://arcadoaxe.comunidades.net/>

- **GRUPOS DE CAPOEIRA**

A capoeira é um expoente da cultura africana se apresentando como elemento de referência na luta e resistência do povo quilombola, por isso, após o mapeamento de grupos, conseguimos identificar algumas organizações que mantêm ações sociais junto às crianças e adolescentes, além de colaborar no reavivamento dessa arte.

Quadro 10 - Grupos de Capoeira localizados na região do Quilombo Cabula			
NOME	MESTRE	INÍCIO DAS ATIVIDADES / FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Grupo Luanda	Mestre Eziquiel	1964	Resgate
Associação Cultural de Capoeira Angola União Livre	Mestre Az de Branco	1982	Arraial do Retiro
Grupo De Capoeira Angola Cabula (GCAC)	Mestre Barba Branca	1984	Engomadeira
Associação Cultural de Capoeira Sete Quedas	Mestre Roberto	1991	Estrada das Barreiras
Associação Cultural De Capoeira Maré	Mestre Ministro.	1992	Doron
Grupo Cultural de Capoeira Angola Ilê Axé Opô Afonjá	Mestre Barba Branca	1996	São Gonçalo do Retiro
Associação de Capoeira Defesa e Ataque Nova Geração	Mestre Azulão	2000	Engomadeira
Lua Branca: Escola de Capoeira e Militância Cultural	Mestre Eziquiel	2004	Mata Escura
Ass. Cultural Desportiva De Capoeira E Arte Leão Da Tribo De Judá	Mestre Tadeu	2008	Beiru
OBA DX – Orquestra de Berimbau Afinados Dainho Xequerê	Dainho Xequerê	2011	Arraial do Retiro
Grupo De Capoeira Gingaê Bahia	Mestre Patinho	2017	Mata Escura

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das redes sociais e sites oficiais das instituições.

● **GRUPOS ARTÍSTICOS**

Quadro 11 - Grupos de Artísticos localizados na região do Quilombo Cabula

NOME	HISTÓRICO	LINGUAGEM	ANO DE INÍCIO	BAIRRO
Cia Robson Correia	A Cia de Dança Robson Correia persegue a premissa de que “o artista tem de ir onde o povo está” objetivando revitalizar e difundir a Arte e propondo ao cenário cultural baiano atividades artísticas, tendo como carro chefe a Dança. Traz em seus espetáculos e projetos a capacidade simultânea de emocionar e suscitar a reflexão sobre aspectos cultural, artístico e social, tendo em vista que a Arte é um instrumento poderoso de mobilização na sociedade contemporânea.	dança	2004	Beiru
Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xequerê	A OBADX nasceu em 2008, a partir de uma proposta do músico e arte-educador Dainho Xequerê, para dar continuidade ao projeto do seu mestre e professor, Ramiro Musotto, compositor e produtor musical argentino. Dainho Xequerê organiza a execução de berimbaus, de modo a adquirir a precisão sonora com o máximo de notas, e melodias mais extensas. Sua proposta consiste em trazer a riqueza harmônica e melódica dos berimbaus, dialogando com instrumentos de percussão e sopro, e outras linguagens artísticas, tais como dança e poesia.	música	2008	Arraial do Retiro
Adolescer com Arte	A trajetória do Adolescer com Arte, grupo de educação em saúde, que desenvolve ações de saúde promovendo o protagonismo juvenil através das artes, especialmente do teatro e da música. O projeto foi idealizado por um Agente Comunitário de Saúde (ACS), como resposta a pouca frequência de jovens na Unidade de Saúde (US). Criado em 2009, vinculado ao Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador- Bahia, o Projeto conta atualmente, com cerca de 30 a 40 adolescentes e jovens, com idades entre 12 e 24 anos, oriundos da Mata Escura, bairro popular de Salvador, que participam anualmente de discussões sobre assuntos relacionados à saúde, escolhem temas que consideram relevantes dentro de seus contextos sociais e elaboram peças teatrais a fim de transmitir o conteúdo construído para outros adolescentes.	teatro	2009	Mata Escura
Companhia de Artes Elementos	A Companhia de Artes Elementos nasceu em 2010, após o Fórum Intermunicipal de Teatro Amador (FITA) que reúne artistas amadores para discutir políticas públicas, reconhecer espetáculos e integrar a comunidade artística. O grande argumento para sua criação foi “se ver em cena”, mesmo oriundos de outras companhias, este anseio nunca foi suprido, para além de se ver a companhia queria se posicionar politicamente, o que significa dizer que quanto artistas queríamos incomodar. Nesta perspectiva buscamos construir nossa própria identidade com a elaboração do primeiro texto autoral e colaborativo “Pelos Olhos do Coração”, nesta época contamos com dois atores, Juliana Monique e ClaudioNyack.	teatro	2010	Beiru
Grupo Art’mandaia	O Grupo Cultural Art’Mandaia (GAM) atua desde 2011 no bairro de Saramandaia e Pernambués, e alicerçado no protagonismo de jovens negros realizou diversas ações abertas ao público em sua sede, em espaços comunitários e alternativos, além de diversas escolas da região. Em 2014 os integrantes do GAM participaram como alunos das oficinas artísticas do Projeto Boca de Brasa edição Pernambués, inscrevendo-se individualmente em formações diferentes, a fim de ampliar e compartilhar os conhecimentos e fortalecer as ações do grupo. Montou os espetáculos “Por trás do lixo”, “Romeu & Julieta do Sertão” e “Anjos do amor”. Faz parte da “Caravana Itinerante” da Rede Cênica e Cultural da Bahia (RCCB), e se apresentou em Bonito, Ilhéus, Iraquara, Morro do Chapéu, Utinga, Seabra e Souto Soares, entre os anos de 2011 a 2017	teatro	2011	Saramandaia Pernambués
Cia da Mata	Tendo sido criada em 2014, a Cia da Mata surgiu como um grupo para participação em concursos e competições culturais, enxergou-se na construção de um grupo de dança afro a possibilidade de valorizar e fortalecer a imagem e os costumes daquela localidade, bem como promover o conhecimento, aprendizado e educação através da dança. Além de ser uma forma de respeitar a ancestralidade do bairro e as ligações com a cultura africana presentes ali. Hoje a Cia da Mata completa três anos de criação e atua como um grupo de dança afro formado em sua maioria por moradores do bairro da Mata Escura.	dança	2014	Mata Escura

Fonte: Elaborada pela Autora, a partir de informações das redes sociais

4. EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

Os valores dos povos negroafricanos constituem a potência de vida, renova a existência e direciona para os caminhos que podem/devem reconhecidos para que possamos dar continuidade ao legado, sem dúvida, a ancestralidade se apresenta nos saberes e fazeres do povo negro, mesmo que esteja minimamente deslocada do eixo territorial.

Entende-se a ancestralidade como um conceito bastante recorrente quando se evoca o sistema cultural, simbólico e histórico negroafricano para revelar que, apesar dos anos de maafa, uma centelha sempre está resguardada em algum espaço da pessoa negra, com isso não levantamos falsas dicotomias, entre corpo, mente e espírito.

A ancestralidade vai se assentar na anterioridade do caminho trilhado nos conhecimentos construídos e na transmissão de valores culturais, modos de pensar e agir e experiências cotidianas, há uma filosofia de coletividade que sempre reanima os corpos e mentes exauridos de anos de lutas, o Ubuntu é uma premissa ética e social escolhida para reger a nossa continuidade de povo negro.

Os povos negroafricanos diaspóricos, pela sua experiência de maafa, podem ser acometidos pelo esquecimento de sua essência e um distanciamento da ancestralidade devido aos imperativos do racismo. Contudo, ao enxergar as relações sociais, econômicas e culturais, vibramos por não estarmos desconectados de nosso berço, que é necessário falar por nós mesmo.

Os sistemas de valores tradicionais africanos são completos para designar a epistemologia de seu povo, mesmo diante da pluralidade interna e da capacidade de dialogar com o diferente, muito mais como um movimento de vias contínuas, cooperativas e solidárias; e que demonstra sua capacidade de vislumbrar um novo modo de civilizar-se, de estar com o outro, de integrar-se com a natureza, como um elemento e não como senhor.

Por isso, evocamos o Ubuntu, enquanto mobilização e reativação de humanística na perspectiva africana territorializada, tendo a Afrocentricidade como caminho epistemológico concebido na diáspora, tornando-se um celebrar do espírito das coisas africanas.

Estes princípios chamam-nos para recuperação das tradições e dos valores africanos ‘depositados’ nas comunidades africanas, tentando construir e, por vezes, reconstruir um discurso ‘autenticamente’ africano, como aponta Castiano (2010, p. 39).

Tomando como vetor a existência e o ser, a cosmovisão africana bantu Ubuntu busca reativar a humanidade individual e coletiva de uma pessoa, entendendo que a humanidade se institui, a partir da convivência comunitária. Ao evocar o nós, estabelecemos um caminho de reconstrução do que hoje se acentua no individualismo, tanto em sua perversidade, quanto no fortalecimento de autodestruição coletiva.

Inicialmente, vamos nos direcionar para extrair o máximo de compreensão do conceito Ubuntu, não apenas no sentido etimológico, mas também no sentido ontológico, genealógico e epistemológico. A importância dessa apreensão é justamente localizar o Ubuntu como constructo cultural africano para desenhar a educação afrocentrada e afastá-lo da superficialidade dos movimentos midiáticos, que se apropriam do conceito e o transforma numa frase de efeito publicitário.

Ubuntu é uma palavra encontrada na língua xhosa e zulu, que remete a humanidade para todos, tornando a perspectiva de que a vida é uma constância coletiva, por isso, genealógica, interdependente que junto formam o todo, a Natureza, o muntu não existe só, como parte da Natureza, conecta-se com o visível e o invisível e integra-se em todos os planos.

Ramose (1999, p. 2), ao explicar etimologicamente a palavra Ubuntu, nos orienta que se trata de duas palavras em uma, consiste no prefixo *ubu-* e na raiz *ntu*, a primeira refere-se a ideia de existência e a segunda a existência como forma concreta, numa rápida correlação com o *dikenga bantu-kongo*, admite-se que *ubu* é a concepção de existência que existe no estágio de *musoni*, plano espiritual, e *ntu* vai se estabelecer em *kala*, no plano físico.

Com essa tentativa buscamos ilustrar a configuração que a essência alimenta o corpo físico, contudo um não se materializa sem o outro, num ciclo de complementaridade. A apreensão africana, não desfragmenta o ser, mas buscar perceber a multiplicidade do que se é, a partir da multiplicidade que está no outro, sendo mutuamente interdependentes, no sentido de que são dois aspectos do ser-sendo como unidade e totalidade indivisível.

Segundo o Nobel da Paz Desmond Tutu, ao palestrar na Conferência Inaugural do II Seminário Internacional Capitalismo Cognitivo – Economia do Conhecimento e a Constituição do Comum, que ocorreu de 24 e 25 de outubro de 2005, no Rio de Janeiro, organizado pela Rede Universidade Nômade e pela Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS), conceituou: “Ubuntu é a essência de ser uma pessoa”, “significa que somos pessoas através de outras

pessoas”, “que não podemos ser plenamente humanos sozinhos”, “que somos feitos para a interdependência”.

A humanidade de uma pessoa se reafirma nas relações comunais, e na consciente interrelações que se tem com o outro, conseqüentemente com o todo. Essa visão é muito importante, porque a partir do reconhecimento do outro, por isso, não se subjuga por que me entendo como parte dele, sendo assim não existe o outro, mas o nós.

O professor Renato Noguera (2011) colabora nesse entendimento conceituando, “ubu” indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. “Ntu” significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando.” Percebam que todas as apreensões sobre o ubuntu, entram em consenso quando trata da complementaridade que a existência humana, vai estabelecer com o outro, sendo esse outro, tudo e todos, por vez, renega a ideia de hierarquia ou superioridade.

A experiência ubuntuísta é um constructo coletivo, por isso, ao entender-se como parte, e não como superior, impede que atuem na desumanização de outros seres humanos e não humanos, se assim fazê-lo, estamos comprometendo o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. Quando desumanizamos, cerceamos o trabalho e as potências de uma comunidade.

Descarta-se o fenômeno da caridade como ato de transcendência convencional, uma vez que serve mais para abrandar o sentimento de culpa, massagear egos inflados, do que para humanizar o outro. O processo de humanização do outro é uma via compartilhada, que significa trocar experiências, trabalhar junto, solidificar laços de apoio mútuo, é possibilitar que resultados dos esforços de/para todas as pessoas, elementos que se agregam no desenho de educação que buscamos.

Mudimbe (2013), ao se referir às comunidades Bantu, percebendo a existência da palavra Ubuntu, afirma que: “A comunidade destaca-se e compreende-se como uma entidade natural e social e infere autoridade do seu ser e da sua história” (MUDIMBE, 2013. pp. 188-189). Percebam que a comunidade é capaz de cumprir seu papel ao reativar no ser humano o sentimento de estar no mundo.

Algumas características éticas do ubuntu, “comportar-se de uma forma humana significa, portanto, em primeira linha, respeitar ao outro, ser indulgente, paciente, ter atitudes corretas e orientar toda a nossa energia para o outro (altruísmo)” conforme aponta Castiano (2010).

Muito nos revela que é na ética ubuntu se apreende a premissa catalisadora da pessoa, por isso, não basta a existência do ser como geradora de humanidade, como seu comportamento a materializa, possuir ubuntu é uma perspectiva ética e define a posição que ela pode ocupar na sociedade.

Flor do Nascimento (2016, p. 236), diz que “a movimentação complexa e articulada da existência, quando expressa na humanidade em seu coletivo e em sua definição, é o que o termo *ubuntu* denota”. Assim o movimento de existência de múltiplos elementos expressa a humanidade e os humanos como interdependente num sistema complexo de inter-relações éticas, materiais e de reconhecimento.

A maior amplitude de conhecimento e debate sobre o *ubuntu* coloca no centro o papel das filosofias africanas, das filosofias outras na construção de outra perspectiva de pensamento, percebe-se que o *Ubuntu* tem por função refazer a imagem, a representação dos povos africanos e, assim, refazer a imagem da própria humanidade e de suas diversas relações internas e com as outras instâncias da existência.

Sintetizando o pensamento, Negreiros (2019) postula que:

O termo está relacionado à humanidade, cooperação, respeito, acolhimento, generosidade, existindo como um ethos comunitário, pois representa as ações que realizamos em sintonia com nós mesmos na busca do nosso bem-estar e de todos à nossa volta, no sentido de alteridade, comunidade, espiritualidade, se relacionando com o passado e com o ciclo das existências futuras, portanto, com a ancestralidade. (NEGREIROS, 2019)

Assim, levantar uma série de sentimentos coletivos de existir como parte de um todo visível e invisível, que para serem bem-sucedidos vão basear-se na profunda compreensão de que o outro é parte de mim, nossas interconexões se complementam e torna-nos humano com humanidade.

Nesta perspectiva, compreendemos que a retomada da experiência africana, encontrada no seu berço civilizatório, nas comunidades tradicionais do território africano e da diáspora, vai inferir no modo de ser e existir no mundo. Esses elementos passíveis de serem reativados nas relações diaspóricas do Quilombo Cabula, ao buscar esse entendimento nas relações econômicas, vão colaborar para uma economia coletiva, cooperativa e solidária.

O Ubuntu é a filosofia ancestral que rege a perspectiva dessa pesquisa de construir uma educação afrocentrada, que se junta à Afrocentricidade como outro princípio mobilizador da nossa perspectiva.

A Afrocentricidade objetiva designar nossa experiência quanto sujeitos africanos no centro da nossa forma de ser e estar no mundo, muito além de paradigma, verte-se na busca de pensamentos, experiências e práticas que partam sempre da África quanto à matriz cultural e histórica.

A professora Ama Mazama (2003) elucida que:

Afrocentricidade é uma afirmação do lugar de sujeito dos africanos dentro de sua própria história e experiências, sendo ao mesmo tempo uma rejeição da marginalidade e da alteridade, frequentemente expressas nos paradigmas comuns da dominação conceitual europeia (Mazama, 2003).

Nós, pessoas negroafricanas, temos buscado reafirmar nossa humanidade através do resgate da nossa grandeza civilizatória, é como podemos inferir na contemporaneidade no sentido de reagir ao epistemicídio e também ao genocídio. Contudo, compreendemos a importância de construir narrativas, mas é necessário adotar práticas, as mudanças são solicitadas no mundo concreto.

Assim, o protagonismo africano, tanto o territorializado quanto o diaspórico, na produção do pensamento, implementa um rompimento com paradigmas que vem vilipendiando e roubando nossos processos autônomos e de autodeterminação, por isso, ao buscar o pensamento afrocêntrico não pretendemos utilizar as táticas eurocêntricas, mas colaborar na construção de um caminho próprio que nos coloca no centro de nossas próprias necessidades e como responsáveis pela mudança que almejamos.

O professor Asante (2009), complementa esta referência sobre Afrocentricidade com:

A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. (ASANTE, 2009, p.93)

Esta busca por autonomia e protagonismo sobre as nossas questões tem sido mal interpretado por conservadores que acabam por não admitir qualquer processo científico, social, histórico e cultural sem a tutela da branquitude, mas entendemos que isso faz parte da estratégia da branquitude para esvaziar o potencial que a afrocentricidade tem sobre os negroafricanos e de como pode vislumbrar novos horizontes.

A Afrocentricidade busca valorizar a experiência civilizatória do povo africano, ciente de que a pessoa africana deve ser capaz de colocar-se no centro de todo e qualquer fenômeno que seja

relativo a si próprio. Para o autor, o povo negroafricano deve reivindicar a agência na localização, no espaço, na orientação e na perspectiva e, assim, confrontar com estruturas e epistemologias opressivas. Esta reivindicação torna-se fundamental para olharmos a nossa história e o saber de onde partimos, este movimento de sankofa é também um movimento de renascença.

Ao definir a Afrocentricidade como a conscientização sobre a agência dos povos africanos, acaba por estabelecer um mecanismo de reorientação e recentralização, de modo que a pessoa possa atuar como agente, ou seja, aquele que constrói objetivando o interesse coletivo.

Essa ideologia de agência africana torna-se um sistema de motivação para que cada estrutura, reverbere num sentimento “de autorrealização baseado nos melhores interesses do povo africano”. (ASANTE, 2011, p.2)

Propomo-nos utilizar-se o paradigma da Afrocentricidade como referência, pois estamos num contexto de desagência contínua, onde toda a vida e interesses africanos são definidos pelas experiências brancas, e que por ora põe o negroafricano diaspórico à margem de sua própria história.

Nessa pesquisa buscaremos lançar mão da experiência comunal do Quilombo Cabula, com os contornos da contemporaneidade, para construir uma agência coletiva de empoderamento e mudança social, sem fechar em si e nem se apresentar como a última possibilidade, mas abrir caminhos para que seja sempre aperfeiçoada e ampliada.

O saber UBUNTU - Eu sou porque nós somos - busca entender a sociedade de uma maneira mais integral e solidária, sinaliza que as existências humanas estão interconectadas, portanto, a condição humana é uma existência coletiva. Este modo de pensar e de agir está presente em boa parte do continente africano, pertencendo aos povos *bantu*. Trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas com os outros, RAMOSE (1999) nos auxilia na compreensão “embora que na língua portuguesa não possa ser exaurido o significado desta máxima ou aforismo [UBUNTU], pode, entretanto, ser compreendido que um ser humano afirma sua humanidade por reconhecimento da humanidade de outros e, sobre estas bases, estabelece relações humanas com os outros”.

Quadro 12: Educação Afrocentrada (Conceitual)		
Princípio Teórico	Concepção	Referência

Cultura	<ul style="list-style-type: none"> • Consciência da história como referência da matriz cultural na contemporaneidade. • Resgate histórico como valor étnico-histórico • Unidade Cultural e Berço Civilizatório • História • Processos Civilizatórios 	Luz (2005) Bá (2008) Nascimento (2008) Silvério (2013) Diop (2014)
Cosmovisão Africana	<ul style="list-style-type: none"> • Essência mito-simbólica dos povos africanos; • Ancestralidade 	Fu-kiau (1998) Oliva (2005) Santos (2019)
Ubuntu	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia ancestral 	Ramose (1999) Castiano (2010) Noguera (2011) Flor do Nascimento (2016) Negreiros (2019)
Afrocentricidade	<ul style="list-style-type: none"> • Abordagem e compreensão 	Mazama (2003) Asante (2011, 2016, 2019)
Coletividade e Comunalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Rompimento da violência • Autogestão 	Nicolin (2007)
Religiosidade	<ul style="list-style-type: none"> • Plantio da organização socioespacial • Conexão com a ancestralidade 	Castro (2001) Nicolin (2007) Santos (2008)
Resistência	<ul style="list-style-type: none"> • Organização • Desenvolvimento • Manutenção dos valores ancestrais 	Moura (2001) Lindoso (2011) Nicolin (2007)

Quadro elaborado pela autora, 2020, a partir dos dados indicados na referência.

Essa perspectiva filosófica alinha-se harmoniosamente com o conceito de Educação Afrocentrada levantando excelentes percepções de o quê, como, por que, para quem e a quem ensinar para construções coletivas e autoafirmativas.

O conceito de Educação apontado por Freire (1999, p. 25) de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção...”. Freire ainda menciona que “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (1996, p 41.), portanto a Educação Libertadora é pulsante e só tem efeito sendo significativa, contextualizada e exige apreensão da realidade e condições de transformá-la, nisto para alcançar a liberdade é preciso formar conscientemente sujeitos para que estes se percebam centro da transformação.

Freire anunciou a necessidade de mudança, essas perspectivas de “transformar” sua realidade, quando a compreendemos e a inserimos no contexto racial, somos convocados a repensar o tipo de educação que nos é oferecida e o viés político ideológico que está por trás dela e o porquê não é capaz de nos emancipar? Mais uma vez somos alertados por Freire, “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de superação, no fundo, o nosso sonho”.

Após a compreensão de Freire, talvez seja lançado o questionamento sobre o porquê de uma Educação Afrocentrada. E é justamente nesse ponto que buscamos correlacionar. Freire propõe uma educação para liberdade, a Educação Afrocentrada se propõe trazer uma contextualização étnico-racial para inclusive a transformação das relações que o povo negro tem com sua origem. Madhubuti nos traz o conceito de afrocentrada para que possamos refletir onde se localiza essa educação, sendo assim se caracteriza como:

Uma qualidade de pensamento e prática que estão enraizados na imagem cultural e nos interesses das pessoas de ascendência africana, e que representam e refletem no centro de sua análise a experiência de vida, a história e as tradições das pessoas de ascendência africana. Afrocentricidade é então a base intelectual e filosófica em que pessoas de ascendência africana poderão criar seus próprios critérios científicos e morais para a autenticação dos processos humanos dos africanos. Ela representa o núcleo fundamental das qualidades e do "pertencimento" de pessoas de ascendência africana. (MADHUBUTI, 1990.)

Quando se propõem uma educação afrocentrada, buscamos resgatar que os valores africanos, são fontes de articulação para a educação do povo negro, independente da área de conhecimento, quando deslocamos a perspectiva para África percebemos que as possibilidades já estão bem fundamentadas exigindo apenas uma sistematização e o modus operandi para que se concretize.

Madhubuti (1990) complementa: Uma pessoa negra educada não deve apenas conhecer o currículo acadêmico, mas também deve ter um núcleo básico da compreensão da contribuição de seu povo para a civilização local, nacional e mundial.

Mas o que seria Educação Afrocentrada? Recorrer aos princípios e valores éticos, moral e cultural a valorização do outro, da vida comunitária, cooperativa e solidária, é o ponto chave para compreender a necessidade das relações entre a comunidade negra, assim a educação deve convocar esta mesma comunidade a construir uma mudança significativa no modo de viver do educando e nosso berço histórico e civilizatório nos convida a uma nova forma de se organizar e viver, atendendo aos objetivos da pedagogia afrocentrada, conforme SafhishaMadhubuti nos apresenta:

1. Legitima as fontes africanas de conhecimento;
 2. Explora positivamente e oferece suporte para uma comunidade produtiva e suas práticas culturais;
 3. Amplia e reforça a linguagem nativa;
 4. Reforça os laços comunitários e idealiza serviços para a família, comunidade, nação, raça, e o mundo;
 5. Promove relacionamentos sociais positivos;
 6. Transmite uma visão de mundo que idealiza um futuro positivo e autossuficiente para seu próprio povo, sem negar a auto-estima e o direito à autodeterminação dos outros
 7. Apoia a continuidade cultural, promovendo a consciência crítica.
- (MADHUBUTI, 1990)

Propomos uma base educacional que reacenda o aquilombamento⁹ no povo negro, que significa transformar nossa existência em poder para enfrentar os 400 anos de escravidão, que coloque a África no centro de nossa referência. A historiadora Beatriz do Nascimento dentre seus estudos sobre os quilombos, nos faz refletir sobre essa estratégia “o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política” (NASCIMENTO, 1985).

Neste contexto, a educação para povo negro, precisa ser capaz de despertar valores adormecidos pelo processo de colonização e de expansão e enraizamento do capitalismo. A cultura bantu é por essência coletiva, a individualidade é uma premissa capitalista que fragmenta

⁹ Forte estratégia de resistência negra e um elemento de desestabilização da lógica escravista, uma vez que se constituíam como ruptura social, ideológica e econômica com o modelo vigente. Os quilombos, se constituíram como unidades de protesto e de experiência social, de resistência e reelaboração dos valores sociais e culturais dos africanos e seus descendentes.

e isola o ser humano, destitui a lógica coletiva e pauta-se apenas na exploração desenfreada do homem pelo homem.

Nossa Educação não pode perder de vista que o fomento e cooperação em todas as ações da/para nossa comunidade é um ato político, isso deve permear tanto as estruturas sociais, econômicas e políticas. Nossa autonomia fundamenta-se na luta por uma educação que nos transforme quanto sujeitos individuais e coletivos, capazes de promover solidariedade intra-étnica entre os africanos e ao mesmo tempo promover estratégias de coalizão com outros grupos com interesses e necessidades semelhantes (MADHUBUTI, 1990).

Após, estas reflexões fundadoras podemos construir nosso entendimento de Educação Afrocentrada, partindo do processo civilizatório ancestral africano, que aqui tomamos o Ubuntu como força coletiva de reativação da humanidade estruturada estrategicamente na Afrocentricidade como o propósito de localização e agência, por isso, partimos de África como a referência de nossa educação, costurada pela agência, ou seja, pelo posicionamento político e social de fortalecer o povo negro, através de ações e pensamentos vitoriosos.

A comunidade do Quilombo Cabula sempre demonstrou que a resistência é um propósito de existência, por isso, não se permitiu a passividade diante dos processos violentos ao qual vem sendo submetidos, para permanecer vivo o povo negro compreendeu que somente por meio da organização coletiva é que poderemos colher avanços duradouros, reafirmamos que mesmo as especificidades não devem ser o elo para nossa desagregação.

A cooptação do direito de existir tem impedido que os negroafricanos diaspóricos ou territorializados se reconheçam em sua própria unidade, por isso, não raro, a dificuldade de se organizar, o fortalecimento e propagação de caminhos ideológicos dominantes e sedutores, de uma larga construção científica de apagamento, são capazes de absorver até as mentes mais astutas e potentes.

Ao entendermos a unidade como meio de fortalecimento de uma nação africana, nosso subjugo histórico, social, cultural e econômico tenderiam a se dissolver, pois nossa própria luta e propósito apontariam caminhos de construção de sistemas africanos de pensamento, ideologias, os setores sociais, a sistematização do conhecimento e, sobretudo, arranjos econômicos.

Pessoas negras devem ter profunda compreensão das realidades política, racial, econômica, científica e tecnológica que confrontam a sobrevivência de pessoas africanas local, nacional e internacionalmente e resgatar as tecnologias ancestrais para reconstrução e ressignificação da

existência. Sem esquecer que deve promover uma visão de mundo que estabeleça a comunicação, o entendimento e o compartilhamento.

Sobretudo, ao pensar na unidade e solidariedade intra-étnica busca-se fortalecer na identificação desses interesses e necessidades e na construção de soluções coletivas e solidárias, uma dessas necessidades latentes é o poder econômico, onde sem esse aporte, estaremos sempre manipulados pelos nossos inimigos, que acirram a manutenção do nosso status de pobreza ou precarizam de nossa sobrevivência.

A educadora Vanda Machado, que pode desenvolver uma experiência de educação pioneira no contexto oficial de ensino, o IrêAyó não é apenas um projeto político pedagógico, mas a aplicação prática de uma experiência na qual se evidencia elementos de abordagem afrocêntrica, assim adotamos como nosso objetivo construir: “uma educação que tem como fundamento a observação, a compreensão da gênese dos acontecimentos, da inter-relação e interdependência de todas as coisas e de todos os saberes” (MACHADO, 2013, p.83).

Esse movimento apontado por Vanda Machado nos orienta e dimensiona quanto o papel da comunidade na construção do sujeito e como a educação é um processo cíclico e continuada e acontece com a compreensão de onde partimos, das origens, por isso, não perdemos de vista quando iniciamos nossa proposta com Ujamaa.

O propósito de construir uma educação afrocentrada como via de poder econômico alinha-se muito com o entendimento, que o trabalho é gerador de riqueza e motivo de orgulho para o povo negro, entretanto, o olhar atento às questões raciais, o afrocentramento e o reavivamento de valores são capazes de reposicionar e construir a nossa existência no futuro.

Quadro 13: Características da Educação Afrocentrada Aplicada	
Fontes africanas de conhecimento;	Acessa referências africanas para produção do conteúdo, por isso, o mergulho histórico-cultural fundamenta o processo.
Identifica e explora positivamente práticas culturais;	Rememora a experiências ancestrais e correlacionam com os fazeres da contemporaneidade;
Amplia e reforça a linguagem	Utiliza-se da língua africana para definir as experiências africanas, estimula a colaboração por meio da comunicação.
Comunalidade	Aponta as experiências comunitárias e convoca para construção de redes, assim a partir da interação social se constrói saberes significativos.
Visão Positiva e Autossuficiente	Provoca a autodeterminação e a participação na

	construção do futuro.
Responsabilidade individual e coletiva	Promovendo a consciência crítica.
Circularidade de saberes	Nenhum conhecimento é descartado, as colaborações alimentam o fluxo de conhecimento, portanto participativa, dialogada e coletiva.

Elaborado pela autora (2012).

A Educação Afrocentrada que propomos constitui um projeto político de emancipação do sujeito negro, por isso, parte de elementos ancestrais para promover um saber significativo e circular, ao incorporá-lo no contexto econômico, mobiliza-o para o atendimento dos nossos interesses.

É importante destacar que a educação afrocentrada não se apresenta como um modelo padronizado, no qual basta replicar a fórmula que estará alcançando os seus objetivos, mas emerge de uma reflexão crítica, onde os sujeitos envolvidos se educam, a partir do ensinar-aprender circular.

A unidade cultural da África Negra permite identificar uma série de características presentes na forma de educar dos mais diversos povos africanos, bem como naqueles oriundos da diáspora que direcionam o compromisso ético, teórico e prático. Sendo assim, preocupa-se em construir as bases cultural, social, histórico e político para a vida do sujeito negro no mundo.

O processo de empoderamento, por meio da Educação Afrocentrada, é compreendido como uma atitude mental, onde o aprendiz fortalece sua mente, seu corpo e seu espírito para agir, perante um sistema antinegro que nega a sua existência.

Essa perspectiva preocupa-se muito menos com a defesa, e mais com a consciência de que esse sistema se apresenta com ramificações racistas que promove a morte simbólica e física, e que devemos nos ocupar sobre aquilo que é de melhor interesse da nossa comunidade africana, seja ela local, ou global.

Constitui-se assim, a responsabilidade individual em qual a morar com o processo organizativo de sua comunidade, postulando novas formas de convivência, posicionando suas decisões contra-hegemônicas, enfraquecendo o domínio mental e o autoódio.

Cada elemento supracitado constitui um valor e uma prática, sem esgotar as possibilidades que as ferramentas mediadoras possibilitam.

4.1.UJAMAA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

Provocados pelo nosso contexto histórico-social do Quilombo Cabula e das nossas produções econômicas negras, ocupamo-nos do constructo UJAMAA: Educação Afrocentrada que pudesse favorecer às iniciativas negras do território, buscando compreender aspectos de resistência nos fazeres econômicos.

Construir uma educação afrocentrada significa adotar uma série de perspectivas que venham reafirmar valores africanos, por isso, nosso processo inicia pelo aprofundamento do Ubuntu, que se apresenta como a experiência de vida comunitária e uma base filosófica e a Afrocentricidade, como dinamizadora dessa construção afrocêntrica, pelo seu processo de agência para as pessoas africanas.

Assim, ao nos dedicarmos aos construir essa educação, questionamos se os direcionamentos atendiam ao melhor interesse do povo a quem direcionamos essa proposta, que inicia na elaboração de um contexto afirmativo sobre os conteúdos que pretendemos apresentar, isso porque, a premissa de uma Educação Afrocentrada é explorar a história e cultura africana positivamente.

Ao explorar, não só apresentamos nossa perspectiva, mas identificamos os processos de conhecimento, resistência e práticas que já estavam sendo realizadas pelos nossos ancestrais, assim, não há uma novidade, sobre o que fazemos, mas conseguimos reconectar com aquilo que eles já realizavam antes, entretanto, as formas do nosso tempo, permitem diversificar os métodos.

Ao nomearmos com a palavra em swahili “Ujamaa”, conforme exploramos no capítulo anterior, que significa “família estendida”, a família pode ser entendida como uma comunidade que opera sua existência, e ainda podemos entendê-la ainda como “economia colaborativa”, assim o fazer econômico se dar de forma consciente do fazer comunitário, produzir, distribuir e consumir no coletivo.

Assim, somos inspirados em adotá-la por entender que nossa Educação tem por direcionamento construir saberes, reforçar nossa identidade partindo do fazer econômico. Portanto, é o nome que melhor apresenta aquilo que queremos propor quanto processo de aprendizagem, pois revela, não apenas um título, mas uma série de valores ancestrais que dialogam diretamente com a perspectiva de quilombo que nos rege nesta pesquisa.

O projeto de Educação Afrocentrada que buscamos apresentar cerca-se do pensamento africano para promover diálogos, capazes de buscar uma totalidade, Vanda Machado, no alerta: "O pensamento de matriz cultural africana não comporta especialistas. Como generalistas, vive-se a necessidade da compreensão da totalidade dos seres." (MACHADO, 2013, p. 83.)

Mergulhamos na totalidade para compreender que nossa educação é holística e sistemática, assim, adota elementos vivenciados na história negra, sem perder os aperfeiçoamentos apresentados nas atualidades, contudo, o que é mais efervescente é o fato de querer tratar de várias dimensões da vida.

Educar para a Economia Coletiva por meio da Educação Afrocentrada é não perder o fio que amplifica a compreensão de complementaridade entre o passado e o presente, e com isso, vislumbrar um futuro autônomo e autogestionário. Mobilizar as forças produtivas conscientemente para o interesse coletivo, é um marcador de potencialização do fazer negro.

Apresentamos na seção anterior, sobre o que caracteriza uma Educação Afrocentrada, retomamos a essas características para identificá-las na nossa proposta educacional, que por ora ocorre através da mediação tecnológica online, ou seja, nosso canal no youtube:

- Fontes africanas de conhecimento: a Afrocentricidade nos convoca a se colocar como agente de todos os fenômenos humanos, essa proposição só poderia ser atendida se tomássemos como referencial, a nossa própria história. Era preciso identificar os elementos que subsidiariam as produções do conteúdo do canal, e Ujamaa era o entendimento de produzir e distribuir bens no coletivo, não apenas como reafirmação da identidade, mas como princípio ético.
- Identifica e explora positivamente práticas culturais: a busca por fontes africanas, possibilita rememorar a experiências ancestrais e, sobretudo, perceber a interconexão com o que tem sido feito no aqui e agora, alimenta o grau de continuidade, esse despertar pode ser subjetivo, mas que reafirma a ancestralidade nas nossas práticas. Assim, ao identificá-las, a exposição permite redefinir as narrativas e se contrapor ao movimento racista científico, que a reduz como práticas primitivas.
- Amplia e reforça a linguagem: as formas de se comunicar se posiciona como um elemento importante na incorporação de valores, a Educação Afrocentrada é dialógica, oral, prática e vivencial, assim, a linguagem compreende a apresentação dos conceitos e práticas próprias, buscando afirmar seu ponto de partida africano.

- Comunalidade: Ujamaa é a experiência comunitária de produzir o bem estar, essa prática coletiva reforça os laços e valorização de saberes na comunidade, por ela se educa e se aprende, os papéis são bem defendidos, mas impera uma complementaridade desses papéis.
- Visão Positiva e Autossuficiente: A educação que emancipa é aquela que desperta no sujeito a visão sobre si, sobre a sua história, define a autoestima e demonstra que somos capazes de construir tudo o que é necessário para nossa vida quanto comunidade.
- Responsabilidade individual e coletiva: a Educação Afrocentrada dialoga com o despertar quanto sujeito que atua na comunidade construindo sua consciência crítica por meio do posicionamento político comprometido consigo quanto sujeito, mas também com a comunidade.
- Circularidade de saberes: o conhecimento se dá pela interação social, a escuta-fala se institui por meio do respeito a potência criativa de cada sujeito, ninguém é esvaziado de saber, todos detém uma vida a ser compartilhada, que é acrescida pela participação dos outros por meio da oralidade, mas sobretudo, fincada em ser um sujeito que se entende e faz no coletivo.

Por isso neste capítulo, buscamos dialogar sobre os princípios adotados para a construção dessa pesquisa e da experiência de Educação Afrocentrada voltada para iniciativas econômicas do povo negro, que parte da reativação da memória por meio da identificação, por isso, como primeiro passo construímos o contexto, e logo após o mapeamento

4.2.FERRAMENTA TECNOLÓGICA MEDIADORA

A internet se apresenta como um mecanismo capaz de aglutinar uma série de formas de aprender, essa possibilidade flexibiliza o conteúdo disponível e convoca-nos a ser criativos em sua utilização, principalmente quando direcionamos ao público que tem mantido iniciativas econômicas, pois o tempo de trabalho e educação são interseccionalizados, exige que sejam também diretos e objetivos.

O que não significa sermos superficiais, mas que sejamos capazes de alcançar esse público pela aplicabilidade daquilo que nos propomos. Por isso, quem busca construir um conteúdo nesse

universo, pode alcançar bons resultados se conseguir unir essa questão, entendendo bem o perfil a que se destina.

O isolamento social evidenciou o uso de aparelhos tecnológicos e como podem ser utilizados efetivamente para os processos educacionais, desde que faça sentido e significado, pois o dinamismo forma e conteúdo deve atingir o público de modo que desperte a participação ativa no processo.

Com isso, optamos, em construir um produto digital, mais especificamente um canal no Youtube, como ferramenta educacional para o fortalecimento das iniciativas econômicas afrocentradas. A proposição é que este instrumento possa direcionar as iniciativas, fortalecendo a criação de redes de serviços e produtos, visibilizando as ações realizadas no coletivo, bem como fomentando a autonomia comunitária.

O Youtube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos que permite favoritar vídeos, criar um grupo, interagir com usuários e criar um canal de TV online na Internet. Rede social focada no compartilhamento de vídeos, de caráter visual, onde os usuários compartilham fotos e vídeos, podendo usar efeitos e interagir com outros usuários e publicações, comentários, curtidas.

Através das inscrições em canais, um usuário pode seguir o outro para poder acompanhar todos os conteúdos postados. Além disso, há também, as hashtags, que servem como um mecanismo de busca de vídeos, como uma espécie de filtro. Uma nova ferramenta, chamada YouTube Shorts permite fazer vídeos na plataforma de streaming, indicado para vídeos na vertical de até 60 segundos.

Por isso, nossa aplicação constitui-se o momento de pensar como a solução proposta atinge a comunidade de pertencimento, quais mecanismos permitem a validação, como é o processo dialógico e interativo com as ferramentas que a plataforma escolhida possibilita, quando definimos pela criação do canal **Ujamaa: Educação Afrocentrada**, a diversidade de recursos que o mesmo oferece, possibilita promover o processo dialógico que prezamos. Destacamos alguns recursos que faremos utilização, nos primeiros ciclos:

Quadro 14: Recursos do Youtube		
RECURSO	CARACTERÍSTICAS	USO NA APLICAÇÃO
Início	A página principal do canal apresenta um vídeo de boas-vindas para inscritos e não inscritos.	Convite para as ações do canal, como lançamento de vídeo e transmissão ao vivo.
Vídeo ¹⁰	Apresenta todos os vídeos enviados para o canal, apresenta-se como um menu onde o usuário escolhe o vídeo de interesse e pode interagir através de comentários e de marcações de “gostei” ou “não gostei”. Possibilitam a transmissão ao vivo de vídeo que permite compartilhar o diálogo e interagir com seus seguidores.	Disponibilizar todo nosso conteúdo principal.
Playlists	Uma lista de conteúdos organizada, podendo ser do próprio canal ou de outros.	Conduzir uma trilha de aprendizagem.
Canais	Pode apresentar outros canais que dialogam com o conteúdo.	Formando um conteúdo complementar a proposta do canal.
Discussão	Espaço dialógico onde os usuários poderão comentar, responder e criar possibilidades de interação. Como uma espécie de fórum, validando outros comentários por meio de “gostei ou não gostei”.	Promover debate complementar sobre o conteúdo, como links, e-mails, arquivos armazenados e etc.
Shorts	Publicação de vídeos criativos de até 60 segundos, criados no próprio aplicativo ou fora dele, possuem bom alcance.	Convites mais informais, para fortalecimento de vínculo e resumos animados do conteúdo principal.

Quadro elaborado pela autora, 2021.

Observamos ainda, a crescente produção de conteúdo afrorreferenciados, que podem fomentar discussão com outros pares, com isso, não deixamos de fazer a crítica diante do racismo algoritmo, na qual interfaces e sistemas automatizados tais como, plataformas de mídias sociais podem reforçar e/ou ocultar as dinâmicas racistas das sociedades onde são usados e emprega, ou seja, podem esconder e conceber processos de discriminação e racialização nas interfaces de big data, algoritmos, agentes artificiais (inteligência artificial e automatização) e outras.

Sendo assim, participantes negros que são criadores de conteúdo, precisam pressionar para que a ferramenta indique mais seus vídeos e assim alcancem mais visualizações, apontamos,

¹⁰ Nesta seção, são apresentados vídeos gravados e ao vivo.

sobre o Youtube, mas o racismo algoritmo está presente em várias outras plataformas digitais, como Facebook, Instagram, Google e etc. e quem vem sendo cotidianamente denunciadas.

Após compreender os recursos, percebemos que era necessário refletir sobre as experiências com a utilização da ferramenta e o contexto atual, uma vez que as possibilidades de utilização das ferramentas e formas de aprendizado são múltiplas, identificamos alguns caminhos que pudessem manter nosso alinhamento metodológico-prático. Decidimos em construir a nossa experiência observando, algumas questões:

Quadro 15: Reflexões sobre a aplicação		
ELEMENTO	FORMATO	CONSIDERAÇÕES OBSERVADAS
Vídeo	Formato Assíncrono (vídeos preparados e disponibilizados) e síncronos (ao vivo)	Os vídeos foram elaborados previamente e disponibilizado no canal, os conteúdos formativos neste formato possuem adesão contínua, ou seja, as pessoas sentem-se mais convocadas para acessá-los posteriormente. A experiência ao vivo busca compreender a participação e interação em tempo real.
Mediação	Comentários, "gostei e não gostei", visualizações, colaboração na aba discussão.	O diálogo com o público e interesse, pode ser estabelecido no lançamento dos vídeos.
Integração Tecnológica	E-mail, WhatsApp, Youtube e Facebook	A flexibilização de ferramentas que direcionam ao conteúdo produzido, através dos meios apresentados possibilita que a comunidade possa se expressar no contato imediato, essa estratégia de flexibilização de acesso ao conteúdo educacional é um modo de permitir que os vídeos cheguem ao público-alvo e possa se adaptar ao mecanismo de maior familiaridade, ex.: O gestor tendo acesso via WhatsApp poderá assistir ao vídeo e apresentar suas considerações, se a necessidade de migrar para o Instagram.
Organização do Conteúdo no canal	Utilização da função "Playlist".	Construir trilhas de acesso ao conteúdo principal: vídeo e complementares: imagens.
Tempo	Até 10 minutos	O conteúdo diluído em vídeos mais curtos, podem ser uma metodologia de síntese direcional, bastante interessante, ou seja, o conteúdo apresentado de forma mais direta e sistematizada, permite a construção de trilhas de aprendizado, principalmente, por entender que nosso público, é um

		público trabalhador, por isso, a objetividade pode gerar maior engajamento.
Público	Gestores de iniciativas econômicas afrocentradas	O conteúdo se destina a pessoas que atuam planejando, organizando e executando várias atividades de sua iniciativa econômica, portanto, ao delinear cada vídeo, é importante, que tenha aspectos capazes de gerar sentido e fixação do que for apresentado, bem como desperte para o processo de reconhecimento do saber ancestral na sua atuação econômica.

Quadro elaborado pela autora, 2021.

Considerando as reflexões acima, realizamos os ciclos de iterações através da elaboração de dois vídeos, no qual buscamos iniciar o processo educacional aproximando o público sobre o trabalho, o Quilombo Cabula, educação afrocentrada e economia coletiva.

Antes de iniciar a aplicação propriamente dita, precisamos preparar o canal para utilização:

- a. Criar o canal UJAMAA: educação afrocentrada;
- b. Personalizar o canal inserindo o nome “Ujamaa: Educação Afrocentrada” e inserindo uma biografia “UJAMAA: educação afrocentrada de economia coletiva quilombola para o Cabula é um espaço de compartilhamento de conhecimento sobre o legado africano que se revela por meio da economia.”;
- c. Adicionar uma foto e canal do canal;
- d. Postar o vídeo de convite para inscrição no canal
- e. Postar o vídeo de apresentação do canal,
- f. Campanha de inscritos para ampliar o número de pessoas.

5. MODELAGEM

Neste capítulo, vamos apresentar o entrelaçamento da pesquisa teórica com a aplicação na qual nos propomos a desenvolver, para tanto, partimos da compreensão histórica presente no capítulo 2 e dos princípios 3 e 4 para melhor com desenhar o canal UJAMAA: Educação Afrocentrada.

Buscamos apresentar uma identidade visual e conceitual que conseguisse exprimir os elementos encontrados na fase teórica, mas sem perder de vista aplicabilidade no apontar

soluções para o problema a qual se destina, contudo, nosso canal busca construir um diálogo sobre as tecnologias econômicas do povo negro do Quilombo Cabula, além de reativar as experiências ancestrais que, por si sós, já se apresentam como solução plausíveis, mas que o epistemicídio atua na negação.

Quadro 16: Modelagem do Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada		
ELEMENTO	DESCRIÇÃO	PRINCÍPIO
Início	A página principal do canal apresenta um vídeo de boas-vindas para inscritos e não inscritos.	Educação Afrocentrada – Como vimos no Capítulo 4, esta educação dar-se por meio da interação social e aprendizado comunitário, sua característica multidisciplinar, pautada na circularidade de saberes, na escuta qualificada e valorização as práticas culturais que sistematizamos na palavra UBUNTU, provocamos partir da experiência africana de educar para seja pela visualidade, as fontes africanas de conhecimento, o reforço da linguagem e do aprender em com o outro através da interação.
Vídeo ¹¹	Apresenta todos os vídeos enviados para o canal, apresenta-se como um menu onde o usuário escolhe o vídeo de interesse e pode interagir através de comentários e de marcações de “gostei” ou “não gostei”. Possibilitam a transmissão ao vivo de vídeo que permite compartilhar o diálogo e interagir com seus seguidores.	Educação Afrocentrada – dentre sua característica multidisciplinar, pautada na circularidade de saberes, na escuta qualificada e valorização das práticas culturais, bem como os elementos apresentados no capítulo dedicado a mesma, e nas sínteses via quadro 12. Economia Coletiva – apresentação de conteúdos que tenham como premissa o fazer econômico de pessoas negras, a apresentação dessas práticas e sua reelaboração para o contexto atual, essa consonância com a Educação Afrocentrada, busca uma visão positiva e autossuficiente, bem como a consciência e responsabilidade quanto sujeito e quanto coletivo, o conteúdo presente no capítulo 2, 3 auxilia nesse desenvolvimento.
Playlists	Uma lista de conteúdos organizada, podendo ser do próprio canal ou de outros.	Educação Afrocentrada – dar-se por meio da interação social e aprendizado comunitário, sua característica multidisciplinar, pautada na circularidade de saberes, na escuta qualificada e valorização as práticas culturais que sistematizamos na palavra UBUNTU, provocamos partir da experiência africana de educar para seja pela visualidade, as

¹¹ Nesta seção, são apresentados vídeos gravados e ao vivo.

		<p>fontes africanas de conhecimento, o reforço da linguagem e do aprender em com o outro através da interação</p> <p>Economia Coletiva – apresentação de conteúdos que tenham como premissa o fazer econômico de pessoas negras, a apresentação dessas práticas e sua reelaboração para o contexto atual, essa consonância com a Educação Afrocentrada, busca uma visão positiva e autossuficiente, bem como a consciência e responsabilidade quanto sujeito e quanto coletivo, o conteúdo presente no capítulo 2, 3 auxilia nesse desenvolvimento.</p> <p>Quilombo Cabula – território simbólico-histórico da nossa experiência, portanto, agregar ações que evidenciem a comunalidade e possibilita o lugar de acolhimento e reconhecimento do mesmo como espaço de resistência e orgulho. Atuando como reativação dos valores por meio da oralidade, história e experiências dos diversos atores.</p>
Canais	Pode apresentar outros canais que dialogam com o conteúdo.	<p>Educação Afrocentrada – dar-se por meio da interação social e aprendizado comunitário, sua característica multidisciplinar, pautada na circularidade de saberes, na escuta qualificada e valorização as práticas culturais que sistematizamos na palavra UBUNTU, provocamos partir da experiência africana de educar para seja pela visualidade, as fontes africanas de conhecimento, o reforço da linguagem e do aprender em com o outro através da interação</p> <p>Economia Coletiva – apresentação de conteúdos que tenham como premissa o fazer econômico de pessoas negras, a apresentação dessas práticas e sua reelaboração para o contexto atual, essa consonância com a Educação Afrocentrada, busca uma visão positiva e autossuficiente, bem como a consciência e responsabilidade quanto sujeito e quanto coletivo, o conteúdo presente no capítulo 2, 3 auxilia nesse desenvolvimento.</p> <p>Quilombo Cabula – território simbólico-histórico da nossa experiência, portanto, agregar ações que evidenciem a comunalidade e possibilita o lugar de acolhimento e</p>

		reconhecimento do mesmo como espaço de resistência e orgulho. Atuando como reativação dos valores por meio da oralidade, história e experiências dos diversos atores.
Discussão	Espaço dialógico onde os usuários poderão comentar, responder e criar possibilidades de interação. Como uma espécie de fórum, validando outros comentários por meio de “gostei ou não gostei”. Esse espaço, pode promover a circularidades de saberes, onde os participantes expõem, validam e colaboram com o que temos desenvolvido, o caráter histórico dessa seção, permite ainda que o acesso se der a qualquer momento, o que faz com que sempre possa seja resgatado e discutido à medida que alguém se integre ao canal.	Educação Afrocentrada – dar-se por meio da interação social e aprendizado comunitário, sua característica multidisciplinar, pautada na circularidade de saberes, na escuta qualificada e valorização as práticas culturais que sistematizamos na palavra UBUNTU, provocamos partir da experiência africana de educar para seja pela visualidade, as fontes africanas de conhecimento, o reforço da linguagem e do aprender em com o outro através da interação
Shorts	Publicação de vídeos criativos de até 60 segundos, criados no próprio aplicativo ou fora dele, possuem bom alcance. Estes vídeos permitem que sejam feitas provocações curtas e convites a interação, que podem ser aprofundadas através com vídeos mais longos e transmissões ao vivo.	Educação Afrocentrada – dar-se por meio da interação social e aprendizado comunitário, sua característica multidisciplinar, pautada na circularidade de saberes, na escuta qualificada e valorização as práticas culturais que sistematizamos na palavra UBUNTU, provocamos partir da experiência africana de educar para seja pela visualidade, as fontes africanas de conhecimento, o reforço da linguagem e do aprender em com o outro através da interação
Sobre	Descrição textual do canal, reafirma a identidade do canal, expõe objetivos e apresenta o conteúdo.	Educação Afrocentrada – dar-se por meio da interação social e aprendizado comunitário, sua característica multidisciplinar, pautada na circularidade de saberes, na escuta qualificada e valorização as práticas culturais que sistematizamos na palavra UBUNTU, provocamos partir da experiência africana de educar para seja pela visualidade, as fontes africanas de conhecimento, o reforço da linguagem e do aprender em com o outro através da interação. Obs.: esse espaço educa por convoca para o diálogo e compartilhamento.

Quadro elaborado pela autora, 2021.

Nossa modelagem segue a Educação Afrocentrada como princípio conceitual e instrumental, primeiro por entender que é preciso uma reativação das formas “aprender-ensinar” africanas, segundo por trata-se de pessoas que trazem na sua história a ancestralidade e comunalidade construída no Quilombo Cabula.

A Educação Afrocentrada pauta-se na história e cultura africana e associa tanto elementos conceituais de valorização da identidade, mas também observa o que essa história e cultura

contribuem para nossa experiência hoje. Atrela uma função política e social diante do contexto antinegro, onde várias ações são estruturadas para negar a existência quanto pessoa negra.

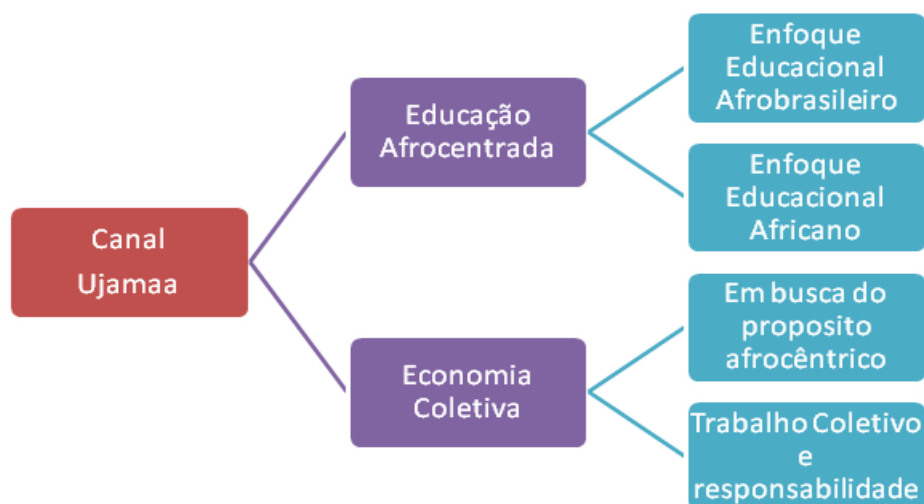
Sendo assim, o canal busca integrar a Educação Afrocentrada – onde são evidenciados valores educacionais, culturais e econômicos do povo negro, tanto afrobrasileiro, quanto africano, sobretudo, a perspectiva ubuntuística, no sentido de se fortalecer no coletivo, de ser através do outro, e a Economia Coletiva, que será evidenciada a partir do reconhecimento das tecnologias ancestrais de gestão.

Podendo se constituir numa rede ativa de educação afrocentrada, seja, para provocar a apresentação de produtos e serviços desenvolvidos por iniciativas negras apontando, inclusive, caminhos práticos a partir da interação contínua com essas iniciativas, seja provocando o enraizamento das perspectivas ancestrais, bem como o despertar para as experiências conectadas pela ancestralidade.

A escolha se dá pela crescente participação de iniciativas de nosso interesse - neste período de pandemia até mesmo aquelas que não tinham perfis passaram a utilizar, juntamente para poder prestando serviços, ou vendendo produtos - e a maior possibilidade de alcançá-las, acrescido das funcionalidades oferecidas e a capacidade de integração com outros espaços de comunicação e interação, o canal permite a construção de referência e memória sobre um determinado conteúdo, desde que seja absorvido pela comunidade de pertencimento, bem como pode ser comunicado e veiculado noutras plataformas de redes sociais e de comunicação.

Apresentamos abaixo, a partir da Figura 5, um detalhamento gráfico das diretrizes esperadas para efetividade do produto digital, e que não se encerra na conclusão do mestrado, uma vez que o mapeamento apresentado mais abaixo, apontou uma série de conteúdos que podem ser explorados, gerando um processo educacional mais flexível e acessível.

Figura 5: Representação Gráfica do Canal



FONTE: elaborado pela autora. Novembro de 2020

A publicização do produto digital (canal) é a oportunidade de validação, que compreende o conjunto de iniciativas econômicas afrocentradas do Quilombo Cabula e outros que se interessem pelo conteúdo objetivando que possua sentido e significado, podendo se tornar uma referência na educação afrocentrada direcionada para economia coletiva desenvolvida pelo povo negro.

Diante destes entrelaçamentos, nosso ponto de partida foi a elaboração do contexto, que visa um mergulho na história do Quilombo Cabula, nos elementos que ultrapassam o tempo e resistem na comunidade cabuleira através das iniciativas econômicas, para essa construção direcionamos o nosso olhar para antes da maafa, mas também demarcar que a história negra no Brasil não pode ser lida a partir da escravidão.

Atribuímos essas habilidades que atravessaram o Atlântico, a ancestralidade, pois, consideramos os fatos que nos permitem correlações e ressignificações, portanto, esse trabalho exigiu uma reativação da conexão ancestral com base nos estudos históricos e culturais, empreendendo para reforçar a identidade do território do Cabula.

Por conseguinte, no quadro abaixo organizamos a programação do canal UJAMAA:
Educação Afrocentrada:

CONTEÚDO: PRIMEIRA ITERAÇÃO COM A COMUNIDADE - GRAVADO

Quadro 17: Conteúdo de Aprendizagem – Vídeo 1		
Anfitriã	Juliana Monique	Pesquisadora
Participantes do Canal	Gestores de iniciativas econômicas do Cabula	Trabalhadores do Quilombo Cabula
Apresentação	Este vídeo objetiva construir uma compreensão africana de trabalho	Pesquisadora - 1 minuto
Tema	Ujamaa e o Quilombo Cabula	Capítulo 2 e 3
Subtema 1	Ujamaa Trabalho para comunidade africana.	Capítulo 3 - 4 minutos
Subtema 2	Quilombo Cabula.	Capítulo 2 - 4 minutos
Finalização	Momento mediador – convite a colaboração.	1 minuto
Duração Total	Até 10 minutos	Vide o Quadro 15
Princípios de Referência	Educação Afrocentrada e Economia Coletiva	Presente no capítulo 3 e 4

Quadro elaborado pela autora, 2021.

CONTEÚDO: SEGUNDA ITERAÇÃO COM A COMUNIDADE

Quadro 18: Conteúdo de Aprendizagem – MAKAMBA		
ECONOMIA COLETIVA NO CABULA: SABERES E FAZERES ANCESTRAIS		
Convidadas	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletivo Cabuleiras ● Cultarte ● Operadora AQC 	Gestoras de Iniciativas Econômicas do Cabula
Mediadora	Juliana Monique	Pesquisadora
Participantes do Canal	Gestores de iniciativas econômicas do Cabula	Trabalhadores do Quilombo Cabula
Apresentação	A makamba será apresentada pela mediadora, que organiza o conteúdo didaticamente, recepciona, aplica e observa a educação afrocentrada, esse conteúdo visa dialogar sobre saberes e fazeres no Cabula.	Pesquisadora
Tema	ECONOMIA NO CABULA: SABERES E FAZERES ANCESTRAIS	
Parte 1	Nesse momento serão dadas as boas-vindas aos participantes e aos usuários do canal. Em seguida, a mediadora apresentará as convidadas e depois o objetivo do encontro: compartilhar os saberes e fazeres econômicos do Cabula	5 minutos
Parte 2	Neste momento cada convidada terá 15 minutos para apresentar a iniciativa a qual pertence e as suas práticas, 5 minutos será para transições entre uma convidada e outra	50 minutos
Parte 3	Neste momento ocorrerá considerações da mediadora e interação entre as convidadas.	25 minutos
Parte 4	Convite para interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários	20 minutos
Finalização	Agradecimentos e convite para as próximas atividades.	10 minutos
Duração Total	-----	110 minutos
Princípios de Referência	Educação Afrocentrada, Quilombo Cabula e Economia Coletiva	Capítulo 2, 3 e 4

Quadro elaborado pela autora, 2021.

CONTEÚDO: TERCEIRA ITERAÇÃO COM A COMUNIDADE

Quadro 19: Conteúdo de Aprendizagem – MAKAMBA		
EDUCAÇÃO AFROCENTRADA: APRENDER E ENSINAR		
Convidadas	<ul style="list-style-type: none"> • Terreiro Bate Folha • Performáticos Quilombo • Odeart 	Lideranças
Mediadora	Juliana Monique	Pesquisadora
Participantes do Canal	Gestores de iniciativas econômicas do Cabula	Trabalhadores do Quilombo Cabula
Apresentação	A makamba será apresentada pela mediadora, que organiza o conteúdo didaticamente, recepciona, aplica e observa a educação afrocentrada, esse conteúdo visa dialogar sobre as práticas de compartilhamento de saberes no Quilombo Cabula	Pesquisadora
Tema	EDUCAÇÃO AFROCENTRADA: APRENDER E ENSINAR	
Parte 1	Nesse momento serão dadas as boas-vindas aos participantes e aos usuários do canal. Em seguida, a mediadora apresentará as convidadas e depois o objetivo do encontro: reconhecer as práticas educacionais de economia coletiva no Cabula	5 minutos
Parte 2	Neste momento cada convidada terá 15 minutos para apresentar suas compreensões sobre educação e suas práticas a qual pertence e as suas práticas, 5 minutos serão para transições entre uma convidada e outra	50 minutos
Parte 3	Neste momento ocorrerá considerações da mediadora e interação entre as convidadas.	8 minutos
Parte 4	Convite para interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários	25 minutos
Finalização	Agradecimentos e convite para as próximas atividades.	2 minutos
Duração Total	-----	90 minutos
Princípios de Referência	Educação Afrocentrada, Quilombo Cabula e Economia Coletiva	Capítulo 2, 3 e 4

Quadro elaborado pela autora, 2021.

CONTEÚDO: QUARTA ITERAÇÃO COM A COMUNIDADE

Quadro 20: Conteúdo de Aprendizagem – MAKAMBA		
GESTÃO DE UM NEGÓCIO PRETO		
Convidadas	<ul style="list-style-type: none"> ● Fabiana Pontes – Ouromin Ancestralidade Afro 	
Mediadora	Juliana Monique	Pesquisadora
Participantes do Canal	Gestores de iniciativas econômicas do Cabula	Trabalhadores do Quilombo Cabula
Apresentação	<p>A makamba será conduzida pela mediadora, que apresenta:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Tema geral da pesquisa; ● Metodologia Pesquisa de Desenvolvimento ● Projeto TBC ● Grupo de estudos SSESTU, REDE EDUCA E SOCIEDADE EM REDE ● PPGEDUC ● UNEB ● FAPESB 	Pesquisadora
Tema	GESTÃO DE UM NEGÓCIO PRETO	
Parte 1	<p>Este primeiro momento, seguirá o seguinte roteiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Boas Vindas aos presentes ● Apresenta a atividade e explica sobre o canal e makamba ● Apresenta o tema ● Objetivo: conhecer práticas de gestão de um negócio negro 	5 minutos
Parte 2	<p>Neste momento cada convidada terá 30 minutos conforme o roteiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Autoapresentação ● Apresentação do Negócio Negro: Ouromim Ancestralidade ● Processos de elaboração de produtos, as inspirações e técnicas ancestrais ● Técnicas de gestão com perspectivas africanas 	50 minutos
Parte 3	Neste momento ocorrerá considerações da mediadora e interação entre as convidadas.	8 minutos
Parte 4	Convite para interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários	25 minutos
Finalização	<p style="text-align: center;">Agradecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Projeto TBC ● Grupo de estudos SSESTU, REDE EDUCA E SOCIEDADE EM REDE ● PPGEDUC ● UNEB ● FAPESB <p>Convite para as próximas atividades.</p>	2 minutos
Duração Total	-----	65 minutos
Princípios de Referência	Educação Afrocentrada, Quilombo Cabula e Economia Coletiva	Capítulo 2, 3 e 4

Quadro elaborado pela autora, 2021.

CONTEÚDO: QUINTA ITERAÇÃO COM A COMUNIDADE

Quadro 21: Conteúdo de Aprendizagem – MAKAMBA		
FAZER ECONÔMICO DA ARTE NEGRA		
Convidadas	<ul style="list-style-type: none"> ● ClaudioNyack – Companhia de Artes Elementos 	
Mediadora	Juliana Monique	Pesquisadora
Participantes do Canal	Gestores de iniciativas econômicas do Cabula	Trabalhadores do Quilombo Cabula
Apresentação	<p>A makamba será conduzida pela mediadora, que apresenta:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Tema geral da pesquisa; ● Metodologia Pesquisa de Desenvolvimento ● Orientadores ● Projeto TBC ● Grupo de estudos SSESTU, REDE EDUCA E SOCIEDADE EM REDE ● PPGEDUC ● UNEB ● FAPESB 	Pesquisadora
Tema	FAZER ECONÔMICO DA ARTE NEGRA	
Parte 1	<p>Este primeiro momento, seguirá o seguinte roteiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Boas Vindas aos presentes ● Apresenta a atividade e explica sobre o canal e makamba ● Apresenta o tema ● Objetivo: evidenciar a arte negra como potência econômica 	5 minutos
Parte 2	<p>Neste momento cada convidado terá 50 minutos conforme o roteiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Autoapresentação ● Apresentação do Negócio Negro: Companhia de Artes Elementos ● Processos criativos imbuídos nos produtos culturais da Cia Elementos. ● A poética multifacetada da arte negra ● Técnicas colaborativas de manutenção e continuidade 	50 minutos
Parte 3	Neste momento ocorrerá considerações da mediadora e interação com o convidado.	8 minutos
Parte 4	Convite para interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários	25 minutos
Finalização	<p style="text-align: center;">Agradecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Orientadores ● Projeto TBC ● Grupo de estudos SSESTU, REDE EDUCA E SOCIEDADE EM REDE ● PPGEDUC ● UNEB ● FAPESB <p>Convite para as próximas atividades.</p>	2 minutos
Duração Total	-----	74 minutos
Princípios de Referência	Educação Afrocentrada, Quilombo Cabula e Economia Coletiva	Capítulo 2, 3 e 4

Quadro elaborado pela autora, 2021.

O conteúdo do canal foi construído para termos possibilidade de análise das duas formas de articulação, o vídeo gravado, com aspecto mais conceituais, e o ao vivo, que é uma modalidade de interação em tempo real, permitem uma participação e colaboração à medida que estão sendo apresentado.

Observamos que a estrutura apresentada possibilita que a práxis dialógica se estabeleça, sobretudo, por entender que a comunidade é protagonista dos seus fazeres e, ao evidenciar essas práticas colaboram com o processo educativo ao qual nos propomos. A Educação Afrocentrada potencializa os sujeitos para que reconheçam os valores simbólicos e políticos de sua existência.

Os conteúdos produzidos buscam atender ao que propomos por Educação Afrocentrada, seja por propiciar a circularidade de saberes, seja, autorreconhecimento e reconhecimento do território como espaço de continuidade e resistência. Estabelecemos a presença de convidadas por entender que o protagonismo de falas plurais sobre suas práticas, o reforço da comunalidade quanto princípio de fortalecimento, outro ponto é porque esses espaços de presenças múltiplas permitem que mesmo na condição de convidada, escute, compartilhe e colabore.

A Educação Afrocentrada é bem diversa quanto suas possibilidades de promover o aprendizado, entretanto, seu compromisso baseia-se na construção de consciência coletiva e afirmativa quanto pessoas negras, esse estágio consciente, perpassa pelo individual, mas se estabelece no coletivo, por isso que os vários convidados atuam em apresentar suas práticas como elemento de identificação, a mediação da aprendizagem, seu contexto, sua história e sua fala, educa e anuncia a resistência.

Os conteúdos ao vivo tiveram em média 90 minutos de duração, por entender que o tempo de produção, aprofundamento e retenção da atenção dos participantes são fundamentais para estabelecer a interação qualificada e participativa, não podemos deixar de considerar o tempo e dinamismo da internet, bem como da nossa comunidade de pertencimento, que é formada por trabalhadores, que por ora precisam dividir seu tempo com as ações de seu trabalho.

Os participantes do Canal são gestores de iniciativas econômicas do Quilombo Cabula, por isso, ao evidenciar a economia coletiva, reativamos a perspectiva do território, na busca de uma identificação e reconhecimento dos atravessamentos coletivos, esse fator, realiza o trabalho de convocar para formação de redes de atuação.

Aqueles que participam do canal podem intervir, participar e interagir, principalmente nas makambas que são ao vivo, e o interlocutor assiste e participa com pares, ou seja, pessoas que

estão no mesmo nível de interesse, o que propicia uma rede de trocas e interação muito interessante para nossa metodologia por garantir a participação, o diálogo, mas sobretudo, os nossos princípios de Economia Coletiva e Educação Afrocentrada, quanto elementos teóricos e práticos.

6. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A luta por humanização desempenhada historicamente pelo povo negro tem permitido que cada vez mais, sejam reivindicados e conquistados espaços de fala e de ação. A passividade nunca foi uma característica desse estrato étnico, inúmeras estratégias surgiram no passado e se remodelam no presente para que a existência negroafricana seja vivenciada de forma digna e plena.

Adotamos como opção metodológica a pesquisa de desenvolvimento, devido, propiciar seu caráter de construção coletiva, colaborativa e interativa como um princípio de apresentação de soluções, por isso, essa metodologia possibilita que sujeitos históricos ocupem o protagonismo e apontem a melhor forma de resolver as suas questões.

Não pretendemos reduzir o papel da pesquisadora nessa construção, entretanto, o lugar onde parte seu caminhar revela muito sobre seu envolvimento, perspectiva e pertencimento. Por isso, não buscamos resultados, mas desenvolvemos o processo de continuidade das ações que rompe o período de realização da pesquisa.

Ivenick e Canen (2016) ao apontarem que “a metodologia está intimamente relacionada ao pesquisador, com seus valores, suas ideias, sua filosofia de vida, seu olhar singular sobre a realidade a ser pesquisada, sua forma específica de problematizar esta mesma realidade”, colabora com as opções teórico-metodológicas explicitadas nesse estudo.

Nosso pertencimento étnico e o lugar político nos legitimam a iniciar essa colaboração, mas sem nenhuma pretensão de ocupar o lugar da comunidade no desenvolvimento, nosso papel, é colaborar com uma prática e que tenha sentido e significado para os envolvidos na construção, ou seja, a pesquisadora e sua comunidade.

Nisto, optamos por uma abordagem de pesquisa de desenvolvimento para caracterizar melhor o processo, no qual desenvolvemos, a mesma pode ser definida como:

A análise, o projeto e a avaliação sistemática de intervenções educacionais com o duplo objetivo de produzir soluções baseadas em pesquisa para problemas complexos na prática educacional e aprofundar nosso conhecimento sobre as características dessas intervenções e sobre seus processos para projetá-las e desenvolvê-las. (PLOMP, 2018).

Contudo, a pesquisa de desenvolvimento se intersecciona com os procedimentos da pesquisa-ação, por pressupostos de convivência entre o campo, os sujeitos e pesquisador, a detecção de problemas coletivos e com eles, não buscamos um diagnóstico exógeno, mas a construção coletiva de soluções e a implementação de ações que transformam a realidade.

Estes procedimentos evocam o favorecimento dos sujeitos, no sentido de desenvolver reflexões críticas sobre suas práticas, o protagonismo na construção das soluções, autogestão, autoestima e empoderamento sobre a sua realidade.

Diante do contexto levantado, buscamos apresentar uma proposta que tenha sentido e reverberar na vida prática dos sujeitos colaboradores, mas também nos envolvidos direta ou indiretamente, por isso, ao destacar os valores e princípios supracitados, buscamos um diálogo participativo e coletivo.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo, focando na pesquisa de desenvolvimento, que tem como característica principal a escuta qualificada e construção junto às pessoas da comunidade as soluções para um problema específico. Essas perspectivas são fatores importantes para delimitar a praticidade, que este estudo se propõe, fomentando que os estudos ultrapassem os muros da universidade e faça sentido na comunidade.

A pesquisa de desenvolvimento tem o propósito de desenvolver aplicações e soluções explicitamente voltadas para a prática e a inovação da práxis-pedagógica, para a realidade em estudo, além de possibilitar a participação dos membros da comunidade, realizando ações que comungam epistemologicamente com a perspectiva afrocêntrica.

Assim, o processo de desenvolvimento, além do aprofundamento teórico, através do contexto e dos princípios, logo após a construção colaborativa de aplicação, passamos à implementação da mesma, através dos ciclos, que buscam analisar, avaliar e validar, com isso, a figura 6 ilustra estes ciclos.

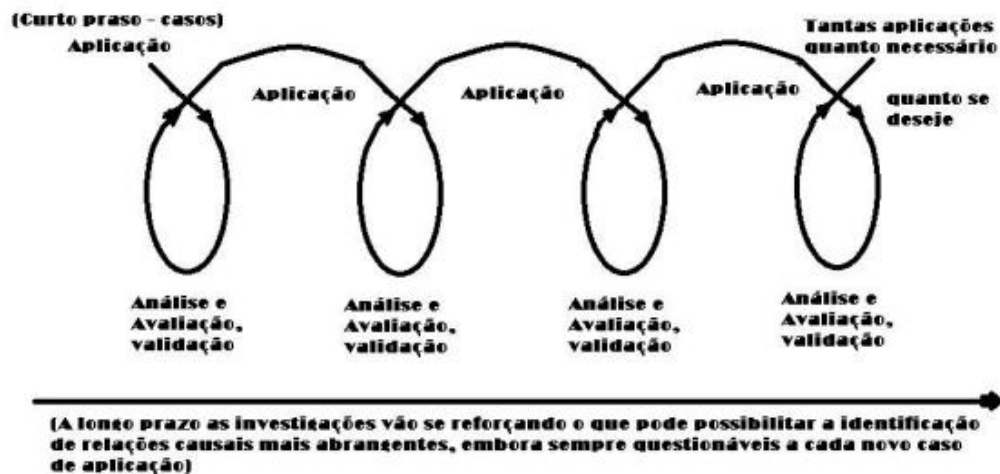


Figura 6: Ciclos de aplicação, análise, avaliação e validação da DBR. Fonte: MATTA, SILVA, BOAVENTURA. 2015

Inicialmente, a pesquisa objetivava construir uma proposta educacional como parte da metodologia, a presencialidade seria mediadora do processo comunitário, ou seja, o grupo de pessoas negras do Quilombo Cabula que possuía algum negócio ou iniciativa, seria mapeado e as que aceitassem colaborar fariam parte de uma comunidade de aprendizagem, onde as iterações propostas aconteceriam.

Entretanto, quando o mundo se viu acometido pela pandemia do Coronavírus, identificada no Brasil em março de 2020, justamente no momento onde nossa pesquisa fazia coleta de dados, entrevistas, observações presenciais no território, fomos orientados a manter o isolamento social e medidas restritivas, que dentre elas, a interrupção de atividades presenciais, mesmo com as investidas genocidas do governo federal que contrariavam tais recomendações, somos totalmente favoráveis à posição defendida pela comunidade científica.

O contexto pandêmico, além de convocar para reflexão sobre as práticas educacionais, possibilitou confirmar a necessidade de conciliação dos recursos das tecnologias da informação e comunicação, através de ferramentas tecnológicas, que possibilitem um trabalho de integração e aproximação das pessoas ao conhecimento de modo dinâmico e objetivo, assim, mantivemos os princípios de metodologia: cooperativa, colaborativa e interativa.

6.1.DESENHO GERAL DA PESQUISA

Nesta seção, nos debruçamos sobre a práxis adotada neste estudo como trajetória para o desenvolvimento da experiência de educação afrocentrada para iniciativas econômicas populares do Quilombo Cabula, considerando os elementos que acumulamos ao longo da pesquisa.

Imbuídos de questões sobre: Como construir uma educação afrocentrada com viés econômico? Quais as práticas comunitárias afrocentradas de iniciativas econômicas para o trabalho que se encontra no Cabula? O que a história negra apresenta sobre o modo de fazer economia? Como caracterizar uma educação de base africana? Quais valores precisam estar evidentes?

Ao estudar as iniciativas econômicas populares do povo negro, percebemos que a geração de renda por meio destas atividades implica muito menos na geração de lucro, ao apontarmos isso, vêm à tona as práticas comunais que propiciam a continuidade dessas iniciativas, as referências étnicas que permeiam o fazer, os valores simbólicos instaurados por meio da história.

Propomos entender o que seriam essas iniciativas para assim levantar as suas necessidades e, com isso, apresentar uma solução capaz, não apenas de atendê-las, mas para reativar valores africanos que marcam todo negroafricano, mesmo que este não tenha consciência da situação.

A solução que se materializa através do Canal Ujamaa: Educação Afrocentrada contará com uma programação quinzenal no Youtube, que será nossa ferramenta tecnológica mediadora por onde nossos princípios serão evidenciados e a viabilidade da experiência de afrocentramento estabelecida. O conteúdo será diversificado, tanto no formato ao vivo quanto gravado, contando com a participação de convidados do Quilombo Cabula.

Ao adotarmos a Pesquisa de Desenvolvimento como metodologia, compreendemos que o processo de aprimoramento é fundante para garantir uma experiência continuada, ou seja, que não seja um constructo pontual ou para registrar um momento histórico, mas que possibilite análises, implementação de melhorias, aperfeiçoamento da prática e uma experiência de aprendizado reaplicável.

Na fase de aplicação implementamos as etapas elaboradas para o canal, iniciamos com o Vídeo 1 e depois mais duas ações de transmissão ao vivo, conforme apresentado na modelagem. Para validar o fazer científico, foi preciso verificar se os objetivos da pesquisa foram atingidos, sendo assim, o processo de acompanhamento permitirá a reflexão prática sobre os

aprimoramentos sugeridos e/ou evidenciados para seguirmos a análise dos resultados deste ciclo compreendido nesta pesquisa de mestrado.

Estabelecemos as categorias para essa análise metodológica:

Quadro 22: Categorias de Análise	
Categoria de Acompanhamento	O conteúdo de aprendizagem apresentado na modelagem é executado, e verifica se/como ele alcança nossa comunidade de pertencimento, seja pela interação direta na plataforma do Youtube, seja pelas considerações em outros espaços de integração tecnológica.
Categoria de Referência	Propicia a identificação se os princípios da pesquisa estão sendo atendidos e evidenciados. Permitem a validação das categorias de acompanhamento, ou seja, seja se o que foi programado contempla a Educação Afrocentrada, a Economia Coletiva e Quilombo Cabula.

Elaborado pela autora. 2021.

6.2.CATEGORIAS DA PESQUISA

O canal Ujamaa: Educação Afrocentrada foi elaborado a partir de duas premissas: a Educação Afrocentrada (teórico-prática) e a Economia Coletiva, que foram apresentadas e estruturadas nos capítulos 3 e 4. No processo metodológico estabelecemos as categorias de acompanhamento e de referência da seção anterior para realizar o acompanhamento e análise da eficiência das aplicações deste ciclo.

A fim de direcionar o desenvolvimento do trabalho, apresentaremos as categorias de acompanhamento composto por elementos que estruturam nossa solução, ou seja, no nosso canal, conforme o quadro abaixo, tomaremos as categorias de referências como elemento mobilizador dos aprimoramentos.

Quadro 23: Categoria de Acompanhamento – Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada	
CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Apresentação	Etapa onde a mediadora, que organiza o conteúdo didaticamente, recebe, aplica e observa a educação afrocentrada, e média as

	participações.
Tema	Etapa que a mediadora apresenta o conteúdo da Makamba 1
Parte 1	Etapa que a mediadora dá as boas-vindas aos participantes e aos usuários do canal. Em seguida, a mediadora apresentará as convidadas e depois o objetivo do encontro: compartilhar os saberes e fazeres econômicos do Cabula
Parte 2	Nesta etapa a mediadora disponibiliza o tempo de fala de convidada para apresentar a iniciativa a qual pertence e as suas práticas.
Parte 3	Etapa onde a mediadora faz considerações da mediadora e interage com as convidadas.
Parte 4	Etapa de interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários por meio de perguntas e considerações.
Finalização	Etapa de agradecimentos e convite para as próximas atividades.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

As categorias de referências, consolidadas pela Educação Afrocentrada e Economia Coletiva, estão nos capítulos 3 e 4 e que serão evidenciados no quadro abaixo:

CATEGORIAS	CÓDIGO	SUBCATEGORIA	DESCRIÇÃO
1. ECONOMIA COLETIVA	1.A	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades que carregam uma referência ancestral • Habilidades legadas (ganhadores) • Compromisso com o fazer • Herança
	1.B	Liderança e Trabalho Coletivo	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades em grupos • Comunicação • Liderança • Distribuição de cargos e funções • Divisão de Tarefas
	1.C	Adaptabilidade	<ul style="list-style-type: none"> • Reinventar-se diante do contexto
	1.D	Negociação	<ul style="list-style-type: none"> • Habilidade de comunicação • Comércio
	1.E	Recursos Financeiros	<ul style="list-style-type: none"> • Potência de bem-estar • Dignidade • Futuro
	1.F	Parceria	<ul style="list-style-type: none"> • Aglutinação por interesse • Melhorias Coletivas • Associação de produtos e serviços • Espaços colaborativos e compartilhados

	1.G	Ações Coletivas	<ul style="list-style-type: none"> ● Eventos ● Formação e orientação ● Redes
	1H	Compromisso comunitário	<ul style="list-style-type: none"> ● “aprender a ler para ensinar meus camaradas” ● Compartilhamento de saberes
2. EDUCAÇÃO AFROCENTRADA	2.A	Fontes africanas de conhecimento;	Acessa referências africanas para produção do conteúdo, por isso, o mergulho histórico-cultural fundamenta o processo.
	2.B	Identifica e explora positivamente práticas culturais;	Rememora a experiências ancestrais e correlacionam com os fazeres da contemporaneidade;
	2.C	Amplia e reforça a linguagem	Utiliza-se da língua africana para definir as experiências africanas, estimula a colaboração por meio da comunicação.
	2.D	Comunalidade	Aponta as experiências comunitárias e convoca para construção de redes, assim a partir da interação social se constrói saberes significativos.
	2.E	Visão Positiva e Autossuficiente	Provoca a autodeterminação e a participação na construção do futuro.
	2.F	Responsabilidade individual e coletiva	Promovendo a consciência crítica.
	2.G	Circularidade de saberes	Nenhum conhecimento é descartado, as colaborações alimentam o fluxo de conhecimento, portanto participativa, dialogada e coletiva.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Os quadros acima subsidiarão a aplicação, e o cumprimento do processo metodológico, da pesquisa.

6.3.CAMPO DA PESQUISA E SUJEITO DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu no Quilombo Cabula, conforme a delimitação apresentada pelo Projeto TBC em Salvador – BA, os dados colhidos foram possibilitados pelo mapeamento de iniciativas econômicas do território e pela participação/interação no canal. Assim, os gestores das iniciativas atuam como sujeitos da pesquisa.

1. Canal UJAMA: Educação Afrocentrada

Nossa solução pautou-se no canal UJAMAA: Educação Afrocentrada, seus conhecimentos, saberes e fazeres são disponibilizados em formato de vídeos e transmissões.

Portanto, utilizaremos os recursos disponíveis na plataforma para coleta de dados, assim os espaços dialógicos, tais como: comentários, chat ao vivo presentes em cada material, poderão ser acompanhados, na aba “Discussão” poderão dar contribuições no canal como um todo.

Outro elemento de coleta de dados, que podem balizar o aceite do conteúdo, é a função “gostei” e “não gostei” em cada vídeo, que permite à comunidade validar positiva ou negativamente o conteúdo.

Os espaços dialógicos serão mediados para estimular participações, assim a cada etapa contaremos com as seguintes interações a cada etapa a partir dos comentários:

1. **Apresentação** - Antes de iniciar a transmissão ao vivo ou a exibição do vídeo, a mediadora recepciona os presentes, com as boas-vindas e evidenciando aquele espaço de compartilhamento.

Sejam Bem Vindas e Bem Vindos ao canal Ujamaa: Educação Afrocentrada!

2. **Tema** - a mediadora escreve o título da makamba.
1. **Parte 1** - a mediadora dá boas-vindas às convidadas, participantes e aos usuários do canal. Comenta.
2. **Parte 2** - a mediadora disponibiliza o tempo de fala de convidadas para apresentar a iniciativa a qual pertence e as suas práticas. Comenta
3. **Parte 3** - a mediadora faz considerações e interage com as convidadas. Comenta
4. **Parte 4** - Etapa de interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários por meio de perguntas e considerações. Comenta.
7. **Finalização** - Etapa de agradecimentos e convite para as próximas atividades. Comenta.

Na etapa de finalização, é importante aguardar os comentários por alguns segundos antes de encerrar escreve: Agradecemos sua participação, continue conosco através do canal ou do <https://linktr.ee/ujamaaeducacaoafrocentrada>.

Os comentários de cada makamba, podem ser encontrados no apêndice 4, servindo como uma espécie de roteiro de interações dialógicas.

2. Quilombo Cabula

O Quilombo Cabula é o território simbólico e histórico da resistência negra, além de acolher nossa comunidade de pertencimento, por isso, construir junto com estes sujeitos uma proposta educacional que dialogue e fortaleça as redes de apoio, possibilita maior eficiência da Educação Afrocentrada, é um espaço negroafricano que potencializa a Economia Coletiva, por fim, é território de existência da pesquisadora.

Nesta fase da pesquisa, após o processo de construção/reconhecimento do contexto, onde parte de elementos que não foram extintos pelas forças da maafa, elaboramos um questionário online na plataforma Google Formulários, que buscou mapear e reunir informações de identificação dos gestores e do negócio, entendimento do sentido da iniciativa, as necessidades formativas, os impactos pandêmicos e o interesse no trabalho coletivo, conforme as quatro seções a seguir:

1. Iniciativas Econômicas Afrocentradas Do Quilombo Cabula - apresentação da pesquisa e seus objetivos, dados de contato da pesquisadora e o termo de livre consentimento.
2. Sobre a Iniciativa Econômica Afrocentrada – dados de identificação da iniciativa, a percepção sobre seu caráter afrocêntrico e suas práticas de gestão.
3. Sobre a Gestora ou Gestor – dados de identificação da/o gestora/gestor que permitisse traçar um perfil, sua história de vida, seus conhecimentos e habilidades, suas necessidades formativas, sua reflexão sobre a prática afrocêntrica e seu interesse na economia coletiva.
4. Efeitos da Pandemia – nesta seção, buscou-se compreender os impactos e as estratégias adotadas pela iniciativa perante a pandemia de COVID-19.

O contexto de pandemia da COVID-19, que exigiu medidas de isolamento social, nos impediu de realização de atividades “in loco”, nossa colheita de dados se deu por meio virtual, o fato de a pesquisadora ser uma moradora do Quilombo Cabula permitiu que as lideranças das iniciativas, fossem convidadas a colaborar com a pesquisa, aquelas na qual tinham sido previamente identificadas e contatadas, por estarem mais próximas, não impedindo a limitação do trabalho de campo.

O segundo momento, fez-se uma mobilização por aplicativo de mensagens instantâneas (WhatsApp), através de grupos que tinham uma ou mais características: moradores do Quilombo Cabula e pessoas negras gestoras, por onde uma mensagem de texto foi disponibilizada no formato de convite, o link para preenchimento e dados de contato.

Empregamos a estratégia que nomeamos de “teias de referências e confiança”, consistia em convocar pessoas para indicar negócios que conheciam, ou já tinha usufruído algum bem ou serviço, nosso objetivo foi encontrar pessoas que, porventura ainda não estavam na internet, não atuavam em grande escala ou que ainda não compreendia sua atividade laboral como negócio.

As pessoas que indicaram uma iniciativa também autorizaram o uso do seu nome e experiência para a formalização do convite e participação da pesquisa, essa estratégia foi muito importante para ampliar nossa credibilidade e rede de contatos, pois, partíamos da referência um amigo ou cliente.

Entendendo, a extensão do território e sua divisão em bairros, adotou-se mais duas estratégias a partir das redes sociais, utilizamos as ferramentas do Facebook para a busca de negócios, assim, ingressamos em grupos que levassem o nome dos bairros e em grupos de comercialização do território, assim divulgamos e convidamos pessoas dentro no perfil da pesquisa a se integrarem nesta colaboração.

Utilizamos do Instagram para fazer busca ativa na rede de perfis em que se correlacionam com o território, assim, identificamos perfis de bairros, notícias, divulgações e serviços e começamos a segui-los na rede, depois analisamos seus seguidores objetivando encontrar perfis dos negócios de pessoas negras, à medida que íamos identificando, era feito um convite individualizado.

Buscamos ainda via hashtag (#), uma estratégia que redireciona usuários para uma página com publicações sobre o mesmo tópico, após encontrá-las, fizemos a análise de postagens e quanto reconhecia algum perfil que atendesse nosso propósito o contato/convite era feito.

Analisamos o Google Maps para identificar empreendimentos que utilizam a ferramenta Meu Negócio e que permite acesso ao nome, localização e contatos. Acessamos ainda, sites de notícias locais, portais, guias, catálogos e outros meios disponíveis na internet.

Por fim, realizamos o questionário-entrevista por meio de plataformas de videochamadas, o caráter de entrevista, devido à pesquisadora fazer as perguntas, explicá-las, mas também, abrir o processo de diálogo sobre outros pontos que não estavam expressos no questionário, mas a oralidade permitiu revelar.

A colheita de dados foi uma fase bastante desafiadora, é importante ressaltar que nem todas as iniciativas econômicas do nosso interesse estavam na internet, seja por meio de uma rede social ou localização e contatos públicos nas ferramentas de busca, por isso, a diversificação das estratégias de identificação foi fundamental para garantir um alcance mais qualificado.

Destacamos ainda, que o contato virtual exige uma série de interações e sensibilizações para que haja confiabilidade e colaboração e, por fim, as dificuldades de utilização das ferramentas tecnológicas, que são variantes muito limitadoras, no nosso caso depreendeu do preenchimento do questionário, pois dependia diretamente do interessado.

Seguimos para a análise dos questionários respondidos, identificamos que alguns elementos ancestrais não eram percebidos pelos respondentes, e, começamos a refletir sobre como instigar essa percepção perante a comunidade. Nossa perspectiva era desenvolver um processo educacional que partisse das subjetividades, acionando as referências ancestrais para depois poder desenvolver princípios e sistematizar essas práticas identificando-as quanto afrocêntricas.

Diante desse contexto, buscamos construir o campo da aplicação e os elementos de acompanhamento:

Quadro 25: Campo de Aplicação/Instrumento de Pesquisa		
CAMPO DE APLICAÇÃO	INSTRUMENTOS DE PESQUISA	INTERAÇÃO
CANAL	Função Gostei / Não Gostei	Antes de encerrar a transmissão será solicitado que os participantes avaliem a partir da função gostei ou não gostei.
UJAMAA: Educação Afrocentrada	Comentários da comunidade de pertencimento	Os participantes do canal poderão postar comentários, sobre o conteúdo de cada vídeo, sugestões de melhorias nos vídeos postados, sugestões de programação referentes aos questionamentos que serão direcionados e utilizar-se da aba discussão para um diálogo mais geral sobre o canal, ou a partir da provocação da mediadora.

FONTE: Elaborado pela Autora. (2021)

Observar os procedimentos abaixo, quanto a implementação e acompanhamento:

Quadro 26: Implementação e Acompanhamento	
Procedimentos para levantamento de informações	Interação com o conteúdo: visualizações, comentários posteriores, marcação de (gostei ou não gostei) comentários no chat ao vivo, compartilhamentos em outras redes.
Procedimentos de análise de informações	Análise da interação qualificada, como os colaboradores dialogam com o conteúdo apresentado e validam a experiência durante o período de maior engajamento do conteúdo, ou seja, os primeiros 5 dias.
Procedimentos de revisão da intervenção	Identificar as sugestões e implementar na próxima aplicação.

Quadro elaborado pela autora, 2021.

6.4.CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Nesta fase faremos o acompanhamento quantitativo e qualitativo, por meio dos recursos evidenciados na plataforma e como nossa comunidade de pertencimento atua na nossa realização, assim estabelecemos critérios de análise para registrar a efetividade ou necessidade de melhorias, ou seja, atua como um processo de controle e retroalimentação nas categorias de referência presente na seção anterior, por meio do Quadro 22, quando uma categoria de referência atingir a efetividade, será definido como “Realizada”, caso não seja, será considerado “Não Realizada”, conforme os critérios abaixo descritos:

Quadro 27: Critérios de Análises de Cada Instrumento	
Validação da Função: Gostei e Não Gostei	Se a comunidade de pertencimento sinalizar 50% +1 do botão Gostei, significa que as subcategorias da Educação Afrocentrada foram alcançadas. 50% +1 – Satisfatório 65% - Bom 80 % - Excelente
Comentários da Comunidade de pertencimento	Da 1ª etapa até a 7ª etapa - Proceder da seguinte forma: Verificar se houve comentário. Se houver, classificar se o comentário pertence a qual categoria de referência. Após identificar a categoria na qual o comentário pode ser classificado, segundo nosso critério, basta que um (1) único participante apresente positivamente aquela categoria para

	que nossa pesquisa considere que foi realizada. Quanto mais participantes forem identificados com esta realização mais efetiva será nossa análise, pois uma categoria de referência identificada, significa que está sendo realizada
--	--

Quadro elaborado pela autora, 2021.

Por meio dessa análise, vamos construir os parâmetros de avaliação do Canal e se ele cumpre os objetivos a que se propõe qualificado nas interações, identificando os caminhos que podem ser mais bem explorados e que, cada ciclo aprimorado, seja de forma crítica e consciente.

7. AVALIAÇÃO DOS CICLOS

Uma vez o processo de planejamento elaborado faz-se necessário uma reflexão consciente e crítica do produto proposto, como um modo de identificar um modelo inicial a ser seguido, mas que como pressupõe todo planejamento, precisa ser flexível e mensurável para garantir uma experiência com mais variáveis a serem observadas, testadas quanto sua funcionalidade e ajustadas conforme o contexto.

Essa condição de melhoria permite um processo que dialoga diretamente com a pesquisa de desenvolvimento e a Educação Afrocentrada, primeiro por não se engessar em moldes e concepções rígidas, segundo por permitir a cada ciclo uma avaliação retroalimentadora do que vem depois.

Assim, lançaremos mão na análise de cada ciclo que foi realizado conforme o tempo de realização desta pesquisa.

7.1. ANÁLISE DO 1º CICLO

O primeiro ciclo do Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada foi construído a partir da MAKAMBA: ECONOMIA COLETIVA NO CABULA: saberes e fazeres ancestrais¹², que foi planejado e estruturado a partir do quadro 18, teve a duração de 110 minutos com três coletivos econômicos do Quilombo Cabula: As Cabuleiras, Coletivo Cultarte e a Operadora de Receptivo do Antigo Quilombo Cabula.

¹²Para assistir nossa makamba, acesse o link: <https://youtu.be/puG3vR4023M>

7.1.1. Descrição do 1º Ciclo

A Makamba (diálogos) surge como a possibilidade de reafirmar o contexto ancestral do Quilombo Cabula, a partir da economia e das falas autobiográficas coletivas, por isso, convidamos três coletivos para realizar este diálogo conosco, suas “escrevivências” colaboraram diretamente para a Educação Afrocentrada que propomos. A nossa metodologia exige o diálogo com a nossa comunidade de pertencimento, apresentando as nossas perspectivas e propondo uma experiência prática e colaborativa.

Elaboramos a estrutura da makamba pensando como atender ao nosso objetivo, mas também que pudesse fomentar desdobramentos, por isso, ao pensar neste formato, onde reunimos iniciativas econômicas para apresentar seus saberes e fazeres, nos atentamos em possibilitar um espaço de autoidentificação e comunalidade, permeado pela territorialidade do Cabula.

Assim, convidamos Cláudia Gomes das Cabuleiras, Joalice Marques do Coletivo Cultarte e Rosane Sales da Operadora de Receptivo AQC para realizar a nossa primeira makamba, conforme o desenho inicial de programação realizado no quadro 18 que foi apresentado as nossas convidadas, para que pudessem colocar suas impressões, quanto a proposta e realizar as adequações.

Criamos um grupo no WhatsApp com as convidadas para realizarmos estes ajustes e apresentar orientações, além de compartilhar materiais de divulgação, como card, link de acesso ao canal e link de acesso a transmissão do Streamyard que utilizamos para pôr ao vivo a nossa makamba.

Após a criação do link do Youtube da transmissão divulgamos pelo WhatsApp, e redes sociais como Facebook e Instagram, tanto nos perfis pessoais quanto em páginas que se interessaram pelo conteúdo e compartilharam. Só no Facebook tivemos 42 compartilhamentos do link principal.

Realizamos testes de conexão, áudio e vídeo 30 minutos antes para garantir que tudo que acontecesse sem intercorrências com maior tranquilidade e para que as convidadas pudessem se reconhecer antes de iniciarmos abertamente aos presentes. Esse momento foi muito importante para que as convidadas não ficassem desconfortáveis, mas também para a orientação de uso da plataforma, como abertura e fechamento de microfone e chat privado.

Em 16 de Agosto de 2021, às 17:00, realizamos a primeira Makamba, intitulada ECONOMIA COLETIVA NO CABULA: saberes e fazeres ancestrais, que foi intermediada pela anfitriã, voz da pesquisa, que se propôs a apresentar e organizar através de uma metodologia de pesquisa de desenvolvimento, de modo didático e científico.

Abrimos espaços para que as convidadas se autoapresentassem e apresentassem seus coletivos, ao qual destacamos a seguir:

“Meu nome é Cláudia Gomes, faço parte da Odeart, das Cabuleiras [...] Somos parte da Odeart, fazemos costuras, a gente faz máscaras, e já produziu calças, fizemos muitas coisas. Mas agora nosso propósito é fazer bolsas e outras coisas também. Estamos em construções do Coletivo de Mulheres Negras Cabuleiras porque viemos do Cabula, somos do Cabula e fazemos parte também do Minha mãe não dorme, enquanto eu não chegar. [...] Quero chamar todas meninas que estão precisando de um apoio de uma ajuda, as portas estão abertas”

Cláudia Gomes - Cabuleiras

Sou Joalice Marques do Coletivo Cultarte, o Coletivo Cultarte é um coletivo de artesãs de dentro dos 17 bairros do Cabula, ou seja, tem de Pernambués, de Fazenda Grande do Retiro e de diversos outros bairros, nós existimos desde 2012, em algum momento já teve a presença masculina, mas no momento a gente está só com as meninas. [...] Dentro os objetivos do coletivo está promover feiras, justamente para mostrar o nosso trabalho, para mostrar aquilo que é realizado dentro do nosso quilombo, como uma forma de valorizar esse trabalho, pra que gente entenda, a gente tem uma proposta dentro desse trabalho que é que a comunidade compre da comunidade, que a comunidade não precise sair de dentro comunidade para ir pra shopping, pra ali ou acolá, mas que a economia verdadeiramente circule dentro desses próprios bairros.

Joalice Marques - Cultarte

Isso é Turismo de Base Comunitária, aqui estou eu [...] a nossa realização dentro de tantos feitos do turismo de base comunitária, é a ousadia da implantação de uma operadora de turismo, uma operadora de receptivo popular, que tanto existe no turismo convencional como no nosso turismo de base comunitária. [...] e a operadora de turismo AQC é outra história, ela não somente faz esse link, como também não abre mão de tornar as comunidades protagonistas, neste fazer, neste elaborar de roteiro para os turistas, na prestação de serviço. [...] Faz com que a comunidade seja inserida, e isso me traz a educação afrocentrada, é onde o negro protagoniza, ele é o centro.

Rosane Sales – Operadora AQC

Ao ouvirmos as falas acima vamos identificando nos fazeres de cada convidada, elementos coletivos que afirmam caminhadas enquanto povo e, isso vai refletir os valores compartilhados entre os presentes nas suas práticas. Sentimos como essas mulheres orgulham-se dos espaços que seus coletivos têm construído que perpassam pelo reconhecimento ancestral. As práticas e trocas

entre si, elementos culturais e sociais da comunalidade cabuleira se evidenciam nas falas e na acolhida, além de informações que permitirão atuar em rede logo mais.

Uma das convidadas teve problema com a tecnologia de acesso, o que fez com que não estivesse presente em alguns momentos, entretanto, a anfitriã a auxiliou via WhatsApp, quando solucionado, permitiu dá prosseguimento ao conteúdo da makamba, de forma muito orgânica e sem interrupções.

A audiência foi bem representativa da nossa comunidade de pertencimento: moradores do Quilombo Cabula, pares dos coletivos e convidados, o que permitiu uma troca afetuosa e acolhedora, além de validar a nossa iniciativa. Os participantes da makamba interagiram bastante através dos comentários (chat ao vivo), com perguntas, reflexões e saudações, que deixamos disponível, mesmo após a conclusão da makamba para quando as pessoas experienciarem conversa posteriormente, sintam-se à vontade ao ponto de tecer comentários críticos

Após 110 minutos de diálogo, questionamento e compartilhamento, a anfitriã informa a finalização da atividade, seguimos aos agradecimentos às convidadas e ao público presente, sinalizando quanto à continuidade das ações no canal.

7.1.2. Acompanhamento do 1º Ciclo

Nesta seção, diante da construção feita no capítulo 6, evidenciamos os instrumentos de pesquisa através do quadro 25, assim tanto os “comentários” quanto o “gostei/não gostei” vão ser nossos parâmetros de análise de cada Ciclo, e, assim, será possível identificar o alcance das categorias de referências que elencamos no quadro 22, aprofundamos teoricamente nos capítulos 3 e 4.

Realizamos uma divulgação ampla para que fosse capaz de atingir os gestores da iniciativa, assim, na primeira makamba, alcançamos 84 participantes, as interações foram de pessoas que moram no Cabula, o que nos deixou muito instigadas porque quando falávamos de territorialidade, não ficou abstrato para quem participou.

Nossa análise inicia de modo muito favorável, pois o fato dos participantes se identificarem, e interagirem contribuindo com a reflexão ativamente, possibilitou inferir modos de perceber as sociabilidades cabuleiras e o compromisso no fortalecimento do coletivo.

Como definimos os critérios de análises presentes no Quadro 24, identificamos que as subcategorias da Educação Afrocentrada foram realizadas, pois, não houve ocorrência do instrumento “Não Gostei”, assim podemos inferir que o resultado foi excelente, a se verificar:

Quadro 28: Análise do Instrumento “Gostei e Não Gostei” - 1º Ciclo		
INSTRUMENTO	PARTICIPAÇÕES	RESULTADO
Gostei	18	Realizada
Não Gostei	0	-

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Obtivemos 18 pessoas da comunidade de pertencimento que acompanharam a makamba do dia 16 de agosto de 2021, registraram sua experiência com o conteúdo apresentado, podendo assim validar e confirmar a efetividade do instrumento “Gostei e Não Gostei”, bem como contemplou a categoria de referência Educação Afrocentrada e suas subcategorias.

Conforme se apresenta na síntese abaixo, é possível identificar como essas subcategorias se manifestaram:

Quadro 29: Identificação das subcategorias no ciclo		
CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	IDENTIFICAÇÃO
EDUCAÇÃO AFROCENTRADA	Fontes africanas de conhecimento;	Trouxe a experiência quilombola do Cabula.
	Identifica e explora positivamente práticas culturais;	Evidenciou os fazeres e sociabilidades a partir de vivências pessoais e históricas
	Amplia e reforça a linguagem	Adotou-se conceitos africanos para representar a ação exposta, a exemplo makamba.
	Comunalidade	As experiências comunitárias permitiram a conexão entre as convidadas e entre o público.
	Visão Positiva e Autossuficiente	Ampliou a discussão dos coletivos entre as semelhanças e diferenças.
	Responsabilidade individual e coletiva	Confirmou os atravessamentos entre as convidadas a partir de suas narrativas.
	Circularidade de saberes	A makamba permitiu aproximações entre as experiências dos sujeitos, bem como ficou evidenciada nas falas

		das convidadas.
--	--	-----------------

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Quanto ao critério “comentários”, durante a transmissão ao vivo, este elemento fica num espaço a parte que permite que o público interaja em tempo real, interferindo diretamente na execução, afetando e sendo afetado.

Ainda no quadro 25, definimos que seria verificado a existência de comentário, em caso positivo, classificaremos conforme a categoria de referência, segundo o critério estabelecido, bastava que houvesse uma ocorrência para que a categoria fosse validada. Evidentemente que, quanto maior a quantidade de ocorrências, mais significativa a mesma seria.

A execução da makamba seguiu o planejado e os momentos dialógicos foram estimulados, entretanto, algumas partes ficaram sem resposta direta, ou seja, mesmo com a provocação realizada para fomentar a discussão, o público não respondia conforme o momento em que eram realizadas. Ficando a questão da Parte 1 sem retorno.

As análises dos comentários nos permitiram classificá-los a partir do Quadro 24 no qual constam as categorias de referência, como se segue:

Quadro 30: Análise do Instrumento Comentários – 1º Ciclo			
	COMENTÁRIOS	CATEGORIAS/SUBCATEGORIAS ATENDIDAS	ANÁLISE
1.	Saudações e Axé a todos e todas	2.C	Uso da palavra “axé” que representa a energia vital dos povos yorubás.
2.	A solução do mundo está nas nossas mãos	1.A, B, F, G, H 2.A, B, D, E	Convoca quase a totalidade das categorias, ao indicar a potencialidade do conteúdo e o povo africano como centro.
3.	Essa influência mencionada por Cláudia e Joalice, de saberes que passaram por gerações, teria a ver com os povos que habitaram o território do quilombo cabula - indígenas, africanos e afro-brasileiros?	1.A, B, C, F, G, H 2.B, D, E, F, G	A pergunta evidencia tanto o caráter transgeracionais, quanto os valores civilizatórios dos povos africanos, principalmente no que tange ao coletivo.
4.	Parabéns, Joalice. Belo trabalho do Cultarte	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada produzidas no âmbito da organização apresentada.
5.	Juliana, por gentileza, poderia	2. A, B, C, E, G	Convoca quase a totalidade das

	explicar os significados de Makamba e Ujamaa?		categorias, ao indicar a potencialidade do conteúdo e o povo africano como centro.
6.	Estou amando essa roda de conversa	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G As duas categorias de referência foram realizadas.	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
7.	muito legal ouvir esses relatos	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G As duas categorias de referência foram realizadas.	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
8.	Você está formidável Claudinha, cabuleiras presentes	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada a partir do relato da convidada.
9.	Vida longa para essas mulheres!!!!	1. A, B, C, E, F, G, H. 2 A, B, D, E, F, G	Reconhecimento da atuação das convidadas que compõem o conteúdo.
10.	É muito importante ouvir esses relatos maravilhosos. Obrigado!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G As duas categorias de referência foram realizadas.	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
11.	Juliana, sua pesquisa está fortalecendo a aproximação do SSETU, TBC, CULTARTE, OPERADORA DE RECEPTIVO POPULAR AQC, com Janice Nicolin e todas as suas iniciativas em prol do território do Cabula.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G As duas categorias de referência foram realizadas.	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada produzidas no âmbito da organização apresentada.
12.	Que ensinamento Joanice	1. A, B, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada a partir do relato da convidada
13.	Estou emocionada com a história real de Joanice era bem isso	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada produzidas no âmbito da organização apresentada.
14.	Que orgulho de toda essa história	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada a partir do relato da convidada.
3.	Parabéns, tudo muito lindo natural verdadeiro amores	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o

			formato são aprovados.
16.	Enriquecedor	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
17.	Parabéns a todas envolvidas, muito bom esse diálogo.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
18.	Vida longa e próspera para esses projetos	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
19.	Parabéns, vcs deram um show.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Após classificar os comentários registrados por nossa comunidade de pertencimento e demais pessoas que acompanharam nossa makamba, apresentaremos algumas análises mais direcionadas, explicaremos um pouco sobre a compreensão deste instrumento, como ele auxilia nosso processo de validação e aperfeiçoamento para os próximos ciclos.

Pela interação ocorrida durante a makamba, é possível perceber que aqueles que assistiam/participavam através dos comentários, registravam o quanto fomos assertivas quanto nosso princípio de Economia Coletiva, já que foi o conteúdo basilar no estabelecimento da Educação Afrocentrada que nos propomos.

Buscamos evidenciar experiências vivas da comunidade do Quilombo Cabula, através dos coletivos presentes no diálogo, bem como instigar no público um sentimento de reconhecimento, por isso, nossas escolhas foram sempre pautadas em não nos distanciarmos do propósito.

Partindo do aporte teórico-prático levantado nos capítulos 3 e 4 que estabelecem as categorias Economia Coletiva e Educação Afrocentrada, respectivamente, elaboramos o Quadro 24, que vai versar sobre as categorias, as subcategorias e como elas se apresentariam na execução das makambas, além de codificá-las para reconhecê-las objetivamente.

Os comentários reforçaram o quanto a premissa da Educação Afrocentrada se estabelece por meio de um esforço que parta da Afrocentricidade, ou seja, a busca da África como essa referência pujante de todo e qualquer fazer, nesse sentido observamos nos 19 comentários que categorizamos/codificamos, a África se revela.

Perceba que partimos da Educação Afrocentrada para pensar o Canal e o ciclo se completa de forma muito eficiente, pelo fato da interação social existente reforçar que a pesquisa de desenvolvimento, quando compreende bem os pilares através dos princípios, parte para implementação com essa estrutura devidamente reconhecida e o conteúdo atinge a comunidade de pertencimento de forma positiva.

Nosso olhar sobre cada comentário infere as seguintes ocorrências:

Quadro 31: Ocorrência da Análise – 1º Ciclo	
OCORRÊNCIA	ANÁLISE
8	A comunidade registrou através do seu sentimento de pertença que gostou, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
4	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada produzidas no âmbito da organização apresentada.
3	Reconhecimento dos aspectos da economia coletiva e educação afrocentrada a partir do relato da convidada.
2	Convoca quase a totalidade das categorias, ao indicar a potencialidade do conteúdo e o povo africano como centro.
1	Uso da palavra “axé” que representa a força vital dos povos yorubás.
1	A pergunta evidencia tanto o caráter transgeracionais, quanto os valores civilizatórios dos povos africanos, principalmente no que tange ao coletivo.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Com base no quadro acima, é possível perceber que há um fator de reconhecimento dentro daquilo que é proposto de conteúdo e com aqueles que estão em diálogo, a ocorrência de oito comentários que contemplam esse item demonstra que uma Educação Afrocentrada para o Cabula perpassa pelo pela escuta daqueles que moram no lugar e constrói a Economia Coletiva, reafirmando a comunalidade que permitiram atravessar o tempo e resistir a conjuntura antinegro.

A vivência das organizações, registrada por quatro comentários analisados e categorizados, aponta as experiências comunitárias e convoca para construção de redes, a partir da interação social se constrói saberes significativos que reforçam os laços comunitários, o saber do

grupo é um saber coletivo, que transpassa as subjetividades e compreende que a ancestralidade e movimento é circular e coletivo.

Nosso canal busca evidenciar este processo de educação, seja pelo olhar da pesquisadora, seja pelas vozes que ecoam em todas as áreas que se apresentam no território, item fundamental para o afrocentramento da educação e as subcategorias que conseguimos estabelecer como parte dessa prática.

Nossa educação trata de história de vida, a Educação Afrocentrada acessa as referências e realiza o mergulho histórico-cultural, fundamenta o processo da oralidade que faz com que a história coletiva de uma pessoa negra seja atravessada por si e pelo outro, processo evidenciado por três comentários.

Dois comentários indicam a potencialidade do conteúdo e o povo africano como centro, seja pelo interesse em conhecer o que estávamos tratando, seja por perceber a coletividade como força de mudança, bem como a capacidade de resolver nossas próprias questões, reforçando uma imagem autossuficiente e positiva sobre nós.

Registramos uma ocorrência na qual linguagem africana tornar-se o tônus do diálogo através da força vital, conclamada na evocação do axé, a ocorrência de uma questão que busca identificar presença da ancestralidade nos saberes e fazeres das iniciativas interação que evidenciam a construção da comunalidade, porque apontam para um fator que pode manter os negros vivos mesmo a maafa, uma vez que consegue reativar a evidenciar tanto o caráter transgeracionais quanto os valores civilizatórios dos povos africanos, principalmente o que tange a resistência e continuidade de vida em comunidade.

7.1.3. Avaliação do 1º Ciclo

A primeira makamba do Canal Ujamaa - Educação Afrocentrada, realizada em 16 de agosto de 2021 de forma exitosa, teve o processo de avaliação que permitiu identificar elementos capazes de aprimorar os ciclos seguintes, essa fase é decisória porque além de observar o que conseguiu, também mostra aquilo que foi previamente definido ou as questões que exigem mais atenção.

Sendo assim, iniciamos com a avaliação da questão tecnológica, ficamos cerca de dois minutos sem áudio, até que os presentes sinalizaram, tivemos que reiniciar a apresentação do canal e a recepção.

Nossa makamba estava programada inicialmente para dia 13 de agosto, entretanto, o canal não recebeu autorização para realizar transmissões ao vivo, solicitando 24 horas para liberação, assim tivemos que adiá-la para dia 16 de agosto, tivemos um tempo um pouco menor para sinalizar a mudança, o que talvez possa ter impactado no número dos participantes, entretanto, contamos com dezoito participantes simultaneamente e bem atuantes.

Optamos por não iniciar apresentando as participantes, mas fazendo que as mesmas o façam, assim as convidadas podem falar por si próprias aquilo de suas trajetórias que desejam partilhar. O que é muito importante para o processo de Educação Afrocentrada, pois valoriza o sujeito através de uma visão positiva e autossuficiente.

O disponibilizamos um tempo para cada convidada pudesse apresentar suas falas conforme planejaram, após a primeira e segunda convidada, tivemos uma perda de conectividade com a transmissão, assim ampliamos o diálogo entre a anfitriã e as convidadas presentes até que nossa terceira convidada pudesse acessar.

Quando conseguiu retornar, prosseguindo sua fala, conseguimos um diálogo com as quatro mulheres convidadas, o que fazia parte da metodologia que estabelecemos para Makamba, diante da circularidade de saberes da nossa Educação.

Em alguns momentos, a anfitriã estimulou através de perguntas as convidadas para que pudéssemos ouvi-las com tranquilidade, bem como acessar suas opiniões sobre o mesmo assunto, o que foi bem interessante, já que ora se entrelaçam, ou apresentavam possibilidade de replicar em seus contextos e organizações.

O riquíssimo conteúdo proporcionado pela makamba fortaleceu os vínculos, já que algumas convidadas, mesmo atuando no nosso território, não se conheciam, o espaço tornou-se também um contato inicial para criação de redes, inclusive o convite para um diálogo posterior foi realizado ao vivo.

O tempo de execução foi bastante proveitoso, realizamos em 110 minutos, o que é considerado um tempo suficiente para exposição a telas, mas também para o alcance ao conteúdo aos que acompanhavam, desde o início essa foi uma preocupação para garantir a qualidade das

interações, sem sobrecarregar quem participa. A duração acima de duas horas cansa e desmobiliza.

A comunidade de pertencimento esteve presente durante toda a exibição e marcava sua presença, uma participação que confirma a nossa experiência de Educação no que tange àqueles a quem orientamos ao que existe neste ciclo.

Para o próximo ciclo, propomos realizar os convites com mais antecedência e reuni-las num grupo do WhatsApp para que possam interagir mais antes de se encontrar na transmissão ao vivo.

Como as makambas são públicas, pretendemos intensificar a divulgação nas redes sociais e buscar mais parceiros para poder veicular nosso material e, assim, alcançar mais pessoas da nossa comunidade, esse processo é importante para sabermos como as pessoas percebem e opinam sobre o trabalho que realizamos.

Todo e qualquer retorno e opinião vinda da comunidade de pertencimento, retroalimenta as makambas quanto seu conteúdo e formato, além de se desdobrar noutras ações que possam fortalecer o Quilombo Cabula orquestrando cada vez mais a experiência do Quilombo na contemporaneidade.

Consideramos que o primeiro ciclo, ocorreu satisfatoriamente que os relatos posteriores quanto a sua execução, demonstra que estamos a caminho dos nossos objetivos que tem nos aproximado do quilombo, o que reitera crença e valores culturais que nos movem nesta pesquisa.

7.2. ANÁLISE DO 2º CICLO

No segundo ciclo do Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada, realizamos a partir da MAKAMBA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA: aprender e ensinar¹³, planejado e estruturado a partir do quadro 19, teve como duração de 150 minutos com três representantes de ambientes

¹³ Para assistir nossa makamba, acesse o link: <https://youtu.be/HOH6zKFJ6JO>

educacionais no quais é possível observar os valores culturais africanos e afrobrasileiros em suas atuações: Terreiro Bate Folha, Odeart e Quilombos Performáticos.

7.2.1. Descrição do 2º Ciclo

Esta Makamba (diálogos) optou em registrar práticas educacionais a partir das vivências dos convidados, tendo o Quilombo Cabula como território de existencialidades, convidamos essas três instituições para nosso diálogo por compreender que são nos seios destes grupos que a Educação Afrocentrada se revela.

Pensamos este ciclo para evidenciar as práticas dentro dos ambientes marcados de comunalidade e coletividade, tendo como convidados, Adriano Andrade da ODEART, Hanna Santana do Terreiro Bate Folha e Antônio Soares do Quilombo Performático, tendo como referência o quadro 19 apresentamos aos convidados, assim que aceitaram o convite, inserimos no grupo do WhatsApp e o utilizamos conforme o primeiro ciclo, assim evidenciamos a explanação dos nossos convidados.

Eu sou Antônio Soares, ator, arte-educador e agora neste momento graduando em Serviço Social, eu sou residente desse Quilombo chamado Cabula desde sempre, sou um jovem senhor e vir para cá gente, com 7 anos de idade, então, um jovem senhor de 54 anos, tem 47 anos e a arte é o ar que respiro, então o que posso dizer, eu sempre tive em mim essa coisa da arte que eu respiro.[...] eu moro mais especificamente no conjunto ACM, que é bem pertinho do Beiru, e de todos do Quilombo Cabula, aqui antes disso tudo acontecer, como está hoje era uma fazenda de laranja. [...] Na minha rua comecei a entrar em movimentos culturais, [...] fui movimentando com o pessoal do Cabula.

Antônio Soares – Quilombo Performático

Sou Hanna Santana, tenho 23 anos, sou Bacharel em Direito, e sou da Mata Escura, né, na verdade minha trajetória é dividida em dois bairros periféricos de Salvador, Fazenda Coutos que é onde minha mãe mora e a Mata Escura é o primeiro lugar, assim, da minha vida mesmo, porque eu saí da maternidade e vim direto pro Terreiro Bate-Folha, que é onde eu sou iniciada hoje, e eu já sou a quarta geração da minha família aqui no terreiro, então minha trajetória dentro dessa perspectiva,[...] é basicamente a partir da minha vivência dentro do Terreiro Bate-Folha, que é onde a gente desenvolve, o possível, né, para que a gente aí consiga ter uma educação para o povo preto, voltada para o nosso povo .

Hanna Santana – Terreiro Bate Folha

Eu sou Adriano Andrade, sou Babà de Terreiro, sou professor de formação em Letras pela UNEB, sou coordenador de Arte, Cultura e Educação da Associação Artístico-Cultural Odeart fica na Estrada das Barreiras, a sede e desenvolve um trabalho de

educação, de arte, cultura em toda comunidade do Cabula, inclusive no entorno também. Sou coordenador do Coletivo Resistência Preta que tem uma atuação dentro da cidade de Salvador no enfrentamento ao racismo e todas as manifestações de mazelas e opressões que há na sociedade, nós estamos sempre atuando com debate e enfrentamento a favor da nossa gente periférica, da nossa gente preta, atualmente trabalho como assistente de projetos artístico- culturais através da PROEXT [...]minha trajetória no Cabula se dá desde a minha percepção de homem preto cabuleiro, eu sou nascido e criado nesta comunidade, onde vivo até hoje, sou iniciado no terreiro dentro dessa comunidade, minha casa matriz fica no Ilê Axé Ominijá na Sussuarana, na pessoa de mãe Cremilda, a quem eu tomo a benção.

Adriano Andrade

Divulgamos o acesso à transmissão do Youtube em redes sociais, seguimos o protocolo de testes 30 minutos antes, essa prévia antes da execução, é fundamental para que os participantes possam conversar por vídeo e se ambientarem.

Em 10 de Setembro de 2021, às 19:00, foi a transmissão da segunda Makamba, sob o título **EDUCAÇÃO AFROCENTRADA: aprender e ensinar**, mediada pela anfitriã, conforme construído e permita o alinhamento e aperfeiçoamento da nossa metodologia.

Nossos convidados apresentaram as suas experiências educacionais, seja por meio de seus fazeres, seja por relato de suas trajetórias, as instituições na qual representaram, bem como as práticas que estão vivas em seus fazeres, assim, além de uma perspectiva histórica, foi possível evidenciar elementos práticos que se permite traçar a cultura como fulcro de educar.

Estiveram presentes, diversas pessoas da nossa comunidade de pertencimento: moradores do Quilombo Cabula, pares dos coletivos e convidados, o que reforçou as trocas bastante sensíveis e permitiu receber retornos sobre nossa iniciativa.

Os participantes da Makamba interagiram os comentários (chat ao vivo) por meio de perguntas, reflexões e saudações, que continua disponível no canal para aqueles que não assistiram ao vivo, possam perceber como ela aconteceu.

Apesar do planejamento de 110 minutos de diálogo, ficamos 40 minutos a mais do tempo, o que possibilitou responder mais perguntas e evidenciar os comentários do público.

7.2.2. Acompanhamento do 2º Ciclo

Realizamos uma divulgação ampla, conforme fizemos na makamba anterior, tivemos o alcance de 140 visualizações, tendo um aumento de 56% com relação ao primeiro ciclo.

Não houve a presença do instrumento “Não Gostei”, tivemos um aumento de 63% do instrumento “Gostei”, inferir que o resultado foi excelente, a se verificar:

INSTRUMENTO	PARTICIPAÇÕES	RESULTADO
Gostei	41	Realizada
Não Gostei	0	-

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Registramos 23 pessoas da comunidade de pertencimento que acompanharam simultaneamente, 31 pessoas registraram sua experiência com o conteúdo apresentado, assim, a categoria de referência Educação Afrocentrada e suas subcategorias foram realizadas. A seguir:

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	IDENTIFICAÇÃO
EDUCAÇÃO AFROCENTRADA	Fontes africanas de conhecimento;	A presença da experiência do terreiro como ambiente de educação.
	Identifica e explora positivamente práticas culturais;	Evidenciou os fazeres e sociabilidades a partir de vivências pessoais e históricas
	Amplia e reforça a linguagem	Adotou-se conceitos africanos para representar a ação exposta, palavras como agô - pedido de licença para adentrar os espaços, saudações do candomblé.
	Comunalidade	As experiências comunitárias permitiram a conexão entre os convidados e entre o público.
	Visão Positiva e Autossuficiente	Ampliou a discussão sobre a compreensão das hierarquias sociais africanas, sendo os mais velhos tocando a fala, e os demais falam posteriormente, entretanto, todos falam e são

		escutados.
	Responsabilidade individual e coletiva	O trabalho construído pelas instituições, narradas pelos convidados reforçam a nossa premissa de pensar educação.
	Circularidade de saberes	A makamba permitiu escuta de experiências dos sujeitos, a presença de três instituições conectou os atravessamentos.

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

O segundo o critério estabelecido, “comentários”, foi validado devido a existência desse critério, assim, a execução da makamba, seguiu o planejado e os momentos dialógicos foram estimulados, entretanto, mais uma vez, percebemos que não houve absorção no momento em que eram realizadas.

As análises dos comentários, classificamos como o referido quadro de categorias de referência, como se segue:

Quadro 34: Análise do Instrumento Comentários – 2º Ciclo			
	COMENTÁRIOS	CATEGORIAS/SUBCATEGORIAS ATENDIDAS	ANÁLISE
	Que massa esse espaço. Necessário demais!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos, tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
	Asé	2 A, B, C, D, E, F, G	Uso da palavra “asé” que representa a força vital dos povos yorubás.
	A arte tem um papel fundamental no desenvolvimento da consciência crítica de todos os sujeitos!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G.	Interação direta com o conteúdo apresentado, é válida a experiência prática através da arte.
	Um lugar de afetos, mas também de luta.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Interação direta com o conteúdo apresentado, é válida nossa compreensão que a Educação é um espaço de disputa.
	cabuleiros e cabuleiras presente	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade registra sua presença, através das instituições coletivas, ou identidade do território.
	Odeart presente	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra sua presença, através das instituições coletivas, ou

			identidade do território.
	Benção Bàbá Adriano?	2 A, B, C, D, E, F, G	Uso da saudação para pedir a benção, prática comum e pessoas que se reconhecem a partir da religião de matriz africana.
	Como vocês observam o crescimento da presença neopentecostal junto às comunidades mais populares? E o impacto disso numa experiência de educaçãoafrocentrada?	2 A, B, C, D, E, F, G	A pergunta solicita uma compreensão teórica sobre o fenômeno do neopentecostalismo e os impactos na nossa prática afrocentrada.
	Mukuiiu, Makota Hanna	2 A, B, C, D, E, F, G	Uso da saudação para pedir a benção, prática comum e pessoas que se reconhecem a partir da religião de matriz africana.
	A luta contra o racismo passa por propostas práticas de ações alternativas e que se coloquem na ação contra a estrutura racista. Seria um bálsamo perceber algumas destas propostas, como este canal Que propostas práticas vocês podem somar?	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reforça a necessidade de práticas como forçar a mudança que propomos.
	Hanna, belíssimo trabalho. Fantástico.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento da prática apresentada pela convidada.
	Excelente espaço de reflexão e denúncia. Obrigado, Hanna! Muito poderosa sua colocação. Emocionante!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento da prática apresentada pela convidada.
	Particpei do projeto Agentes da negritude e foi uma troca maravilhosa de aprendizado, acolhimento e união de várias cabuleiras	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento da prática apresentada pela convidada, e como ela reverbera na vida dos envolvidos.
	ótimas colocações	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
	Mesa potente. Gratidão	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são

			aprovados.
	Live excelente. Parabéns a todos e todas.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
	Já dei meu like.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	O sentimento de pertencimento e de efeito da nossa aplicação, propicia a participação e fortalecimento da ferramenta.
	Parabéns a todos os envolvidos nesta live	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
	Que triste, como a ignorância é perversa.	----	O relato provoca a reflexão de como o racismo impacta na existência do povo negro.
	Como vocês acham que deveriam ser introduzidas e trabalhadas a cultura negra nos âmbitos educacionais? Até pelo fato de reconhecimento e semelhança do jovem	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reforça a necessidade de práticas como forçar a mudança que propomos.
	É agressiva demais e desrespeitosa. Me entristece muito.	----	O relato provoca a reflexão de como o racismo impacta na existência do povo negro.
	O conhecimento liberta!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Validação da nossa crença.
	Essa coisa do "mais velho" é de certas culturas africanas, as que vieram para o Brasil, em particular. Mas não por toda a África. Estou certo?	2 A, B, C, D, E, F, G	O questionamento propicia a circularidade de saberes.
	Nós de Matriz africana não cultuamos o diabo e sim exu. Exu é caminho é prosperidade é felicidade enfim tudo de bom.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Reconhecimento da experiência apresentada com a do espectador.
	Muito bom rever amigos queridos como Adriano, e o grande Antônio	1. A, B, C, D, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A identificação e espaço de convivência coletivo.
	Sua bênção yà Gilmara?	2 A, B, C, D, E, F, G	Uso da saudação para pedir a bênção, prática comum e pessoas que se reconhecem a partir da religião de matriz africana.
	Nossa mãe Obá te abençoe, bênção.	2 A, B, C, D, E, F, G	Uso da saudação para pedir a bênção, prática comum e

			<p>peças que se reconhecem a partir da religião de matriz africana.</p>
	Asè! Oxalá abençoe	2 A, B, C, D, E, F, G	<p>Uso da saudação para pedir a bênção, prática comum e pessoas que se reconhecem a partir da religião de matriz africana.</p>
	Acho impressionante o mundo cheio de grupos religiosos e ainda existir tantos preconceitos e discriminação referente ao tema religião...penso que cada ser busca o que é melhor para o seu crescimento.	----	<p>O relato provoca a reflexão de como o racismo impacta na existência do povo negro.</p>
	hotep.... vcs são gigantes	1. A, B, C, D, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	<p>A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.</p>
	Muito bom. Esta obra da Dra. Janice Nicolin é riquíssima, valiosa.	1. A, B, C, D, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	<p>Reconhecimento do conhecimento sobre e pelo território, através da Professora Janice Nicolin, moradora e pesquisadora da comunidade.</p>
	Racismo e Classe social se cruzam, e a construção do ataque ao povo negro é muito a do ataque ao proletário. Não seria necessário imbricar a luta racial e a luta de classes?	2 A, B, C, D, E, F, G	<p>O questionamento propicia a circularidade de saberes.</p>
	muito a aprender!!!	1. A, B, C, D, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	<p>A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.</p>
	Gratidão a vocês! Asè! Estamos juntos, aprendendo e compartilhando conhecimentos. Muito enriquecedor esse encontro. Abraços!	1. A, B, C, D, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	<p>A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.</p>
	Obrigada a todos vocês por compartilhar conosco esses conhecimentos.	1. A, B, C, D, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	<p>A comunidade registra através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o</p>

			conteúdo, quanto o formato são aprovados.
	São poucos os que respeitam esses aprendizados dos nossos ancestrais@	2 A, B, C, D, E, F, G	A constatação propicia o reconhecimento da existência da nossa prática africana.
	Parabéns pelo evento. Excelente material didático!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade valida a capacidade prática da makamba.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Classificamos os comentários conforme a nossa análise, buscamos evidenciá-las segundo entendemos que categoria de referências nos permite refletir. Os comentários reforçaram o quanto a premissa da Educação Afrocentrada é possível, e as práticas apresentadas apesar de não ter caráter de recomendação permitiram a reflexão e a reelaboração do que foi apresentado pelos convidados.

Nosso olhar, sobre cada comentário infere as seguintes ocorrências:

Quadro 35: Ocorrência da Análise – 2º Ciclo	
OCORRÊNCIA	ANÁLISE
8	A comunidade registrar através do seu sentimento de pertença registra que valida a makamba, assim inferimos que tanto o conteúdo, quanto o formato são aprovados.
5	Uso da saudação de pedir a benção, prática comum às pessoas que se reconhecem a partir da religião de matriz africana
3	O relato provoca a reflexão de como o racismo impacta na existência do povo negro.
2	Reforça a necessidade de práticas como forçar a mudança que propomos
2	Reconhecimento da prática apresentada pela convidada
2	O questionamento propicia a circularidades de saberes
2	Reforça a necessidade de práticas como forçar a mudança que propomos.
1	Interação direta com o conteúdo apresentado, e valida a experiência prática através da arte.
1	Uso da palavra “asé” que representa a energia vital dos povos yorubás
1	Interação direta com o conteúdo apresentado, e valida nossa compreensão que a Educação é um espaço de disputa
1	A comunidade registra sua presença, através das instituições coletivas, ou identidade do território.
1	A pergunta solicita uma compreensão teórica sobre o fenômeno do neopentecostalismo e os impactos na nossa prática afrocentrada
1	Reconhecimento da prática apresentada pela convidada, e como ela reverbera na vida dos envolvidos
1	O sentimento de pertencimento e de efeito da nossa aplicação, propicia a participação e fortalecimento da ferramenta

1	Validação da nossa crença.
1	Reconhecimento da experiência apresentada com a do espectador.
1	A identificação e espaço de convivência coletivo.
1	Reconhecimento do conhecimento sobre e pelo território, através da Professora Janice Nicolin, moradora e pesquisadora da comunidade.
1	A constatação propicia o reconhecimento da existência da nossa prática africana.
1	A comunidade valida a capacidade prática da makamba.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Com base no quadro acima, é possível perceber que, neste segundo ciclo, o propósito de reconhecimento tem sido realizado, apesar de novas análises serem constatadas percebemos que mantemos certa frequência de refinamento da linguagem quando as palavras africanas se fazem presente no nosso instrumento e conseguimos identificá-las.

As práticas educacionais presentes são plurais, a partir do relato dos convidados, entretanto se reconectam ao perceber no fundamento a cultura africana como fonte da educação.

Oito comentários registram o sentimento de pertença e a validação da makamba, 5 fortalece o refinamento léxico, três apontam reflexões sobre a violência do racismo no povo negro. Tendo ocorrido duas vezes, as seguintes análises: a necessidade das práticas educacionais; a circularidade de saberes e reconhecimento com o que é apresentado pela convidada.

Registramos a ocorrência apenas uma vez dos seguintes itens: interação com o conteúdo apresentado; uso da experiência civilizatória própria (asé), espaço de disputa, identidade do território, os impactos de crenças ocidentais na realização da nossa educação, reconhecimento das práticas e coletivas, validação da nossa aplicação e da nossa crença, identificação e espaço coletivo, acolhida dos que fortalecem a comunicações do Cabula, seja na pesquisa, seja nas instituições que existem no território, reconhecimento da makamba como instrumento didático.

7.2.3. Avaliação do 2º Ciclo

Neste segundo ciclo, que aconteceu no dia 10 de setembro de 2021, foi realizado conforme o planejado. Salientamos que avaliar nosso processo significa, construir parâmetros de melhorias, por isso, constitui-se o momento reflexivo sobre nossa aplicação e como ela se comporta diante das variáveis que levantamos.

O campo tecnológico não apresentou nenhuma intercorrência que trouxesse prejuízo a Makamba, o que nos deixou bastante confortável. Seguindo a prática anterior optamos por não iniciar apresentando as participantes, deixando que os mesmos o façam.

O tempo foi utilizado por cada convidado, da forma que acharam melhor, depois dispomos a responder algumas questões do chat, infelizmente não conseguimos responder a totalidade, devido a duração na makamba.

Os participantes simultâneos ficaram em média de 23 pessoas e deixaram o chat bastante movimentado. A makamba contou com presença e experiências muito fortes e que se entrelaçam com a arte, o que deixou bastante fluida e leve, conforme registrou os participantes.

Nosso tempo de execução foi bastante proveitoso, entretanto, quarenta minutos a mais do que tínhamos previsto, contudo não faltaram momentos dialógicos e conteúdo nessa ampliação.

Para o próximo ciclo propomos realizar a contextualização da pesquisa, do programa de pós-graduação, os grupos de estudos envolvidos, a nossa metodologia e a universidade pública que nos acolhe, como nosso conteúdo ficará disponível, faremos um adendo, nas legendas das makambas anteriores a fim de corrigir este processo, mas inseri, a contextualização durante a realização da mesma.

Percebemos que os comentários da parte 1 a 3, continuaram sem resposta direta, com isso, na próxima makamba, iremos não iremos realizá-las via chat, mas faremos perguntas diretamente na transmissão e investigaremos a resposta nos comentários.

Alcançamos um aumento em participação, visualização e validação, gostei foi superior a 50%, o que demonstrou que o interesse pelo que estamos propondo e a participação tem sido consolidada. Refletimos sobre próximo ciclo, é precisa ser constituído com elementos mais práticos, tais como uma recomendação, ou o ensino de uma prática a partir da Educação Afrocentrada. Apesar de o segundo ciclo ter sido satisfatório, realizaremos o ciclo seguinte para reafirmar nossa constatação e corrigir as questões que levantamos.

7.3.ANÁLISE DO 3º CICLO

No terceiro ciclo do Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada, realizamos a MAKAMBA: Gestão de um negócio negro¹⁴, conforme a metodologia, o presente quadro Nº 20 consta toda a estrutura, contamos com Fabiana Pontes, idealizadora da marca Ouromim Afro Ancestralidade, com duração de 65 minutos, nesta makamba, quisemos trazer mais possibilidades práticas, nesse sentido, buscamos evidenciar formas que a nossa convidada implementa na gestão do seu negócio para poder compartilhar com a comunidade do canal.

7.3.1. Descrição do 3º Ciclo

Esta makamba, configurou-se de modo totalmente diferente das anteriores, assim, estive mais próxima da nossa convidada, a fim de auxiliá-la na construção da sua explanação, além de evidenciar a educação afrocentrada que acreditamos, neste sentido, nosso objetivo era extrair ferramentas e métodos práticos utilizado por ela na condução do negócio.

Assim, tivemos a presença da Fabiana Pontes, uma mulher negra, de candomblé, educadora, gestora e consciente do trabalho para construir um negócio negro, gestora da Ouromim Afro Ancestralidade, um empreendimento que tem seus produtos marcados pela ancestralidade, onde reverencia a religiosidade afro-brasileira.

Construímos nosso contato pelo WhatsApp, não foi necessário criação de grupo, por que tratamos no privado, realizamos o convite e fizemos uma sugestão de roteiro de fala, além de apresentar nosso conceito de Educação Afrocentrada, ela validou que realiza 90% das características apresentadas no desenvolvimento dos seus produtos, o que nos chamou bastante atenção pelo fato de perceber que nossa educação, é um princípio de vida.

Realizamos o trabalho de divulgação nas redes sociais, seguimos o protocolo de testes 30 minutos antes, essa prévia antes da execução, neste espaço, testamos luz e som, e Fabiana trouxe um texto de sua autoria para poder compartilhar na makamba.

¹⁴ Para assistir nossa makamba, acesse o link: <https://youtu.be/mYEPn6M6ZQk>

No 24 de Setembro de 2021, às 19:00, a transmissão da terceira Makamba, sob o título Gestão de um negócio negro, mediada pela anfitriã, conforme construído através do nosso contexto teórico e da nossa metodologia.

Nossa convidada realizou uma autoapresentação de sua história pessoal, conforme compartilhamos abaixo:

Eu sou Fabiana Pontes, mulher negra, candomblecista, mãe, avó, professora, assistente social, CEO da Ouromim Ancestralidade Afrobrasileira, aí muitos podem se perguntar por que Ouromim, porque ancestralidade, porque que afrobrasileira, então, eu vou começar pelo nome da marca, Ouro e Omin, como eu falei sou uma mulher candomblecista, e o ouro ele tem uma relação com minha Iyá, com a minha orixá que é Oxum, e o Omim faz também essa referência também essa relação com meu nome africano, meu nome ancestral.

Após sua autoapresentação, depois do seu negócio, a Ouromim, e suas motivações para criação, seguimos para o processo produtivo das peças, as inspirações e as técnicas de gestão que mais dialogam com a ancestralidade e valores africanos.

Os participantes da makamba estiveram bastante envolvidos na execução, muitos moradores do Quilombo Cabula deixaram suas impressões e inclusive nos indicaram em grupos do WhatsApp, além da interação com perguntas e comentários.

7.3.2. Acompanhamento do 3º Ciclo

Mantivemos o processo de divulgação nas redes sociais, tivemos o alcance de 104 visualizações e 28 curtidas.

Não houve a presença do instrumento “Não Gostei”, a se verificar:

Quadro 36: Análise do Instrumento “Gostei e Não Gostei” - 3º Ciclo		
INSTRUMENTO	PARTICIPAÇÕES	RESULTADO
Gostei	28	Realizada

Não Gostei	0	-
------------	---	---

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Registramos 19 pessoas da comunidade de pertencimento que acompanharam simultaneamente, 28 pessoas registraram sua experiência com o conteúdo apresentado, assim a categoria de referência Educação Afrocentrada e suas subcategorias foram realizadas. A seguir:

Quadro 37: Identificação das subcategorias no ciclo		
CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	IDENTIFICAÇÃO
EDUCAÇÃO AFROCENTRADA	Fontes africanas de conhecimento;	A presença da experiência africana no modo de fazer negócios, criar e movimentar a economia.
	Identifica e explora positivamente práticas culturais;	Evidenciou os fazeres, as sociabilidades e as formas que os ancestrais utilizaram, e que agora se reverberam nas peças.
	Amplia e reforça a linguagem	Adotou-se conceitos africanos para representar a ação exposta, partimos do nome do próprio negócio “Ouromim” e seus significados simbólicos.
	Comunalidade	As experiências comunitárias que validam o conteúdo.

	Visão Positiva e Autossuficiente	Reativou os valores civilizatórios do povo africano na forma de quilombismo, educação como mote de marca, militância perante a afirmação da imagem.
	Responsabilidade individual e coletiva	O trabalho desenvolvido pelo negócio conota a militância em fazer e se fortalecer no coletivo, evidenciada através da loja Adebumi.
	Circularidade de saberes	A makamba foi um diálogo muito fluido e reflexivo, com espaços de fala e escuta.

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

O segundo critério estabelecido, “comentários”, foi validado devido a existência desse critério, assim, a execução da makamba, seguiu o planejado e os momentos dialógicos foram estimulados em vídeo. As análises dos comentários classificamos como o referido quadro de categorias de referência, como se segue:

Quadro 38: Análise do Instrumento Comentários – 3º Ciclo		
COMENTÁRIOS	CATEGORIAS/ SUBCATEGORIAS ATENDIDAS	ANÁLISE
Minha Deusaaaaaa. Essa mulher é incrível!!!	2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de reconhecimento com a convidada.

Que fala poderosa e forte. Inspiração para todas nós	2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
Temos poder, somos poderosos.	2 A, B, C, D, F, G	A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.
Você meu amor tem o toque de Oxum. aonde toca tem amor e ouro	2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de reconhecimento com a convidada.
Boa noite a todos e todas, Juliana sou seu fã, obrigado por compartilhar esse momento de aprendizado.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
Bom ver vc!!!poderosa	2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra através do seu sentimento de reconhecimento com a convidada.
Dentro dessa relação com o sagrado, existe uma "permissão" dada pelo Divino? Como se dá essa relação com o Divino?	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G.	Os questionamentos convocam para os fundamentos do fazer, uma vez que o empreendimento parte da ancestralidade para construir os processos criativos e gestão.
Hotep	2 A, B, C, D, E, F, G	Uso da palavra “hotep”, uma saudação egípcia.
Interessante essa circularidade!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.

Excelente tema e pouco debatido...	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
Fortalecendo a solidariedade, o desenvolvimento e a economia entre as pessoas pretas. Parabéns!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.
Existem passos importantes para "criar" um negócio negro?	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Os questionamentos convocam para os fundamentos do fazer, uma vez que o empreendimento parte da ancestralidade para construir os processos criativos e gestão.
Quais os entraves no processo de empreender um negócio negro?	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	Os questionamentos convocam para os fundamentos do fazer, uma vez que o empreendimento parte da ancestralidade para construir os processos criativos e gestão.
Excelente fala, Fabiana! O racismo religioso é um sério problema!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade registra pontos que impactam e afetam a existência negra e validam a explanação da convidada.
Obrigado por trazer essas discussões, Juliana!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba..
Pensei que me expressei mal. Gratidão.	2 A, B, C, D, E, F, G	A makamba se reafirma como espaço de circularidade de saberes, seja na complementação das falas, seja nos diálogos que explicitam algum conhecimento.

<p>A ideia é que todos nós possamos crescer juntos. E formar não somente para o projeto, mas para a vida. Estamos formando uma parceria coletiva e para isso a troca de experiências é fundamental.</p>	<p>1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G</p>	<p>A makamba se reafirma como espaço de circularidade de saberes, seja na complementação das falas, seja nos diálogos que explicitam algum conhecimento.</p>
<p>Eu achei maravilhoso esse momento de troca! Parabéns, Juliana! Parabéns, Fabiana!</p>	<p>1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G</p>	<p>A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba..</p>
<p>Palavra mágica: resistência!</p>	<p>1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G</p>	<p>A comunidade registra pontos que impactam e afetam a existência negra e validam a explanação da convidada.</p>
<p>Empreendedorismo de preto para preto. Representatividade potente que encanta.</p>	<p>1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, E, F, G</p>	<p>A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Classificamos os comentários conforme a nossa análise, buscamos evidenciá-las segundo entendemos que categoria de referências nos permite refletir. Os comentários auxiliam tanto no processo dialógico da Educação Afrocentrada, quanto nas aplicabilidades e reconhecimento das práticas.

Nosso olhar, sobre cada comentário infere as seguintes ocorrências:

Quadro 39: Ocorrência da Análise – 3º Ciclo

OCORRÊNCIA	ANÁLISE
5	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
4	A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.
4	Os questionamentos convocam para os fundamentos do fazer, uma vez que o empreendimento parte da ancestralidade para construir os processos criativos e gestão.
3	A comunidade registra através do seu sentimento de reconhecimento com a convidada.
2	A makamba se reafirma como espaço de circularidade de saberes, seja na complementação das falas, seja nos diálogos que explicitam algum conhecimento.
1	Uso da palavra “hotep”, uma saudação egípcia.
1	A comunidade registra pontos que impactam e afetam a existência negra e validam a explanação da convidada.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Este terceiro ciclo foi importante para afinar os caminhos que temos percorrido ao longo dessa pesquisa, buscamos inclusive trazer mais práticas que pudessem ser conhecidas e incorporadas à vivência da nossa comunidade.

Foram cinco comentários, registramos o reconhecimento do conteúdo da makamba, quatro comentários fortaleceram a nossa compreensão de Economia Coletiva e Educação Afrocentrada,

que nos indicam uma análise e construção mais próximas do que é a prática realizada pela comunidade.

Quatro dos comentários-questionamento buscaram extrair esse lugar da técnica e do modo de fazer gestão de um empreendimento negro. Três comentários registram o fato de se reconhecer através do exposto pela convidada. Um comentário fortalece o refinamento léxico e um comentário evidencia que reflexões sobre a existência negra.

Nos comentários apareceram fenômenos bem interessantes, uma participante interagiu no chat e, ao darmos a resposta, houve um erro na grafia da palavra gerando um conflito de comunicação, mas que foi possível alinhar durante a makamba, seja com o acolhimento do entendimento, seja pela atenção às interações. Assim, pudemos explicar e fortalecer o entendimento da participante que acabou o conflito, “Pensei que me expressei mal. Gratidão.”

Esses fenômenos são importantes para podermos nos aproximar e se perceber no processo de educação, o meio tecnológico que intermedia nossa aplicação, os participantes se expressam via escrita, pode gerar equívocos de entendimento das duas partes, e, por isso, observar atentamente e não deixar as interações sem respostas, aproxima e gera o acolhimento que tanto buscamos.

7.3.3. Avaliação do 3º Ciclo

O terceiro ciclo, aconteceu no dia 24 de setembro de 2021, foi realizado conforme o planejado e alinhado com a convidada.

No campo tecnológico tivemos algumas falhas no áudio, que acreditamos ser devido a conexão da internet, mas só percebemos neste momento de análise, pois não recebemos nenhum comentário que registrasse um prejuízo na compreensão por parte do público que nos acompanhava ao vivo.

A convidada seguiu o roteiro sugerido e ao final nos brindou com um texto de sua autoria sobre sua história, seu negócio e seu fazer econômico coletivo. Utilizou bem o tempo, abrindo momento suficiente para perguntas, reflexões e complementações de experiências, propiciando uma circularidade que tanto conclamamos.

A média de participantes simultâneos seguiu em torno de 19 pessoas ao longo dos 65 minutos de realização, o nosso chat contou com interações bastante ricas, sentimo-nos validados

em nossa proposição. Via-se o interesse em se reconhecer e aprender quanto um “negócio negro”, o que nos aproxima do nosso objetivo de construir uma educação para economia coletiva.

Para o próximo ciclo, propomos reforçar a contextualização da pesquisa, do programa de pós-graduação, os grupos de estudos envolvidos, a nossa metodologia e a universidade. Optamos em não realizar intervenções nossas nos comentários da parte 1 a 3, o fluxo de interação foi orgânico e muito proveitoso.

Entendemos que o ciclo trouxe elementos mais práticos, à forma que conduzimos o roteiro deixou nossos convidados mais confortáveis e confiantes sobre sua explanação pública.

7.4. ANÁLISE DO 4º CICLO

O quarto e último ciclo de aplicação da nossa solução, que tem utilizado Canal UJAMAA: Educação Afrocentrada com fins pedagógicos na difusão de experiências práticas em Economia Coletiva, realizamos a MAKAMBA: O Fazer Econômico da Arte Negra¹⁵, conforme a metodologia construída no quadro N° 21, tivemos como participantes ClaudioNyack (Cláudio da Conceição Silva), cofundador da Companhia de Artes Elementos, com duração de 74 minutos. Nesta makamba, compreendendo que arte negra é um fazer que mobiliza uma economia própria, através da geração de trabalho e renda, objetivamos evidenciar a arte negra como potência econômica.

7.4.1. Descrição do 4º Ciclo

Esta makamba foi muito importante realizá-la, pois partiu de uma atividade que a autora que vos fala também é fundadora, então, foi um diálogo circular, uma vez que conhecia bastante a trajetória do convidado e também da Companhia de Artes Elementos, podendo contribuir para além da mediação, também com dados e informações mais profundas, que complementam a explanação do convidado.

Tivemos a oportunidade de construir um roteiro com ampla participação do convidado, o próprio foi indicando o que se sentia mais confortável para tratar. Pudemos caracteriza o trabalho

¹⁵ Para assistir a nossa makamba, acesse o link: <https://youtu.be/TwyKrFGMUJM>

realizado pela Companhia de Artes Elementos - uma iniciativa criada por dois artistas negros que compreenderam a necessidade de construir seu próprio espaço de reverberação de sua arte.

A proximidade com o ClaudioNyack possibilitou a construção de todo processo de diálogo presencial, que foi bem interessante no sentido de discutir e conduzir para o objetivo da makamba. Realizamos o convite e fizemos uma sugestão de roteiro de fala que foi ajustado, além de apresentar nosso conceito de Educação Afrocentrada, como o convidado acompanhou as discussões realizadas pela pesquisa, apontou muito na crença que a educação que ele acredita.

Realizamos o trabalho de divulgação nas redes sociais, entretanto, o fato de ocorrer entre o final de semana e um feriado, acabou reduzindo a quantidade de participantes, os testes tecnológicos foram realizados conforme o protocolo. Cláudio solicitou que pudesse iniciar a makamba com uma poesia.

No dia 11 de outubro de 2021, às 18:00, foi realizada a transmissão ao vivo da quarta Makamba, sob o título O Fazer Econômico da Arte Negra, conduzido pela anfitriã, atendendo as questões construídas através do nosso contexto teórico e da nossa metodologia.

O convidado realizou sua autoapresentação, que acompanhamos no fragmento a seguir:

“Eu, Claudio Nyack, vivi na cidade chamada Governador Mangabeira, uma cidade bem próxima de Salvador, aproximadamente 135 km, e assim, eu vivi muito tempo lá, participei de um grupo chamado Frutos da Utopia, até hoje esse grupo existe. Viajamos bastante, pesquisamos bastante dentro da área, foi daí que eu passei a conhecer o teatro, o que é estar no palco, o que acontece, achei que estava pouco demais, vim para Salvador no intuito de me aperfeiçoar nessa área, conheci a SITORNE, depois passei a fazer cursos de cinema no pelo CINEARTS e também na UFBA, assim estou eu, fazendo o curso de pedagogia, já estou no 4º semestre e tenho projetos maravilhosos onde penso em focar mais no nosso povo, porque vejo que a questão da educação exclui um pouco a história do nosso povo, falta oportunidade, é isso, isso é um resumo da minha história.”

Após apresentar um pouco da sua trajetória como artista, seguindo o histórico da Companhia de Artes Elementos, cita as motivações, membros e etc. Seguimos para os processos criativos imbuídos nos produtos culturais, a poética multifacetada da arte negra e as técnicas colaborativas de manutenção e continuidade.

A makamba fluiu de forma muito envolvente, muitos participantes registraram o reconhecimento do trabalho artístico, quanto da nossa aplicação, a cada ciclo é perceptível o envolvimento da comunidade na feitura deste canal.

7.4.2. Acompanhamento do 4º Ciclo

Realizamos a divulgação nas redes sociais, Facebook, Instagram e WhatsApp, tivemos o alcance de 71 visualizações e 13 curtidas. Não houve a presença do instrumento “Não Gostei”, a se verificar:

Quadro 40: Análise do Instrumento “Gostei e Não Gostei” - 4º Ciclo		
INSTRUMENTO	PARTICIPAÇÕES	RESULTADO
Gostei	13	Realizada
Não Gostei	0	-

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Registramos 10 pessoas da comunidade de pertencimento que acompanharam simultaneamente, 13 pessoas registraram sua experiência com o conteúdo apresentado, assim a categoria de referência Educação Afrocentrada e suas subcategorias foram realizadas. A seguir:

Quadro 41: Identificação das subcategorias no ciclo		
CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	IDENTIFICAÇÃO
EDUCAÇÃO AFROCENTRADA	Fontes africanas de conhecimento;	Evidenciadas no conteúdo apresentado pelo convidado, que parte da ancestralidade e história para os processos criativos.
	Identifica e explora positivamente práticas culturais;	Evidenciou os fazeres, as sociabilidades e as formas que os ancestrais utilizaram para realizar a manutenção da trajetória.

	Amplia e reforça a linguagem	Adotou-se conceitos africanos de ancestralidade, e imagem positiva do artista negro.
	Comunalidade	Compartilhamento de saberes, evidenciadas pelas práticas do grupo e que possibilitam a continuidade.
	Visão Positiva e Autossuficiente	Reativou os valores civilizatórios do povo africano na forma de quilombismo, economia coletiva, comunidade, trocas de serviços e autonomia.
	Responsabilidade individual e coletiva	O trabalho desenvolvido pelo negócio conota a militância em fazer e se fortalecer no coletivo, através da construção e fidelização de parcerias.
	Circularidade de saberes	A makamba foi um diálogo muito fluido e reflexivo, com espaços de fala e escuta.

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

No segundo critério estabelecido, “comentários”, foi validado através da existência do mesmo, assim, a execução da makamba seguiu conforme o roteiro elaborado em colaboração de ClaudioNyack e os momentos de diálogo foram estimulados na transmissão, direcionando-os que fosse feito por escrito.

Ao analisarmos os comentários, classificamos como o referido quadro de categorias de referência, como se segue:

Quadro 42: Análise do Instrumento Comentários – 4º Ciclo		
COMENTÁRIOS	CATEGORIAS/ SUBCATEGORIAS ATENDIDAS	ANÁLISE
Maior respeito e admiração por este grande artista!	2 A, B, C, D, F, G	A comunidade registra seu reconhecimento ao convidado.
Como fomentar a ARTE NEGRA nas escolas?	2 A, B, C, D, F, G	Os questionamentos convocam para os fundamentos da prática, o que fazer, assim, procura-se entender como é feito e o que se pode fazer através da arte negra.
Pra gente artista preto da cena é tão importante ter um projeto como este, nos dando oportunidade a ter um olhar mais profundo no fazer econômico da arte negra!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A makamba se reafirma como espaço de circularidade de saberes, seja na complementação das falas, seja nos diálogos que explicitam algum conhecimento.
Que conselho Cláudio daria para um colega que deseje hoje iniciar um trabalho de arte afrocentrado?	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	Os questionamentos convocam para os fundamentos da prática, o que fazer, assim, procura-se entender como é feito e o que se pode fazer através da arte negra.
Que lindo, Claudio!	2 A, B, C, D, F, G	A comunidade registra seu reconhecimento ao convidado.
Parabéns Cláudio, um exemplo de arteducador negro.	2 A, B, C, D, F, G	A comunidade registra seu reconhecimento ao convidado.
Muito trabalho e persistência para resistir!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.

Vocês são verdadeiras inspirações! Tenho muito orgulho de vocês dois. A arte negra merece ser exaltada.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.
Parabéns tia Juli e tio Cláudio. Anna Laura	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade registra seu reconhecimento ao convidado.
E assim, se cria uma rede parceiros!!	1. A, B, C, D, E, F, G, H.	Convoca os elementos de coletividade para fazer economia e resistir aos desafios.
Parabéns ao projeto UJAMAA!!! Orgulho de vcs!!!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
A nossa história é marcada por conquistas pela união e irmandade de todos que vieram antes de nós, é uma herança muito valiosa.	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A makamba se reafirma como espaço de circularidade de saberes, seja na complementação das falas, seja nos diálogos que explicitam algum conhecimento.
Juntos somos mais fortes.	1. A, B, C, D, E, F, G, H.	Convoca os elementos de coletividade para fazer economia e resistir aos desafios.
Muitas contribuições deixadas por essas lives!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
Comentem sobre os desafios de produzir literatura africana para crianças? E outras artes	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	Os questionamentos convocam para os fundamentos da prática, o que fazer, assim, procura-se entender como é feito e o que se pode fazer através da arte negra.

Parabéns pelo trabalho maravilhoso desenvolvido!	1. A, B, C, D, E, F, G, H.	A comunidade registra seu reconhecimento ao convidado.
Nós é que agradecemos pelas contribuições!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
Parabéns pra JULI e CLÁUDIO	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade registra seu reconhecimento ao convidado.
Gratidão, por este momento!!! Parabéns a Companhia!!	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
Excelente live conteúdo maravilhoso	1. A, B, C, D, E, F, G, H. 2 A, B, C, D, F, G	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Classificamos os comentários conforme a nossa análise, buscamos evidenciá-las segundo entendemos que categoria de referências nos permite refletir. Os comentários auxiliam tanto no processo dialógico da Educação Afrocentrada, quanto nas aplicabilidades e reconhecimento das práticas.

Nosso olhar sobre cada comentário infere as seguintes ocorrências:

Quadro 43: Ocorrência da Análise – 3º Ciclo	
OCORRÊNCIA	ANÁLISE

6	A comunidade registra seu reconhecimento ao convidado.
5	A comunidade reconhece a importância dos conteúdos apresentados na makamba.
3	Os questionamentos convocam para os fundamentos da prática, o que fazer, assim, procura-se entender como é feito e o que se pode fazer através da arte negra.
2	A makamba se reafirma como espaço de circularidade de saberes, seja na complementação das falas, seja nos diálogos que explicitam algum conhecimento.
2	Convoca os elementos de coletividade para fazer economia e resistir aos desafios.
2	A comunidade se reconhece e valida nossa percepção de Educação Afrocentrada e Economia Coletiva.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Este quarto e último ciclo foi muito importante, serviu para refinar a nossa percepção à aplicação dessa solução para continuar os ciclos mantendo o caráter ao qual se propõe, de ser um espaço prático de troca de experiência junto com a comunidade, bem como fortalecer os vínculos através da circulação da história e iniciativas do Quilombo Cabula.

Registramos seus comentários, nos quais evidenciam que os convidados são importantes no fortalecimento da nossa aplicação, sendo muito importante para valorizar as pessoas, as iniciativas e o território. Em cinco comentários registramos o reconhecimento do conteúdo da makamba, demonstram que o nosso conteúdo tem sido relevante.

Foram realizados três comentários-questionamentos que buscam corroborar a necessidade perante o saber fazer através do como é feito, permitindo a compreensão da poética, mas também

da gestão, manutenção e continuidade da iniciativa, com isso, conseguimos identificar mais elementos que compõem nossa compreensão de Economia Coletiva e Educação Afrocentrada.

Dois comentários registraram as makambas como espaço de circularidade de saberes, seja na complementação das falas, seja nos diálogos que explicitam algum conhecimento, a comunidade se sente pertencente e complementar ao assinalar e reforçar o que tem sido apresentado. Dois comentários convocam a coletividade nas práticas, o que possibilita perceber que esse sentimento de coletivo para poder realizar e resistir ao racismo, e as forças que buscam aniquilar os esforços negros.

E, por fim, mais dois comentários validam nossa percepção dos princípios que convocamos desde que iniciamos esta pesquisa, Educação Afrocentrada, como meio, e, Economia Coletiva como finalidade.

7.4.3. Avaliação do 4º Ciclo

O quarto ciclo seguiu o conforme o planejado e alinhado com o convidado, apesar da apreensão do mesmo, sendo sua primeira explanação pública não artística, a avaliação feita pelo mesmo demonstrou significativo e importante este processo de reflexão sobre a iniciativa que tem construído ao longo de 11 anos.

No campo tecnológico tivemos algumas falhas no áudio, que foi sinalizado pelos participantes, mas que foi possível realizar o ajuste sem prejuízo ao que estava sendo explicitado. O convidado iniciou com a declamação da poesia “Saudação a Palmares” – Castro Alves, e seguimos com o roteiro construído coletivamente. Utilizou bem o tempo, abrindo momento suficiente para perguntas, reflexões e complementações de experiências, propiciando uma circularidade que tanto conclamamos.

Tivemos cerca de 10 participantes simultâneos, em 74 minutos de realização, além dos 20 comentários analisados, tivemos bastante interação e a promoção do espaço dialógico. Mesmo sem realizar intervenções nos comentários da parte 1 a 3, o fluxo de interação foi orgânico, que consideramos ser parte do processo de difusão.

Sentimo-nos validados em nossa proposição em realizar quatro ciclos e acompanhar a evidência e o crescimento do canal, na propagação de conhecimentos. Acreditamos na continuidade dessa aplicação, no sentido de reforçar o trabalho e se consolidar num ambiente que

reúna experiências negras de ser e fazer Educação, que busca apresentar uma lógica de construir uma economia coletiva, multilateral e mais abrangente ao povo negro.

Concluimos que este último ciclo consolidou nossos anseios de construir uma proposta prática de Educação Afrocentrada através de uma ferramenta tecnológica, como um canal do Youtube, e, apesar dos desafios, foi explorado no sentido de evidenciar as possibilidades de construção e a difusão do conhecimento.

7.5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta pesquisa debruçou-se em construir uma proposta educacional afrocentrada com o povo negro do Quilombo Cabula, tendo como horizonte as iniciativas econômicas, neste sentido mergulhamos na elaboração do contexto do Cabula, a partir dos caminhos ancestrais percorridos no pelos povos formadores do território, extraindo as heranças atemporais e que permitiram desenhar os princípios.

Tomamos dois princípios, o primeiro é a Educação Afrocentrada que vai se dedicar na forma africana de aprender e ensinar e se destina ser uma metodologia voltada a compreender e reforçar a existência africana e formas de construir a autodeterminação enquanto povo. Esse percurso foi um processo de bastante desafio, apesar do ponto de partida anunciado nas referências bibliográficas, era preciso delinear o nosso próprio entendimento e construir a nossa experiência de Educação Afrocentrada.

O segundo princípio é a Economia Coletiva, conceito que foi desdobrado a partir da observação na forma econômica alimentada pelo povo negro e os valores de produção ao qual estão imbuídos na existência comunitária, observamos que este fazer não se resume a suprir necessidades materiais, mas de se apresentar como uma experiência contra-hegemônica de superação dos desafios. Com base nesse entendimento, mapeamos e caracterizamos iniciativas econômicas que se aproximaram das experiências que nos interessavam, bem como os elementos de educação existentes no contexto.

Esse aporte teórico propiciou a elaboração da proposta na qual nos propusemos, tendo como desenho metodológico a pesquisa de desenvolvimento que busca projetar e desenvolver uma intervenção como solução para problemas educacionais complexos, auxiliando no

aprofundamento do conhecimento sobre as características e os processos de elaboração e desenvolvimento de intervenções educacionais, possibilitando e validando teorias.

Neste sentido, utilizamos o canal do Youtube como ambiente onde nossa intervenção se estabeleceria, analisamos a ferramenta e indicamos os elementos que fariam parte da análise, as variáveis, e as intersecções com a Educação Afrocentrada. Assim, surgem as makambas, que são programações do canal, cujo objetivo era promover um diálogo entre pares sobre assuntos de Economia Coletiva, em vários âmbitos.

Cada makamba constituiu um ciclo de aplicação, por isso, analisamos as variáveis presentes do desenho da pesquisa e seu alcance junto à comunidade de pertencimento. Realizamos quatro makambas com convidados moradores de bairros do Quilombo Cabula para apresentarem os vieses de atuação educacional e econômica.

Segundo a nossa abordagem metodológica, a cada ciclo foi possível o refinamento, a cada aplicação realizamos uma análise sobre seu funcionamento e, como aplicação tem atingido a comunidade de interesse e engajada, estimulando as categorias de referência da Educação Afrocentrada. Estes quatro ciclos permitiram constatar que nosso canal conseguiu cumprir seu objetivo de mediação de aprendizagem em ambiente não oficial.

Evidenciamos que o nosso canal contribui como ferramenta cognitiva para a reativação dos saberes e fazeres ancestrais, legitimando uma forma própria africana de se fazer Educação e a Economia Coletiva, ao evidenciar a história negra, seus desafios e suas práticas, colaboramos na redução do epistemicídio que se arrasta ao longo dos séculos, que buscam silenciar e exterminar a vida negroafricana do mundo.

Os resultados alcançados se apresentam pela ampliação do repertório civilizatório africano na diáspora, a experimentação de recursos e ferramentas para a práxis pedagógica, do reconhecimento do Cabula e suas práticas econômicas, quanto seus aspectos ancestrais, a capacidade colaborativa e o potencial de continuidade, como pressupõem todo processo educacional, tudo isso deve ser consciente, diversificado, diversificado e contínuo.

8. CONCLUSÃO

Compartilhamos nossa experiência de pesquisa com esta pesquisadora que vos fala bastante imbricada e envolvida, decerto consciente da importância dos valores conceituais, práticos e

simbólicos do povo negro. Os passos até aqui construídos buscam colaborar na autodeterminação do nosso povo, para que esse possa se desdobrar em tantas outras possíveis buscas, que repliquem na vida em qualquer contexto que envolva pessoas negras.

Assim, ao revisarmos as questões que envolveram esta pesquisa e como tratamos cada uma delas, nossa contribuição representa colaborações efetivas, para dar continuidade e enriquecimentos a cada fase.

A experiência construída ao longo dessa pesquisa é permeada pelo caráter histórico através do mergulho vivencial que a partir de uma África Ancestral, para constituir os elementos de Ujamaa – economia coletiva, ao conceituá-la buscamos muito mais evidenciar um modo próprio de fazer economia, essa reivindicação se dá pelo fato de entender a nossa visão afrocêntrica.

Re-territorializamos no Quilombo Cabula, como espaço histórico mítico-simbólico para evidenciar nossa comunalidade, iniciativas econômicas que perpassam pelo legado ancestral deixado pelo povo africano. Num contexto de sociabilidades de elaborações e reelaborações de práticas antecessoras, estamos nós aqui neste território reafirmando e expandindo os valores que herdamos.

Iniciamos a pesquisa com uma perspectiva e metodologia diferente, mas a orientação voltou meu olhar para o Quilombo Cabula e a pesquisa de desenvolvimento, esse convite a conhecer e mergulhar nesta construção, com todo empenho que uma Educação Afrocentrada exige, seja pela elaboração da proposta UJAMAA: Educação Afrocentrada, seja pelo compromisso com a ancestralidade que nos move.

A pesquisa permitiu construir um referencial prático de nossa essência/experiência, construímos um espaço não só de difusão, mas principalmente o processo de desdobramento, lançamos mão de uma ferramenta tecnológica, o canal do Youtube “UJAMAA: Educação Afrocentrada”, como um mecanismo contínuo de propagação de uma possibilidade de relações econômicas pautadas em valores mais alinhado com o povo, ao qual se destina.

Quando nos debruçamos na construção do contexto, partindo da perspectiva ancestral, queríamos reforçar nossa crença de que a existência africana territorializada no continente ou na diáspora, supera os elementos geográficos e irrompe o tempo, espaço para revelar quanto a ancestralidade nos ensina todos os dias em seus filhos.

Cabia construir e reforçar a imagem do Cabula que nos interessa, os aspectos de civilizatórios reconstruído na diáspora brasileira, por isso, após a África Ancestral, dialogamos sobre a diáspora forçada e os aspectos que sobreviveram a maafa – esse infortúnio de morte que tem sufocado negros e negras no mundo, e, por fim, o Quilombo Cabula, o reino negroafricano.

Nosso contexto foi expresso a partir da concepção da pesquisadora que dialogou com outros pesquisadores e pesquisas, em especial que estudam a comunalidade do Quilombo Cabula, esse fator foi importante porque trouxe o aspecto basilar da nossa busca, queríamos tratar o Cabula sob a perspectiva da ancestralidade como força mobilizadora, da vida comunal, e os atravessamentos atemporais.

Com a elaboração do contexto seguimos no aporte teórico dos dois princípios da pesquisa, no princípio Economia Coletiva, ao refletir sobre o trabalho, em seu sentido e significado para pessoas negras, seguindo do desenvolvimento construído no coletivo, passando por ganhadores, terreiros, confrarias e outras práticas coletivas, por fim levantamos iniciativas existentes no Cabula e suas atuações, aqui não nos preocupamos inicialmente em classificá-las quanto negras, mas sim levantar seus históricos.

O segundo princípio, Educação Afrocentrada, um mergulho no entendimento de que a precisávamos partir de aspectos positivos e de autodeterminação do povo negro, assim buscar os aspectos que a caracterizam, junto com nossos anseios de educação, a Afrocentricidade foi crucial, sem dúvida, um despertar para os caminhos que nos levam a África, como paradigma, teoria e prática.

Nesta elaboração, chegamos à ferramenta mediadora, o canal do youtube, assim, nos aproximamos da metodologia de pesquisa de desenvolvimento, que possui um caráter prático para as questões observadas e que pode ser experimentada, em uma variedade de conteúdo, está também não perde seu rigor teórico, já que contexto e princípio percorrem e validam esta premissa.

Criamos o canal, onde seriam exibidas as makambas, nossa programação, que conceitualmente representa rodas de diálogo ou ainda estar entre amigos, que reafirmam nossa comunalidade a partir da identidade da nossa aplicação, visamos alcançar pessoas negras que tenham ou queiram criar negócios negros e buscam outras referências e coletividade no fazer economia.

Foram realizados ciclos de interações com a nossa comunidade de pertencimento com objetivo de construir nossa experiência de EducaçãoAfrocentrada que almejamos, este processo foi fundamental para pesquisas de desenvolvimento como a nossa, que além do aprofundamento teórico, busca-se a elaboração de um instrumento prático, capaz de dar continuidade aos trabalhos, mesmo após o encerramento do tempo da pesquisa.

Nossos esforços se direcionaram em evidenciar práticas de economia coletiva desenvolvidas pelo povo negro que reafirma a comunalidade e os valores civilizatórios. Acreditamos que esses valores nos diferenciam de outros povos, além de apontar um caminho para o futuro da humanidade.

Nossa questão de pesquisa buscou uma educação afrocentrada para favorecer a criação de iniciativas de ênfase na economia e fortalecimento do povo negro do Quilombo Cabula, nos conduziu até este constructo, seja por representar uma série de subjetividades, seja pela prática que nos exigia como resultado.

Ao objetivar a elaboração de uma iniciativa educacional afrocentrada para o povo negro do Quilombo Cabula, para favorecer as iniciativas econômicas, consideramos que o alcançamos ao perceber que desenvolvemos os ciclos e interagimos com nossa comunidade de pertencimento e acompanhamos em outros mecanismos e ferramentas.

Os objetivos específicos buscaram entender o contexto do povo negro do Quilombo Cabula; mapear e caracterizar as iniciativas econômicas do Quilombo Cabula e identificar elementos de educação afrocentrada e sistematizá-los através da metodologia de pesquisa de desenvolvimento, no qual materializa no desenho do canal do youtube e as makambas que foram realizadas, considerando alcançada e evidenciada ao longo dessa pesquisa.

O contexto pandêmico trouxe desafios para executar pesquisas, principalmente por imputar o distanciamento, mas também amplificou as desigualdades e as violências que as comunidades negras estão imersas, contudo, possibilitou o estímulo às ferramentas tecnológicas.

Entendemos os desafios de fazê-lo, principalmente num contexto pandêmico, mas a mesma tecnologia que viabiliza o alcance da nossa aplicação, é a mesma que nos aproxima da comunidade, assim, ao optarmos pelo canal, buscamos não apenas utilizá-lo como ferramenta, mas como exibição contínua do que aqui foi construído.

Ao modelar nosso canal, implementamos os ciclos, aperfeiçoamos a cada etapa, partindo do primeiro vídeo, até a formulação das makambas, que desdobram no melhor aproveitamento da

experiência, em tempo real. As interações se incorporaram à realização e podiam ser explicitadas nas próprias makambas.

Nossa aplicação demonstra-se como eficaz no propósito que nos conduziu até a finalização, podendo ser continuada e implicando num ambiente de aprendizado para iniciativas negras, além de auxiliá-los em conduzi-los no cotidiano, a possibilidade de acessá-la a todo o momento, torna-a mais acessível.

Neste sentido, consideramos que conduzimos com muita seriedade e bastante validação da comunidade, justamente por entendê-la coautora desta realização, e, portanto, responsável pelo que alcançamos, fundamentalmente, este é o modelo de fazer ciência que acreditamos e realizamos.

Assim, essa pesquisa nos permitiu uma prática afrocêntrica do fenômeno “economia” de caráter histórico-social, uma vez que essa caminhada possibilitou sistematizar características que não foram empregadas como valores e heranças negroafricanas anteriormente.

Nos provocou a se atentar a “baixa espiritualidade”, um comportamento recorrente na diáspora, que trata a experiência da maafa como ponto de partida para a motivação e análise dos fatos que envolvem o povo negro, essa provocação, mudou a perspectiva de busca e entendimento sobre nossas formas de ser e fazer.

Destacamos que esta pesquisa trata de uma temática que vem me instigando ao longo dos meus processos de resistência, e ao desenvolvê-la, a cada achado encontrado, desdobramentos e respostas iam me estabelecendo como muntu, por isso, aponto que este processo acadêmico, formativo, histórico, cultural e social, me aperfeiçoou e empoderou ainda mais, diante do contexto antinegro que estou imersa.

Como educadora no campo de Gestão e Negócios sigo com o compromisso de compartilhar os saberes e fazeres que foram construídos por meio dessa pesquisa, mas também difundir sobre uma economia coletiva, que se apresenta como uma economia afrocêntrica em sua essência.

REFERÊNCIAS

- ANDRESON, Jamie Lee. 100 anos de Bate Folha. Produção de Agência Experimental e Laboratório de Audiovisual da FACOM (LabAV). Brasil: 2020. Acesso em 02/10/2020.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. **Uma História do Negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALMEIDA, Gabriel Swahili Sales de. **Falamos em nosso próprio nome: estudantes do Quilombo Cabula**. 2007. 225f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2007.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia. **Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil**. Revista Eletrônica de Educação, v.10, n.2, p.234-346, 2016.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: S Pólen, 2019.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ASANTE, M. K. **Afrocentricity**. Trenton: Africa World Press, 2002. Tradução Renato Nogueira.
- ASANTE, M.K. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar**. In: Nascimento, E.L. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. P.93-110.
- ASANTE, M.K. **Afrocentricity: The theory of social change**. Pennsylvania: AfricaWithin.com, 2011.
- ASANTE, M. K. A IDEIA AFROCÊNTRICA EM EDUCAÇÃO. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, [S. l.], n. 31, p. 136–148, 2019. DOI: 10.26512/resafe.vi31.28261.
- BÁ, Hampaté A. **A Tradição Viva** In: ZERBO, J-KI: História Geral da África, 2. Ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. p. 167 – 212.
- BALEM, Tatiana Aparecida Associativismo e cooperativismo / Tatiana Aparecida Balem – Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2016.
- BIKO, B. S. **Escrevo o que eu quero**. Série Temas, volume 21: Sociedade e política. (tradução: Grupo Solidário São Domingos). São Paulo: Editora Ática. 1990

- CACCIAMALI, Maria Cristina; HIRATA, Guilherme Issamu. **A influência da raça e do gênero nas oportunidades de obtenção de renda – uma análise da discriminação em mercados de trabalho distintos: Bahia e São Paulo.** São Paulo: Estud. Econ. vol.35 no.4Oct./Dec, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612005000400007. Acesso em 08 de dez. 2020.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.** (Tese de doutorado). São Paulo: FEUSP, 2005.
- CASTIANO, José P. **Referências de Filosofia africana. Em busca da intersubjectivação.** Maputo. Ndjira, 2010.
- COSTA, Hildete Santos Pita. **Terreiro Tumbenci: Um patrimônio afrobrasileiro em museu digital.** Tese (Doutorado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.
- CUNHA JUNIOR, H. A. NTU. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 108, p. 81-92, 9 abr. 2010.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo: 2002, n. 116/ jul.
- DIOP, Cheikh Anta. **A unidade Cultural da África Negra: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica.** Luanda: Edições Mulemba, 2014.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Ed. Limitada. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa Ulisseia, 1961.
- FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunsek. **A visão Bântu Kôngo da sacralidade do mundo natural.** Tradução por Valdina Pinto. Salvador: Mimeo, 1998.
- GOMES, Flávio. **Um Recôncavo, dois sertões e vários mocambos: quilombos na capitania da Bahia, 1575-1808.** Campinas – SP. História Social, n° 2 (1995), pp. 25-54.
- GOMES, Laurentino, **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares.** 1º. ed. - Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- KI-Zerbo. **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**, 2. ed, vol. I. Brasília: UNESCO, 2010
- IVENICKI, Ana e CANEN, Alberto. **Metodologia da pesquisa: rompendo fronteiras curriculares.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.

- KAGAME, A. L’Ethno-Philosophie des Bantu. In: KLIBANSKY, Raymond. La Philosophie Contemporaine, ed. Florence: La Nouva Italia, 1971. Apud MUDIMBE, V.Y. **A invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento.** Luanda: Edições pedagogo, 2013.
- KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África? entrevista com René Holenstein.** Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- LINDOSO, Dirceu. **A razão quilombola: estudos em torno do conceito quilombola de nação etnográfica.** Maceió: EDUFAL. 2011.
- LUZ, Itacir. (2016). **Irmandade E Educabilidade: Um Olhar Sobre Os Arranjos Associativos Negros Em Pernambuco Na Primeira Metade Do Século XIX.** Educação em Revista. 32. 119-142.
- LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da Civilização Africano-Brasileira.** 3ª edição. Salvador: EDUFBA, 2013.
- LUZ, Narcimária C. do Patrocínio. **Abebe: a criação de novos valores na educação.** SECNEB Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil - Salvador, 2000.
- MACHADO, Carlos, & LORAS, Alexandra. (2017). **Gênios da humanidade: ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente.** São Paulo: DBA
- MACHADO, Vanda. Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira. Salvador: Edufba, 2019. - 153 p.
- _____, Vanda. Pele da Cor da Noite. Salvador: Edufba, 2013. - 151 p.
- MADHUBUTI, Haki; MADHUBUTI, Safisha. **Educação Afrocentrada: seu valor, importância e necessidade no desenvolvimento de crianças negras.** Roberta Maria Frederico (trad.). Journal of Education. Boston: Boston University (Vol 172, nº2), 1990.
- MALOMALO, Bas’ilele. Filosofia Ubuntu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SILVA, Francisca de Paula Santos da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI.** 2014. Salvador: In: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, v. 23, n. 42, 2015, p. 23-36
- MATTOSO, Kátia M de Queirós. **Ser escravo no Brasil.** Tradução James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MAZAMA, Ama. **A Afrocentricidade como novo paradigma.** In: NASCIMENTO, E. L (org.). **AFROCENTRICIDADE Uma Abordagem Epistemológica Inovadora.** v. IV São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4.

MOURA, Clóvis (org.) Os **quilombos na dinâmica social do Brasil.** Maceió: Edufal. 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África.** São Paulo: Revista USP, vol. 28, p. 56 – 63, fev. 1996.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 1. ed. - São Paulo: Perspectives, 2016.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A Matriz Africana no Mundo. Coleção Sankofa,** v. 1. São Paulo: Selo Negro Edições / Grupo Editorial Summus, 2008.

NASCIMENTO, W. **Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia Ubuntu.** Prometheus - Journal of Philosophy, v. 9, n. 21, 14 Dec. 2016.

NASCIMENTO, W. **Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis.** Ensaios Filosóficos, Volume XIII – agosto/2016. p. 153-170.

NEGREIROS, Regina Coeli Araújo. **UBUNTU: considerações acerca de uma filosofia africana,** Paraíba Problemata: R. Intern. Fil. v. 10. n. 2 (2019), p. 111-127.

NICOLIN, Janice de Sena. **Kipovi Cabuleiro: um tom da memória do Cabula.** (Tese Doutorado).Salvador: Universidade Estadual da Bahia. 2016.

NICOLIN, Janice de Sena. **ECOS que entoam uma mata africano-brasileira.** Salvador: EDUFBA, 2014.

NOBLES, Wade. **SakhuSheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado.** In: NASCIMENTO, Elisa. (Org.) Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-298.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN.V.3 p. 147-150. 2011. Disponível em: www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/207/155. Acesso: em 22 de set. de 2020.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. **Exu, A Infância E O Tempo: Zonas De Emergência De Infância (ZEI).** REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA | Rio de Janeiro.v. 17, n. 48, p. 533-554, 2020.

NYERERE, Julius. Ujamaa – EssaysonSocialism.Dar Es Salaam: Oxford University Press, 1968

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: interamericana, 1985. 434 p.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A invenção dos iorubás na África Ocidental: reflexões e apontamentos acerca do papel da tradição oral na construção da identidade étnica**. Estudos Afro-Asiáticos, v. 27, n. 1-3, p. 141-79, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ucam.edu.br/institucional%5Cceaa%5Crevistas_todasssss.asp>. Acesso em: 04 abr. 2020.

PEDREIRA, P. T. **Os Quilombos Brasileiros**. Salvador: Departamento de Cultura da SMEC, Prefeitura Municipal de Salvador, 1973.

PLOMP, Tjeerd; NIEVEEN, Nienke; NONATO, Emanuel; MATTA, Alfredo (org.). Pesquisa-aplicação em educação: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, p.49-66,1999. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

REIS, João José. **Dono da terra chegou cento e cinquenta acabou?** Notas sobre Resistência e controle dos escravos na Bahia, que recebeu a família real em 1808. Revista USP, São Paulo, n.79, p. 106-117, set/nov. 2008.

_____. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835**. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____, **A greve negra de 1857 na Bahia**. Revista USP, [S. l.], n. 18, p. 6-29, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i18p6-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25988>. Acesso em: 13 jul. 2021.

_____, **Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, p. 7-33.1996,

REIS, Larissa de Souza. **Museu Virtual de Contos Africanos e Itan: contribuições à implementação da Lei nº 10.639/03**. 2017, 273f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) Departamento de Educação – Campus I, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

SANTOS, Joel Rufino dos. A inserção do negro e seus dilemas. Parcerias Estratégicas, Rio de Janeiro, n.6, .110-154, 1999.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos

da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019-[doi:10.11606/T.8.2019.tde-30042019-193540](https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-30042019-193540). Acesso em: 2020-09-13

SAVIANI, Demerval. *Política e educação no Brasil - O papel do Congresso Nacional na legislação de ensino*. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 1999.

SERTIMA, Ivan Van (org.). **Blacks in science: ancient and modern**. New Brunswick. Oxford: Transaction Books, 1983.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. 5ª Ed., ver. e ampl. -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a.

_____. **A manilha e o libambo – a África e a escravidão de 1500 a 1700**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011b.

SILVA JR., Hédio. **Direito penal em preto e branco**. Revista Brasileira de Ciências Criminais ano 7, n. 27, p. 327-338, jul/set, 1999.

SILVA, Juliana Ribeiro Da. **Homens de ferro. Os ferreiros na África central no século XIX**. Dissertação de mestrado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Ed.). **Síntese da coleção história geral da África: Pré-história ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SOARES, Cecília Moreira. “**As Ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**.”. In AFRO-ÁSIA, Nº 17, pp. 57-71; Centro de Estudos Afro-Orientais, Bahia, Salvador: EDUFBA, 1996.

SOARES, Cecília Moreira. **Mulher Negra na Bahia do Século XIX**. (Dissertação de mestrado) Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Ivana Carolina Alves da Silva. **Design Cognitivo Colaborativo para Ambientes Virtuais: o caso do Portal TBC Cabula**. 264 f. il. 2018. (Tese Doutorado). Salvador: Faculdade de Educação/Universidade Federal da Bahia, 2018.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006.

VEIGA, L. M. *Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta*. Rio de Janeiro: Fractal Revista de Psicologia, n. esp.,v. 31, 2019.

VIANNA FILHO, Luiz. O Negro na Bahia. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1946.

Disponível

em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/92306/O%20negro%20na%20Bahia.pdf?sequence=3&isAllowed=y> . Acesso em 24 mar. 2020.

APÊNDICES

Apêndice 1 - QUESTIONÁRIO: Iniciativas Econômicas Afrocentradas do Quilombo Cabula

Olá, irmã/irmão

Sou Juliana Monique de Souza de Araújo, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEDUC/UNEB), onde desenvolvo uma pesquisa sobre as iniciativas econômicas afrocentradas do Quilombo Cabula, cujo objetivo é a construir coletivamente uma Educação Afrocentrada com o povo negro desse território. Como parte desse processo, faz-se necessário identificar as iniciativas e seus gestores, visando conhecer e construir ações colaborativas para o fortalecimento do território, compreendemos o Quilombo Cabula como a região que historicamente foi marcada pela presença de pessoas negras e seus processos de resistências, e que se posiciona no miolo de Salvador - BA. Então, se você é NEGRA/O e identifica que seu negócio está localizado no Cabula, lhe convido a participar dessa pesquisa e colaborar nessa construção de fortalecimento coletivo.

Desde já, agradecida pela colaboração. Fico à disposição para esclarecimentos.

Juliana Monique

(71) 98242-6411 (WhatsApp)

<https://www.instagram.com/julianamonique1/>

<https://www.facebook.com/JULIANAMSARAUJO>

***Obrigatório**

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

O(a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: UJAMAA: educação afrocentrada de economia coletiva no Cabula de responsabilidade da pesquisadora Dr.^a Francisca de Paula Santos Silva e Dr. Alfredo Matta, docentes da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo, elaborar uma iniciativa educacional afrocentrada com o povo negro do Quilombo Cabula que favoreça as iniciativas econômicas populares. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios uma solução educacional capaz de mobilizar e integrar negócios negros do Cabula, fortalecer a prática de uma economia coletiva. Caso aceite o Senhor(a) além do preenchimento do questionário online, poderá ser entrevistado pela aluna Juliana Monique de Souza de Araújo do Programa de Pós- graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB). Devido a coleta de informações a(o) senhor (a) poderá receber notificações pelos meios de contatos informados. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr.(a) não será identificado. Caso queira, poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr.(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr.(a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa UJAMAA: educação afrocentrada de economia coletiva quilombola para o Cabula (título temporário), e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento.

[] Aceito participar do estudo acima descrito. Sinto-me devidamente informada pela pesquisadora sobre a pesquisa.

SOBRE A INICIATIVA ECONÔMICA AFROCENTRADA

1. Nome da Iniciativa: *

2. Bairro (s): *

Se a iniciativa atuar em mais de um bairro, marque

Marque todas que se aplicam.

Arenoso

Arraial do Retiro

Beiru/Tancredo Neves

Cabula

Doron

Engomadeira

Estrada das Barreiras

Fazenda Grande do Retiro

Mata Escura

Narandiba

Novo Horizonte

Pernambués

Resgate

Saboeiro

São Gonçalo do Retiro

Saramandaia

Sussuarana

Outro: _____

3. Endereço *

4. Telefone: *

(XX) - XXXX-XXXX

5. E-mail: *

6. Site/Blog/Portal:

7. Aplicativo:

8. Instagram

9. Facebook

10. Insira uma foto para divulgação

Arquivos enviados:

11. Registro da Iniciativa: *

*Marcar apenas uma oval.*¹⁶

Autônomo

Microempreendedor Individual (MEI)

Empresa Ltda., S/A.

Cooperativa

Associação

ONG

OSCIP

Não Registrada

Outro: _____

12. Um breve histórico: *

13. Ramo de atividade da iniciativa: *

Abaixo, você encontra alguns ramos de atividade, assinale aquele ou aqueles que mais tem a ver com o que você executa.

Marque todas que se aplicam.

¹⁶ Questão Múltipla Escolha.

- ALIMENTAÇÃO (lanchonete, restaurante, delivery, sorveteria, confeitaria e outros)
- CONFECÇÃO (costura, alfaiataria, moda, acessório, tecelagem e outros)
- MARCENARIA (confeção de móveis e objetos em madeira, carpintaria e outros)
- SERRARIA (construção de artefatos de metal, grades, portas, portões, janelas, esquadrias e estruturas metálicas.
- CULTURA (companhia/grupo/coletivos de teatro, dança, música, poesia, capoeira, manifestações populares e outros)
- TRANSPORTE (de passageiros, de entregas, logística e outros)
- ESTÉTICA (barbearia, salão de beleza, cabeleireira, esteticista, trancista, mega hair, manicure/pedicure, tatuador e outros)
- HOSPEDAGEM (pousada, pensão, hotel, quartos e outros)
- ALUGUEL EM GERAL (roupas, bicicletas, móveis, brinquedos, casas e etc.)
- COMUNICAÇÃO (marketing, publicidade, propaganda, plotagem, web designer e outros)
- SAÚDE (rezadeiras, produção de remédios, banhos, terapias, cuidador)
- TECNOLOGIA (venda ou manutenção de equipamentos tecnológicos, eletrônicos, distribuição de internet, lanhouse, impressões, xerox e outros)
- ENTRETENIMENTO (espaços de festas, clubes)
- MECÂNICA (oficinas, borracharias e outros)
- COMÉRCIO (lojas não especializadas, quitandas, barracas, mercearias etc.)
- SERVIÇO (domésticos, sapateiros, chaveiro, lavanderia, jardinagem, construção civil, encanamento, eletricidade, artesanato, cozinheira, ambulantes, lava-jato e outros)
- EDUCAÇÃO (reforço escolar, creches, biblioteca comunitária, aulas particulares e outros)
- TURISMO BASE COMUNITÁRIA: (hospedagem familiar, guiamento, alimentação, transporte, traslado, lazer e entretenimento, compras e outros)
- Outro: _____

14. Especifique as atividades desenvolvidas: *

15. Você classifica sua iniciativa como Afrocentrada (tem-se raízes africanas e afro-brasileiras como referência)? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

16. No caso da resposta anterior for "Não", como você classifica sua iniciativa?

17. Em que áreas a iniciativa enfrenta maiores dificuldades? *

Marque todas que se aplicam.

Produção (equipamentos, ferramentas)

Marketing (atendimento ao cliente, precificação)

Financeira (crédito, negociação)

Pessoal (qualificação, habilidades, formação)

Logística (capacidade de entrega, cumprimento de prazo)

Tecnológica (computadores, celulares e outros)

Comunicação (redes sociais, acesso à internet)

Parcerias

Racismo Estrutural Segurança Acessibilidade

Outro: _____

18. Quais são essas dificuldades na prática? *

19. Perfil do cliente consumidor

Marque todas que se aplicam.

- Crianças
- Jovens
- Adultos
- Idosos

20. Existe algum diferencial em sua iniciativa? Se sim, marque as alternativas.

Marque todas que se aplicam.

- Atendimento
- Descontos
- Promoções, brindes
- Ambiente
- Localização
- Respeito à ancestralidade
- Outro: _____

21. Quais as formas de atendimento ao cliente? *

Marque todas que se aplicam.

- Em espaço físico próprio
- Em domicílio, dentro e fora do bairro
- De forma online

22. Colaboradores *

Marcar apenas uma oval.

- Não possuo colaboradores
- 1 a 2 colaboradores
- 3 a 4 colaboradores
- 5 a 6 colaboradores
- 7 a 8 colaboradores
- 9 a 10 colaboradores
- Acima de 11 colaboradores

23. Se possui colaboradores, como os seleciona?

Marque todas que se aplicam.

- Análise de Currículo
- Seleção
- Convite
- Indicação
- É da família
- Outro:

24. Como é feita a divulgação e propaganda da sua iniciativa? *

Marque todas que se aplicam.

- Redes Sociais
- Panfletos e Cartazes
- Carro de Som
- Boca-a-Boca

- Faixas
- Anúncio em guias e catálogos de serviços
- Animador de Loja
- Não utilizo nenhuma forma de comunicação.
- Outro: _____

25. Tem serviços terceirizados, se sim, quais são? *

Marque todas que se aplicam.

- Elaboração de material de divulgação e propaganda
- Contabilidade
- Gestão de Pessoal
- Marketing
- Fornecimento de alimentação
- Gestão das redes sociais
- Outro: _____

26. Tem parcerias com iniciativas econômicas afrocentradas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

27. Se sim, gentileza mencioná-las especificando o que fornecem.

SOBRE A GESTORA OU GESTOR

28. Seu Nome: *

29. Telefone (WhatsApp) *

30. E-mail *

31. Como se autodeclara? *

Marcar apenas uma oval.

Negro (preto)

Negro (pardo)

32. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

Agênero (sem gênero)

Não-Binário (não se identifica como feminino ou masculino)

Outro: _____

33. Faixa Etária? *

Marcar apenas uma oval.

18 - 29 anos

- 30 - 45 anos
- 46 - 55 anos
- Acima de 56 anos

34. Formação? *

Marcar apenas uma oval.

- Em processo de Alfabetização
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Não Alfabetizado

35. Línguas Faladas *

Marque todas que se aplicam.

- Yorubá ou Iorubá
- Kimbundu ou Quimbundo
- Português
- Espanhol
- Inglês
- Francês
- Italiano
- LIBRAS
- Outro: _____

36. Você vive única e exclusivamente da sua iniciativa ou realiza outras atividades? *

Marcar apenas uma oval.

- É minha única fonte de renda.
- Além da minha iniciativa, tenho um vínculo empregatício.
- Além da minha iniciativa, trabalho informalmente.

37. Faixa de Renda *

Marcar apenas uma oval.

- Abaixo de 1 salário mínimo
- 1 salário mínimo
- 2 a 4 salários-mínimos
- Acima de 5 salários-mínimos.

38. Conte-me um pouco sobre a sua história de vida: *

39. Onde você aprendeu a criar produtos e/ou prestar serviços? *

Marcar apenas uma oval.

- Aprendeu com algum familiar, parente e/ou amigos.
- Fez curso profissionalizante
- Na Universidade
- Na empresa que trabalhou ou trabalha.
- Outro:

40. Quais conhecimentos que utiliza no dia a dia da gestão de sua iniciativa, cuja base de referência tem relação com a africanidade? *

41. Você tem habilidade no uso de tecnologia da informação? *

Marque todas que se aplicam.

- Videoconferência (Zoom, Meet, Jitsi, Teams, Skype e outros)
- Ferramentas de Imagem (Canva, Paint, Adobe, outras)
- Ferramentas de Vídeo (Kinemaster, Inshot, Videoshow e outras)
- Redes Sociais (Facebook, Instagram, Youtube, LinkedIn e outros)
- Não tenho habilidades.
- Outro: _____

42. Quais são as suas demandas por formação, habilitação e/ou qualificação para melhor gerenciar sua iniciativa? *

43. O que a sua iniciativa econômica representa para você? *

44. Você tem interesse em participar de redes de apoio e de aprendizagem que lhe ajudem na gestão da sua iniciativa? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

45. Você acredita que pode contribuir com o povo negro a partir da sua iniciativa? Se sim, quais as ações você considera importantes *

Marque todas que se aplicam.

Comprar de fornecedores negros

Firmar parcerias com outras iniciativas

Apoiar iniciativas populares e comunitárias (sociais, culturais etc.)

Colaborar para o desenvolvimento de ações coletivas, como feiras, divulgação.

Estudar junto com outros gestores visando a superação de desafios

Realizar compras coletivas

Educar crianças, jovens, adultos e idosos

Realizar mutirões atendendo às necessidades desse povo

Outro: _____

46. Qual ferramenta/ação/projeto/conhecimento julga que precisa para melhorar o seu negócio e sua relação com os demais negócios do Quilombo Cabula?

Opcional

47. Você gostaria de propor alguma sugestão ou possui alguma ideia para a melhoria das relações entre os negócios do Quilombo Cabula?

Opcional

EFEITOS DA PANDEMIA

48. Sua iniciativa foi afetada pela pandemia? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Mais ou menos

49. Quais os impactos da pandemia na sua vida e na sua iniciativa econômica? *

50. Quais as estratégias utilizadas para driblar os impactos provocados pela pandemia? *

Marque quantos se aplicarem ao seu negócio

Marque todas que se aplicam.

- Cadastro em aplicativos de entrega
- Montagem de entrega em domicílio
- Adequação dos produtos e/ou serviços os protocolos de saúde
- Realização de pré-venda de produtos e serviços
- Vendas e prestação de serviços por redes sociais
- Fechamento da iniciativa econômica
- Realização de parcerias
- Diversificação dos produtos e serviços
- Redução do quadro de colaboradores
- Aprendizado de novas habilidades
- Mudança de ramo de atividade
- Outro: _____

Apêndice 2: Roteiro de Elaboração do Vídeo 1

Roteiro de Elaboração do Vídeo 1		
ABERTURA	Saudação de Boas-Vindas ao Perfil Apresentação da Anfitriã e do tema: Visão ancestral africana do trabalho	1 minutos
VINHETA	Vídeo com nome do canal	5 segundos
DESENVOLVIMENTO	<ul style="list-style-type: none">Trabalho para comunidade africana – apresentação do sentido do trabalho, dos papéis sociais e o trabalho, o legado deixado pelos povos africanos	2 a 4 minutos
	<ul style="list-style-type: none">Quilombo Cabula – apresentação do território, falar dos povos que constituiu e o aspectos do trabalho no território	2 a 4 minutos
	<ul style="list-style-type: none">Interação – convite a realizar perguntas	25 segundos
FINALIZAÇÃO	Agradecimento pela companhia e convite para curtir, comentar, compartilhar, salvar e colaborar com o perfil.	1 minuto

Apêndice 3: Roteiro de Comentários na Makamba 1

- 2. Apresentação** - Antes de iniciar a transmissão ao vivo ou a exibição do vídeo, a mediadora recebe os presentes, com as boas-vindas e evidenciando aquele espaço de compartilhamento.

Sejam Bem Vindas e Bem Vindos ao canal Ujamaa: Educação Afrocentrada!

- 3. Tema** - a mediadora escreve o título da makamba.

MAKAMBA: ECONOMIA COLETIVA NO CABULA: saberes e fazeres ancestrais

5. **Parte 1** - a mediadora dá boas-vindas às convidadas, participantes e aos usuários do canal. Em seguida, a mediadora apresentará as convidadas e depois o objetivo do encontro: compartilhar os saberes e fazeres econômicos do Cabula. Escreve:

Você faz parte de alguma iniciativa econômica? Comente aqui o nome.

4. **Parte 2** - a mediadora disponibiliza o tempo de fala de convidada para apresentar a iniciativa a qual pertence e as suas práticas. Escreve:

Você se reconhece em alguma das práticas apresentadas.

5. **Parte 3** - a mediadora faz considerações e interage com as convidadas. Escreve:

Você se sente representado?

6. **Parte 4** - Etapa de interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários por meio de perguntas e considerações. Escreve:

Espaço aberto, faça sua pergunta.

8. **Finalização** - Etapa de agradecimentos e convite para as próximas atividades. Escreve:

Deixe seu carinho por nossas convidadas e sugestões e opiniões.

Apêndice 4: Roteiro de Comentários na Makamba 2

Apresentação - Antes de iniciar a transmissão ao vivo ou a exibição do vídeo, a mediadora recepciona os presentes, com as boas-vindas e evidenciando aquele espaço de compartilhamento.

Sejam Bem Vindas e Bem Vindos ao canal Ujamaa: Educação Afrocentrada!

Tema - a mediadora escreve o título da makamba.

MAKAMBA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA: aprender e ensinar

Parte 1 - a mediadora dá boas-vindas às convidadas, participantes e aos usuários do canal. Em seguida, a mediadora apresentará as convidadas e depois o objetivo do encontro: evidenciar práticas de educação afrocentrada. Escreve:

Você possui alguma prática afrocentrada para compartilhar?

Parte 2 - a mediadora disponibiliza o tempo de fala de convidada para apresentar a iniciativa a qual pertence e as suas práticas. Escreve:

Você se reconhece em alguma das práticas apresentadas.

Parte 3 - a mediadora faz considerações e interage com as convidadas. Escreve:

Você considera ser importante essas práticas?

Parte 4 - Etapa de interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários por meio de perguntas e considerações. Escreve:

Espaço aberto, faça sua pergunta.

Finalização - Etapa de agradecimentos e convite para as próximas atividades. Escreve: Deixe seu carinho por nossos convidados e sugestões e opiniões.

Apêndice 5: Roteiro de Comentários na Makamba 3

Apresentação - Antes de iniciar a transmissão ao vivo ou a exibição do vídeo, a mediadora recepciona os presentes, com as boas-vindas e evidenciando aquele espaço de compartilhamento.

Sejam Bem Vindas e Bem Vindos ao canal Ujamaa: Educação Afrocentrada!

Tema - a mediadora escreve o título da makamba.

MAKAMBA: Gestão de um negócio negro

Parte 1 - a mediadora dá boas-vindas às convidadas, participantes e aos usuários do canal. Em seguida, a mediadora apresentará as convidadas e depois o objetivo do encontro. Escreve:

Nosso objetivo é conhecer práticas de gestão de um negócio negro

Parte 2 - a mediadora disponibiliza o tempo de fala de convidada para apresentar a iniciativa a qual pertence e as suas práticas.

Parte 3 - a mediadora faz considerações e interage com as convidadas.

Parte 4 - Etapa de interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários por meio de perguntas e considerações. Escreve:

Finalização - Etapa de agradecimentos e convite para as próximas atividades. Escreve: Deixe suas considerações, sugestões e opiniões.

Apêndice 6: Roteiro de Comentários na Makamba 4

Apresentação - Antes de iniciar a transmissão ao vivo ou a exibição do vídeo, a mediadora recepciona os presentes, com as boas-vindas e evidenciando aquele espaço de compartilhamento.

Sejam Bem Vindas e Bem Vindos ao canal Ujamaa: Educação Afrocentrada!

Tema - a mediadora escreve o título da makamba.

MAKAMBA: Fazer Econômico da Arte Negra

Parte 1 - a mediadora dá boas-vindas às convidadas, participantes e aos usuários do canal. Em seguida, a mediadora apresentará as convidadas e depois o objetivo do encontro. Escreve:

Nosso objetivo é evidenciar a arte negra como potência econômica

Parte 2 - a mediadora disponibiliza o tempo de fala de convidada para apresentar a iniciativa a qual pertence e as suas práticas.

Parte 3 - a mediadora faz considerações e interage com as convidadas.

Parte 4 - Etapa de interação nos espaços dialógicos (comentários, discussões e chat) e participação dos usuários por meio de perguntas e considerações. Escreve:

Finalização - Etapa de agradecimentos e convite para as próximas atividades. Escreve: Deixe suas considerações, sugestões e opiniões.

Apêndice 7: Cards de Divulgação das Makambas



MAKAMBA:
ECONOMIA COLETIVA NO CABULA: SABERES E FAZERES ANCESTRAIS

COLETIVO CULTARTE
JOANICE MARQUES

AS CABULEIRAS
CLÁUDIA GOMES

OPERADORA AQC
ROSANE SALES

MEDIAÇÃO:
JULIANA MONIQUE

16/08 - ÀS 17:00

You Tube UJAMAA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

The card features a light beige background with decorative elements: an orange leaf in the top left, a brown spiral pattern in the top right, a seashell in the bottom left, and a green leaf with a brown seed in the bottom right. At the top center is a yellow DNA helix icon. The text is in bold, orange and brown fonts.



MAKAMBA:
EDUCAÇÃO AFROCENTRADA: APRENDER E ENSINAR

HANNA SANTANA
MAKOTA DO TERREIRO BATE FOLHA

ANTÔNIO SOARES
PERFORMÁTICOS QUILOMBO

ADRIANO ANDRADE
ODEART

MEDIAÇÃO:
JULIANA MONIQUE

10/09 - ÀS 19:00

You Tube UJAMAA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

This card is identical in design to the first one, with the same decorative elements and layout. The central text is in bold, orange and brown fonts, and the speaker names and affiliations are listed below their respective circular portraits.



MAKAMBA:
GESTÃO DE UM NEGÓCIO NEGRO



FABIANA PONTES



OUROMIM
ANCESTRALIDADE AFRO BRASILEIRA

MEDIAÇÃO:
JULIANA MONIQUE

24/09 - ÀS 19:00

YouTube UJAMAA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA



MAKAMBA:
FAZER ECONÔMICO DA ARTE NEGRA



CLÁUDIO NYACK



COMPANHIA DE ARTES ELEMENTOS

MEDIAÇÃO:
JULIANA MONIQUE

11/10 - ÀS 18:00

YouTube UJAMAA: EDUCAÇÃO AFROCENTRADA